

Pré-Vestibular Social

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 1 :: 2012

AGOSTINHO DIAS CARNEIRO
DIOGO PINHEIRO



GOVERNO DO
Rio de Janeiro

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



FUNDAÇÃO CECIERJ
PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL



LÍNGUA
PORTUGUESA

AGOSTINHO DIAS CARNEIRO
DIOGO PINHEIRO

3ª EDIÇÃO
REVISADA E AMPLIADA

MÓDULO 1
2012



GOVERNO DO
Rio de Janeiro

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Fundação Cecierj

Presidente
Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-Presidente de Educação Superior a Distância
Masako Oya Masuda

Vice-Presidente Científica
Mônica Damouche

Pré-Vestibular Social

Rua da Ajuda 5 - 16º andar - Centro - Rio de Janeiro - RJ - 20040-000
Site: www.pvs.cederj.edu.br

Diretora
Maria D. F. Bastos

Coordenadores de Língua Portuguesa
Agostinho Dias Carneiro
Diogo Pinheiro

Material Didático

Elaboração de Conteúdo

Agostinho Dias Carneiro
Diogo Pinheiro

Revisão

Patrícia Sotello Soares

**Capa, Projeto Gráfico, Manipulação de Imagens
e Editoração Eletrônica**

Renata Vidal da Cunha

Foto de Capa

Peter Skadberg

Copyright © 2012, Fundação Cecierj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

C289p

Carneiro, Agostinho Dias.

Pré-vestibular social : língua portuguesa. v. 1 / Agostinho Dias Carneiro, Diogo Pinheiro. — 3. ed. rev. e amp. — Rio de Janeiro : Fundação CECIERJ, 2012.
120 p. ; 20,5 x 27,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-821-7

1. Língua portuguesa. 2. Figuras de linguagem. 3. Classes de palavras. 4. Pronome. 5. Verbo. 6. Funções da linguagem I. Pinheiro, Diogo. II. Título.

CDD: 469



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
CAPÍTULO 1 Tipos textuais	7
CAPÍTULO 2 O texto argumentativo	17
CAPÍTULO 3 Figuras de linguagem	37
CAPÍTULO 4 Funções da linguagem	47
CAPÍTULO 5 Coesão textual	53
CAPÍTULO 6 Classes de palavras (1): o pronome	61
CAPÍTULO 7 Classes de palavras (2): o verbo	73
CAPÍTULO 8 Classes de palavras (3): os modificadores – adjetivos e advérbios	89
CAPÍTULO 9 Classe de palavras (4): semântica dos conectivos	97
CAPÍTULO 10 Práticas de leitura: da organização fundamental à superfície do texto	111



Este livro sofreu algumas modificações importantes em relação ao material de 2011.

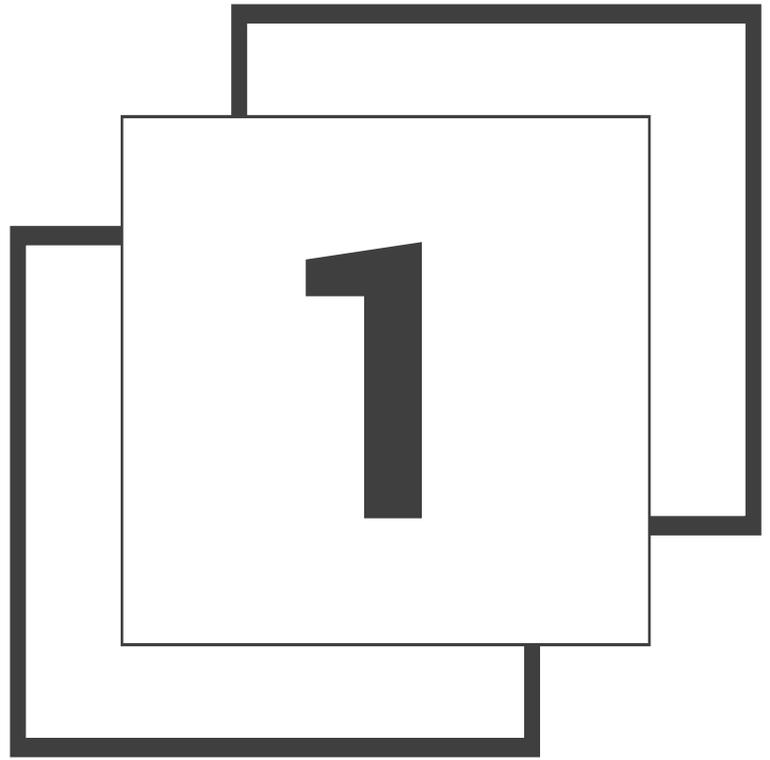
Em primeiro lugar, foram acrescentados três novos capítulos: Coesão textual; Classes de palavras (3): os modificadores – adjetivos e advérbios; e Práticas de leitura: da superfície textual à organização fundamental.

Além disso, os quatro primeiros capítulos de literatura brasileira (capítulos 1 a 4 do módulo 2) ganharam uma nova seção, intitulada Do texto para a imagem. Essa seção focaliza a manifestação, nas artes plásticas (pintura, escultura, arquitetura), dos ideais estéticos vigentes em cada momento histórico. Por sua vez, o capítulo 5 do módulo 2 ganhou uma seção intitulada As vanguardas artísticas europeias, na qual as artes plásticas são estudadas paralelamente ao texto literário.

Finalmente, foram acrescentadas questões recentes dos seguintes exames de acesso à universidade: Enem, Cederj, UFF e Uerj.

A completa revisão do livro de 2011 não teria sido possível sem a colaboração de um grupo de tutores do PVS, para os quais fica registrado este agradecimento. Em especial, mencionamos a tutora Laryssa Naumann, cujo trabalho diligente foi decisivo para livrar esta edição do livro de Língua Portuguesa dos erros que permaneciam na versão anterior.

Os autores



TIPOS TEXTUAIS

1. BREVE APRESENTAÇÃO

Neste capítulo, você vai conhecer o conceito de tipos textuais (também chamados de modos de organização do discurso). São cinco os tipos textuais que nós estudaremos: narração, descrição, exposição (dissertação expositiva), argumentação (dissertação argumentativa) e injunção.

Tipo textual	Objetivo	Exemplo
Descrição	Caracterizar (identificar, localizar, qualificar)	Pedro é alto e usa roupas caras.
Narração	Relatar uma história	Pedro acordou tarde, leu um pouco e voltou para a cama.
Exposição	Dar informações; transmitir conhecimentos	Furacões resultam do aquecimento do oceano.
Argumentação	Convencer; defender um ponto de vista	O aborto não deve ser legalizado, pois é um tipo de assassinato.
Injunção	Dar instruções, ensinamentos, ordens, conselhos	Ligue-me de volta assim que puder.

2. ANÁLISE DE EXEMPLOS

Texto 1

Um dever amaríssimo (fragmento)

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar uma feição monumental às ideias; não as havendo, servir a prolongar as frases. (...) Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um arco de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodaque de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus cinquenta e cinco anos.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Texto 2

O Leão Apaixonado

Um Leão pediu a filha de um lenhador em casamento. O pai, contrariado por não poder negar, já que o temia, viu na ocasião um excelente modo de se livrar de vez do problema.

Ele disse que concordaria em ter o leão como genro, mas com uma condição: este deveria arrancar suas unhas e dentes; caso contrário, sua filha sentiria muito medo.

Feliz da vida, o Leão concordou. Feito isso, ele tomou a fazer seu pedido, mas o lenhador, que já não mais o temia, pegou um cajado e expulsou-o de sua casa, mandando-o de volta para a floresta.

Moral da História: todos os problemas, quando examinados de perto, acabam por revelar sua solução.

ESOPO. *Fábulas de Esopo*. São Paulo: Loyola, 2005

Texto 3

China (fragmento – com adaptações)

A palavra China costuma referir-se a regiões que, em termos mais específicos, não fazem parte dela, como é o caso da Manchúria, da Mongólia Interior, do Tibete e de Xinjiang. Nos meios de comunicação ocidentais, “China” refere-se, normalmente, à “República Popular da China”, enquanto “Taiwan” se refere à “República da China”. (...)

(...)

Um terço da China é plana ou desertificada. A sua parte ocidental é formada por planícies férteis e deltas. Há ilhas, sendo que a menor delas é Hainan, na costa setentrional. Os rios principais são: Vermelho, Amery e Wuca.

A indústria é a base da economia. Os chineses plantam feijão, mandioca, cevada, painço, algodão, chá e tabaco. Há também grandes reservas de prata, ferro, cobre, ouro e outros minerais.

(...)

A China possui atualmente uma das economias que mais crescem no mundo. A média de crescimento econômico deste país, nos últimos anos é de quase 10%. Uma taxa superior à das maiores economias mundiais (...). O Produto Interno Bruto (PIB) da China atingiu 4,911 trilhões de dólares em 2009 (com crescimento de 8,7%), fazendo deste país a terceira maior economia do mundo. Estas cifras apontam que a economia chinesa representa atualmente cerca de 15% da economia mundial.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/China>. Acesso em: 19/09/2010

Texto 4

Harmonia étnica da sociedade chinesa é um mito (fragmento)

Matthias von Hein

O presidente Hu Jintao sempre insistiu na harmonia — também étnica — da sociedade chinesa. Porém os atuais confrontos entre uigures e han, que o afastaram da cúpula do G8 em Áquila, provam o contrário.

A situação em Xinjiang é séria, isso é óbvio. Mais de 150 mortos, violência e contrarreações violentas entre a minoria turcomana dos uigures e os chineses han. Mesmo assim, a partida do presidente Hu Jintao da Itália surpreendeu. Afinal de contas, seu primeiro-ministro, Wen Jiabao, encontra-se em Pequim. E as forças de segurança parecem ter a situação sob controle.

(...)

Entre os mitos cultivados pela propaganda da República Popular da China está o da família de povos convivendo em perfeita harmonia — ao todo há 56 nacionalidades no país. Por isso, apresenta-se o conflito como algo orquestrado de fora. A confrontação entre uigures e chineses han, armados de cassinetes e barras de ferro, não combina com essa imagem.

Hu Jintao foi quem cunhou o termo “sociedade harmônica”, com o qual ele queria constar dos livros de história chinesa. Nas ruas de Urumqi, o conceito perdeu toda a credibilidade.

(...)

Paz, “harmonia” entre as nacionalidades só será possível quando a China admitir sua mentira vital: os uigures, e outras minorias étnicas como os tibetanos, têm motivos para se queixar. Sua “autonomia”, sobre que tanto se insiste, só existe no papel.

Na realidade, os uígures são, certamente, uma minoria marginalizada em seu próprio país, já que o idioma dominante é o chinês. Quase não se encontram uígures nos setores econômicos importantes como as finanças, comunicação, petróleo e gás. O poderoso presidente do partido é sempre um chinês, assim como o chefe de polícia.

Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,4465663,00.html>

Publicado em: 08/07/2009. Acesso em: 19/09/2010

Texto 5

Refrigeradores elétricos Consul – Manual de instruções Instalação inicial

Verificar se a voltagem do refrigerador coincide com a da tomada. A rede elétrica na qual o refrigerador será ligado deve ser de fio-14, conforme determina a norma NB-3 da ABNT. Instale o fio-terra no refrigerador, fixando-o no parafuso indicado pela seta. Para início de operação, deixe o refrigerador trabalhar durante pelo menos 2 horas, sem abrir a porta, com o botão de controle posicionado na graduação máxima. Regule-o depois para a posição correta, segundo a tabela de controle de temperaturas.

Disponível em: http://saresp.fde.sp.gov.br/2003/e_m/2a/index.htm Acesso em: 19/09/2010

Vamos classificar os textos 1 a 5 de acordo com o tipo textual predominante:

Texto	Tipo textual predominante
Um dever amaríssimo	Descritivo
Um leão apaixonado	Narrativo
China	Expositivo (dissertativo-expositivo)
Harmonia étnica da sociedade chinesa é um mito	Argumentativo (dissertativo-argumentativo)
Refrigeradores Elétricos Consul	Injuntivo

Examinando cada um desses textos, é possível ter uma ideia geral a respeito dos tipos textuais que estamos estudando.

O primeiro texto apresenta ao leitor um personagem, levando-o a conhecer muitas de suas características. Quais características de José Dias passamos a conhecer a partir da leitura desse pequeno fragmento? Veja a listagem abaixo.

(i) Quanto ao temperamento e comportamento: gosta de falar bonito, talvez goste de impressionar os outros pela maneira como se expressa (“Era um modo de dar uma feição monumental às ideias; não as havendo, servia o prolongar as frases”);

(ii) Quanto ao estilo, modo de se vestir: é formal e conservador;

(iii) Quanto à aparência física: “magro, chupado, com um princípio de calva”;

(iv) Quanto à idade: tem aproximadamente 55 anos

Em resumo, pode-se notar que o objetivo central desse texto é apresentar para o leitor o personagem José Dias, descrevendo-o no que diz respeito a diferentes aspectos (comportamento, modo de se vestir, aparência física, idade). O tipo textual que está em jogo neste caso é a descrição.

Descrever é caracterizar. Note que um texto descritivo nem sempre caracteriza personagens — também é possível caracterizar locais, objetos, sensações ou

mesmo cenas. Neste ponto, devemos admitir que o verbo “caracterizar” é um pouco vago. A caracterização pode envolver, na verdade, três operações distintas: identificar (por exemplo, “João é engenheiro”), localizar (por exemplo, “A igreja fica em cima do morro”) e qualificar (por exemplo, “João é excessivamente temperamental”). Nesses três casos — quando identificamos, localizamos ou qualificamos —, estamos procedendo a uma caracterização.

Observe que o caso do texto 2 é muito diferente. Aqui, o objetivo central não é descrever, ou seja, apresentar as características de uma pessoa, objeto, local etc. No caso do texto “O leão apaixonado”, o objetivo do enunciador é relatar uma história, ou seja, contar uma série de acontecimentos que se sucederam no tempo. Neste caso, dizemos que o enunciador está fazendo uma narração. Narrar é contar uma história, que irá envolver um ou mais personagens, irá se passar em um ou mais locais e irá se desenrolar ao longo do tempo. Quando você relata para os seus amigos tudo o fez durante o fim de semana, você está contando uma história, ou seja, está narrando — ou, ainda, está produzindo um texto narrativo.

Uma maneira de fixar o conceito de narração é pensar nas narrações de futebol ou de outras modalidades esportivas. O que faz um narrador senão relatar, na ordem em que acontecem, a sucessão de eventos que se desenrolam no campo (ou na quadra, na pista...)?

No texto 2, podemos acompanhar a seguinte sequência básica de eventos:

- (i) Leão pede a filha do lenhador em casamento;
- (ii) Lenhador enxerga uma oportunidade de resolver um problema;
- (iii) Lenhador dá a resposta ao leão, impondo condições;
- (iv) Leão concorda com as condições;
- (v) Unhas e dentes do leão são arrancados;
- (vi) Leão faz novo pedido de casamento;
- (vii) Lenhador expulsa o leão de sua casa.

É exatamente por constituir o relato de uma sucessão de acontecimentos ao longo do tempo que o texto 2 se caracteriza como um texto narrativo.

Agora, analise o caso do texto 3. Seu objetivo central não é nem descrever (seja um personagem, um local, um objeto, etc.) nem narrar uma história. Antes, trata-se de transmitir informações a respeito de um assunto — no caso, a China. Simplificadamente, veja quais informações são transmitidas:

- (i) Territórios abrangidos pelo termo “China”;
- (ii) Relevância e hidrografia da China;
- (iii) Principal atividade econômica da China;
- (iv) Indicadores econômicos da China.

Esse tipo de texto, na qual são apresentadas informações a respeito de um determinado tema, é chamado de dissertação expositiva — ou simplesmente exposição. Além de aparecer nas enciclopédias, também é o texto típico dos livros didáticos ou dos seminários escolares.

Agora, compare o texto 3 ao texto 4. Ambos abordam o mesmo assunto geral: a China. Ainda assim, você pode notar que eles são muito diferentes no que diz respeito aos seus objetivos. No texto 3, há tão-somente a intenção de transmitir informações variadas sobre a China (relevância, economia, etc.); no texto

4, o enunciador procura defender um ponto de vista, ou seja, ele apresenta uma opinião a respeito de um tema polêmico e procura demonstrar que sua opinião está correta.

Qual é o tema que está em jogo no texto 4? Resposta: a questão da convivência entre as diversas etnias que residem no território chinês. Qual é a opinião do governo chinês sobre esse tema (ou, pelo menos a opinião declarada do governo chinês)? Resposta: o governo sustenta que, na China, o convívio entre as diferentes etnias é harmonioso. E qual é a opinião — ou seja, o ponto de vista ou tese — que o enunciador do texto defende? Essa tese está clara já no título: para ele, a “Harmonia étnica da sociedade chinesa é um mito.” Textos que visam a defender uma tese (ou seja, um ponto de vista) são classificados como argumentativos.

Um exemplo clássico de texto argumentativo é a redação de vestibular (o Enem pede sempre redações argumentativas, assim como a grande maioria dos vestibulares do Rio). Lembre-se das aulas de Redação. Nelas, você aprende quais são os dois elementos fundamentais do texto argumentativo: tese e argumentos. É exatamente por isso que o texto se chama argumentativo: porque o enunciador precisa argumentar (ou seja, desenvolver argumentos) a fim de comprovar a validade da sua tese.

E quais são os argumentos empregados pelo autor do texto 4 para comprovar sua tese de que a tal “harmonia étnica” na China não passa de um mito? Ao longo do texto, é possível identificar pelo menos três:

- (i) Os confrontos violentos entre uígures e han;
- (ii) O idioma dos uígures é minoritário;
- (iii) Os uígures, em geral, não ocupam cargos de importância, seja nos negócios, seja no governo, seja na polícia.

Por fim, falta o último tipo textual: a injunção. Textos injuntivos têm, na maioria das vezes, o papel de transmitir ordens, orientações, instruções ou conselhos. Na prática, isso significa que esse tipo de texto se organiza sob a forma de um conversa com o interlocutor; em outras palavras, o enunciador parece se dirigir diretamente ao seu leitor ou ouvinte.

Um exemplo típico é o manual de instruções, que se propõe a orientar o usuário quanto ao funcionamento ou instalação de algum aparelho. O texto 5, por exemplo, ensina o cliente a executar a “instalação inicial” do refrigerador Consul, fornecendo — direta ou indiretamente — um conjunto de instruções: verificar a voltagem; verificar a rede elétrica; instalar o fio terra, etc.

Por se dirigir diretamente ao interlocutor (como numa conversa), em geral oferecendo instruções e conselhos ou dando ordens, o texto injuntivo tem como uma de suas características mais marcantes a presença de verbos flexionados no modo imperativo. Evidentemente, esse modo verbal não é obrigatório para caracterizar a injunção — mas é, sem dúvida, bastante frequente. No texto 5, o modo imperativo aparece três vezes: “instale”, “deixe” e “regule-o”. No início do texto, o infinitivo é usado com função análoga: “Verificar”.

Em resumo, nós estudamos aqui cinco tipos textuais: descrição, narração, exposição (ou dissertação expositiva), argumentação (ou dissertação argumentativa) e injunção. Uma maneira simples de distingui-los é por meio dos objetivos relacionados a cada tipo textual. A tabela abaixo faz essa distinção:

Descrição	Caracterizar (identificar, localizar, qualificar)
Narração	Relatar uma história
Exposição	Dar informações; transmitir conhecimentos
Argumentação	Convencer; defender um ponto de vista
Injunção	Dar instruções, ensinamentos, ordens, conselhos; estabelecer contato direto com o interlocutor

3. TIPOS TEXTUAIS NÃO APARECEM ISOLADOS

Quando dizemos que determinado texto é narrativo ou descritivo, por exemplo, o que estamos afirmando é que estes são os modos de organização predominantes. Ou seja: textos predominantemente narrativos podem conter passagens descritivas; textos predominantemente argumentativos podem incluir sequências narrativas; e assim por diante. Mas, de modo geral, os textos não apresentam um único tipo textual. Veja o exemplo a seguir.

Texto 1

(...) Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruíra o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe (...).

Machado de Assis. A Cartomante.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000181.pdf>

Acesso em: 25 de setembro de 2009

Observe que o fragmento acima contém tanto sequências descritivas (que estão sublinhadas) quanto sequências narrativas (que não estão sublinhadas). Como seu objetivo é relatar um acontecimento específico — a consulta de um homem a uma cartomante —, é possível afirmar que se trata de um trecho predominantemente narrativo. Isso é comprovado pela sucessão cronológica de fatos:

- (i) A cartomante aparece na porta;
- (ii) Camilo anuncia seus objetivos;
- (iii) A cartomante convida Camilo para entrar;
- (iv) A cartomante e Camilo sobem ao sótão;
- (v) A cartomante indica para o Camilo o lugar onde ele deve se sentar;
- (vi) A cartomante se senta em seu lugar;
- (vii) A cartomante abre uma gaveta;
- (viii) A cartomante tira da gaveta um baralho de cartas;

- (ix) A cartomante embaralha as cartas e olha para Camilo “por baixo dos olhos”
- (x) A cartomante coloca três cartas sobre a mesa.
- (xi) A cartomante começa a falar.

Por outro lado, embora se trate de um trecho predominantemente narrativo, é nítida a presença de sequências descritivas — que, como já dissemos, estão sublinhadas. Lembre-se de que existem três operações que definem a descrição: identificação, localização e qualificação. A primeira delas aparece logo na segunda oração do fragmento: “era a cartomante”. O trecho descritivo seguinte, por sua vez, traz tanto localização (“Em cima, havia uma salinha”) quanto qualificação (de “mal alumida por uma janela” em diante).

Vejamos agora um outro exemplo. Trata-se de um *post*, nome dado aos textos principais de um *blog* (os *posts*, nesse sentido, se opõem aos comentários, que têm, ao menos em tese, papel secundário). O *post* abaixo é de autoria do jornalista Ricardo Calil e foi publicado em seu *blog* “Olha só”, especializado no universo audiovisual. Produzido durante a Copa do Mundo da África do Sul, em 2010, esse *post* trata da campanha “Cala a boca, Galvão”, por meio da qual internautas criticavam o narrador Galvão Bueno, da Rede Globo.

Texto 2

Em defesa de Galvão Bueno

Quase todo técnico brasileiro é crucificado em época de Copa. Em geral, dura algumas semanas, depois ele é esquecido. E tem sempre algum gato pingado que levanta a mão para defendê-lo. Já Galvão Bueno é massacrado desde que começou a transmitir jogos da Copa pela Globo em 1982. E é uma unanimidade negativa, não lembro de alguém vir a público para lembrar de suas qualidades. Então acho que vai sobrar pra mim.

Pra começar, é preciso elogiar o fato de que ele — ao contrário de um Dunga, por exemplo — não se ressentia das críticas, nem posa de vítima. Pelo contrário, assumiu, mesmo que de forma mercadológica, o “Cala a Boca, Galvão”, e outros ataques pessoais que muita gente não perdoaria.

Depois, ele é, tecnicamente, um bom narrador. Boa voz, bom ritmo. Sem falar em excesso, nem se ausentar muito do jogo. Ele erra? Bastante. Mas pouca gente não erra ao vivo, falando de jogadores de nomes complexos de 32 nações.

O principal problema de Galvão é narrar um jogo melhor do que o espectador está vendo, especialmente em jogos do Brasil. Isso, claro, reflete interesses comerciais da emissora, é uma maneira de não perder a audiência — num sacrifício da credibilidade do narrador pelo patrão, mas também pelo público.

Mas a verdade é que poucos narradores não fazem isso. Galvão é bem menos ufanista, por exemplo, do que Luciano do Valle. Isso pode ser visto como uma herança do rádio, em que os jogadores parecem sempre na iminência do gol. Não deixa de ser um talento de ficcionista.

O problema não é Galvão, o problema é a imagem que teima em contrariá-lo. Ou seja, o problema é da seleção, que insiste em jogar um futebol mais feito do que Galvão gostaria de ver. Ele narra o jogo de Dunga sonhando com o de Telê.

Acho que a implicância com Galvão vem, em grande parte, do fato de ele estar numa emissora poderosa. Não seríamos tão chatos se ele estivesse na ESPN 8.

Outro dia, assistindo a Espanha x Suíça narrado por Milton Leite (provavelmente o melhor narrador brasileiro há alguns anos), ele me veio com um comentário do tipo: “A defesa é suíça, mas não é como um queijo furado.” Imagine o que não diriam se a frase tivesse saído da boca de Galvão.

Por fim, existe a questão da familiaridade. Uma Copa sem Galvão, que ouço desde 1982, para mim soaria absurda. Ele é como um tio um pouco chato, que vem nos visitar de quatro em quatro anos. A gente tem preguiça de reencontrá-lo, mas sabe que seria pior se ele não viesse.

Por isso, eu digo: Galvão, não precisa calar a boca, não.

Ricardo Calil. Disponível em: <http://colunistas.ig.com.br/ricardocalil/page/3/>

Publicado em: 18/06/2010 — 17:07. Acesso em: 25/09/2010

Trata-se de um texto argumentativo, na medida em que o enunciador se propõe a defender um ponto de vista. De fato, o texto acima contém os dois elementos centrais da argumentação: tese e argumentos. A tese está expressa claramente no título: “Em defesa de Galvão Bueno.” A ideia é defender o ponto de vista de que o narrador Galvão Bueno é um profissional competente. Essa tese se opõe àquela defendida pelos participantes da campanha “Cala a boca, Galvão”, para a qual Galvão é um mau narrador.

Além de trazer uma tese, o *post* também contém argumentos. Abaixo, enumeramos alguns deles, sem compromisso com a ordem em que são apresentados no texto. Nem todos os argumentos abaixo estão claramente explicitados; alguns são inferências autorizadas pelo texto.

(i) Galvão Bueno é tecnicamente competente: tem boa voz, bom ritmo, não fala em excesso nem se ausenta demais do jogo;

(ii) Galvão Bueno tem uma postura admirável diante das críticas (ainda que se trate de uma admiração com ressalvas);

(iii) As exigências do seu trabalho em uma Copa do Mundo — narrar ao vivo e “falando de jogadores de nomes complexos de 32 nações” — são consideráveis e, levando-se em conta esse contexto, o desempenho de Galvão Bueno é plenamente aceitável;

(iv) O ufanismo de Galvão — um de seus defeitos, segundo seus detratores — é menor que o do narrador Luciano do Valle, que não foi alvo de nenhuma campanha negativa;

(v) Se Galvão Bueno às vezes se sai com tiradas aparentemente toscas, o narrador Milton Leite (o melhor em atividade nos dias de hoje, segundo o enunciador) também o faz, e não é criticado por isso;

(vi) As críticas a Galvão Bueno são potencializadas — e acabam sendo exageradas — pelo fato de ele estar muito exposto, já que trabalha na emissora de TV que detém, de longe, a maior fatia da audiência brasileira;

(vii) As críticas a Galvão Bueno não constituem, no fundo, ressalvas à sua competência técnica; antes, elas revelam uma certa revolta contra o *status quo*, aqui representado pela Rede Globo (a que se atribui normalmente o poder de influenciar as opiniões das “massas”, interferir na vida política do país, enfim, “mandar e desmandar” no Brasil);

(viii) Mesmo seus defeitos são, na verdade, fruto de uma virtude maior: no que pode ser considerado uma demonstração de humildade, Galvão Bueno consente em prejudicar sua credibilidade com o objetivo de agradar ao público;

(ix) De mais a mais, Galvão sequer pode ser condenado pelos seus próprios defeitos: seu estilo de narrar, tão criticado, é fruto de imposição dos padrões (ou dos “interesses comerciais da emissora”), e quanto a isso ele nada pode fazer.

(x) Por fim, Galvão Bueno oferece o conforto da familiaridade, o que é considerado pelo enunciador do texto 2 como um aspecto positivo.

Por essa análise, vê-se que o texto 2 é, predominantemente, argumentativo, já que se propõe a defender uma tese (anunciada no próprio título) por meio de argumentos (os itens (i) a (x) acima). Mas isso não impede que haja sequências associadas a outros tipos textuais. Observe alguns exemplos:

(i) Sequência descritiva: “Depois, ele é, tecnicamente, um bom narrador. Boa voz, bom ritmo. Sem falar em excesso, nem se ausentar muito do jogo.”

Observação: note que o advérbio “Depois”, neste caso, não está indicando passagem temporal; trata-se, na verdade, de um conector equivalente a “Além disso”, responsável por promover a coesão sequencial bem como a progressão temática do texto (ver capítulo 5 deste módulo).

(ii) Sequência narrativa: “Outro dia, assistindo a Espanha x Suíça narrado por Milton Leite (provavelmente o melhor narrador brasileiro há alguns anos), ele me veio com um comentário do tipo: ‘A defesa é suíça, mas não é como um queijo furado.’”

Observação: naturalmente, o trecho entre parênteses é descritivo.

(iii) Sequência injuntiva: “Galvão, não precisa calar a boca, não.”

Resumindo: na prática, quase não encontramos textos exclusivamente narrativos, descritivos, expositivos, argumentativos ou injuntivos. O que encontramos são textos nos quais coexistem dois ou mais tipos textuais, ainda que haja um tipo textual predominante.

EXERCÍCIOS

GRUPO 1 – Relacionar um texto ou sequência a um ou mais tipos textuais

Texto para a questão comentada

Uma mulher chamada Guitarra

Um dia, casualmente, eu disse a um amigo que a guitarra, ou violão, era “a música em forma de mulher.” A frase o encantou e ele a andou espalhando como se ela constituísse o que os franceses chamam *mot d’esprit*¹. Pesa-me ponderar que ela não quer ser nada disso; é, melhor, a pura verdade dos fatos.

O violão é não só a música (com todas as suas possibilidades orquestrais latentes) em forma de mulher, como, de todos os instrumentos musicais que se inspiram na forma feminina — viola, violino, bandolim, violoncelo, contrabaixo —, o único que representa a mulher ideal: nem grande, nem pequena; de pescoço alongado, ombros redondos e suaves, cintura fina e ancas plenas; cultivada, mas sem jactância²; relutante em exhibir-se, a não ser pela mão daquele a quem ama;

atenta e obediente ao seu amado, mas sem perda de caráter e dignidade; e, na intimidade, terna, sábia e apaixonada. Há mulheres-violino, mulheres-violoncelo e até mulheres-contrabaixo.

(...) Divino, delicioso instrumento que se casa tão bem com o amor e tudo o que, nos instantes mais belos da natureza, induz ao maravilhoso abandono!

E não é à toa que um dos seus mais antigos ascendentes se chama *viola d’amore*³, como a prenunciar o doce fenômeno de tantos corações diariamente feridos pelo melodioso acento de suas cordas... Até na maneira de ser tocado — contra o peito — lembra a mulher que se aninha nos braços do seu amado e, sem dizer-lhe nada, parece suplicar com beijos e carinhos que ele a tome toda, faça-a vibrar no mais fundo de si mesma, e a ame acima de tudo, pois do contrário ela não poderá ser nunca totalmente sua.

Ponha-se num céu alto uma Lua tranquila. Pede ela um contrabaixo? Nunca! Um violoncelo? Talvez, mas só se por trás dele houvesse um Casals⁴. Um bandolim?

Nem por sombra! Um bandolim, com seus *tremolos*⁵, lhe perturbaria o luminoso êxtase. E o que pede então (direis) uma Lua tranquila num céu alto? E eu vos responderei: um violão. Pois dentre os instrumentos musicais criados pela mão do homem, só o violão é capaz de ouvir e de entender a Lua.

MORAES, Vinicius de. *Para viver um grande amor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

Vocabulário:

1 — *mot d’esprit* — dito espirituoso

2 — jactância — arrogância, orgulho, vaidade

3 — *viola d’amore* — viola de amor, antigo instrumento musical

4 — Casals — Pablo Casals, famoso violoncelista do século passado

5 — *tremolos* — repetições rápidas de uma ou duas notas musicais

Questão Comentada (Uerj/2008 — Exame de Qualificação) No texto, fragmentos narrativos associam-se a sequências descritivas, originárias de um processo subjetivo de observação.

A alternativa que apresenta uma dessas sequências descritivas é:

(A) “atenta e obediente ao seu amado, mas sem perda de caráter e dignidade;”

(B) “E não é à toa que um dos seus mais antigos ascendentes se chama *viola d’amore*,”

(C) “Ponha-se num céu alto uma Lua tranquila. Pede ela um contrabaixo?”

(D) “só o violão é capaz de ouvir e de entender a Lua.”

Resposta: A

Comentário: O texto acima exemplifica bem algo que você já sabe: tipos textuais não aparecem isolados (veja a seção 3 deste capítulo). Ou seja, você dificilmente encontrará um texto apenas descritivo ou apenas narrativo, por exemplo. O que vemos, na prática, é a predominância de um ou outro tipo textual.

Quanto ao texto “Uma mulher chamada Guitarra”, o enunciado já entrega: existem nele tanto sequências narrativas quanto sequências descritivas. Tendo informado isso, pergunta-se qual das alternativas corresponde a uma sequência descritiva.

A letra B corresponde a uma sequência expositiva, em que se transmite uma informação objetiva a respeito de um determinado tópico, o violão (especificamente, informa-se o nome de um dos ascendentes desse instrumento).

Na letra C, o verbo no imperativo (“Ponha-se”) e a sentença interrogativa (“Pede ela um contrabaixo?”) marcam a injunção. Afinal, o imperativo sugere uma orientação ou um pedido transmitido ao leitor, ao passo que a pergunta mostra que a voz que fala no texto está se dirigindo diretamente ao seu interlocutor (o leitor). E essas duas características são típicas do modo injuntivo.

Na letra D, defende-se uma tese: a de que o violão é o único instrumento “capaz de ouvir e de entender a Lua.” (Há aqui referência a um soneto muito famoso, do poeta Olavo Bilac, que termina assim: “Pois só quem ama pode ter ouvidos / Capaz de ouvir e entender estrelas.” A esse processo por meio do qual um texto faz referência a outro texto que lhe é anterior, chama-se intertextualidade.) A defesa de uma tese caracteriza o tipo textual argumentativo.

Por fim, o fragmento da letra A é usado para caracterizar a “mulher ideal” (e, assim, caracterizar indiretamente o violão, que é o tema do texto). São apontadas, resumidamente, três características: “atenta”, “obediente”, “digna”. Isso mostra que se trata, de fato, de uma sequência descritiva.

1) (Enem/2004)

O jivaro (Rubem Braga)

Um Sr. Matter, que fez uma viagem de exploração à América do Sul, conta a um jornal sua conversa com um índio jivaro, desses que sabem reduzir a cabeça de um morto até ela ficar bem pequenina. Queria assistir a uma dessas operações, e o índio lhe disse que exatamente ele tinha contas a acertar com um inimigo.

O Sr. Matter: — Não, não! Um homem, não. Faça isso com a cabeça de um macaco.

E o índio: — Por que um macaco? Ele não me fez nenhum mal!

O assunto de uma crônica pode ser uma experiência pessoal do cronista, uma informação obtida por ele ou um caso imaginário. O modo de apresentar o assunto também varia: pode ser uma descrição objetiva, uma exposição argumentativa ou uma narrativa sugestiva. Quanto à finalidade pretendida, pode-se promover uma reflexão, definir um sentimento ou tão-somente provocar o riso.

Na crônica *O jivaro*, escrita a partir da reportagem de um jornal, Rubem Braga se vale dos seguintes elementos:

	Assunto	Modo de apresentar	Finalidade
(A)	caso imaginário	descrição objetiva	provocar o riso
(B)	informação colhida	narrativa sugestiva	promover reflexão
(C)	informação colhida	descrição objetiva	definir um sentimento
(D)	experiência pessoal	narrativa sugestiva	provocar o riso
(E)	experiência pessoal	exposição argumentativa	promover reflexão

Texto para a questão 2

Herói na contemporaneidade

Quando eu era criança, passava todo o tempo desenhando super-heróis.

Recorro ao historiador de mitologia Joseph Campbell, que diferenciava as duas figuras públicas: o herói (figura pública antiga) e a celebridade (a figura pública moderna). Enquanto a celebridade se populariza por viver para si mesma, o herói assim se tornava por viver servindo sua comunidade. Todo super-herói deve

atravessar alguma via crucis. Gandhi, líder pacifista indiano, disse que, quanto maior nosso sacrifício, maior será nossa conquista. Como Hércules, como Batman.

Toda história em quadrinhos traz em si alguma coisa de industrial e marginal, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto. Os filmes de super-herói, ainda que transpõem essa cultura para a grande e famigerada indústria, realizam uma outra façanha, que provavelmente sem eles não ocorreria: a formação de novas mitologias reafirmando os mesmos ideais heroicos da Antiguidade para o homem moderno. O cineasta italiano Fellini afirmou uma vez que Stan Lee, o criador da editora Marvel e de diversos heróis populares, era o Homero dos quadrinhos.

Toda boa história de super-herói é uma história de exclusão social. Homem-Aranha é um nerd, Hulk é um monstro amaldiçoado, Demolidor é um deficiente, os X-Men são indivíduos excepcionais, Batman é um órfão, Super-Homem é um alienígena expatriado. São todos símbolos da solidão, da sobrevivência e da abnegação humana.

Não se ama um herói pelos seus poderes, mas pela sua dor. Nossos olhos podem até se voltar a eles por suas habilidades fantásticas, mas é na humanidade que eles crescem dentro do gosto popular. Os super-heróis que não sofrem ou simplesmente trabalham para o sistema vigente tendem a se tornar meio bobos, como o Tocha-Humana ou o Capitão América.

Hulk e Homem-Aranha são seres que criticam a inconseqüência da ciência, com sua energia atômica e suas experiências genéticas. Os X-Men nos advertem para a educação inclusiva. Super-Homem é aquele que mais se aproxima de Jesus Cristo, e por isso talvez seja o mais popular de todos, em seu sacrifício solitário em defesa dos seres humanos, mas também tem algo de Aquiles, com seu calcanhar que é a kriptonita. Humano e super-herói, como Gandhi.

Não houve nenhuma literatura que tenha me marcado mais do que essas histórias em quadrinhos. Eu raramente as leio hoje em dia, mas quando assisto a bons filmes de super-heróis eu lembro que todos temos um lado ingênuo e bom, que pode ser capaz de suportar a dor da solidão por um princípio.

Fernando Chui. Adaptado de: <http://fernandochui.blogspot.com>

2) (Uerj/2009 — Exame de Qualificação) O texto combina subjetividade e argumentação. Essa combinação é confirmada pela presença de:

- (A) relato pessoal e defesa de ponto de vista
- (B) referência clássica e citação do passado
- (C) ênfase na atualidade e reflexão sobre o tema
- (D) afirmação generalizante e comparação de ideias

Texto para a questão 3

Transtorno do comer compulsivo

O transtorno do comer compulsivo vem sendo reconhecido, nos últimos anos, como uma síndrome caracterizada por episódios de ingestão exagerada e compulsiva de alimentos, porém, diferentemente da bulimia nervosa, essas pessoas não tentam evitar ganho de peso com os métodos compensatórios. Os episódios vêm acompanhados de uma sensação de falta de controle sobre o ato de comer, sentimentos de culpa e de vergonha.

Muitas pessoas com essa síndrome são obesas, apresentando uma história de variação de peso, pois a comida é usada para lidar com problemas psicológicos.

O transtorno do comer compulsivo é encontrado em cerca de 2% da população em geral, mais frequentemente acometendo mulheres entre 20 e 30 anos de idade. Pesquisas demonstram que 30% das pessoas que procuram tratamento para obesidade ou para perda de peso são portadoras de transtorno do comer compulsivo.

Disponível em: <http://www.abcdasaude.com.br>. Acesso em: 1 maio 2009 (adaptado).

3) (Enem/2010) Considerando as ideias desenvolvidas pelo autor, conclui-se que o texto tem a finalidade de

- (A) descrever e fornecer orientações sobre a síndrome da compulsão alimentícia.
- (B) narrar a vida das pessoas que têm o transtorno do comer compulsivo.
- (C) aconselhar as pessoas obesas a perder peso com métodos simples.
- (D) expor de forma geral o transtorno compulsivo por alimentação.
- (E) encaminhar as pessoas para a mudança de hábitos alimentícios.

GRUPO 2 – Em uma narrativa, analisar as categorias tempo, espaço e narrador

Texto para a questão comentada

Sonata (trecho)

A história que vou contar não tem a rigor um princípio, um meio e um fim. O Tempo é um rio sem nascentes a correr incessantemente para a Eternidade, mas bem se pode dar que em inesperados trechos de seu curso o nosso barco se afaste da correnteza, derivando para algum braço morto, feito de antigas águas ficadas, e só Deus sabe o que então nos poderá acontecer. No entanto, para facilitar a narrativa, vamos supor que tudo tenha começado naquela tarde de abril.

Era o primeiro ano da Guerra e eu evitava ler os jornais ou dar ouvidos às pessoas que falavam em combates, bombardeios e movimentos de tropas.

“Os alemães romperão facilmente a linha Maginot”, assegurou-me um dia o desconhecido que se sentara a meu lado num banco de praça. “Em poucas semanas estarão senhores de Paris.” Sacudi a cabeça e repliquei: “Impossível. Paris não é uma cidade do espaço, mas do tempo. É um estado de alma e como tal inacessível às Panzerdivisionen.” O homem lançou-me um olhar enviesado, misto de estranheza e alama. Ora, estou habituado a ser olhado desse modo. Um lunático! É o que murmuram de mim os inquilinos da casa de cômodos onde tenho um quarto alugado, com direito à mesa parca e ao banheiro coletivo. E é natural que pensem assim. Sou um sujeito um tanto esquisito, um tímido, um solitário que às vezes passa horas inteiras a conversar consigo mesmo em voz alta. “Bicho-de-concha!” — já disseram de mim. Sim, mas a esta apagada ostra não resta nem o consolo de ter produzido em sua solidão alguma pérola rara, a não ser... Mas não devo antecipar nem julgar.

Homem de necessidades modestas, o que ganho, dando lições de piano a domicílio, basta para o meu sustento e ainda me permite comprar discos de gramofone e ir de vez em quando a concertos. Quase todas as noites, depois de vaguear sozinho pelas ruas, recolho-me ao quarto, ponho a eletrola a funcionar e, estendido na cama, cerro os olhos e fico a escutar os últimos quartetos de Beethoven, tentando descobrir o que teria querido dizer o Velho com esta ou

aquela frase. Tenho no quarto um piano no qual costumo tocar as minhas próprias composições, que nunca tive a coragem nem a necessidade de mostrar a ninguém. Disse um poeta que

Entre a ideia e a realidade

Entre o movimento

E o ato

Cai a Sombra.

Pois entre essa Sombra e a mal-entrevista claridade duma esperança vivia eu, aparentemente sem outra ambição que a de manter a paz e a soliditude.

No Inverno, na Primavera e no Verão sinto-me como que exilado, só encontrando o meu clima nativo, o meu reino e o meu nicho no Outono — a estação que envolve as pessoas e as coisas numa surdina lilás. É como se Deus armasse e iluminasse o palco do mundo especialmente para seus mistérios prediletos, de modo que a qualquer minuto um milagre pode acontecer.

VERÍSSIMO, Érico. *Cantos*. Porto Alegre: Globo, 1980.

Questão comentada (Uerj/2002 — Exame de Qualificação) O início do conto *Sonata* estabelece as referências para categorias importantes da narrativa.

As categorias de tempo, espaço e o caráter do personagem-narrador são delimitados, respectivamente, pelos seguintes elementos do texto:

- (A) outono, ruas, piano
- (B) tempo, rio sem nascentes, barco
- (C) Segunda Guerra, Paris, Beethoven
- (D) gramofone, cômodos, bicho-de-concha

Gabarito: D

Comentário: Dos três elementos, o mais fácil de perceber é o último, referente ao narrador. No texto, ele se coloca como uma pessoa de hábitos modestos e tímida, que mantém o mínimo de relações sociais. Dos quatro termos listados nas alternativas, o único que se ajusta a essa descrição — servindo, portanto, para caracterizar adequadamente o narrador — é o último: “bicho-de-concha”.

Com relação ao tempo, somente a letra B é evidentemente falsa, já que apenas a palavra “tempo” não é capaz de identificar em que época se passa a narrativa. De resto, é fato que a história acontece no outono: só isso justifica toda a explicação a respeito da preferência pelo outono, dada no último parágrafo; além disso, o primeiro parágrafo informa que os acontecimentos começam em abril — portanto, no outono. Da mesma maneira, é verdade que a narrativa se desenrola no período da Segunda Guerra. Também a palavra “gramofone” consegue sugerir — embora sem a mesma exatidão — a época em que a história se passa, já que esse aparelho deixou de ser fabricado em fins dos anos 1940.

No que diz respeito ao espaço, a letra B não faz sentido: “rio sem nascentes” sequer se refere, no texto, a um espaço físico; trata-se de uma metáfora para fazer referência ao tempo. Pela leitura do texto, fica claro que o termo “Paris” também não se refere a um espaço onde a narrativa se desenrola. A referência a essa cidade aparece na conversa sobre a Segunda Guerra — não tem relação, portanto, com o espaço onde se passa a história do conto. De fato, são mencionados dois espaços: a rua, por onde o narrador vagueia sozinho quase todas as noites, e a casa

de cômodos (espécie de pensão ou cortiço) onde ele mora, recebe seus alunos de piano e passa boa parte do tempo compondo ou ouvindo música.

Em resumo, a alternativa A é descartada por conta de “piano”; a B está inteiramente incorreta; a C é falsa por conta de “Paris” e “Bethoven”, e a letra E é a única a apontar apenas elementos válidos, de acordo com o texto, para explicitar ou caracterizar as categorias tempo, espaço e narrador.

Texto para a questão 1

Miguilim

De repente lá vinha um homem a cavalo. Eram dois. Um senhor de fora, o claro de roupa. Miguilim saudou, pedindo a bênção. O homem trouxe o cavalo cá bem junto. Ele era de óculos, corado, alto, com um chapéu diferente, mesmo.

— Deus te abençoe, pequenino. Como é teu nome?

— Miguilim. Eu sou irmão do Dito.

— E o seu irmão Dito é o dono daqui?

— Não, meu senhor. O Ditinho está em glória.

O homem esbarrava o avanço do cavalo, que era zelado, manteúdo, formoso como nenhum outro.

Redizia:

— Ah, não sabia, não. Deus o tenha em sua guarda... Mas que é que há, Miguilim?

Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, por isso é que o encarava.

— Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista? Vamos até lá. Quem é que está em tua casa?

— É Mãe, e os meninos...

Estava Mãe, estava tio Terez, estavam todos. O senhor alto e claro se apeou. O outro, que vinha com ele, era um camarada.

O senhor perguntava à Mãe muitas coisas do Miguilim. Depois perguntava a ele mesmo: ... Miguilim, espia daí: quantos dedos da minha mão você está enxergando? E agora?

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

1) (Enem/2002) Esta história, com narrador observador em terceira pessoa, apresenta os acontecimentos da perspectiva de Miguilim. O fato de o ponto de vista do narrador ter Miguilim como referência, inclusive espacial, fica explicitado em:

- (A) O homem trouxe o cavalo cá bem junto...
- (B) Ele era de óculos, corado, alto (...).
- (C) O homem esbarrava o avanço do cavalo, (...).
- (D) Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, (...).
- (E) Estava Mãe, estava tio Terez, estavam todos.

2) (UERJ/2000-1)

Narrativa (Nélson Rodrigues)

Certo milionário brasileiro foi traído pela esposa. Quis gritar, mas a infiel disse-lhe sem medo:

— “Eu não amo você, nem você a mim. Não temos nenhum amor a traír”.
O marido baixou a cabeça. Doe-lhe, porém, o escândalo. Resolveu viajar para

a China, certo de que a distância é o esquecimento. Primeiro, andou em Hong Kong. Um dia, apanhou o automóvel e correu como um louco. Foi parar quase na fronteira com a China. Desce e percorre, a pé, uma aldeia miserável. Viu, por toda a parte, as faces escavadas da fome. Até que entra na primeira porta. Tinha sede e queria beber. Olhou aquela miséria abjeta. E, súbito, vê surgir, como num milagre, uma menina linda. Aquela beleza absurda no meio de sordidez tamanha, parecia um delírio. O amor começou ali. Um amor que não tinha fim, nem princípio, que começara muito antes e continuaria muito depois. Não houve uma palavra entre os dois, nunca. Um não conhecia a língua do outro. Mas, pouco a pouco, o brasileiro foi percebendo esta verdade — são as palavras que separam. Durou um ano o amor sem palavras. Os dois formavam um maravilhoso ser único. Até que de repente o brasileiro teve que voltar para o Brasil. Foi também um adeus sem palavras. Quando embarcou, ela a viu num junco que queria seguir o navio tão só. Passou de um silêncio a outro silêncio mais profundo.

O narrador de um conto assume determinados pontos de vista para conduzir o seu leitor a observar o mundo sob perspectivas diversificadas. No conto de Nélson Rodrigues, a narrativa busca emocionar por meio do seguinte recurso:

- (A) expressa diretamente o ponto de vista do personagem milionário
- (B) expressa de maneira indireta o ponto de vista da personagem chinesa
- (C) alterna o ponto de vista do personagem milionário com o do narrador
- (D) alterna o ponto de vista do personagem milionário com o da personagem chinesa

Textos para a questão 3

Clarissa

Clarissa vai andando...

Por que será que a vida parece melhor e mais bonita de manhã quando há sol, vento fresco, céu azul? E esta gente que acordou ind’agorinha, que se debruça à janela, que canta, sorri e cumprimenta os que passam?...

Sente ímpetos de dançar, correr, cantar, pegar no rabo dos cachorros, jogar pedras nos vidros das vitrinas, botar a língua para a mulher gorducha que está escarrapachada numa cadeira ali na frente do mercadinho de frutas...

— Juizinho, minha filha. Olhe que estás ficando uma moça...

A recomendação da tia não lhe sai nunca da memória.

É preciso ter compostura: andar a passo normal, não rir alto, não saltar... Caminhar como o seu Amaro: descansadamente, braços caídos, cara séria, sem olhar para os lados nem para cima... Andar como um boneco de mola. Ora bolas! Ora bolas!

O sol brilha, as casas estão encharcadas de luz, o vento bole nas árvores úmidas, a manhã cheira a sereno e a flor... As pedras do calçamento, as vidraças, os globos leitosos dos combustores, os automóveis que rodam nas ruas — tudo lampeja...

Clarissa segue num encantamento. Sua sombra se espicha na calçada. Como a vida é boa! E como seria mil vezes melhor se não houvesse esta necessidade (necessidade não: obrigação) de ir para o colégio, de ficar horas e horas curvada sobre a classe, rabiscando números, escrevendo frases e palavras, aprendendo onde fica o Cabo da Boa Esperança, quem foi Tomé de Sousa, em quantas partes se divide o corpo humano, como é que se acha a área de um triângulo...

Os olhos de Clarissa dançam de cá para lá examinando tudo...

A rua está animada. Nas portas das lojas de fazendas as pontas soltas das peças de seda voam como rútilas bandeiras. Passam homens e mulheres e crianças e cachorros. Na porta dum armazém um guri sardento trinca com dentes miúdos e aguçados uma rapadura de Santo Antônio da Patrulha: o queixo todo melado, os olhos lambuzados de prazer.

VERÍSSIMO, Erico. Clarissa. São Paulo: Globo, 1994. 52.ed. p.20-21.

Gabi

Toda a vida, Bruno e eu sempre conversamos muito sobre ecologia, meio ambiente, essas coisas. Desde o começo, sempre foi um assunto em que a gente estava de acordo. Lembro que naquele primeiro dia, na praia, com Dora — meu Deus!, como isso parece longe... — ele de repente levantou no meio da conversa, pegou um saco de plástico que estava na areia perto de onde as ondas quebravam e foi botar numa cesta de lixo lá em cima do calçadão, do lado da barraca de água de coco. Eu achei demais, e comentei. Dora também falou:

— Mas também não precisava ir lá em cima. Podia cavar um buraco e enterrar aqui na areia. A praia ficava limpa do mesmo jeito.

— Não ficava, não — respondeu ele. — Só parecia que ficava. Mas saco plástico é uma das coisas mais perigosas para ficar na água, assim, boiando.

Principalmente para golfinhos e baleias, que comem de uma bocada só. Aí eles engolem aquele plástico que pode asfixiar os coitados de uma hora para outra. Eu sempre recolho, e imagino que posso estar salvando um animal...

Depois que voltou da Itália, então, Bruno ficou ainda mais atento a todas essas coisas, muito mais informado. E começou a dizer que queria se especializar em engenharia ambiental, que ia primeiro fazer um curso de engenharia comum, porque era o que havia em nossa cidade, mas depois ia querer seguir alguma coisa nessa área, principalmente para a recuperação das águas.

Por isso, a ideia que eu tive da reciclagem no colégio surgiu naturalmente, de nossas conversas, quando ele foi contando que em Roma havia separação de lixo, que os lixeiros já recolhiam tudo selecionado, vidros, metais, papel, plástico e lixo orgânico, tudo separado. A própria população já adiantava o serviço para reaproveitar industrialmente tudo aquilo.

Eu fiquei achando que não podia mudar de uma hora para outra, sozinha, o jeito do recolhimento de lixo aqui, tudo misturado, naqueles caminhões que trituram. Experimentei separar o lá de casa, mas não adiantava nada. Os próprios lixeiros jogavam tudo junto no caminhão. Quem tinha que mudar era a prefeitura. E ia precisar de uma boa campanha, para convencer o prefeito e ensinar a população.

Mas um dia eu falei nisto na aula, e todo mundo concordou comigo. Eu vi que não estava sozinha. Comecei a pensar, falei com os colegas depois, e em poucos dias a minha turma tinha começado um movimento pela separação do lixo lá no colégio.

MACHADO, Ana Maria. Isso ninguém me tira. São Paulo: Ática, 2000. p.95-96.

3) (Cederj/2011 — 2º semestre) Existe uma diferença no modo de narrar os dois textos. Observe os períodos iniciais:

Texto I: “Clarissa vai andando...”

Texto II: “Toda a vida, Bruno e eu sempre conversamos muito sobre ecologia, meio ambiente, essas coisas.”

Leia as afirmações a respeito do papel do narrador nos dois textos e, em seguida, assinale a alternativa correta em relação a elas.

I. Em “Clarissa”, a narração em 3ª pessoa instala um narrador que observa as ações, pensamentos e emoções do personagem.

II. Em “Clarissa”, o narrador em 3ª pessoa não demonstra simpatia pelo personagem, adotando uma visão crítica do comportamento e emoções da jovem.

III. Em “Gabi”, o narrador em 1ª pessoa torna a narrativa subjetiva e emocional, deixando sem voz os outros personagens.

IV. Em “Gabi”, a narração em 1ª pessoa põe a própria personagem no comando da narrativa.

(A) As afirmativas I, II e III são parcialmente corretas.

(B) As afirmativas I e III são erradas em relação ao tipo de narrador.

(C) As afirmativas I e IV analisam corretamente o papel do narrador.

(D) As afirmativas II e IV são as mais adequadas à descrição do papel do narrador.

GABARITO

GRUPO 1

1) B 2) A 3) D

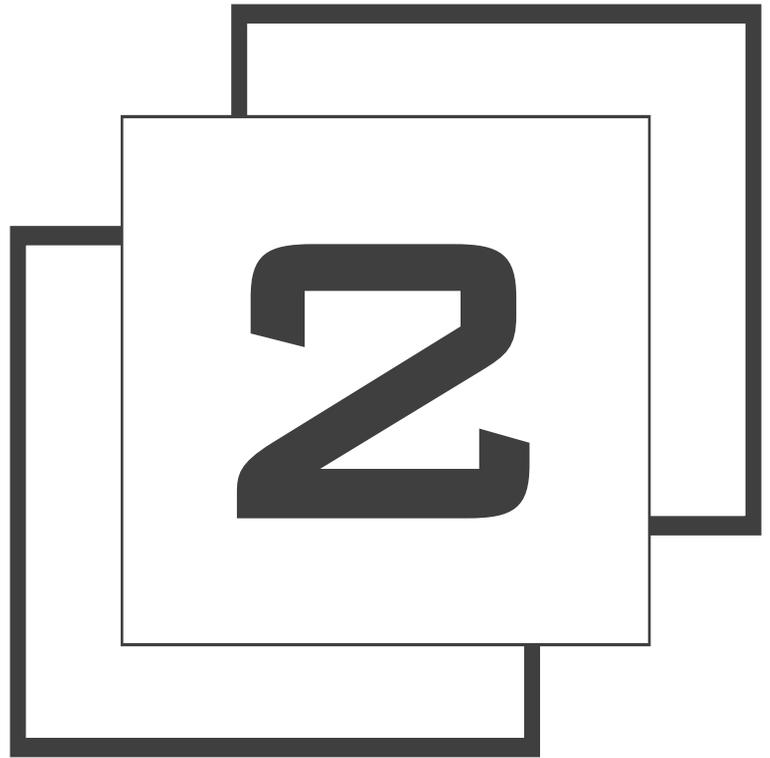
GRUPO 2

1) A

2) C — OBS.: O substantivo “personagem” tem dois gêneros e, por isso, poderia continuar a ser empregado nas alternativas como masculino, ou como feminino, independentemente do gênero do substantivo que acompanha.

3) C

O primeiro texto projeta um narrador — observador em 3ª pessoa. O segundo texto é narrado em 1ª pessoa pela personagem Gabi, que assume o comando da narrativa.



TEXTO ARGUMENTATIVO

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Como você já sabe, o texto argumentativo é aquele cujo objetivo é convencer o interlocutor de um determinado ponto de vista. Para relembrar, veja os dois minitextos argumentativos abaixo:

Texto 1

Filho, você deveria cursar Engenharia, e não Letras. Professores, além de ganharem mal, não gozam de prestígio na sociedade.

Texto 2

As Olimpíadas de 2016 serão um desastre para o Rio: a corrupção atingirá níveis estratosféricos e o legado para a cidade será um conjunto de “elefantes brancos.” Além disso, a experiência prova que os Jogos não aumentam significativamente o afluxo de turistas às cidades-sede.

2. ELEMENTOS DA ARGUMENTAÇÃO

Toda argumentação é fruto de uma polêmica. Ao ver o seu professor entrar na sala, não faz sentido argumentar que “ele tem dois olhos”, simplesmente porque isso não é uma questão controversa — e, portanto, não exige uma tomada de posição. Por outro lado, você pode querer defender que “ele tem olhos bonitos.” Neste caso, entramos nos terrenos da argumentação, já que outras pessoas talvez discordem de você — o que o obrigará a justificar sua opinião. Em um texto argumentativo, o ponto de vista defendido pelo argumentador é chamado de **TESE**, e os elementos apresentados no intuito de justificar e fundamentar a tese são chamados de **ARGUMENTOS**.

Em resumo, os elementos fundamentais da argumentação são dois: a **TESE** e os **ARGUMENTOS**.

TESE: é a opinião defendida pelo argumentador.

ARGUMENTO: é a fundamentação da tese, ou seja, as razões ou justificativas evocadas com o objetivo de demonstrar a validade da tese.

3. VOZES DA ARGUMENTAÇÃO

Produzir um texto argumentativo equivale a inserir-se em um debate, em uma disputa de opiniões conflitantes. Ao argumentarmos A FAVOR de uma determinada opinião, estamos também, ao mesmo tempo, argumentando CONTRA todas as possíveis opiniões contrárias. Em um texto argumentativo, portanto, o enunciador não apenas DEFENDE o seu próprio ponto de vista como também ATACA os pontos de vista contrários.

É por isso que, nesse tipo de texto, estão presentes pelo menos duas “vozes” ou pontos de vista distintos: a voz do argumentador (que defende a tese apresentada no texto) e a voz do indivíduo ou grupo que defende a tese contrária. Assim, quando lemos um texto argumentativo, não “ouvimos” apenas a voz do argumentador (ou do grupo que ele representa); “ouvimos” também, ainda que muitas vezes indiretamente, a manifestação daqueles que defendem a posição contrária.

Isso ficará mais claro no exemplo abaixo. Os trechos que não estão sublinhados correspondem à voz do argumentador; os trechos sublinhados correspondem à voz dos grupos que defendem a tese contrária à do argumentador.

Para a maior parte dos cariocas, as Olimpíadas de 2016 serão uma oportunidade única para o Rio de Janeiro. Na visão dessas pessoas, os Jogos atrairão para a cidade uma legião de turistas e incontáveis investimentos privados. Tanto otimismo, porém, não se justifica. O mais provável é que o Estado saia no prejuízo, arcando com um investimento que a iniciativa privada verá como de alto risco. Com tanto dinheiro público circulando, podemos esperar que a corrupção alcance níveis estratosféricos. Mesmo com tudo isso, podem pensar alguns, a cidade ainda sairá ganhando, pois sairá dos Jogos repaginada. Outro engano. A julgar pela experiência dos Jogos Panamericanos, as Olimpíadas nos legarão tão-somente uma constelação de instalações faraônicas e inúteis, e quase nenhuma mudança estrutural efetiva capaz de beneficiar os cariocas, os únicos que continuarão na cidade depois que a festa acabar e os (poucos) turistas se forem.

	Formulação	Fragmento(s)
Tese	As Olimpíadas de 2016 serão prejudiciais para o Rio.	“Tanto otimismo, porém, não se justifica.”
Argumento 1 para a tese defendida no texto	O Estado gastará muito dinheiro com os Jogos.	“O mais provável é que o Estado saia no prejuízo, arcando com um investimento que a iniciativa privada verá como de alto risco.”
Argumento 2 para a tese defendida no texto	Os Jogos irão propiciar a corrupção	“Com tanto dinheiro público circulando, podemos esperar que a corrupção alcance níveis estratosféricos.”
Argumento 3 para a tese defendida no texto	Os Jogos não produzirão melhorias reais na cidade.	“A julgar pela experiência dos Jogos Panamericanos, as Olimpíadas nos legarão tão-somente uma constelação de instalações faraônicas e inúteis, e quase nenhuma mudança estrutural efetiva capaz de beneficiar os cariocas”
Contratese (tese contrária à do texto)	As Olimpíadas de 2016 serão benéficas para o Rio.	“as Olimpíadas de 2016 serão uma oportunidade única para o Rio de Janeiro.” “a cidade ainda sairá ganhando”
Argumento 1 para a tese contrária à do texto	Os Jogos atrairão turistas para a cidade	“os Jogos atrairão para a cidade uma legião de turistas.”

Argumento 2 para a tese contrária à do texto	Os Jogos atrairão investimentos privados para a cidade	“os Jogos atrairão para a cidade (...) incontáveis investimentos privados”
Argumento 3 para a tese contrária à do texto	Os Jogos produzirão melhorias na cidade.	“pois sairá dos Jogos repaginada”

4. ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

A. Exemplificação

Trata-se de apresentar exemplos concretos que ajudem a sustentar uma determinada posição. No fragmento abaixo, o argumentador se posiciona contra a pena de morte. Para sustentar sua posição (ou seja, sua tese), ele recorre à exemplificação, citando os casos da Geórgia e do Canadá.

É preciso recusar a pena de morte por uma razão muito simples: ela não reduz os índices de criminalidade. Basta observar a experiência dos países que a adotam. O estado americano da Geórgia, maior aplicador da pena capital, tem 20% mais homicídios que a média nacional. No Canadá, por outro lado, a criminalidade caiu em 27% depois que a pena de morte foi abolida.

B. Argumento de autoridade

É o argumento baseado na opinião de um especialista. Os citados podem ser especialistas profissionais de determinada área, organismos, instituições, órgãos da imprensa, pesquisas etc. A força desses argumentos se apoia na credibilidade da autoridade evocada.

Além disso, um testemunho é um tipo de argumento de autoridade, apoiado na experiência pessoal de alguém que participou diretamente de fatos ou que recebeu uma informação de outro que tenha participado.

No texto abaixo, o enunciador evoca a autoridade de “cientistas renomados” para sustentar sua tese de que o aquecimento global é um mito.

Se é verdade que a temperatura da Terra está subindo, ninguém pode dizer com certeza que esse aumento é hoje maior do que em outras épocas. Assim, o tal aquecimento global é, no máximo, uma especulação baseada em evidências contestáveis. E não sou eu que digo isso: são dezenas de cientistas renomados que, cada vez mais, têm se levantado contra essa histeria inútil que se formou em torno do aquecimento global.

C. Contra-argumentação

A estratégia da contra-argumentação consiste em combater e desconstruir o ponto de vista do adversário. Ou seja: em vez de argumentar diretamente A FAVOR da sua tese, argumenta-se CONTRA o posicionamento do rival.

O exemplo abaixo é um parágrafo do texto “Impunidade”, no qual se propõe a redução da maioria penal no Brasil para 16 anos. Esta é, portanto, a tese defendida no texto. Note que, no trecho transcrito abaixo, o argumentador não apresenta um argumento a favor da redução da maioria penal. Em vez disso,

ele se ocupa de combater e desconstruir, por meio de um questionamento, um dos argumentos daqueles que são contrários a essa redução.

Alguns doutrinadores defendem que reduzir a maioria penal seria inconstitucional, já que o artigo 60, parágrafo 4º, da Constituição Federal proíbe emendas que venham a abolir direitos e garantias individuais. Ora, temos dois fatores a explicar quanto a este assunto. O primeiro é: o que é inconstitucional? Hoje é implementada uma série de emendas constitucionais.

Disponível em: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=8216&cod_canal=48 (Acesso em: 17/10/2010)

Um procedimento semelhante ocorre no texto abaixo. Nele, a entrevistada se propõe a refutar a tese oposta à sua. Para isso, eles procura desacreditar os argumentos que a sustentam essa tese, destacando os seus erros. Nesse caso, a objeção se faz pela ruptura da ligação entre dois fatos ou ideias:

Muitos hoje me acusam de ter provocado o meu próprio sequestro indo a uma região dominada pelos terroristas das Farc. Ora, não há uma relação de causa/efeito entre esses fatos, pois muitas outras pessoas vivem nessas mesmas regiões e nunca foram sequestradas.

Entrevista com Ingrid Betancourt, ex-senadora colombiana que foi raptada pelas Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e ficou em poder do grupo durante 4 anos

C1. Concessão

Um tipo particularmente eficiente de contra-argumentação é a concessão. Essa estratégia é executada em duas etapas. Em um primeiro momento, o argumentador dá a impressão de concordar com o seu rival — ou seja, ele parece conceder a razão ao seu adversário (dá o nome “concessão”). Logo em seguida, contudo, a tese adversária é combatida e devidamente refutada.

No exemplo abaixo, procura-se defender a tese de que o aborto deve ser legalizado no Brasil. Em um primeiro momento, o argumentador parece concordar com seus rivais, ou seja, parece se inclinar contra a legalização do aborto. Essa impressão é transmitida pelo emprego da expressão “É verdade.” Mas isso dura pouco. Logo em seguida, ele levanta um questionamento: “Mas por que, então, o mesmo raciocínio...” Esse questionamento, claro, tem o objetivo de contestar o raciocínio do adversário e, em última instância, invalidar a tese rival.

Muitos dizem que o aborto é uma forma de assassinato, e que a vida deve sempre ser preservada. É verdade. Mas por que, então, o mesmo raciocínio não deve valer para preservar a vida das milhares de gestantes que correm todos os anos a clínicas clandestinas cujos procedimentos “cirúrgicos” não raro resultam em morte?

C2. Redução ao absurdo

A redução ao absurdo consiste em explorar, até o limite, todas as consequências de um argumento rival, com o objetivo de demonstrar sua inconsistência.

Esta estratégia é usada frequentemente em nossos diálogos cotidianos. Imagine este diálogo entre mãe e filho:

Mãe: *Por que eu deveria deixar você ir à festa?*

Filho: *Porque todos os meus amigos vão.*

Mãe: *Então quer dizer que, se todos os seus amigos se jogarem embaixo de um trem, você também vai se jogar, certo?*

O argumento usado pelo filho para convencer a mãe a autorizar sua ida à festa é o fato de que todos os seus amigos irão ao evento. A partir daí, a mãe se põe a demonstrar que esse argumento é inconsistente e, portanto, inválido. Como? Explorando suas consequências até o limite do absurdo, do inaceitável.

O raciocínio é mais ou menos assim: se acha que deve ir à festa apenas porque todo mundo vai, então você aceita que o fato de seus amigos fazerem alguma coisa é motivo para que você também faça; sendo assim, conclui-se que o fato de seus amigos atentarem contra a vida deles próprios é motivo para que você atente contra a sua. Evidentemente, o filho não poderá aceitar essa conclusão, o que o obrigaria também a abrir mão do seu argumento inicial.

D. Negação

Toda argumentação tende naturalmente a criar um certo clima de “guerra”. Ao iniciar a leitura de um texto argumentativo, todo leitor se coloca na defensiva caso perceba que será defendida uma tese da qual ele discorda. Com essa postura, o leitor fica negativamente predisposto em relação àquele texto. Mas há um meio de tentar driblar essa predisposição, desarmando o leitor: trata-se da negação. Esse recurso consiste na estratégia — não muito honesta, é verdade — de negar que se vá defender a posição a favor da qual, de fato, se pretende argumentar.

Imagine, por exemplo, que o representante de uma igreja vá proferir uma palestra na qual ele tenha a intenção de condenar um projeto de legalização do aborto. Suponha que esse religioso tenha sido informado de que, na plateia, há muitos defensores do tal projeto. Sabendo que estará diante de um público potencialmente hostil, é possível que ele comece assim:

Hoje, eu não quero falar contra o aborto ou contra a sua legalização. Quero falar de algo muito mais importante, muito mais fundamental: a vida. Tenho certeza que todos aqui concordam comigo: não há nada tão importante quanto a vida. Ao mesmo tempo, não é nada tão frágil. Por isso mesmo, ela deve ser preservada em qualquer circunstância — o que inclui também a vida do feto.

Note que, inicialmente, o enunciador nega que vá se manifestar contra a legalização do aborto. Com isso, talvez ele tenha conquistado a simpatia de alguns membros da plateia, que do contrário já ficariam predispostos contra a palestra. Diante desse início promissor, os ouvintes baixam a guarda. E é aí que o religioso começa a discursar sobre a vida para, pouco depois, fazer exatamente o que ele havia negado que faria: condenar o aborto.

5. MÉTODOS ARGUMENTATIVOS

A. Método indutivo

A indução é um tipo de raciocínio que parte de caso particular e tira daí uma regra geral. Alguém que observe, pela manhã, uma rua molhada e conclui que choveu durante a noite procede por indução (sempre que chove as ruas ficam molhadas). No caso do método científico, a indução corresponde à segunda etapa do processo:

1^a) observação dos fatos;

2^a) formulação de uma hipótese por indução, por meio de uma generalização que necessita de verificação;

3^a) verificação experimental da hipótese para confirmar ou negar a hipótese;

4^a) enunciação (ou não) de uma lei ou teoria, na medida que o experimento confirmou a hipótese.

B. Método dedutivo

Ao contrário da indução, a dedução é o raciocínio que parte de uma afirmação geral tida como verdadeira, aplicando-a a um caso particular, como é o caso dos silogismos.

O tipo clássico de silogismo se apóia em três frases: a premissa maior, de caráter universal, seguida da premissa menor, de caráter particular e da conclusão:

Todos os homens são mortais

Sócrates é homem

Sócrates é mortal

C. A analogia

A analogia faz com que, pela utilização de elementos de um domínio conhecido, possamos chegar a compreender elementos de um domínio desconhecido, servindo, assim, para ilustrar ou provar alguma coisa.

Um colégio é como um quartel, em que o diretor é o comandante, os professores desempenham o papel de oficiais e os alunos são soldados e, por isso mesmo, devem obedecer e ser disciplinados.

D. A dialética

O raciocínio dialético se processa a partir do momento em que a tese oposta contém uma parte da verdade e, por isso, a estratégia dialética admite o princípio da contradição, ou seja, da confrontação de duas teses opostas (a tese e a anti-tese), retirando daí uma verdade nova, a síntese.

Assim, as etapas de um raciocínio dialético são:

1^a) a formulação da própria tese, apoiada em argumentos;

2^a) a formulação da tese contrária e os argumentos que a justificam;

3^a) a formulação da síntese, com a conciliação entre os pontos válidos da tese adversa.

6. FALHAS NA ARGUMENTAÇÃO

A. Falhas no raciocínio lógico

• Primeira falha: o raciocínio parte de uma premissa que não tem comprovação. Frequentemente, essas premissas correspondem a estereótipos culturais, do tipo “todo baiano é preguiçoso”.

Todos os políticos são corruptos

Lula é político

Lula é corrupto

• Segunda falha: o raciocínio conduz a uma conclusão que não decorre das premissas apresentadas.

Quando o Flamengo joga com raça, ganha os jogos. O Flamengo ganhou o último jogo. Logo, o time jogou com raça.

Observe que a conclusão (“Logo, o time jogou com raça”) não decorre obrigatoriamente das informações anteriores. É possível que o Flamengo tenha vencido o último jogo por um erro do juiz, ou porque o time adversário colocou em campo a equipe juvenil. Em outras palavras: o fato de o Flamengo sempre vencer quando joga com raça não significa, necessariamente, que todas as vitórias resultam da raça e do empenho dos jogadores.

Veja este outro exemplo:

Os jovens que passam muito tempo em frente à TV se tornam adultos mais violentos. Logo, o conteúdo transmitido pela TV incita à violência.

Observe que a conclusão acima é apenas uma das interpretações possíveis. Por exemplo: é possível que os jovens muito dependentes da TV sejam aqueles que não recebem afeto dos pais, e que seja esta a causa do seu comportamento violento (e não o conteúdo transmitido pela TV). Em outras palavras, a partir de um fato A (jovens que veem muita TV tornam-se mais violentos) não é possível gerar, automaticamente, a conclusão B (a TV induz à violência), já que existem outras explicações logicamente plausíveis.

• Terceira falha: o raciocínio se baseia em uma falsa analogia

Analogias são estratégias úteis de argumentação, mas se transformam em falácias quando se trata de analogias sem fundamento, que ignorem as diferenças entre os dois domínios comparados.

Se, no quartel, a rotina só dá certo porque os soldados obedecem aos superiores sem reclamar, então, na escola, os alunos também devem cumprir as ordens dos professores sem qualquer tipo de contestação.

No exemplo acima, o argumentador transfere imediatamente as propriedades do quartel para a escola, ignorando o fato de que os objetivos e funções dessas duas instituições são consideravelmente distintos. Logo, o que funciona para uma não necessariamente servirá para a outra.

B. Argumento *ad hominem*

Trata-se da estratégia de se desviar da discussão em pauta para criticar de alguma maneira o próprio adversário — em vez de criticar, refutar ou combater suas ideias. O exemplo abaixo traz uma situação fictícia — mas bastante plausível em um debate político.

Debatedor 1: Há fortíssimas evidências de que o senhor está envolvido em um megaescândalo de corrupção.

Debatedor 2: Quem é o senhor para me criticar? No ano passado, o seu chefe de gabinete foi envolvido no escândalo da caixa 2 para financiamento de campanha.

QUESTÕES COMENTADAS

As questões abaixo foram retiradas do Exame de Qualificação do Vestibular Uerj 2004.

Preconceito e exclusão

Os preconceitos linguísticos no discurso de quem vê nos estrangeirismos uma ameaça têm aspectos comuns a todo tipo de posição purista, mas têm também matizes próprios. Tomando a escrita como essência da linguagem, e tendo diante de si o português, língua de cultura que dispõe hoje de uma norma escrita desenvolvida ao longo de vários séculos, [o purista] quer acreditar que os empréstimos de hoje são mais volumosos ou mais poderosos do que em outros tempos, em que a língua teria sido mais pura. (...)

Ao tomar-se a norma escrita, é fácil esquecer que quase tudo que hoje ali está foi inicialmente estrangeiro. Por outro lado, é fácil ver nos empréstimos novos, com escrita ainda não padronizada, algo que ainda não é nosso. Com um pouco menos de preconceito, é só esperar para que esses elementos se sedimentem na língua, caso permaneçam, e que sejam padronizados na escrita, como a *panqueca*. Afinal, nem tudo termina em *pizza*!

Na visão alarmista de que os estrangeirismos representam um ataque à língua, está pressuposta a noção de que existiria uma língua pura, nossa, isenta de contaminação estrangeira. Não há. Pressuposta também está a crença de que os empréstimos poderiam manter intacto o seu caráter estrangeiro, de modo que somente quem conhecesse a língua original poderia compreendê-los. Conforme esse raciocínio, o estrangeirismo ameaça a unidade nacional porque emperra a compreensão de quem não conhece a língua estrangeira. (...)

O raciocínio é o de que o cidadão que usa estrangeirismos — ao convidar para uma *happy hour*, por exemplo — estaria excluindo quem não entende inglês, sendo que aqueles que não tiveram a oportunidade de aprender inglês, como a vastíssima maioria da população brasileira, estariam assim excluídos do convite. Expandindo o processo, por analogia, para outras tantas situações de maior consequência, o uso de estrangeirismos seria um meio linguístico de exclusão social. A instituição financeira banco que oferece *home banking* estaria excluindo quem não sabe inglês, e a loja que oferece seus produtos numa *sale* com 25% off estaria fazendo o mesmo.

O equívoco desse raciocínio linguisticamente preconceituoso não está em dizer que esse pode ser um processo de exclusão. O equívoco está em não ver que usamos a linguagem, com ou sem estrangeirismos, o tempo todo, para demarcarmos quem é de dentro ou de fora do nosso círculo de interlocução, de dentro ou de fora dos grupos sociais aos quais queremos nos associar ou dos quais queremos nos diferenciar. (...)

GARCEZ, Pedro M. e ZILLES, Ana Maria S. In: FARACO, Carlos Alberto (org.) *Estrangeirismos — guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

Questão 1

Pode-se afirmar que o objetivo do texto é defender uma opinião, a partir do estabelecimento de uma polêmica com os que defendem outro ponto de vista.

Esta polêmica constrói-se, nesse texto, pelo seguinte modo de organização interna:

- (A) as duas posições são apresentadas por um único enunciador
- (B) os argumentos enunciados contrapõem os usos oral e escrito da língua
- (C) as opiniões de cada lado são referendadas por testemunhos autorizados
- (D) os defensores de cada posição alternam-se na defesa de seu ponto de vista

Resposta: A

Comentário: O primeiro parágrafo do enunciado informa que “Preconceito e exclusão” é um texto argumentativo. Esse parágrafo sintetiza o que você acaba de aprender sobre argumentação: (i) o objetivo do texto é defender uma opinião (ou seja, uma tese); (ii) o texto estabelece uma polêmica com aqueles defendem uma tese contrária.

Como você já sabe, toda argumentação contém em si, pelo menos, duas vozes: a voz dos que defendem a tese e a voz dos que se opõem a ela. Em “Preconceito e exclusão”, não é diferente. Lendo o texto, podemos “ouvir” as vozes de dois grupos: um grupo defende a tese de que os estrangeirismos são inofensivos, ou seja, não prejudicam a língua portuguesa; o outro grupo defende a tese contrária, segundo a qual os estrangeirismos constituem uma ameaça à integridade do idioma nacional. Resumindo e esquematizando, as vozes que se manifestam no texto são as seguintes:

	Grupo	Tese
Voz 1	Grupo dos “puristas”	Os estrangeirismos são uma ameaça à língua portuguesa
Voz 2	Grupo que combate os puristas	Os estrangeirismos não são uma ameaça à língua portuguesa

O enunciador se filia ao grupo que combate os puristas. No entanto, é esse mesmo enunciador que nos apresenta ambas as posições (contra e a favor dos estrangeirismos). Ora, ele se refere à sua própria tese; ora, ele próprio faz referência à tese contrária. Veja abaixo dois momentos em que ele evoca a tese adversária:

“no discurso de quem vê nos estrangeirismos uma ameaça”

“Na visão alarmista de que os estrangeirismos representam um ataque à língua (...)”

Questão 2

Na construção do texto, os autores utilizam alguns recursos de linguagem para se distanciar da posição que eles combatem.

Um desses recursos está assinalado e caracterizado em:

- (A) “os empréstimos de hoje são mais volumosos ou mais poderosos do que em outros tempos,” — comparação
- (B) “Na visão alarmista de que os estrangeirismos representam um ataque à língua,” — adjetivação

(C) “ao convidar para uma happy hour, por exemplo — estaria excluindo quem não entende inglês,” — citação de exemplo

(D) “não tiveram a oportunidade de aprender inglês, como a vastíssima maioria da população brasileira,” — emprego de superlativo

Resposta: B

Comentário: A alternativa B corresponde a um dos momentos em que o argumentador faz referência à tese adversária. Nesse momento, ele precisa deixar claro que não adere a essa tese. Em outras palavras: o argumentador precisa marcar o distanciamento em relação ao rival.

Na letra B, o recurso utilizado para marcar esse distanciamento é a adjetivação: para deixar claro que não concorda com a tese mencionada, o argumentador a qualifica como alarmista. Ora, se eu considero uma determinada visão alarmista, é porque não concordo com ela.

Questão 3

O equívoco desse raciocínio linguisticamente preconceituoso não está em dizer que esse pode ser um processo de exclusão.

O fragmento acima inicia, no último parágrafo, uma estratégia que busca demonstrar uma falha no raciocínio criticado pelos autores.

Essa falha pode ser definida como:

- (A) observação incompleta dos fatos
- (B) apresentação de falso testemunho
- (C) construção inadequada de silogismo
- (D) ausência de exemplificação suficiente

Resposta: A

Comentário: No fragmento transcrito na questão 3, observamos a estratégia da contra-argumentação. Nela, o argumentador refuta os argumentos do seu adversário. Por isso, cabe a seguinte pergunta: qual é o defeito que o enunciador observa na argumentação dos seus rivais?

Como você já viu, uma das vozes que se manifesta no texto é a dos “puristas”. Esse grupo defende a tese de que os estrangeirismos constituem uma ameaça para a língua portuguesa. Logo antes do trecho transcrito na questão, o argumentador evoca o seguinte argumento usado pelos seus adversários:

“O raciocínio é o de que o cidadão que usa estrangeirismos — ao convidar para uma happy hour, por exemplo — estaria excluindo quem não entende inglês, sendo que aqueles que não tiveram a oportunidade de aprender inglês, como a vastíssima maioria da população brasileira, estariam assim excluídos do convite.”

Em suma, o argumento seria o seguinte: os estrangeirismos provocam exclusão. Seria de se esperar que o enunciador refutasse de imediato esse argumento, simplesmente negando-o e garantindo que estrangeirismos NÃO geram exclusão. Mas, contrariando as expectativas, ele opta por outra estratégia. Em um primeiro momento, afirma que os estrangeirismos, de fato, têm o poder de excluir. Mas, em seguida, mostra que a linguagem como em todo — e não apenas as palavras estrangeiras — produz exclusão. Podemos entender isso se pensarmos em gírias adolescentes ou em jargões profissionais (de médicos, economistas, traficantes etc.). Imagine que um economista dê a seguinte declaração:

A indexação na economia institui legalmente a espiral inflacionária.

Só os economistas ou entendidos do assunto podem compreender essa frase. Dessa maneira, ela exclui todos aqueles que não têm familiaridade com o tema e com o jargão próprio da área — isso sem a presença de qualquer estrangeirismo.

Observe que o procedimento argumentativo utilizado corresponde exatamente ao que está descrito na alternativa A: o argumentador não afirma que o raciocínio do seu adversário está incorreto, mas mostra que ele resulta de uma observação incompleta dos fatos — já que o rival o aplica unicamente aos estrangeirismos, quando, na verdade, ele vale para os usos linguísticos de maneira geral.

Questão 4

É só esperar para que esses elementos se sedimentem na língua, caso permaneçam, e que sejam padronizados na escrita, como a panqueca. Afinal, nem tudo termina em pizza!

No contexto do segundo parágrafo, o trecho acima desempenha a função de:

- (A) reafirmar a certeza já apresentada de que as questões da linguagem devem ser tratadas com a devida objetividade
- (B) exemplificar o comentário contido nas frases anteriores ao mesmo tempo em que ironiza a preocupação dos puristas
- (C) registrar estrangeirismos cuja grafia comprova que há necessidade de adaptação de novos termos às convenções do português
- (D) demonstrar o argumento central de que não podemos abrir mão dos estrangeirismos e frases feitas na comunicação corrente

Resposta: B

Comentário: Segundo a alternativa B, o trecho destacado tem duas funções: exemplificar (o comentário feito anteriormente) e ironizar (a preocupação dos puristas).

De um lado, as palavras “panqueca” e “pizza” exemplificam o comentário anterior, a respeito das adaptações gráficas que os estrangeirismos podem sofrer (como “panqueca”) ou não (como “pizza”) quando ingressam no português.

De outro lado, o autor brinca com a expressão “terminar em pizza”. Sendo normalmente usada para indicar impunidade, ela aqui faz referência ao fato de a palavra “pizza” não ter sofrido adaptação ortográfica — uma maneira de ironizar a preocupação dos puristas com a ameaça que os estrangeirismos representariam à integridade do idioma.

EXERCÍCIOS

GRUPO 1 – Identificar a tese

Texto para a questão 1

Sexo e temperamento em três sociedades primitivas

Nos anos 30, Margareth Mead comparou três sociedades primitivas da Nova Guiné, visando observar como as atitudes sociais se relacionavam com as diferenças sexuais. A partir dos resultados obtidos na pesquisa, concluiu que a crença, então compartilhada na sociedade americana, em um temperamento inato ligado

ao sexo não era universal. Segundo ela, toda cultura determina de algum modo os papéis dos homens e das mulheres, mas não o faz necessariamente em termos de contraste entre as personalidades prescritas para os dois sexos nem em termos de dominação ou submissão.

Entre os povos estudados por Mead, os montanhese Arapesh, agricultores e criadores de porcos, eram (homens e mulheres) maternos, cooperativos, sociáveis, pouco individualistas e orientados para as necessidades da geração seguinte. Em síntese, um povo com características “femininas”.

Já os ferozes caçadores de cabeça Mundugumor, agricultores e pescadores, eram o extremo oposto. De acordo com a autora, desprezando o sexo como base para o estabelecimento de diferenças de personalidade, padronizaram o comportamento de homens e mulheres como “ativamente masculino, viril e sem quaisquer das características edulcoradas que estamos acostumados a considerar indiscutivelmente femininas”. Esse povo era formado por indivíduos implacáveis que se aproximavam de um tipo de personalidade que, na cultura americana, só se encontraria em homens indisciplinados e extremamente violentos.

Nos Tchambuli, por sua vez, pescadores lacustres e amantes das artes, havia uma inversão das atitudes sexuais: a mulher seria o parceiro dirigente, dominador e impessoal, e o homem, menos responsável e emocionalmente dependente.

Para Mead, o fato de que traços de temperamento tradicionalmente considerados femininos fossem, em uma tribo, erigidos como padrão masculino e, em outra, prescritos para a maioria das mulheres e dos homens demonstra não haver base para considerar tais aspectos comportamentais vinculados ao sexo. Essa conclusão seria reforçada pela inversão da posição de dominância entre os sexos no terceiro povo estudado.

PISCITELLI, Adriana. Uma questão de gênero — *Mente cérebro*.

São Paulo: Duetto Editorial, 2008. p. 24

1) (UFRJ/2010) Identifique a tese central proposta no texto acima.

Texto para a questão 2

Cartas de leitores

“Já conhecemos nossos governantes e políticos, suas índoles, seus defeitos, suas capacidades limitadas para soluções e amplas para confusões. Só não conhecíamos ainda nossos manifestantes, se é que assim se pode dizer. Nada justifica a agressão física, seja qual for a manifestação, seja quem for o agredido ou o agressor. Nada justificará, jamais, a agressão sofrida pelo governador Mário Covas, por mais digna que fosse a manifestação. O que causa espanto é que se tratava de uma manifestação de professores. É esse o papel de um educador?”

ÁVILA, Marcelo Maciel. *O Globo*, 03/06/2000.

“O país está chocado com as agressões que os representantes do povo estão sofrendo. As autoridades e a imprensa nacional têm-se manifestado severamente contra esses atos.

Primeiro foi uma paulada no governador de São Paulo, depois um ovo no ministro da Saúde e, em 1º de junho, outro ataque ao governador Mário Covas. O vice-presidente da República disse que o governador merece respeito. Concordo.

Mas os demais cidadãos brasileiros não merecem? O ministro da Justiça cobrou punição judicial para os agressores, afirmando que a última manifestação transpusera os limites do tolerável. E a situação de extrema violência que nós, cariocas, estamos vivendo? Quando o ministro vai achar que foram transpostos os limites do tolerável?"

SILVA, Arthur Costa da. *O Globo*, 03/06/2000.

2) (Uerj/2001—Exame de Qualificação) O fragmento que expõe a tese de cada uma das cartas, respectivamente, pode ser identificado em:

(A) “Já conhecemos nossos governantes” / “Quando o ministro vai achar que foram transpostos os limites do tolerável?”

(B) “Só não conhecíamos ainda nossos manifestantes” / “a última manifestação transpusera os limites do tolerável”

(C) “Nada justifica a agressão física” / “Mas os demais cidadãos brasileiros não merecem?”

(D) “É esse o papel de um educador?” / “Primeiro foi uma paulada no governador de São Paulo”

Texto para a questão 3

Crônica da abolição

Eu pertencço a uma família de profetas “apòs coup”¹, “post factum”², “depois do gato morto”, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (“coupe do milieu”³, mas eu prefiro falar a minha língua) levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que acabava de publicar brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo: fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e supponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida, e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! meu senhô! Fico.

— Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo: tu cresceste imensamente. Quando nasceste eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

— Artura não qué dizê nada, não, senhô...

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis: mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

— Eu vaio um galo, sim, senhô.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo: aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio: daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente e (Deus me perdoe!) creio que até alegre. [...]

ASSIS, Machado de. <http://portal.mec.gov.br>

Vocabulário:

1 — “apòs coup”: depois do golpe

2 — “post factum”: depois do fato

3 — “coupe do milieu”: o autor utiliza uma expressão inexistente em francês para mostrar a ignorância do personagem

3) (Uerj/2009 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação) Poucos dias após a Abolição da Escravatura, o escritor Machado de Assis publicou nos jornais essa crônica, na verdade um pequeno conto irônico. A ironia é uma forma de relativizar uma posição, mostrando-a sob outra perspectiva.

Identifique o alvo da ironia de Machado de Assis e demonstre por que a contratação de Pancrácio como assalariado faz parte dessa ironia.

Texto para a questão 4

Só não previu quem planejou

Ninguém fala em outra coisa: o Brasil do século XXI não sabe ler ou não entende o que mal lê. Todos estão pasmos. Menos os professores, posso afirmar. Eles, que nos últimos 30 anos de mudanças na área educacional lastimavelmente não foram chamados a dar o seu testemunho, nem lhes ouviram as dúvidas e as certezas. Quem está na frente de batalha, teria dito: isso não vai dar certo...

(...)

A moda do momento é a “inclusão” de alunos com necessidades especiais. Ótimo. Politicamente corretíssimo. Mas a verdadeira inclusão tem que começar pela melhora da qualidade do ensino de toda a população.

Temos que deter o processo atual, no qual o aluno termina o ensino fundamental — quando termina — quase tal qual estava quando entrou. Essa é a verdadeira exclusão: de posse do seu diploma, mas com precária aprendizagem, o jovem, especialmente o de classe social menos favorecida, que tanto precisa

de trabalho, é ejetado do mercado de trabalho sem dó nem piedade. Afinal, até concurso para garí exige que se saiba ler e escrever direito!

Ouçamos quem executa. Eles nos dirão como evitar as tempestades do desencanto...

ZAGURY, Tania. O Globo, 29/07/2003

4) (Uerj/2004 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação)

O texto utiliza, em sua estratégia argumentativa, recursos diferenciados de composição para tratar de um problema e sugerir possíveis soluções.

a) Explique de que maneira combinam-se, na coerência interna do texto, os parágrafos de abertura e de conclusão.

b) A polifonia é um recurso de construção pelo qual diferentes “vozes” ou pontos de vista podem ser depreendidos da leitura de um texto.

No texto acima, há momentos em que aparecem claramente outras “vozes” ou posicionamentos percebidos pelo leitor por meio de sinais de pontuação.

Retire do texto dois momentos em que ocorrem essas falas e aponte a quem elas podem ser atribuídas.

Texto para a questão 5

A carreira do crime

Estudo feito por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz sobre adolescentes recrutados pelo tráfico de drogas nas favelas cariocas expõe as bases sociais dessas quadrilhas, contribuindo para explicar as dificuldades que o Estado enfrenta no combate ao crime organizado.

O tráfico oferece aos jovens de escolaridade precária (nenhum dos entrevistados havia completado o ensino fundamental) um plano de carreira bem estruturado, com salários que variam de R\$ 400,00 a R\$ 12.000,00 mensais. Para uma base de comparação, convém notar que, segundo dados do IBGE de 2001, 59% da população brasileira com mais de dez anos que declara ter uma atividade remunerada ganha no máximo o “piso salarial” oferecido pelo crime. Dos traficantes ouvidos pela pesquisa, 25% recebiam mais de R\$ 2.000,00 mensais; já na população brasileira essa taxa não ultrapassa 6%.

Tais rendimentos mostram que as políticas sociais compensatórias, como o Bolsa-Escola (que paga R\$ 15,00 mensais por aluno matriculado), são por si só incapazes de impedir que o narcotráfico continue aliciando crianças provenientes de estratos de baixa renda: tais políticas aliviam um pouco o orçamento familiar e incentivam os pais a manterem os filhos estudando, o que de modo algum impossibilita a opção pela delinquência. No mesmo sentido, os programas voltados aos jovens vulneráveis ao crime organizado (circo-escolas, oficinas de cultura, escolinhas de futebol) são importantes, mas não resolvem o problema.

A única maneira de reduzir a atração exercida pelo tráfico é a repressão, que aumenta os riscos para os que escolhem esse caminho. Os rendimentos pagos aos adolescentes provam isso: eles são elevados precisamente porque a possibilidade de ser preso não é desprezível. É preciso que o Executivo federal e os estaduais

desmontem as organizações paralelas erguidas pelas quadrilhas, para que a certeza de punição elimine o fascínio dos salários do crime.

Editorial. Folha de São Paulo. 15 jan. 2003.

5) (Enem/2010) Com base nos argumentos do autor, o texto aponta para

(A) uma denúncia de quadrilhas que se organizam em torno do narcotráfico.

(B) a constatação que o narcotráfico restringe-se aos centros urbanos.

(C) a informação de que as políticas sociais compensatórias eliminarão a atividade criminosa a longo prazo.

(D) o convencimento do leitor de que para haver a superação do problema do narcotráfico é preciso aumentar a ação policial.

(E) uma exposição numérica realizada com o fim de mostrar que o negócio do narcotráfico é vantajoso e sem riscos.

6) (Enem/2011) *A discussão sobre “o fim do livro de papel” com a chegada da mídia eletrônica me lembra a discussão idêntica sobre a obsolescência do folheto de cordel. Os folhetos talvez não existam mais daqui a 100 ou 200 anos, mas, mesmo que isso aconteça, os poemas de Leandro Gomes de Barros ou Manuel Camilo dos Santos continuarão sendo publicados e lidos — em CD-ROM, em livro eletrônico, em “chips quânticos”, sei lá o quê. O texto é uma espécie de alma imortal, capaz de reencarnar em corpos variados: página impressa, livro em Braille, folheto, “coffee-table book”, cópia manuscrita, arquivo PDF... Qualquer texto pode se reencarnar nesses (e em outros) formatos, não importa se é Moby Dick ou Viagem a São Saruê, se é Macbeth ou O livro de piadas de Casseta & Planeta.*

TAVARES, B. Disponível em: <http://jornaldaparaiba.globo.com>.

Ao refletir sobre a possível extinção do livro impresso e o surgimento de outros suportes em via eletrônica, o cronista manifesta seu ponto de vista, defendendo que

(A) o cordel é um dos gêneros textuais, por exemplo, que será extinto com o avanço da tecnologia.

(B) o livro impresso permanecerá como objeto cultural veiculador de impressões e de valores culturais.

(C) o surgimento da mídia eletrônica decretou o fim do prazer de se ler textos em livros e suportes impressos.

(D) os textos continuarão vivos e passíveis de reprodução em novas tecnologias, mesmo que os livros desapareçam.

(E) os livros impressos desaparecerão e, com eles, a possibilidade de se ler obras literárias dos mais diversos gêneros.

7) (Enem/2011) *O tema da velhice foi objeto de estudo de brilhantes filósofos ao longo dos tempos. Um dos melhores livros sobre o assunto foi escrito pelo pensador e orador romano Cícero: A Arte do Envelhecimento. Cícero nota, primeiramente, que todas as idades têm seus encantos e suas dificuldades. E depois aponta para um paradoxo da humanidade. Todos sonhamos ter uma vida longa, o que significa viver muitos anos. Quando realizamos a meta, em vez de celebrar o feito, nos atiramos a um estado de melancolia e amargura. Ler as palavras de Cícero sobre envelhecimento pode ajudar a aceitar melhor a passagem do tempo.*

NOGUEIRA, P. Saúde & Bem-Estar Antienvelhecimento. Época. 28 abr. 2008.

O autor discute problemas relacionados ao envelhecimento, apresentando argumentos que levam a inferir que seu objetivo é

- (A) esclarecer que a velhice é inevitável.
- (B) contar fatos sobre a arte de envelhecer.
- (C) defender a ideia de que a velhice é desagradável.
- (D) influenciar o leitor para que lute contra o envelhecimento.
- (E) mostrar às pessoas que é possível aceitar, sem angústia, o envelhecimento.

8) (Enem/2011) *No Brasil, a condição cidadã, embora dependa da leitura e da escrita, não se basta pela enunciação do direito, nem pelo domínio desses instrumentos, o que, sem dúvida, viabiliza melhor participação social. A condição cidadã depende, seguramente, da ruptura com o ciclo da pobreza, que penaliza um largo contingente populacional.*

Formação de leitores e construção da cidadania, memória e presença do PROLER.

Rio de Janeiro: FBN, 2008.

Ao argumentar que a aquisição das habilidades de leitura e escrita não são suficientes para garantir o exercício da cidadania, o autor

- (A) critica os processos de aquisição da leitura e da escrita.
- (B) fala sobre o domínio da leitura e da escrita no Brasil.
- (C) incentiva a participação efetiva na vida da comunidade.
- (D) faz uma avaliação crítica a respeito da condição cidadã do brasileiro.
- (E) define instrumentos eficazes para elevar a condição social da população do Brasil.

9) (Enem /2011)

Texto I

O Brasil sempre deu respostas rápidas através da solidariedade do seu povo. Mas a mesma força que nos motiva a ajudar o próximo deveria também nos motivar a ter atitudes cidadãs. Não podemos mais transferir a culpa para quem é vítima ou até mesmo para a própria natureza, como se essa seguisse a lógica humana. Sobram desculpas esfarrapadas e falta competência da classe política.

Cartas. IstoÉ. 28 abr. 2010.

Texto II

Não podemos negar ao povo sofrido todas as hipóteses de previsão dos desastres. Demagogos culpam os moradores; o governo e a prefeitura apelam para as pessoas saírem das áreas de risco e agora dizem que será compulsória a realocação. Então temos a realocar o Brasil inteiro! Criemos um serviço, similar ao SUS, com alocação obrigatória de recursos orçamentários com rede de atendimento preventivo, onde participariam arquitetos, engenheiros, geólogos. Bem ou mal, esse "SUS" organizaria brigadas nos locais. Nos casos da dengue, por exemplo, poderia verificar as condições de acontecer epidemias. Seriam boas ações preventivas.

Carta do Leitor. Carta Capital. 28 abr. 2010 (adaptado).

Os textos apresentados expressam opiniões de leitores acerca de relevante assunto para a sociedade brasileira. Os autores dos dois textos apontam para a:

- (A) necessidade de trabalho voluntário contínuo para a resolução das mazelas sociais.

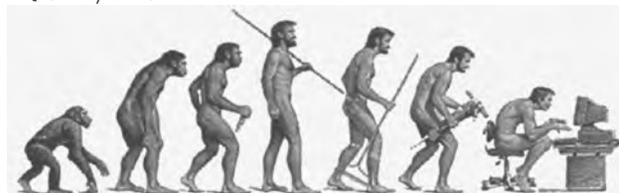
(B) importância de ações preventivas para evitar catástrofes, indevidamente atribuídas aos políticos.

(C) incapacidade política para agir de forma diligente na resolução das mazelas sociais.

(D) urgência de se criarem novos órgãos públicos com as mesmas características do SUS.

(E) impossibilidade de o homem agir de forma eficaz ou preventiva diante das ações da natureza

10) (Enem/2011)



Disponível em: <http://www.wordinfo.info>. Acesso em: 27 abr. 2010.

O argumento presente na charge consiste em uma metáfora relativa à teoria evolucionista e ao desenvolvimento tecnológico. Considerando o contexto apresentado, verifica-se que o impacto tecnológico pode ocasionar

- (A) o surgimento de um homem dependente de um novo modelo tecnológico.
- (B) a mudança do homem em razão dos novos inventos que destroem sua realidade.
- (C) a problemática social de grande exclusão digital a partir da interferência da máquina.
- (D) a invenção de equipamentos que dificultam o trabalho do homem, em sua esfera social.
- (E) o retrocesso do desenvolvimento do homem em face da criação de ferramentas como lança, máquina e computador.

GRUPO 2 – Identificar e explicar os argumentos

Texto para as questões 1 e 2

Em uma disputa por terras, em Mato Grosso do Sul, dois depoimentos são colhidos: o do proprietário de uma fazenda e o de um integrante do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terras:

Depoimento 1

“A minha propriedade foi conseguida com muito sacrifício pelos meus antepassados. Não admito invasão. Essa gente não sabe de nada. Estão sendo manipulados pelos comunistas. Minha resposta será à bala. Esse povo tem que saber que a Constituição do Brasil garante a propriedade privada. Além disso, se esse governo quiser as minhas terras para a Reforma Agrária terá que pagar, em dinheiro, o valor que eu quero.” proprietário de uma fazenda no Mato Grosso do Sul.

Depoimento 2

“Sempre lutei muito. Minha família veio para a cidade porque fui despedido quando as máquinas chegaram lá na Usina. Seu moço, acontece que eu sou um

homem da terra. Olho pro céu, sei quando é tempo de plantar e de colher. Na cidade não fico mais. Eu quero um pedaço de terra, custe o que custar. Hoje eu sei que não estou sozinho. Aprendi que a terra tem um valor social. Ela é feita para produzir alimento. O que o homem come vem da terra. O que é duro é ver que aqueles que possuem muita terra e não dependem dela para sobreviver, pouco se preocupam em produzir nela.”— integrante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), de Corumbá — MS.

1) (Enem/1998) A partir da leitura do depoimento 1, os argumentos utilizados para defender a posição do proprietário de terras são:

I. A Constituição do país garante o direito à propriedade privada, portanto, invadir terras é crime.

II. O MST é um movimento político controlado por partidos políticos.

III. As terras são o fruto do árduo trabalho das famílias que as possuem.

IV. Este é um problema político e depende unicamente da decisão da justiça.

Estão corretas as proposições:

(A) I, apenas.

(B) I e IV, apenas.

(C) II e IV, apenas.

(D) I, II e III, apenas.

(E) I, III e IV, apenas.

2) (Enem/1998) A partir da leitura do depoimento 2, quais os argumentos utilizados para defender a posição de um trabalhador rural sem terra?

I. A distribuição mais justa da terra no país está sendo resolvida, apesar de que muitos ainda não têm acesso a ela.

II. A terra é para quem trabalha nela e não para quem a acumula como bem material.

III. É necessário que se suprima o valor social da terra.

IV. A mecanização do campo acarreta a dispensa de mão de obra rural.

Estão corretas as proposições:

(A) I, apenas.

(B) II, apenas.

(C) II e IV, apenas.

(D) I, II e III, apenas.

(E) III, I, IV, apenas.

Texto para as questões 3 e 4

Em material para análise de determinado marketing político, lê-se a seguinte conclusão:

A explosão demográfica que ocorreu a partir dos anos 50, especialmente no Terceiro Mundo, suscitou teorias ou políticas demográficas divergentes. Uma primeira teoria, dos neomalthusianos, defende que o crescimento demográfico dificulta o desenvolvimento econômico, já que provoca uma diminuição na renda nacional per capita e desvia os investimentos do Estado para setores menos produtivos. Diante disso, o país deveria desenvolver uma rígida política de controle de natalidade. Uma segunda, a teoria reformista, argumenta que o problema não está na renda per capita e sim na distribuição irregular da renda, que não permite o acesso à educação e saúde. Diante disso o país deve promover a igualdade econômica e a justiça social.

3) (Enem/1999) Qual dos *slogans* abaixo poderia ser utilizado para defender o ponto de vista neomalthusiano?

(A) “Controle populacional — nosso passaporte para o desenvolvimento.”

(B) “Sem reformas sociais o país se reproduz e não produz.”

(C) “População abundante, país forte!”

(D) “O crescimento gera fraternidade e riqueza para todos.”

(E) “Justiça social, sinônimo de desenvolvimento.”

4) (Enem/1999) Qual dos *slogans* abaixo poderia ser utilizado para defender o ponto de vista dos reformistas?

(A) “Controle populacional já, ou o país não resistirá.”

(B) “Com saúde e educação, o planejamento familiar virá por opção!”

(C) “População controlada, país rico!”

(D) “Basta mais gente, que o país vai para frente!”

(E) “População menor, educação melhor!”

Texto para a questão 5

Astroteologia

Aparentemente, foi o filósofo grego Epicuro que sugeriu, já em torno de 270 a.C., que existem inúmeros mundos espalhados pelo cosmo, alguns como o nosso e outros completamente diferentes, muitos deles com criaturas e plantas.

Desde então, ideias sobre a pluralidade dos mundos têm ocupado uma fração significativa do debate entre ciência e religião. Em um exemplo dramático, o monge Giordano Bruno foi queimado vivo pela Inquisição Romana em 1600 por pregar, dentre outras coisas, que cada estrela é um Sol e que cada Sol tem seus planetas.

Religiões mais conservadoras negam a possibilidade de vida extraterrestre, especialmente se for inteligente. No caso do cristianismo, Deus é o criador e a criação é descrita na Bíblia, e não vemos qualquer menção de outros mundos e gentes. Pelo contrário, os homens são as criaturas escolhidas e, portanto, privilegiadas. Todos os animais e plantas terrestres estão aqui para nos servir. Ser inteligente é uma dádiva que nos põe no topo da pirâmide da vida.

O que ocorreria se travássemos contato com outra civilização inteligente? Deixando de lado as inúmeras dificuldades de um contato dessa natureza — da raridade da vida aos desafios tecnológicos de viagens interestelares — tudo depende do nível de inteligência dos membros dessa civilização.

Se são eles que vêm até aqui, não há dúvida de que são muito mais desenvolvidos do que nós. Não necessariamente mais inteligentes, mas com mais tempo para desenvolver suas tecnologias. Afinal, estamos ainda na infância da era tecnológica: a primeira locomotiva a vapor foi inventada há menos de 200 anos (em 1814).

Tal qual a reação dos nativos das Américas quando viram as armas de fogo dos europeus, o que são capazes de fazer nos pareceria mágica.

Claro, ao abriremos a possibilidade de que vida extraterrestre inteligente exista, a probabilidade de que sejam mais inteligentes do que nós é alta. De qualquer forma, mais inteligentes ou mais avançados tecnologicamente, nossa reação ao travar contato com tais seres seria um misto de adoração e terror. Se fossem muito mais avançados do que nós, o ponto de haverem desenvolvido tecnologias que os

liberassem de seus corpos, esses seres teriam uma existência apenas espiritual. A essa altura, seria difícil distingui-los de deuses.

Por mais de 40 anos, cientistas vasculham os céus com seus radiotelescópios tentando ouvir sinais de civilizações inteligentes. (...) Infelizmente, até agora nada foi encontrado. Muitos cientistas acham essa busca uma imensa perda de tempo e de dinheiro. As chances de que algo significativo venha a ser encontrado são extremamente remotas.

Em quais frequências os ETs estariam enviando os seus sinais? E como decifrá-los? Por outro lado, os que defendem a busca afirmam que um resultado positivo mudaria profundamente a nossa civilização. A confirmação da existência de outra forma de vida inteligente no universo provocaria uma revolução. Alguns até afirmam que seria a maior notícia já anunciada de todos os tempos. Eu concordo.

Não estaríamos mais sós. Se os ETs fossem mais avançados e pacíficos, poderiam nos ajudar a lidar com nossos problemas sociais, como a fome, o racismo e os confrontos religiosos. Talvez nos ajudassem a resolver desafios científicos. Nesse caso, quão diferentes seriam dos deuses que tantos acreditam existir? Não é à toa que inúmeras seitas modernas dirigem suas preces às estrelas e não aos altares.

Marcelo Gleiser (Folha de São Paulo, 01/03/2009)

5) (Uerj/2010— Exame de Qualificação) Todo texto argumentativo é construído com base na apresentação e defesa de pontos de vista.

A premissa do autor a favor de pesquisas interplanetárias apoia-se, sobretudo, na possibilidade de:

- (A) incentivar o interesse por outras civilizações
- (B) livrar os seres humanos dos confrontos religiosos
- (C) encorajar os cientistas na busca de novos desafios
- (D) conduzir a humanidade a profundas transformações

Texto para a questão 6

A liberdade da rede corre perigo

A internet como nós conhecemos corre risco de morte. Em um futuro não muito distante é possível que nossos filhos chamem de “internet” algo bem diferente daquilo que hoje conhecemos por esse nome.

Pedágio na internet

Agora, quando a internet se torna o novo paradigma das comunicações e outras mídias já começam a incorporar a sua “linguagem”, as donas das redes (operadoras de telefonia fixa e de TV a cabo) perceberam que elas podem auferir enormes vantagens com o controle da infraestrutura da internet.

Os donos da infraestrutura poderão estabelecer diferenças no tratamento dado aos conteúdos que circulam na rede. Assim, se uma empresa pagou mais, seus conteúdos terão um tratamento diferenciado, circulando em vias expressas de maior velocidade. Aqueles que não puderem pagar terão que se contentar em ter websites que demoram uma enormidade para abrir ou em emitir e-mails que demorarão mais do que outros para chegar aos seus destinatários.

Sem ferir a liberdade de expressão, essa medida pode ser um duríssimo golpe na diversidade cultural e política da internet.

Eu sei quem você é e o que faz

Muito de nossas vidas está espalhado pela internet. Os sites que visitamos, as compras que fazemos, nossas buscas, nossas comunidades e amigos, os e-mails que enviamos e recebemos, os arquivos que baixamos etc.

Agora, imagine que isso tudo possa ser reunido e analisado. Não apenas por governos totalitários, mas também por empresas ávidas por conhecer o padrão de consumo de cada indivíduo a fim de lhe suprir com uma produção por demanda.

Tudo isso é possível, em primeiro lugar, pela inexistência de regras internacionais. Por exemplo, a empresa Google se recusa a prestar contas ao Ministério Público Federal sobre páginas de pedofilia no site de relacionamentos Orkut, alegando que os servidores estão nos Estados Unidos e somente lá o assunto poderia ser levado à Justiça. Mas a mesma empresa instalou servidores na China a fim de permitir que o governo daquele país tenha acesso às informações dos usuários dos diversos serviços prestados pela Google.

No Brasil, o Senado está preparando uma lei que considera como “identificação do usuário” não apenas sua senha, mas também “nome completo, data de nascimento, endereço completo e todos os demais dados que sejam requeridos”.

Ou seja, cybercafés, telecentros comunitários e universidades, por exemplo, terão que manter por cinco anos, endereço, data de nascimento, nome completo, número de CPF e sites visitados por cada usuário.

Adaptado de Gustavo Gindre (www.consciencia)

6) (Uerj/2008 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação) O texto desenvolve o alerta feito no título, expondo duas ameaças à rede mundial de computadores. Essas ameaças são apresentadas, especificamente, pelos dois subtítulos.

Identifique a que ameaça se refere cada um dos subtítulos do texto.

GRUPO 3 – Identificar e explicar as falhas de argumentação

1) (Uerj/2002 — Exame de Qualificação)

A televisão não transmite regularmente cenas de violência, nos telejornais, nos filmes e até nos desenhos animados? Pois então: a nossa sociedade é muito violenta! Como fica demonstrado, a causa da violência é a televisão.

Logo, deve-se simplesmente censurar as cenas de violência de todos os programas de televisão.

O argumento apresentado no trecho acima é um sofisma. Podemos caracterizar este sofisma como:

- (A) círculo vicioso
- (B) desvio de assunto
- (C) silogismo não válido
- (D) confusão entre causas e efeitos

Texto para a questão 2

Fórum de discussão

Mensagem 1:

A ciência, para muitos, tem um lado maligno. Para alguns, estamos passando por uma nova Idade Média, onde a técnica alienante faz as vezes da

religião católica. Até agora, minha conclusão é pessimista: por mais que violentemos nosso pensamento, nossa razão ainda estará subordinada ao desejo. E assim, não há certo ou errado. A ciência nos dá (ou melhor, vende) armas contra a natureza, que usamos contra nós mesmos, apenas isso. Não existe nada mais irracional que o trabalho científico dos dias atuais.

Mensagem 2:

Caro M., o que você entende exatamente por “ciência”? Um oráculo todo-poderoso e prepotente que diz aos pobres e tolos homens o que está certo e o que é errado? Como pode dizer que ela nos dá armas contra a natureza? Não me vem à cabeça neste momento característica mais própria da natureza humana do que o modo científico de pensar. Você não consegue encontrar nada de científico no método de caça de um aborígene australiano? Ou então no modo de um crenacore* do Amazonas tratar a terra para o cultivo? Você está claramente confundindo aplicação da tecnologia com ciência. Muitos filósofos têm tido problemas para separar uma coisa da outra (e muitos cientistas também). Se você acha que construir uma bomba atômica, por exemplo, é um trabalho científico, está enganado. É pura e simplesmente um trabalho tecnológico. É claro que ele depende do conhecimento científico, mas é impossível construir conhecimento científico visando sua aplicação imediata. Aqueles que, como você, confundem Igreja Católica da Idade Média com ciência, esquecem-se (ou não sabem) que esta última tem embutida em si um mecanismo de correção de erros, que é o motor que a move. Nenhuma questão é tratada pela ciência como fechada, nenhum conhecimento está imune de questionamento e dúvida. Com certeza eu não concordo com muito do que a humanidade vem construindo através da aplicação do conhecimento científico; no entanto, a própria ciência é a arma mais poderosa que temos para enfrentar estas questões, e por isso criticá-la é um tiro pela culatra. Você pode fazer como muitos histéricos e criticar a ciência porque a Monsanto patenteou uma soja que tolera um único pesticida, cinco vezes mais forte que os tradicionais, além do fato de o pesticida ser da própria Monsanto. Mas você estará também sendo contra a salvação de milhares de vidas na África, onde o único modo de obter-se vacinas é cultivando bananas transgênicas que contêm antígenos. Para mim, isto é que é ser irracional.

Fórum Cético Brasileiro — janeiro de 2002 — <http://www.nitnet.com.br>

*indivíduo pertencente à tribo indígena de mesmo nome

2) (Uerj/2003 — Exame de Qualificação — adaptada) O segundo autor, na sua resposta, emprega um sofisma: desvia-se da questão em debate e sugere uma desqualificação do oponente.

Esse sofisma está contido na seguinte alternativa:

- (A) “Caro M., o que você entende exatamente por ‘ciência’?”
 (B) “Você está claramente confundindo aplicação da tecnologia com ciência.”
 (C) “Se você acha que construir uma bomba atômica, por exemplo, é um trabalho científico, está enganado.”
 (D) “Você pode fazer como muitos histéricos e criticar a ciência”

Texto para a questão 3

Crônica da abolição

Eu pertenço a uma família de profetas “après coup”¹, “post factum”², “depois do gato morto”, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (“coupe do milieu”³, mas eu prefiro falar a minha língua) levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que acabava de publicar brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo: fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida, e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! meu senhô! Fico.

— Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo: tu crescestes imensamente. Quando nasceste eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

— Artura não qué dizê nada, não, senhô...

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis: mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

— Eu vaio um galo, sim, senhô.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo: aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio: daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente e (Deus me perdoe!) creio que até alegre. [...]

Vocabulário:

1 – “après coup”: depois do golpe

2 – “post factum”: depois do fato

3 – “coupe do milieu”: o autor utiliza uma expressão inexistente em francês para mostrar a ignorância do personagem

3) (Uerj/2009 – Língua Portuguesa Instrumental com Redação)

– *Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo: tu cresceste imensamente. Quando nasceste eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu.*

A fala do senhor de Pancrácio deseja convencer e persuadir seu interlocutor. O argumento apresentado, entretanto, é intencionalmente falho, isto é, configura uma falácia. Explique em que consiste esta falácia.

GRUPO 4 – Identificar e explicar as estratégias argumentativas**Texto para as questões 1 e 2****Herói na contemporaneidade**

Quando eu era criança, passava todo o tempo desenhando super-heróis.

Recorro ao historiador de mitologia Joseph Campbell, que diferenciava as duas figuras públicas: o herói (figura pública antiga) e a celebridade (a figura pública moderna). Enquanto a celebridade se populariza por viver para si mesma, o herói assim se tornava por viver servindo sua comunidade. Todo super-herói deve atravessar alguma via crucis. Gandhi, líder pacifista indiano, disse que, quanto maior nosso sacrifício, maior será nossa conquista. Como Hércules, como Batman.

Toda história em quadrinhos traz em si alguma coisa de industrial e marginal, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto. Os filmes de super-herói, ainda que transpondo essa cultura para a grande e famigerada indústria, realizam uma outra façanha, que provavelmente sem eles não ocorreria: a formação de novas mitologias reafirmando os mesmos ideais heroicos da Antiguidade para o homem moderno. O cineasta italiano Fellini afirmou uma vez que Stan Lee, o criador da editora Marvel e de diversos heróis populares, era o Homero dos quadrinhos.

Toda boa história de super-herói é uma história de exclusão social. Homem-Aranha é um nerd, Hulk é um monstro amaldiçoado, Demolidor é um deficiente, os X-Men são indivíduos excepcionais, Batman é um órfão, Super-Homem é um alienígena expatriado. São todos símbolos da solidão, da sobrevivência e da abnegação humana.

Não se ama um herói pelos seus poderes, mas pela sua dor. Nossos olhos podem até se voltar a eles por suas habilidades fantásticas, mas é na humanidade que eles crescem dentro do gosto popular. Os super-heróis que não sofrem ou simplesmente trabalham para o sistema vigente tendem a se tornar meio bobos, como o Tocha-Humana ou o Capitão América.

Hulk e Homem-Aranha são seres que criticam a incoerência da ciência, com sua energia atômica e suas experiências genéticas. Os X-Men nos advertem para a educação inclusiva. Super-Homem é aquele que mais se aproxima de Jesus Cristo, e por isso talvez seja o mais popular de todos, em seu sacrifício solitário em

defesa dos seres humanos, mas também tem algo de Aquiles, com seu calcanhar que é a kriptonita. Humano e super-herói, como Gandhi.

Não houve nenhuma literatura que tenha me marcado mais do que essas histórias em quadrinhos. Eu raramente as leio hoje em dia, mas quando assisto a bons filmes de super-heróis eu lembro que todos temos um lado ingênuo e bom, que pode ser capaz de suportar a dor da solidão por um princípio.

CHUÍ, Fernando. Adaptado de <http://fernandochui.blogspot.com>

1) (Uerj/2009—Exame de Qualificação) A argumentação se estrutura por meio de diferentes mecanismos discursivos. No quarto parágrafo, o mecanismo empregado consiste na apresentação de:

- (A) opinião apoiada em exemplos
- (B) alegação partilhada por muitos
- (C) construção caracterizada como dialética
- (D) definição baseada em elementos válidos

2) (Uerj/2009 – Exame de Qualificação) A utilização de testemunhos autorizados, como o de Fellini, é uma conhecida estratégia retórica.

O uso dessa estratégia produz, no texto, o efeito de:

- (A) oposição entre estilos diversificados
- (B) exemplificação de opiniões variadas
- (C) delimitação de um contraponto temporal
- (D) confirmação dos posicionamentos do autor

Texto para a questão 3**Do bom uso do relativismo**

Hoje, pela multimídia, imagens e gentes do mundo inteiro nos entram pelos telhados, portas e janelas e convivem conosco. É o efeito das redes globalizadas de comunicação. A primeira reação é de perplexidade que pode provocar duas atitudes: ou de interesse para melhor conhecer, que implica abertura e diálogo, ou de distanciamento, que pressupõe fechar o espírito e excluir. De todas as formas, surge uma percepção incontornável: nosso modo de ser não é o único. Há gente que, sem deixar de ser gente, é diferente. Quer dizer, nosso modo de ser, de habitar o mundo, de pensar, de valorar e de comer não é absoluto. Há mil outras formas diferentes de sermos humanos, desde a forma dos esquimós siberianos, passando pelos yanomamis do Brasil, até chegarmos aos sofisticados moradores de Alphavilles¹, onde se resguardam as elites opulentas e amedrontadas. O mesmo vale para as diferenças de cultura, de língua, de religião, de ética e de lazer.

Deste fato surge, de imediato, o relativismo em dois sentidos: primeiro, importa relativizar todos os modos de ser; nenhum deles é absoluto a ponto de invalidar os demais; impõe-se também a atitude de respeito e de acolhida da diferença porque, pelo simples fato de estar-aí, goza de direito de existir e de coexistir; segundo, o relativo quer expressar o fato de que todos estão de alguma forma relacionados. Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. Devemos alargar a compreensão do humano para além de nossa concretização. Somos uma geo-sociedade una, múltipla e diferente.

Todas estas manifestações humanas são portadoras de valor e de verdade. Mas são um valor e uma verdade relativos, vale dizer, relacionados uns aos outros, autoimplicados, sendo que nenhum deles, tomado em si, é absoluto.

Então não há verdade absoluta? Vale o *everything goes*² de alguns pós-modernos? Quer dizer, o “vale tudo”? Não é o vale tudo. Tudo vale na medida em que mantém relação com os outros, respeitando-os em sua diferença. Cada um é portador de verdade mas ninguém pode ter o monopólio dela. Todos, de alguma forma, participam da verdade. Mas podem crescer para uma verdade mais plena, na medida em que mais e mais se abrem uns aos outros.

Bem dizia o poeta espanhol António Machado: “Não a tua verdade. A verdade. Vem comigo buscá-la. A tua, guarde-a”. Se a buscarmos juntos, no diálogo e na cordialidade, então mais e mais desaparece a minha verdade para dar lugar à Verdade comungada por todos.

A ilusão do Ocidente é de imaginar que a única janela que dá acesso à verdade, à religião verdadeira, à autêntica cultura e ao saber crítico é o seu modo de ver e de viver. As demais janelas apenas mostram paisagens distorcidas. Ele se condena a um fundamentalismo visceral que o fez, outrora, organizar massacres ao impor a sua religião e, hoje, guerras para forçar a democracia no Iraque e no Afeganistão.

Devemos fazer o bom uso do relativismo, inspirados na culinária. Há uma só culinária, a que prepara os alimentos humanos. Mas ela se concretiza em muitas formas, as várias cozinhas: a mineira, a nordestina, a japonesa, a chinesa, a mexicana e outras. Ninguém pode dizer que só uma é a verdadeira e gostosa e as outras não. Todas são gostosas do seu jeito e todas mostram a extraordinária versatilidade da arte culinária. Por que com a verdade deveria ser diferente?

BOFF, Leonardo. <http://alainet.org>

1 – Alphavilles: condomínios de luxo

2 – *everything goes*: literalmente, “todas as coisas vão”; equivale à expressão “vale tudo”

3) (Uerj/2009 – Língua Portuguesa Instrumental com Redação) O penúltimo parágrafo, que faz uma crítica ao Ocidente, cumpre uma função específica na argumentação do autor. Explícite de que maneira esse parágrafo contribui para o desenvolvimento dessa argumentação.

Texto para a questão 4

Gaveta dos guardados

A memória é a gaveta dos guardados. Nós somos o que somos, não o que virtualmente seríamos capazes de ser.

Minha bagagem são os meus sonhos. Fui o poeta das ruas, das vielas silenciosas do Rio, antes que se tomasse uma cidade assolada pela violência. Sempre fui ligado à terra, ao meu pátio.

No Rio Grande do Sul estou no colo da mãe. Creio que minha fase atual, neste momento, em 1993, reflete a eterna solidão do homem.

A obra só se completa e vive quando expressa. Nos meus quadros, o ontem se faz presente no agora. Lanço-me na pintura e na vida por inteiro, como um mergulhador na água. A arte é também história. E expressa a nossa humanidade. A arte é intemporal, embora guarde a fisionomia de cada época. Conheci em Paris um escultor brasileiro, bolsista, que não frequentava museus para não perder a personalidade, esquecendo que só se perde o que se tem.

A memória é a gaveta dos guardados, repito para sublinhar. O clima dos meus quadros vem da solidão da campanha, do campo, onde fui guri e adolescente. Na velhice perde-se a nitidez da visão e se aguça a do espírito.

A memória pertence ao passado. É um registro. Sempre que a evocamos, se faz presente, mas permanece intocável, como um sonho. A percepção do real tem a concreteness, a realidade física, tangível. Mas como os instantes se sucedem feito os tique-taques do relógio, eles vão se transformando em passado, em memória, e isso é tão inaferrável* como um instante nos confins do tempo.

Escrever pode ser, ou é, a necessidade de tocar a realidade que é a única segurança de nosso estar no mundo — o existir. É difícil, se não impossível, precisar quando as coisas começam dentro de nós.

A vida dói... Para mim o tempo de fazer perguntas passou. Penso numa grande tela que se abre, que se me oferece intocada, virgem. A matéria também sonha. Procuo a alma das coisas. Nos meus quadros o ontem se faz presente no agora. A criação é um desdobramento contínuo, em uníssono com a vida. O autorretrato do pintor é pergunta que ele faz a si mesmo, e a resposta também é interrogação. A verdade da obra de arte é a expressão que ela nos transmite. Nada mais do que isso!

FOLHA DE SÃO PAULO, 09/05/1998. CAMARGO, Iberê. In: NESTROVSKI, Arthur (Org.).

Figuras do Brasil: 80 autores em 80 anos de Folha. São Paulo: Publifolha, 2001.

*inaferrável: Pode ser entendido como “inalcançável”.

4) (Uerj/2005 – Exame de Qualificação) *Conheci em Paris um escultor brasileiro, bolsista, que não frequentava museus para não perder a personalidade, esquecendo que só se perde o que se tem.*

No quarto parágrafo, o fragmento acima constitui uma estratégia utilizada pelo autor para desconstruir um determinado ponto de vista contrário ao seu. Essa estratégia e a justificativa para seu uso estão definidas na seguinte alternativa:

- (A) exemplo — demonstração irônica do vínculo entre arte e história
- (B) paralelismo — destaque retórico da experiência individual e coletiva
- (C) reiteração — valorização excessiva do elo entre cultura e humanidade
- (D) comparação — fundamentação lógica da relação entre o artista e sua criação

Texto para a questão 5

Competição e individualismo excessivos ameaçam saúde dos trabalhadores

Ideologia do individualismo

O novo cenário mundial do trabalho apresenta facetas como a da competição globalizada e a da ideologia do individualismo. A afirmação foi feita pelo professor da Universidade de Brasília (UnB) Mário César Ferreira, ao participar do seminário Trabalho em Debate: Crise e Oportunidades. Segundo ele, pela primeira vez, há uma ligação direta entre trabalho e índices de suicídio, sobretudo na França, em função das mudanças focadas na ideia de excelência.

Fim da especialização

“A configuração do mundo do trabalho é cada vez mais volátil”, disse o professor. Ele destacou ainda a crescente expansão do terceiro setor, do trabalho em domicílio e do trabalho feminino, bem como a exclusão de perfis como o de trabalhadores jovens e dos fortemente especializados. “As organizações preferem perfis polivalentes e multifuncionais.” Desta forma, a escolarização clássica do tra-

balhador amplia-se para a qualificação contínua, enquanto a ultraespecialização evolui para a multiespecialização.

Metamorfoses do trabalho

Ele ressaltou que as “metamorfoses” no cenário do trabalho não são “indolores” para os que trabalham e provocam erros frequentes, retrabalho, danificação de máquinas e queda de produtividade. Outra grande consequência, de acordo com o professor, diz respeito à saúde dos trabalhadores, que leva à alta rotatividade nos postos de trabalho e aos casos de suicídio. “Trata-se de um cenário em que todos perdem, a sociedade, os governantes e, em particular, os trabalhadores”, avaliou.

Articulação entre econômico e social

Para a coordenadora da Diretoria de Cooperação e Desenvolvimento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Christiane Girard, a problemática das relações de trabalho envolve também uma questão: qual o tipo de desenvolvimento que nós, como cidadãos, queremos ter? Segundo Christiane, é preciso “articular” o econômico e o social, como acontece na economia solidária. “Ela é uma das alternativas que aparecem e precisa ser discutida. A resposta do trabalhador se manifesta por meio do estresse, de doenças diversas e do suicídio. A gente não se pergunta o suficiente sobre o peso da gestão do trabalho”, disse a representante do Ipea.

Adaptado de www.diariodasaude.com.br

5) (Uerj/2011 — Exame de Qualificação) No texto, as falas do professor universitário e da coordenadora do instituto de pesquisa reforçam o sentido geral antecipado pelo título da matéria jornalística.

A citação de falas como as referidas acima é um recurso conhecido da argumentação. Esse recurso está corretamente descrito em:

- (A) exemplificação de fatos enunciados no texto
- (B) registro da divergência entre diferentes autores
- (C) apoio nas palavras de especialistas em uma área
- (D) apresentação de dados quantificados por pesquisas

Texto para a questão 6

Uma mulher chamada Guitarra

Um dia, casualmente, eu disse a um amigo que a guitarra, ou violão, era “a música em forma de mulher.” A frase o encantou e ele a andou espalhando como se ela constituísse o que os franceses chamam um mot d’esprit¹. Pesa-me ponderar que ela não quer ser nada disso; é, melhor, a pura verdade dos fatos.

O violão é não só a música (com todas as suas possibilidades orquestrais latentes) em forma de mulher, como, de todos os instrumentos musicais que se inspiram na forma feminina — viola, violino, bandolim, violoncelo, contrabaixo —, o único que representa a mulher ideal: nem grande, nem pequena; de pescoço alongado, ombros redondos e suaves, cintura fina e ancas plenas; cultivada, mas sem jactância²; relutante em exhibir-se, a não ser pela mão daquele a quem ama; atenta e obediente ao seu amado, mas sem perda de caráter e dignidade; e, na intimidade, tema, sábia e apaixonada. Há mulheres-violino, mulheres-violoncelo e até mulheres-contrabaixo.

(...) Divino, delicioso instrumento que se casa tão bem com o amor e tudo o que, nos instantes mais belos da natureza, induz ao maravilhoso abandono! E não é à toa que um dos seus mais antigos ascendentes se chama viola d’amore³, como a prenunciar o doce fenômeno de tantos corações diariamente feridos pelo melodioso acento de suas cordas... Até na maneira de ser tocado — contra o peito — lembra a mulher que se aninha nos braços do seu amado e, sem dizer-lhe nada, parece suplicar com beijos e carinhos que ele a tome toda, faça-a vibrar no mais fundo de si mesma, e a ame acima de tudo, pois do contrário ela não poderá ser nunca totalmente sua.

Ponha-se num céu alto uma Lua tranquila. Pede ela um contrabaixo? Nunca! Um violoncelo? Talvez, mas só se por trás dele houvesse um Casals⁴. Um bandolim? Nem por sombra! Um bandolim, com seus tremolos⁵, lhe perturbaria o luminoso êxtase. E o que pede então (dizeis) uma Lua tranquila num céu alto? E eu vos responderei: um violão. Pois dentre os instrumentos musicais criados pela mão do homem, só o violão é capaz de ouvir e de entender a Lua.

MORAES, Vinícius de. *Para viver um grande amor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

Vocabulário:

- 1 — mot d’esprit: dito espirituoso
- 2 — jactância: arrogância, orgulho, vaidade
- 3 — viola d’amore: viola de amor, antigo instrumento musical
- 4 — Casals: Pablo Casals, famoso violoncelista do século passado
- 5 — tremolos: repetições rápidas de uma ou duas notas musicais

6) (Uerj/2008 — Exame de Qualificação) Algumas estratégias argumentativas são empregadas para persuadir o leitor de que a opinião do enunciador é, na verdade, um fato.

A estratégia de persuasão presente nesse texto não inclui o uso de:

- (A) imagem poética
- (B) pergunta retórica
- (C) interlocução direta
- (D) argumento de autoridade

Texto para a questão 7

Fórum de discussão

Mensagem 1:

A ciência, para muitos, tem um lado maligno. Para alguns, estamos passando por uma nova Idade Média, onde a técnica alienante faz as vezes da religião católica. Até agora, minha conclusão é pessimista: por mais que violentemos nosso pensamento, nossa razão ainda estará subordinada ao desejo. E assim, não há certo ou errado. A ciência nos dá (ou melhor, vende) armas contra a natureza, que usamos contra nós mesmos, apenas isso. Não existe nada mais irracional que o trabalho científico dos dias atuais.

Mensagem 2:

Caro M., o que você entende exatamente por “ciência”? Um oráculo todo-poderoso e prepotente que diz aos pobres e tolos homens o que está certo e o que é errado? Como pode dizer que ela nos dá armas contra a natureza? Não me vem à cabeça neste momento característica mais própria da natureza humana do que o modo científico de pensar. Você não consegue encontrar nada de científico no método de caça de um aborígene australiano? Ou então no modo de um

crenacarore do Amazonas tratar a terra para o cultivo? Você está claramente confundindo aplicação da tecnologia com ciência. Muitos filósofos têm tido problemas para separar uma coisa da outra (e muitos cientistas também). Se você acha que construir uma bomba atômica, por exemplo, é um trabalho científico, está enganado. pura e simplesmente um trabalho tecnológico. É claro que ele depende do conhecimento científico, mas é impossível construir conhecimento científico visando sua aplicação imediata. Aqueles que, como você, confundem Igreja Católica da Idade Média com ciência, esquecem-se (ou não sabem) que esta última tem embutida em si um mecanismo de correção de erros, que é o motor que a move. Nenhuma questão é tratada pela ciência como fechada, nenhum conhecimento está imune de questionamento e dúvida. Com certeza eu não concordo com muito do que a humanidade vem construindo através da aplicação do conhecimento científico; no entanto, a própria ciência é a arma mais poderosa que temos para enfrentar estas questões, e por isso criticá-la é um tiro pela culatra. Você pode fazer como muitos histéricos e criticar a ciência porque a Monsanto patenteou uma soja que tolera um único pesticida, cinco vezes mais forte que os tradicionais, além do fato de o pesticida ser da própria Monsanto. Mas você estará também sendo contra a salvação de milhares de vidas na África, onde o único modo de obter-se vacinas é cultivando bananas transgênicas que contêm antígenos. Para mim, isto é que é ser irracional.*

Fórum Cético Brasileiro — janeiro de 2002 — <http://www.nitnet.com.br>

*Crenacarore — indivíduo pertencente à tribo indígena de mesmo nome

7) (Uerj/2003 — Exame de Qualificação) O autor da segunda mensagem emprega elementos de coesão ou ligação entre frases ou ideias para compor sua estratégia argumentativa: aceitar, em um primeiro momento, os argumentos do outro para, depois, combatê-los.

O trecho que exemplifica o uso de elementos de coesão para construir esse tipo de estratégia é:

(A) “Não me vem à cabeça neste momento característica mais própria da natureza humana do que o modo científico de pensar.”

(B) “Ou então no modo de um crenacarore do Amazonas tratar a terra para o cultivo?”

(C) “Com certeza eu não concordo com muito do que a humanidade vem construindo... no entanto, a própria ciência é a arma...para enfrentar estas questões,”

(D) “...porque a Monsanto patenteou uma soja que tolera um único pesticida,..., além do fato de o pesticida ser da própria Monsanto.”

Texto para a questão 8

O mundo para todos

Durante debate recente, nos Estados Unidos, fui questionado sobre o que pensava da internacionalização da Amazônia. O jovem introduziu sua pergunta dizendo que esperava a resposta de um humanista e não de um brasileiro. Foi a primeira vez que um debatedor determinou a ótica humanista como o ponto de partida para uma resposta minha.

De fato, como brasileiro eu simplesmente falaria contra a internacionalização da Amazônia. Por mais que nossos governos não tenham o devido cuidado com esse patrimônio, ele é nosso. Respondi que, como humanista, sentindo o risco da

degradação ambiental que sofre a Amazônia, podia imaginar a sua internacionalização, como também de tudo o mais que tem importância para a Humanidade. Se a Amazônia, sob uma ótica humanista, deve ser internacionalizada, internacionalizemos também as reservas de petróleo do mundo inteiro. O petróleo é tão importante para o bem-estar da humanidade quanto a Amazônia para o nosso futuro. Apesar disso, os donos das reservas sentem-se no direito de aumentar ou diminuir a extração de petróleo e subir ou não o seu preço. Os ricos do mundo, no direito de queimar esse imenso patrimônio da Humanidade.

Da mesma forma, o capital financeiro dos países ricos deveria ser internacionalizado. Se a Amazônia é uma reserva para todos os seres humanos, ela não pode ser queimada pela vontade de um dono, ou de um país. Queimar a Amazônia é tão grave quanto o desemprego provocado pelas decisões arbitrárias dos especuladores globais. Não podemos deixar que as reservas financeiras sirvam para queimar países inteiros na volúpia da especulação.

Antes mesmo da Amazônia, eu gostaria de ver a internacionalização de todos os grandes museus do mundo. O Louvre não deve pertencer apenas à França. Cada museu do mundo é guardião das mais belas peças produzidas pelo gênio humano. Não se pode deixar que esse patrimônio cultural, como o patrimônio natural amazônico, seja manipulado e destruído pelo gosto de um proprietário ou de um país. Não faz muito, um milionário japonês decidiu enterrar com ele um quadro de um grande mestre. Antes disso, aquele quadro deveria ter sido internacionalizado.

Durante o encontro em que recebi a pergunta, as Nações Unidas reuniam o Fórum do Milênio, mas alguns presidentes de países tiveram dificuldades em comparecer por constrangimentos na fronteira dos EUA. Por isso, eu disse que Nova York, como sede das Nações Unidas, deveria ser internacionalizada. Pelo menos Manhattan deveria pertencer a toda a Humanidade. Assim como Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade, com sua beleza específica, sua história do mundo, deveria pertencer ao mundo inteiro.

Se os EUA querem internacionalizar a Amazônia, pelo risco de deixá-la nas mãos de brasileiros, internacionalizemos todos os arsenais nucleares dos EUA. Até porque eles já demonstraram que são capazes de usar essas armas, provocando uma destruição milhares de vezes maior do que as lamentáveis queimadas feitas nas florestas do Brasil. Nos seus debates, os atuais candidatos à presidência dos EUA têm defendido a ideia de internacionalizar as reservas florestais do mundo em troca da dívida.

Começamos usando essa dívida para garantir que cada criança do mundo tenha possibilidade de ir à escola. Internacionalizemos as crianças tratando-as, todas elas, não importando o país onde nasceram, como patrimônio que merece cuidados do mundo inteiro. Ainda mais do que merece a Amazônia.

Quando os dirigentes tratarem as crianças pobres do mundo como um patrimônio da Humanidade, eles não deixarão que elas trabalhem quando deveriam estudar; que morram quando deveriam viver. Como humanista, aceito defender a internacionalização do mundo. Mas, enquanto o mundo me tratar como brasileiro, lutarei para que a Amazônia seja nossa. Só nossa.

BUARQUE, Cristovam. O Globo, 23/10/2000.

8) (Uerj/2003 – Exame de Qualificação) Cristovam Buarque, ao revelar os interesses ocultos na defesa da internacionalização da Amazônia, utiliza um recurso argumentativo conhecido como “redução ao absurdo”. Esse recurso consiste na aceitação inicial de uma proposição para dela extrair decorrências absurdas ou inaceitáveis.

O trecho que melhor exemplifica o uso deste recurso, em relação à proposta de internacionalização, é:

(A) “Não podemos deixar que as reservas financeiras sirvam para queimar países inteiros na volúpia da especulação.”

(B) “Cada museu do mundo é guardião das mais belas peças produzidas pelo gênio humano.”

(C) “Não se pode deixar que esse patrimônio cultural, como o patrimônio natural amazônico, seja manipulado e destruído pelo gosto de um proprietário ou de um país.”

(D) “Se os EUA querem internacionalizar a Amazônia, pelo risco de deixá-la nas mãos de brasileiros, internacionalizemos todos os arsenais nucleares dos EUA.”

Texto para a questão 9

A carreira do crime

Estudo feito por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz sobre adolescentes recrutados pelo tráfico de drogas nas favelas cariocas expõe as bases sociais dessas quadrilhas, contribuindo para explicar as dificuldades que o Estado enfrenta no combate ao crime organizado.

O tráfico oferece aos jovens de escolaridade precária (nenhum dos entrevistados havia completado o ensino fundamental) um plano de carreira bem estruturado, com salários que variam de R\$ 400,00 a R\$ 12.000,00 mensais. Para uma base de comparação, convém notar que, segundo dados do IBGE de 2001, 59% da população brasileira com mais de dez anos que declara ter uma atividade remunerada ganha no máximo o “piso salarial” oferecido pelo crime. Dos traficantes ouvidos pela pesquisa, 25% recebiam mais de R\$ 2.000,00 mensais; já na população brasileira essa taxa não ultrapassa 6%.

Tais rendimentos mostram que as políticas sociais compensatórias, como o Bolsa-Escola (que paga R\$ 15,00 mensais por aluno matriculado), são por si só incapazes de impedir que o narcotráfico continue aliciando crianças provenientes de estratos de baixa renda: tais políticas aliviam um pouco o orçamento familiar e incentivam os pais a manterem os filhos estudando, o que de modo algum impossibilita a opção pela delinquência. No mesmo sentido, os programas voltados aos jovens vulneráveis ao crime organizado (circo-escolas, oficinas de cultura, escolinhas de futebol) são importantes, mas não resolvem o problema.

A única maneira de reduzir a atração exercida pelo tráfico é a repressão, que aumenta os riscos para os que escolhem esse caminho. Os rendimentos pagos aos adolescentes provam isso: eles são elevados precisamente porque a possibilidade de ser preso não é desprezível. É preciso que o Executivo federal e os estaduais desmontem as organizações paralelas erguidas pelas quadrilhas, para que a certeza de punição elimine o fascínio dos salários do crime.

Editorial. Folha de São Paulo. 15 jan. 2003.

9) (Enem/2010) No Editorial, o autor defende a tese de que “as políticas sociais que procuram evitar a entrada dos jovens no tráfico não terão chances de sucesso enquanto a remuneração oferecida pelos traficantes for tão mais compensatória que aquela oferecida pelos programas do governo.” Para comprovar sua tese, o autor apresenta

(A) instituições que divulgam o crescimento de jovens no crime organizado.

(B) sugestões que ajudam a reduzir a atração exercida pelo crime organizado.

(C) políticas sociais que impedem o aliciamento de crianças no crime organizado.

(D) pesquisadores que se preocupam com os jovens envolvidos no crime organizado.

(E) números que comparam os valores pagos entre os programas de governo e o crime organizado.

Texto para a questão 10

A gentileza é algo difícil de ser ensinado e vai muito além da palavra educação. Ela é difícil de ser encontrada, mas fácil de ser identificada, e acompanha pessoas generosas e desprendidas, que se interessam em contribuir para o bem do outro e da sociedade. É uma atitude desobrigada, que se manifesta nas situações cotidianas e das maneiras mais prosaicas.

SIMURRO, S. A. B. *Ser gentil é ser saudável*. Disponível em: <http://www.abqv.org.br>.

Acesso em: 22 jun. 2006 (adaptado).

10) (Enem/2010) No texto, menciona-se que a gentileza extrapola as regras de boa educação. A argumentação construída:

(A) apresenta fatos que estabelecem entre si relações de causa e de consequência.

(B) descreve condições para a ocorrência de atitudes educadas.

(C) indica a finalidade pela qual a gentileza pode ser praticada.

(D) enumera fatos sucessivos em uma relação temporal.

(E) mostra oposição e acrescenta ideias.

GRUPO 5 – Identificar e compreender os métodos de raciocínio

Texto para a questão 1

A pátria

“Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do folclore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofo, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram férteis e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achava? Decepções. Onde estava a doçura de nossa

gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia. A que existia de fato, era a do Tenente Antonino, a do doutor Campos, a do homem do Itamarati.

E, bem pensando, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser a Pátria? Não teria levado toda a sua vida norteado por uma ilusão, por uma ideia a menos, sem base, sem apoio, por um Deus ou uma Deusa cujo império se esvaía? Não sabia que essa ideia nascera da amplificação da credence dos povos greco-romanos de que os ancestrais mortos continuariam a viver como sombras e era preciso alimentá-las para que eles não perseguissem os descendentes? Lembrou-se do seu Fustel de Coulanges... Lembrou-se de que essa noção nada é para os Menenanã, para tantas pessoas... Pareceu-lhe que essa ideia como que fora explorada pelos conquistadores por instantes sabedores das nossas subserviências psicológicas, no intuito de servir às suas próprias ambições...

Reviu a história; viu as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si para si: como um homem que vivesse quatro séculos, sendo francês, inglês, italiano, alemão, podia sentir a Pátria?

Uma hora, para o francês, o Franco-Condado era terra dos seus avós, outra não era; num dado momento, a Alsácia não era, depois era e afinal não vinha a ser.

Nós mesmos não tivemos a Cisplatina e não a perdemos; e, porventura, sentimos que haja lá manes dos nossos avós e por isso sofremos qualquer mágoa?

Certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista."

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

1) (Uerj/2001 — Exame de Qualificação) O personagem Policarpo Quaresma, no trecho acima, se encontra preso, prestes a ser executado pelo exército de Floriano Peixoto, por ter escrito uma carta ao presidente protestando contra o assassinato de prisioneiros. Antes de ser executado, ele reflete sobre a noção de pátria. Nos dois primeiros parágrafos, ele parte de suas próprias experiências, o que configura o seguinte método de raciocínio:

- (A) indutivo, pensando do particular para o geral
- (B) dedutivo, pensando do abstrato para o concreto
- (C) dialético, pensando a partir das suas contradições
- (D) sofismático, pensando do geral para o particular

Texto para a questão 2

O problema não é a escassez de recursos

Assessor da ONU para o Desenvolvimento Sustentável, José Carlos Libânio diz que o levantamento sobre as condições de vida no Rio demonstra que a relação da instituição com o Brasil se dará cada vez mais no campo da informação e menos no de recursos financeiros.

O GLOBO: Por que o Rio foi escolhido para ter o primeiro Relatório de Desenvolvimento Humano de uma cidade?

JOSÉ CARLOS LIBÂNIO: Primeiro, pela oferta de recursos intelectuais, que permitiu não só a criação de novos indicadores, como também desagregá-los. O

Brasil foi o primeiro país a ter um índice para todas as cidades. Com a experiência, resolvemos enfrentar o desafio de fazer o mesmo em nível local. O Rio foi escolhido porque se destaca no imaginário nacional e mundial. Era preciso identificar suas peculiaridades e talentos para planejar o seu futuro.

Em que situação de desenvolvimento humano o Rio se encontra?

LIBÂNIO: Olhamos para a vida carioca por diversos prismas e aparece uma cidade inusitada. Está entre as quatro capitais com melhores condições de vida. Mas, se comparada a outras capitais, sofre uma intensa desproporção de renda. Em termos de desigualdades, está em 11°. Fica claro que a dificuldade da cidade é a repartição dos recursos. A Zona Sul, por exemplo, tem renda per capita cinco vezes maior do que a Zona Norte.

Os problemas do Rio atingem a todos da mesma maneira?

LIBÂNIO: A vantagem do relatório é justamente olhar a informação desagregada, fechando o zoom do microscópio, para identificar onde a cidade está bem e onde não está. Médias, normalmente, mais escondem do que revelam. Não podemos supor, por exemplo, que todas as áreas pobres da cidade têm as mesmas condições de saneamento e acesso à água.

Como a ONU espera que o relatório seja aproveitado?

LIBÂNIO: O Brasil está se graduando junto à ONU e ao Banco Mundial. Isso significa que virão menos recursos a fundo perdido destes dois organismos. Vai ser preciso que haja mobilização da sociedade, porque vemos que o problema não é a escassez de recursos. A tendência é de que a ONU mande mais recursos para África e Ásia. Para o Brasil, os recursos serão mandados em ordem decrescente. O país poderá continuar contando com a ONU, mas a colaboração para o desenvolvimento se dará cada vez mais no campo da informação e menos da mobilização dos recursos financeiros.

LIBÂNIO, José Carlos. *O Globo*, 24/03/2001.

2) (Uerj/Uenf/Sade/2003 — Exame de Qualificação)

Médias, normalmente, mais escondem do que revelam. Não podemos supor, por exemplo, que todas as áreas pobres da cidade têm as mesmas condições de saneamento e acesso à água.

O trecho transcrito acima critica um uso específico do seguinte método de raciocínio:

- (A) dedutivo
- (B) dialético
- (C) indutivo
- (D) silogístico

Texto para a questão 3

Herói na contemporaneidade

Quando eu era criança, passava todo o tempo desenhando super-heróis.

Recorro ao historiador de mitologia Joseph Campbell, que diferenciava as duas figuras públicas: o herói (figura pública antiga) e a celebridade (a figura pública moderna). Enquanto a celebridade se populariza por viver para si mesma, o herói assim se tomava por viver servindo sua comunidade. Todo super-herói deve atravessar alguma via crucis.

Gandhi, líder pacifista indiano, disse que, quanto maior nosso sacrifício, maior será nossa conquista. Como Hércules, como Batman.

Toda história em quadrinhos traz em si alguma coisa de industrial e marginal, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto. Os filmes de super-herói, ainda

que transpõem essa cultura para a grande e famigerada indústria, realizam uma outra façanha, que provavelmente sem eles não ocorreria: a formação de novas mitologias reafirmando os mesmos ideais heroicos da Antiguidade para o homem moderno. O cineasta italiano Fellini afirmou uma vez que Stan Lee, o criador da editora Marvel e de diversos heróis populares, era o Homero dos quadrinhos.

Toda boa história de super-herói é uma história de exclusão social. Homem-Aranha é um nerd, Hulk é um monstro amaldiçoado, Demolidor é um deficiente, os X-Men são indivíduos excepcionais, Batman é um órfão, Super-Homem é um alienígena expatriado. São todos símbolos da solidão, da sobrevivência e da abnegação humana.

Não se ama um herói pelos seus poderes, mas pela sua dor. Nossos olhos podem até se voltar a eles por suas habilidades fantásticas, mas é na humanidade que eles crescem dentro do gosto popular. Os super-heróis que não sofrem ou simplesmente trabalham para o sistema vigente tendem a se tornar meio bobos, como o Tocha-Humana ou o Capitão América.

Hulk e Homem-Aranha são seres que criticam a inconseqüência da ciência, com sua energia atômica e suas experiências genéticas. Os X-Men nos advertem para a educação inclusiva. Super-Homem é aquele que mais se aproxima de Jesus Cristo, e por isso talvez seja o mais popular de todos, em seu sacrifício solitário em defesa dos seres humanos, mas também tem algo de Aquiles, com seu calcanhar que é a kriptonita. Humano e super-herói, como Gandhi.

Não houve nenhuma literatura que tenha me marcado mais do que essas histórias em quadrinhos. Eu raramente as leio hoje em dia, mas quando assisto a bons filmes de super-heróis eu lembro que todos temos um lado ingênuo e bom, que pode ser capaz de suportar a dor da solidão por um princípio.

CHUI, Fernando. Adaptado de <http://fernandochui.blogspot.com>

3) (Uerj/2009 — Exame de Qualificação) O método dedutivo organiza-se a partir de premissas gerais que são confirmadas por premissas particulares para se chegar a uma conclusão.

A frase do texto que evidencia uma premissa geral é:

- (A) “Quando eu era criança, passava todo o tempo desenhando super-heróis.”
 (B) “Todo super-herói deve atravessar alguma *via crucis*.”
 (C) “São todos símbolos da solidão, da sobrevivência e da abnegação humana.”
 (D) “Não houve nenhuma literatura que tenha me marcado mais do que essas histórias em quadrinhos.”

GABARITO

GRUPO 1

1) A tese central do texto é a seguinte: toda cultura determina de algum modo os papéis dos homens e das mulheres; a crença “em um temperamento inato ligado ao sexo não era universal.”

2) C

3) A existência de hipócritas dentre os que defendiam a abolição da escravidão. A contratação de Pancrácio como assalariado na verdade o mantém sob o domínio e a exploração do seu antigo dono, agora patrão.

4) a) O primeiro parágrafo constata que os professores não foram ouvidos na definição de mudanças na área educacional, nos últimos 30 anos. Na conclusão, a autora apresenta uma proposta vinculada a essa constatação: a incorporação da opinião dos professores em futuras propostas.

b) Duas dentre as possibilidades:

isso não vai dar certo... — fala atribuída aos professores

“inclusão” — fala atribuída a defensores de uma determinada política

o Brasil do século XXI não sabe ler ou não entende o que mal lê. — fala atribuída a todos ou várias pessoas indiscriminadamente

5) D 6) D 7) E 8) D 9) C 10) A

GRUPO 2

1) D 2) B 3) A 4) B 5) D

6) O primeiro subtítulo, “Pedágio na internet”, se refere à dominação da rede por interesses financeiros.

O segundo subtítulo, “Eu sei quem você é e o que faz”, refere-se à vigilância sobre os usuários.

GRUPO 3

1) D 2) D

3) O personagem faz uma comparação indevida, associando o crescimento do salário ao crescimento biológico de um ser humano.

GRUPO 4

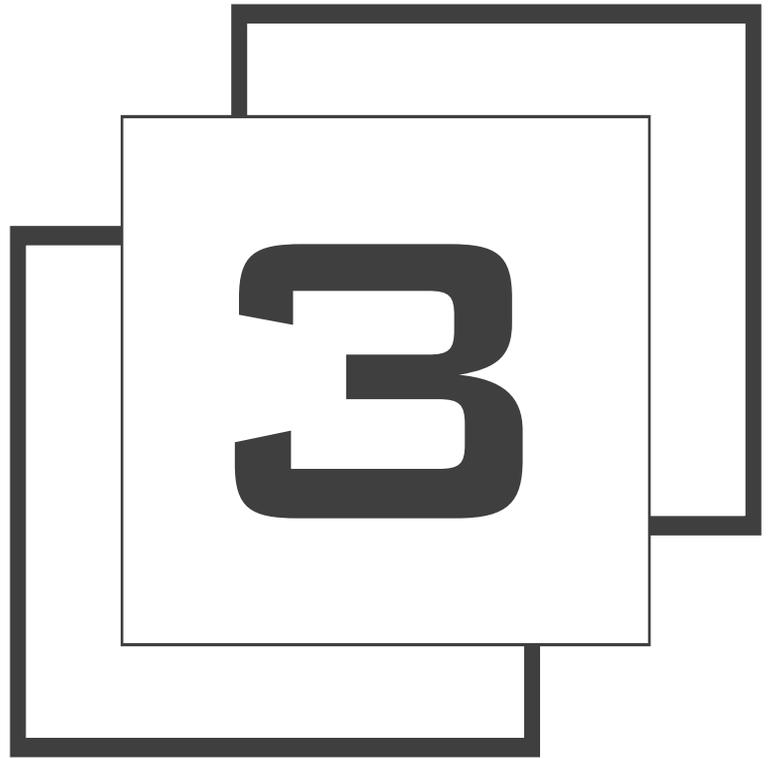
1) A 2) D

3) O parágrafo reforça a ideia central da argumentação do autor por meio da exemplificação com elementos históricos.

4) A 5) C 6) D 7) C 8) D 9) E 10) E

GRUPO 5

1) A 2) C 3) B



FIGURAS DE LINGUAGEM

1. INTRODUÇÃO

Observemos o vocábulo destacado nas frases abaixo:

— O touro pastava distante do resto da manada.

— Aquele lutador é um touro.

Se procurarmos o significado desses vocábulos no dicionário, vamos encontrar que touro é “um boi não castrado, usado como reprodutor” ou “um signo zodiacal”. O primeiro desses significados dicionarizados é adequado à primeira frase, mas não encontramos um significado adequado à segunda frase, porque se trata de um sentido não dicionarizado, criado pelo contexto em que a palavra se insere, correspondente a “muito forte”, sentido também atrelado ao valor cultural do animal touro. No primeiro caso, o vocábulo designa uma realidade cuja designação está historicamente estabelecida e dizemos que é empregado em denotação; no segundo caso, do sentido momentâneo de um referente, é empregado em conotação, ou seja, em linguagem figurada.

Questão comentada (Fuvest/2002) Considere este trecho de um diálogo entre pai e filho (do romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar):

— *Quero te entender, meu filho, mas já não entendo nada.*

— *Misturo coisas quando falo, não desconheço, são as palavras que me empurram, mas estou lúcido, pai, sei onde me contradigo, piso quem sabe em falso, pode até parecer que exorbito, e se há farelo nisso tudo, posso assegurar, pai, que tem muito grão inteiro. Mesmo confundindo, nunca me perco, distingo para o meu uso as fios do que estou dizendo.*

No trecho, ao qualificar o seu próprio discurso, o filho se vale tanto de linguagem denotativa quanto de linguagem conotativa.

a) A frase *estou lúcido, pai, sei onde me contradigo* é um exemplo de linguagem de sentido denotativo ou conotativo? Justifique sua resposta.

Resposta comentada: A frase “estou lúcido, pai, sei onde me contradigo” é um exemplo de linguagem denotativa, pois as palavras foram empregadas em seu sentido primeiro, básico e corrente. Estar lúcido significa discernir ou raciocinar com clareza, e “me contradigo” denota que o emissor conhece as incoerências do seu discurso. Não há aqui linguagem figurada, na medida em que as palavras não extrapolam seu sentidos convencionais.

b) Traduza em linguagem de sentido denotativo o que está dito de forma figurada na frase: “se há farelo nisso tudo, posso assegurar, pai, que tem muito grão inteiro.”

Resposta comentada: O sentido conotativo ou figurado da frase está no contraste entre “farelo” e “grão”, ambas as palavras empregadas fora de seu significado usual, convencional. Farelo, aqui, não significa “grão fragmentado”, “resíduo”, mas, por relação de semelhança, “algo ruim”. Em oposição, grão é o “bom”. No contexto em que aparecem, “farelo” indica a parte objetável, criticável ou errada do discurso do emissor; “grão”, por outro lado, seria o que ele disse de verdadeiro e correto.

Dado que o personagem está qualificando seu próprio discurso, uma interpretação relacionada consiste em associar o “farelo” com a ideia de parte — e daí com pensamentos e falas desconexas, soltas, fragmentados e confusos. Por oposição, o “grão” corresponderia às falas completas, racionais, e ao pensamento “inteiro”,

consistente, sem interrupções. Esse estado de confusão mental do personagem (“farelo”) no qual ainda persiste algum grau de sanidade (“grão”) é comprovado na frase seguinte: “Mesmo confundindo, nunca me perco (...).”

Assim, duas opções de “tradução” seriam:

Se muito do que eu digo é condenável, há ainda partes verdadeiras.

OU

Se muito do que eu digo é desconexo e confuso, ainda há pensamentos claros e coerentes.

2. TIPOS DE FIGURAS

1. Figuras de construção

A. Elipse

A elipse é uma figura caracterizada pela omissão de um termo que é facilmente subentendido; quando a omissão ocorre após esse mesmo termo já ter sido enunciado, dizemos que há zeugma, que é uma espécie de elipse.

Como processo gramatical, a elipse provoca que um referente passe a ser designado por um só dos termos de sua designação, o que pode levar a casos de derivação imprópria, como bem aponta: o (telefone) celular, o (dente) canino, a (igreja) catedral, o (micro) computador, o (documento) abaixo-assinado, a (carta) circular, o (membro) representante, a (caneta) esferográfica, um (filme) documentário etc. Além disso, em alguns casos, a elipse de um termo pode provocar o aparecimento de um novo gênero para o termo sobrevivente de uma expressão, como é o caso de a rádio, (elipse de emissora de), a América (elipse de time), a Rio-Niterói (elipse de ponte), o fila (elipse de cão), o (funcionário da) caixa etc.

B. Pleonasmos

Figura caracterizada pela repetição de um termo na mesma função sintática:

— *As bonecas, eu as dei para as meninas.*

Onde o termo as é pleonástico, pois repete, na mesma função (objeto direto), o termo anterior bonecas.

Também é denominado pleonasmos no caso da repetição do mesmo significado por dois significantes diferentes no mesmo sintagma: descer para baixo, prever antecipadamente, entrar para dentro; nesse caso, a figura é denominada pleonasmos vicioso.

Algumas dessas repetições, porém, podem ter valor estilístico e não correspondem a problemas de construção: assim, ao dizermos *Eu vi com estes olhos*, o autor do enunciado pode estar tentando dar ênfase ao fato de ter visto algo que pode testemunhar com certeza.

C. Anacoluto

Figura caracterizada pela interrupção de uma frase, de tal modo que um termo fica sem função sintática:

— *As meninas, é impossível entregar-lhes os prêmios.*

Nesse caso, o termo sublinhado não se encaixa sintaticamente na frase seguinte, daí ser considerado um anacoluto. Se o termo sublinhado estivesse grafado com o acento grave — às meninas — teríamos um pleonasmos no elemento lhes.

D. Hipérbato

Figura caracterizada pela inversão de termos na ordem direta:

– *Os bons que nos trazem boas novas ventos...*

Hoje todos os tipos de inversão de termos na frase recebem a designação de hipérbato, mas, anteriormente, cada tipo de inversão recebia uma designação distinta: sínquise, anástrofe, tmese, prolepse etc.

E. Assíndeto e polissíndeto

Quando temos uma enumeração, ela pode ser feita de três modos distintos:

– *Ela comprou bananas, peras e abacates.*

– *Ela comprou bananas, peras, abacates.*

– *Ela comprou bananas e peras e abacates...*

A primeira frase nada tem de diferente segundo a construção da frase portuguesa, mas a segunda omite a conjunção E no último elemento, provocando, com isso, uma valorização global do que foi comprado (assíndeto), enquanto na terceira há a repetição da conjunção E (polissíndeto), causando a valorização individual de cada produto adquirido.

F. Silepse

Esta figura corresponde à concordância ideológica, ou seja, a concordância que é realizada com o sentido da palavra ou com a ideia que expressam, em lugar de ser feita com a sua forma gramatical. A silepse apresenta três tipos distintos:

• a) silepse de número

– *O pessoal, ainda que tardiamente, chegaram bem.*

• b) silepse de gênero

– *A criança apresentou-se muito bem vestido.*

• c) silepse de pessoa

– *Os vestibulandos somos muito preocupados.*

G. Anáfora

Figura que consiste na repetição inicial numa frase ou verso do mesmo vocábulo:

– *Deus é força, Deus é luz, Deus é poder.*

2. Figuras de pensamento

A. Antítese

Figura caracterizada pelo emprego de palavras de sentido oposto:

– *Subiu aos céus, desceu aos infernos...*

B. Eufemismo

Figura caracterizada pela atenuação de um pensamento desagradável:

– *Judas pensou em pôr termo à vida, arrependido do que fizera.*

– *O aluno não era muito inteligente.*

Este último tipo de eufemismo é denominado litotes (figura que consiste em afirmar alguma coisa negando o contrário).

C. Gradação

Figura que corresponde a uma sequência de palavras de força crescente ou decrescente:

– *Vai, corre, voa e nos vingue!*

– *Era somente um sopra, uma sombra, um nada...*

D. Hipérbole

Figura caracterizada por um exagero favorável ou desfavorável que destaca uma ideia, muito comum na linguagem publicitária e na linguagem corrente, onde algumas hipérbotes são bastante frequentes: morrer de rir, molhado até os ossos etc.

– *Os rios eram formados do sangue dos heróis mortos na batalha.*

E. Prosopopeia ou personificação

Na Retórica clássica, eram consideradas duas figuras distintas, mas hoje se caracterizam pela atribuição de uma propriedade de um ser vivo, ser humano ou animal, a um ser abstrato ou concreto inanimado:

– *O sentimento da universidade é de frustração.*

– *A chuva lamentava a morte do artista.*

F. Paradoxo ou oxímoro

Esta figura consiste na união de dois vocábulos ou expressões cujo sentido se torna incompatível:

– *Esta claridade obscura que cai sobre a paisagem...*

– *A voz do silêncio.*

G. Perífrase

Figura que consiste em expressar por um grupo de palavras o que poderia ser dito em uma só:

– *a sétima arte (= o cinema)*

– *o quinto poder (= a imprensa)*

H. Apóstrofe

Figura que consiste num vocativo retórico, dirigido a seres ausentes ou inanimados:

– *Ó Pátria, detém a corrupção!*

– *Colombo, arranca esse pendão dos ares...*

I. Ironia

Esta figura consiste em empregar determinada palavra ou expressão em sentido oposto ao seu sentido habitual:

– *Esse menino que acaba de arrancar meu carro é muito bem-educado!*

– *O lutador de sumô geralmente é bem magrinho.*

3. Figuras de palavras

A. Comparação

Essa figura consiste em considerar um conjunto de objetos para procurar suas semelhanças e diferenças. Uma comparação completa compreende quatro elementos:

- o termo real
- o termo figurado
- o conector
- o ponto de comparação

Assim, na frase *Heitor é forte como um touro*, *Heitor* é o termo real, *touro* é o termo figurado, *como* é o conector e *forte* é o ponto de comparação.

B. Metáfora

É uma espécie de comparação abreviada em que o conector não aparece expresso: *Heitor é um touro*, com os mesmos elementos da comparação. A metáfora aproxima duas realidades distintas. Trata-se da substituição de um termo “normal” por um outro pertencente a um campo semântico diferente, mas com semelhanças possíveis. A metáfora pode apresentar elementos implícitos e, algumas vezes, pode assumir a forma de uma perífrase: *A pérola das Antilhas (= Haiti)*.

C. Metonímia

É uma construção na qual se expressa um conceito por meio de um termo que designa um outro conceito que está unido a ele por uma relação necessária (a causa pelo efeito, o continente pelo conteúdo, o signo pela coisa significada, o autor pela obra, o local pelo produto etc.). A metonímia consiste na substituição de um nome de um objeto pelo nome de um outro, com o qual está em relação; tais relações podem ser:

- o todo pela parte: *O Brasil participará da Copa do Mundo*.
- a parte pelo todo: *Todos procuram um teto onde morar*.
- o efeito pela causa: *Respeite ao menos meus cabelos brancos*.
- a causa pelo efeito: *Tem uma boa mão para doces*.
- o autor pela obra: *Roubaram um Portinari do museu*.
- o lugar pelo produto: *Bebeu duas garrafas de parati*.
- o continente pelo conteúdo: *Comeu dois pratos de feijoada*.
- a matéria pelo objeto: *Ele gosta de aquarelas*.
- o símbolo pelo simbolizado: *Ignácio sempre foi atraído pela Cruz*.

D. Antonomásia

Figura que consiste em empregar-se um nome comum por um nome próprio ou um nome próprio por um nome comum; a antonomásia é, assim, uma transferência de nome: Fumou um havana, Notou a presença do Maligno, as ordens vieram do Pentágono.

E. Sinestesia

Essa figura consiste na utilização simultânea de palavras que representam sensações diferentes: um som da pesada, um perfume doce etc.

4. Figuras de harmonia ou sonoras

A. Aliteração

Figura que consiste na utilização de palavras que possuem o mesmo fonema consonantal:

— Já em torno a tarde se entorna/a atordoar o ar que arde

B. Assonância

Figura que consiste na utilização de palavras com o mesmo fonema vocálico:

— *Ó formas brancas, alvas, formas claras*

C. Paronomásia

Ocorre quando se aproximam palavras de sons parecidos:

— *Quem vê um fruto/não vê um furto*.

D. Onomatopeia

A onomatopeia consiste no emprego de palavra ou expressão que sugerem um som natural de algo:

— *Passava com o chape-chape das sandálias*.

EXERCÍCIOS

GRUPO 1 – Reconhecer e nomear a figura de linguagem

Questão comentada (FUVEST/2009) *Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia — o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.*

João do Rio. *A alma encantadora das ruas*.

Em “nas cidades, nas aldeias, nos povoados”, “hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia” e “levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis”, ocorrem, respectivamente, os seguintes recursos expressivos:

- (A) eufemismo, antítese, metonímia.
- (B) hipérbole, gradação, eufemismo.
- (C) metáfora, hipérbole, inversão.
- (D) gradação, inversão, antítese.
- (E) metonímia, hipérbole, metáfora.

Gabarito: D

Comentário: No primeiro fragmento, há um caso de gradação decrescente, ou anticlímax. Neste caso, a frase começa pelo espaço maior (cidades) e vai gradativamente passando para espaços menores (primeiro, aldeias; depois, povoados). É essa passagem gradual (do maior para o médio, e então para o menor) que caracteriza a gradação.

No segundo fragmento, nota-se que a frase está invertida. Sua ordem direta (que é a ordem canônica, típica, ou seja, a ordem mais comum na língua portuguesa) seria: “o riso é mais amargo, a ironia é mais dolorosa”. É a alteração dessa ordem mais usual que caracteriza a figura conhecida como inversão.

No terceiro fragmento, há uma oposição entre “fúteis” (coisas fúteis são “besteiras”, coisas irrelevantes, desimportantes) e “notáveis” (que se refere a coisas extraordinárias). É nessa oposição que reside a antítese.

1) (Enem/2004) “*Que beleza, Montes Claros, / Como cresceu Montes Claros, / Quanta indústria em Montes Claros, / Montes Claros cresceu tanto, / ficou urbe tão notória, / prima-rica do Rio de Janeiro, / que já tem cinco favelas / por enquanto e mais promete*”. (Carlos D. de Andrade)

Entre os recursos expressivos empregados no texto, destaca-se a:

(A) metalinguagem, que consiste em fazer a linguagem referir-se à própria linguagem.

(B) intertextualidade, na qual o texto retoma e reelabora outros textos.

(C) ironia, que consiste em se dizer o contrário do que se pensa, com intenção crítica.

(D) denotação, caracterizada pelo uso das palavras em seu sentido próprio e objetivo.

(E) prosopopeia, que consiste em personificar coisas inanimadas, atribuindo-lhes vida.

Texto para a questão 2

Os poemas

*Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fecha o livro, eles alçam voo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...*

QUINTANA, Mário. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

2) (Uerj/2011 — Exame de Qualificação) O texto é todo construído por meio do emprego de uma figura de estilo. Essa figura é denominada de:

(A) elipse

(B) metáfora

(C) metonímia

(D) personificação

Texto para a questão 3

Science Fiction

*O marciano encontrou-me na rua
e teve medo de minha impossibilidade humana.
Como pode existir, pensou consigo, um ser*

que no existir põe tamanha anulação de existência?

Afastou-se o marciano, e persegui-o.

Precisava dele como de um testemunho.

*Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se
no ar constelado de problemas.*

E fiquei só em mim, de mim ausente.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião*. São Paulo: José Olympio, 1983.

3) (Uerj/2010 — Exame de Qualificação)

*Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se
no ar constelado de problemas.* (v. 7–8)

O estranhamento provocado no verso sublinhado constitui um caso de:

(A) pleonasma

(B) metonímia

(C) hipérbole

(D) metáfora

Texto para a questão 4

Onde estás?

*É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo de desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento, que passa
Por meus cabelos fugaz:
“Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?”
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe:
“Oh! minh’amante, onde estás?...”*

Vem! É tarde! Por que tardas?

São horas de brando sono,

Vem reclinar-te em meu peito

Com teu lânguido abandono!...

‘Stá vazio nosso leito...

‘Stá vazio o mundo inteiro;

E tu não queres qu’eu fique

Solitário nesta vida...

Mas por que tardas, querida?...

Já tenho esperado assaz...

Vem depressa, que eu deliro

Oh! minh’amante, onde estás?...

Estrela — na tempestade,

Rosa — nos ermos da vida;

Íris¹ — do naufrago errante,

Ilusão — d’alma descrida²!

Tu foste, mulher formosa!
 Tu foste, ó filha do céu!...
 ... E hoje que o meu passado
 Para sempre morto jaz...
 Vendo finda a minha sorte,
 Pergunto aos ventos do Norte...
 "Oh! minh' amante, onde estás?..."

ALVES, Castro. *Espumas flutuantes e outros poemas*. São Paulo: Ática, 1998.

Vocabulário:

1 – íris: paz, bonança

2 – descrida: que não crê

4) (Uerj/2010 – LPLB)

'Stá vazio nasso leito...

'Stá vazio o mundo inteiro;

Nos versos acima, estão presentes figuras de linguagem como recursos estilísticos. Nomeie duas delas, explicando o efeito expressivo obtido com seu emprego.

5) (Enem/2011)

Texto I

Onde está a honestidade?

Você tem palacete reluzente

Tem joias e criados à vontade

Sem ter nenhuma herança ou parente

Só anda de automóvel na cidade...

E o povo já pergunta com maldade:

Onde está a honestidade?

Onde está a honestidade?

O seu dinheiro nasce de repente

E embora não se saiba se é verdade

Você acha nas ruas diariamente

Anéis, dinheiro e felicidade...

Vassoura dos salões da sociedade

Que varre o que encontrar em sua frente

Promove festivais de caridade

Em nome de qualquer defunto ausente...

ROSA, N. Disponível em: <http://www.mpbnet.com.br> (Acesso em: abr. 2010)

Um texto pertencente ao patrimônio literário-cultural brasileiro é atualizável, na medida em que ele se refere a valores e situações de um povo. A atualidade da canção *Onde está a honestidade?*, de Noel Rosa, evidencia-se por meio

- da ironia, ao se referir ao enriquecimento de origem duvidosa de alguns.
- da crítica aos ricos que possuem joias, mas não têm herança.
- da maldade do povo a perguntar sobre a honestidade.
- do privilégio de alguns em clamar pela honestidade.
- da insistência em promover eventos beneficentes.

GRUPO 2 – Identificar trecho correspondente à figura apresentada

Questão comentada (UERJ/2000-1)

Silogismo

Um salário-mínimo maior do que o que vão dar desarrumaria as contas públicas, comprometeria o programa de estabilização do governo, quebraria a Previdência, inviabilizaria o país e provavelmente desmancharia o penteado do Malan*. Quem prega um salário-mínimo maior o faz por demagogia, oportunismo político ou desinformação. Sérios, sensatos, adultos e responsáveis são os que defendem o reajuste possível, nas circunstâncias, mesmo reconhecendo que é pouco.

Como boa parte da população brasileira vive de um mínimo que não dá para viver e as circunstâncias que o impedem de ser maior não vão mudar tão cedo, eis-nos num silogismo bárbaro: se o país só sobrevive com mais da metade de sua população condenada a uma subvida perpétua, estamos todos condenados a uma lógica do absurdo. Aqui o sério é temerário, o sensato é insensato, o adulto é irreal e o responsável é criminoso. A nossa estabilidade e o nosso prestígio com a comunidade financeira internacional se devem à tenacidade com que homens honrados e capazes, resistindo a apelos emocionais, mantêm uma política econômica solidamente fundada na miséria alheia e uma admirável coerência baseada na fome dos outros. O país só é viável se metade da população não for. (...)

(Veríssimo, Luiz Fernando)

(*) Ministro da Fazenda da época

O texto apresenta um ponto de vista crítico, construído, dentre outros, pelo recurso da ironia. A qualidade que constitui uma ironia, no texto, é:

- | | |
|-----------------------------|----------------------------|
| (A) "político" (linha 4) | (B) "perpétua" (linha 10) |
| (C) "emocionais" (linha 14) | (D) "admirável" (linha 15) |

Gabarito: D

Comentário: O texto é uma grande crítica à política econômica praticada no governo Fernando Henrique Cardoso, conhecida como neoliberalismo. A crítica do autor se baseia na interpretação de que os objetivos do governo — contenção de gastos, saneamento das contas públicas, ajuste fiscal — só podem ser obtidos mediante um corte profundo nos investimentos sociais, o que impediria a redução da pobreza por meio de mecanismos como o aumento do salário mínimo.

Nesse contexto, é possível notar que boa parte dos enunciados tem intenção irônica. Por exemplo: se o texto está criticando duramente o governo, como é possível falar na "tenacidade" dos governantes ou afirmar que eles são "homens honrados e capazes"? Como é possível qualificar os defensores da política econômica do governo de "sérios, sensatos, adultos e responsáveis"? Obviamente, no contexto do texto "Silogismo", só existe uma maneira de interpretar todos esses enunciados: o autor está sendo irônico, ou seja, está dizendo o contrário do que ele acredita (releia, na parte teórica deste capítulo, a definição da figura de linguagem ironia).

É essa mesma ironia que se revela no uso do adjetivo "admirável". Se é fato que a política econômica do governo pode ser vista como coerente, o texto deixa claro que, na opinião do autor, essa coerência não tem absolutamente nada de "admirável". Assim como todos os outros supostos elogios ao governo FHC e a seus representantes — "tenacidade", "homens honrados e capazes", "sérios, sensatos, adultos e responsáveis" — também o "elogio" presente no adjetivo "admirável" é profundamente irônico.

1) (Uerj/2000-1)

A estrela é o índio

Na contramão do vento que move as comemorações dos 500 anos, uma programação alternativa está deixando de lado a caravela para se embrenhar no Brasil de antes de Cabral. E está dando ao índio lugar de destaque na festa. As atividades incluem encontros com integrantes de tribos variadas, debates e uma exposição com trabalhos do fotógrafo Sebastião Salgado e textos do poeta Thiago de Mello. Desde o início da semana, no foyer do Centro Cultural Banco do Brasil, crianças de diferentes idades vêm aprendendo história e deixando preconceitos de lado com a ajuda de Thini-á — um índio de 29 anos, da tribo Fulni-ô, de Pernambuco, que abandonou a aldeia ainda menino após uma invasão de terra em que perdeu vários parentes.

Do massacre nasceu o desejo de fala aos pequenos homens brancos — os “filhos da elite”, como dizia — e impedir conflitos futuros. Há três anos Thini-á percorre escolas do Rio (...). Fala das tribos e da memória de seus ancestrais, apresenta danças e ritos, mostra arcos, flechas e seduz o público com a fala mansa e um ótimo humor. Agora, como centro dos 500 Anos de Resistência das Populações Indígenas no Brasil, organizado pela Cineduc: Cinema e Educação, ele fala para mais crianças e adultos. “As comemorações dos 500 anos, de certa forma, até expõem a cultura indígena, mas de maneira muito romântica. Essa atividade pretende desmistificar isso e deixar uma semente para que o contato com a cultura indígena continue e se torne “corriqueiro”, diz Ricardo Paes, coordenador do projeto. (...)

A linguagem figurada, conhecida característica de textos literários, encontra-se também em outros tipos de textos. Verifica-se um exemplo de metonímia no seguinte fragmento da reportagem:

- (A) “... apresenta danças e ritos, mostra arcos, flechas...”
- (B) “... expõem a cultura indígena, mas de maneira muito romântica...”
- (C) “... uma programação alternativa está deixando de lado a caravela...”
- (D) “... e deixar uma semente para que o contato com a cultura indígena continue...”

2) (UFRRJ/2002) O recurso poético da sinestesia (cruzamento de sensações — táteis, visuais, olfativas etc.) pode ser verificado em:

- (A) “entraremos na densa mata” e “resumo de todas as vidas”
- (B) “invisíveis cânticos” e “respiraremos a frescura dos verdes reinos encantados”
- (C) “E tão românticos seremos” e “magoado romantismo”
- (D) “Nas pedras, à sombra, sentados” e “em busca de flores de prata”
- (E) “e choraremos sua história” e “E tão românticos seremos”

3) (Enem/2000) Ferreira Gullar, um dos grandes poetas brasileiros da atualidade, é autor de “Bicho urbano”, poema sobre a sua relação com as pequenas e grandes cidades.

Bicho urbano. Se disser que eu prefiro morar em Pirapemas / ou em outra qualquer pequena cidade do país / estou mentindo / ainda que lá se possa de manhã / lavar o rosto no orvalho / e o pão preserve aquele branco / sabor de alvorada. (...) / A natureza me assusta. / Com seus matos sombrios suas águas / suas aves que são como aparições / me assusta quase tanto quanto / esse abismo / de gases e de estrelas / aberto sob minha cabeça.

Embora não opte por viver numa pequena cidade, o poeta reconhece elementos de valor no cotidiano das pequenas comunidades. Para expressar a relação do homem com alguns desses elementos, ele recorre à sinestesia, construção de linguagem em que se mesclam impressões sensoriais diversas. Assinale a opção em que se observa esse recurso.

- (A) e o pão preserve aquele branco / sabor de alvorada
- (B) ainda que lá se possa de manhã / lavar o rosto no orvalho
- (C) A natureza me assusta / Com seus matos sombrios suas águas
- (D) suas aves que são como aparições / me assusta quase tanto quanto
- (E) me assusta quase tanto quanto / esse abismo / de gases e de estrelas

Texto para a questão 4

Testes

Dia desses resolvi fazer um teste proposto por um site da internet. O nome do teste era tentador: “O que Freud diria de você”. Uau. Respondi a todas as perguntas e o resultado foi o seguinte: “Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os doze anos, depois disso você buscou conhecimento intelectual para seu amadurecimento”. Perfeito! Foi exatamente o que aconteceu comigo. Fiquei radiante: eu havia realizado uma consulta paranormal com o pai da psicanálise, e ele acertou na mosca. Estava com tempo sobrando, e curiosidade é algo que não me falta, então resolvi voltar ao teste e responder tudo diferente do que havia respondido antes. Marquei umas alternativas esdrúxulas, que nada tinham a ver com minha personalidade. E fui conferir o resultado, que dizia o seguinte: “Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os 12 anos, depois disso você buscou conhecimento intelectual para seu amadurecimento”.

MEDEIROS, M. *Doidas e santas*. Porto Alegre, 2008 (adaptado).

4) (Enem / 2010) Quanto às influências que a internet pode exercer sobre os usuários, a autora expressa uma reação irônica no trecho:

- (A) “Marquei umas alternativas esdrúxulas, que nada tinham a ver”.
- (B) “Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os doze anos”.
- (C) “Dia desses resolvi fazer um teste proposto por um site da internet”.
- (D) “Respondi a todas as perguntas e o resultado foi o seguinte”.
- (E) “Fiquei radiante: eu havia realizado uma consulta paranormal com o pai da psicanálise”.

5) (FUVEST/2004) Na frase “(...) data de nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal”, ocorre o mesmo recurso expressivo de natureza semântica que em:

- (A) Meu coração / Não sei por quê / Bate feliz / Quando te vê.
- (B) Há tanta gente lá fora / Aqui dentro, sempre / Como uma onda no mar.
- (C) Brasil, meu Brasil brasileiro / Meu mulato inzoneiro / Voiu cantar-te nos meus versos.
- (D) Se lembra da fogueira / Se lembra dos balões / Se lembra dos luars. Dos sertões?
- (E) Meu bem querer / É segredo é sagrado / Está sacramentado / Em meu coração.

6) (Cederj/2010 — 1º semestre) Assinale a opção que apresenta um exemplo de comparação:

(A) Depois aparecem muitas pessoas bem vestidas, cavalheiros com sapatos reluzentes, senhoras com roupas de renda e chapéus imensos que a brisa da tarde procura docemente arrebatá-las.

(B) E dentro dele vem a noiva, que não se pode ver, pois está coberta de cascatas de véus, como se viajasse dentro da Via-láctea.

(C) Ela é a misteriosa dona dessa tardezinha de sábado, que parecia simples, apenas um pouco cinzenta, um pouco fria.

(D) Mas os convidados a esperam felizes, e ela não terá que pensar nisso.

(E) E quando a cerimônia chegar ao apogeu, talvez nem se lembre de quem é: separada dos acontecimentos da terra, subitamente incorporada ao giro do Universo.

Texto para a questão 7

Existe sempre um conceito por trás do que faço, só que nem sempre a montagem se completa. Os conceitos se escondem no subconsciente. Ziguezagues que atordoam.

Quando o xadrez funciona, o conceito é formado por encaixes eliminando a importância exagerada que poderia ser dada a certas fotos mais formais.

Não são acasos felizes, pois, desde o começo de um projeto, uma ideia já existe; apenas ela é flexível esse deixa impregnar pela existência das pessoas fotografadas. O interessante é fazer a matéria externa vibrar em toda sua força de maneira que seja espelho de minhas intenções, sem deixar de ser espelho da vida.
CORAÇÃO ESPELHO DA CARNE.

Edward Weston diz nos "Notebooks" que "a câmera deve ser usada para documentar a vida". Documentar no sentido íntegro, não o bater chapa automático de algum acontecimento mais importante histórico ou socialmente, porém o documento de vida. Diria que revelar essa vida, essa força, é o essencial, pois de qualquer forma documento sempre será a foto tomada. Ele continua: "rendendo a verdadeira substância da coisa em si, seja ela aço polido ou carne palpitante".

BRANCO, Miguel Rio. (fotógrafo). *Notes on the tides*. Rio de Janeiro: Sol Gráfica, 2006.

7) (Uerj/2010 — Exame de Qualificação) O texto apresenta algumas figuras de estilo, como, por exemplo, a metáfora.

O par de vocábulos com emprego metafórico está indicado em:

- (A) ziguezagues — xadrez (B) subconsciente — espelho
(C) matéria — carne (D) substância — aço

Texto para a questão 8

Despedidas à...

Se entrares, ó meu anjo, alguma vez

Na solidão onde eu sonhava em ti,

Ah! vota uma saudade aos belos dias

Que a teus joelhos pálido vivi!

Adeus, minh'alma, adeus! eu vou chorando...

Sinto o peito doer na despedida...

Sem ti o mundo é um deserto escuro

E tu és minha vida...

Só por teus olhos eu viver podia

E por teu coração amar e crer,

Em teus braços minh'alma unir à tua

E em teu seio morrer!

Mas se o fado me afasta da ventura,

Levo no coração a tua imagem...

De noite mandarei-te os meus suspiros

No murmúrio da aragem!

Quando a noite vier saudosa e pura,

Contempla a estrela do pastor nos céus,

Quando a ela eu volver o olhar em prantos

Verei os olhos teus!

Mas antes de partir, antes que a vida

Se afogue numa lágrima de dor,

Consente que em teus lábios num só beijo

Eu suspire de amor!

Sonhei muito! sonhei noites ardentes

Tua boca beijar eu o primeiro!

A ventura negou-me... até mesmo

O beijo derradeiro!

Só contigo eu podia ser ditoso,

Em teus olhos sentir os lábios meus!

Eu morro de ciúme e de saudade;

Adeus, meu anjo, adeus!

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. São Paulo: LEP, Tomo 1, MCMLIX, p. 273

8) (PUC-Rio-2010) Percebe-se, no texto acima, a utilização de inúmeras figuras de linguagem como recurso expressivo. Destaque do poema de Álvares de Azevedo um exemplo de apóstrofe.

GRUPO 3 – Explicar o emprego, no texto, da figura de linguagem identificada

Questão comentada (FUVEST/2000)

Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

(ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Capítulo primeiro)

A metáfora presente em "a campa foi outro berço" baseia-se

(A) na relação abstrato/concreto que há em campa/berço.

- (B) no sentido conotativo que assume a palavra *campa*.
- (C) na relação de similaridade estabelecida entre *campa* e *berço*.
- (D) no sentido denotativo que tem a palavra *berço*.
- (E) na relação todo/parte que existe em *campa/berço*.

Gabarito: C

Comentário: Toda metáfora envolve uma relação de similaridade. Na metáfora, dois elementos distintos são relacionados com base em alguma propriedade comum. Assim, se eu digo que “o jogador foi um leão em campo”, estou comparando elementos em princípio dessemelhantes — jogador e leão — a partir da verificação de uma semelhança entre eles (a bravura). Ao afirmar que “a *campa* foi outro *berço*”, cria-se uma relação entre a *campa* (sepultura) e o *berço*. Com base no texto, é possível inferir em que se fundamenta essa relação: assim como o *berço* esta ligado ao nascimento, a morte, para o narrador, foi uma espécie de renascimento, reinício (o que justifica a opção por “adotar diferente método”, começando suas memórias pelo fim).

De todas as alternativas, a menos razoável é a letra E: de fato, nem a *campa* pode ser considerada parte do *berço*, nem vice-versa. As letras B e D são falsas porque invertem a análise correta. Na verdade, a palavra *campa*, no texto, tem sentido denotativo (“*campa*” significa mesmo sepultura, sepulcro, ou seja, está em seu sentido literal) e a palavra “*berço*” tem valor conotativo (já que não faz referência ao objeto físico *berço*; deve, antes, ser entendida como nascimento, início). Finalmente, a alternativa A não procede porque tanto “*campa*” quanto “*berço*” têm, em seu sentido básico, valor concreto.

1) (UFRRJ/2006) Leia o poema abaixo:

*Olha estas velhas árvores, — mais belas
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...
O homem, a fera e o inseto à sombra delas
Vivem livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas,
E alegria das aves tagarelas...
Não choremos jamais a mocidade!
Envelheçamos rindo! Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,
Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!*

Olavo Bilac

a) Identifique a comparação feita pelo autor.

b) Destaque as passagens onde o autor empresta às árvores características humanas.

2) (UFRI/2004) Leia o poema a seguir, de Nelson Sargento

Agoniza mas não morre

Samba, Agoniza mas não morre / Alguém sempre te socorre / Antes do suspiro derradeiro / Samba, / Negro forte, destemido, / Foi duramente perseguido / Na esquina, no botequim, no terreiro, / Samba, / Inocente pé no chão / A fidalguia do salão / Te abraçou, te envolveu / Mudaram toda tua estrutura, / Te impuseram outra cultura / E você nem percebeu.

O samba é personificado em todo este texto. As características a ele atribuídas indicam uma transformação ao longo do tempo. Com base no trecho que vai do verso 5 ao verso 12, compare duas características que revelem essa transformação. Justifique sua resposta.

3) (UERJ/2006 — LPLB) Leia este parágrafo de João do Rio.

E, subitamente, é a era do Automóvel. O monstro transformador irrompeu, bufando, por entre os escombros da cidade velha, e como nas mágicas e na natureza, aspérrima educadora, tudo transformou com aparências novas e novas aspirações. Quando os meus olhos se abriram para as agruras e também para os prazeres da vida, a cidade, toda estreita e toda do mau piso, eriçava o pedregulho contra o animal de lenda, que acabava de ser inventado em França. Só pelas ruas esguias dois pequenos e lamentáveis corredores tinham tido a ousadia d’aparecer.

O vocabulário empregado neste parágrafo reflete o choque cultural motivado pelo ingresso do automóvel no cotidiano dos cariocas.

a) Transcreva os dois verbos que representam uma animização e indique o valor expressivo desse recurso.

b) Identifique e explique a figura de linguagem correspondente à relação de sentido entre as palavras “agruras” e “prazeres”.

4) (Enem/2011)

Se no inverno é difícil acordar, imagine dormir.

Com a chegada do inverno, muitas pessoas perdem o sono. São milhões de necessitados que lutam contra a fome e o frio. Para vencer esta batalha, eles precisam de você. Deposite qualquer quantia. Você ajuda milhares de pessoas a terem uma boa noite e dorme com a consciência tranquila.

Veja. 05 set. 1999 (adaptado).

O produtor de anúncios publicitários utiliza-se de estratégias persuasivas para influenciar o comportamento de seu leitor. Entre os recursos argumentativos mobilizados pelo autor para obter a adesão do público à campanha, destaca-se nesse texto:

(A) a oposição entre individual e coletivo, trazendo um ideário populista para o anúncio.

(B) a utilização de tratamento informal com o leitor, o que suaviza a seriedade do problema.

(C) o emprego de linguagem figurada, o que desvia a atenção da população do apelo financeiro.

(D) o uso dos numerais “milhares” e “milhões”, responsável pela supervalorização das condições dos necessitados.

(E) o jogo de palavras entre “acordar” e “dormir”, o que relativiza o problema do leitor em relação ao dos necessitados.

Texto para a questão 5

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virgem Maria que foi isto maquinista?

Agora sim

Café com pão

Agora sim

Café com pão

Voa, fumaça

Corre, cerca

Ai seu foguista

Bota fogo

Na fomalha

Que eu preciso

Muita força

Muita força

Muita força

BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. p. 132.

5) (Cederj/2011 – 2ª semestre) Alguns recursos do poema imitam o som e o ritmo do trem em movimento. Identifique ao menos dois desses recursos.

6) (Cederj/2010 – 2ª semestre)

Todo os dias, quando acordo, vou correndo tirar a poeira da palavra “amor”.

LISPECTOR.pps. Umbrella/ART. Acesso: 21/04/2010

Quanto à construção de sentido do fragmento de Clarice Lispector (texto acima), pode-se afirmar:

(A) o trecho “quando acordo” expressa, no fragmento, uma circunstância de sentido conotativo.

(B) a expressão “tirar a poeira” se desloca da denotação para a conotação.

(C) em “vou correndo”, a locução verbal apresenta, no contexto, um valor de fato habitual no passado.

(D) em “amor”, o emprego das aspas evidencia uma conceituação de amor.

GABARITO

Grupo 1

1) C 2) B 3) D

4) Duas das figuras: anáfora; repetição; anástrofe; hipérbole; gradação

Amplificação do sentimento de solidão e de vazio, que se estende ao mundo todo.

5) A

Grupo 2

1) C – a utilização de “caravela” em lugar de “a face portuguesa do descobrimento” (a parte pelo todo). Obs. ∴. A linguagem figurada NÃO é característica apenas de textos literários, já que ela está presente em todos os textos, como uma necessidade decorrente das próprias marcas da linguagem humana.

2) B 3) A 4) E

5) B – Trata-se da antítese, configurada nas expressões antônimas “independência” e “cativoeiro” e repetida em “lá fora” e “aqui dentro”.

6) B

7) A

8) O uso da apóstrofe está presente nos seguintes versos: “Se entrares, ó meu anjo, alguma vez”; “Adeus, minh’alma, adeus! Eu vou chorando...”; “Adeus, meu anjo, adeus!”

Grupo 3

1) a) “Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem”; b) árvores moças, mais amigas, envelhecem,

2) A comparação entre o samba popular e o samba já assumido pela classe média (salão). Essa comparação pode ser vista pelos versos 10 e 11.

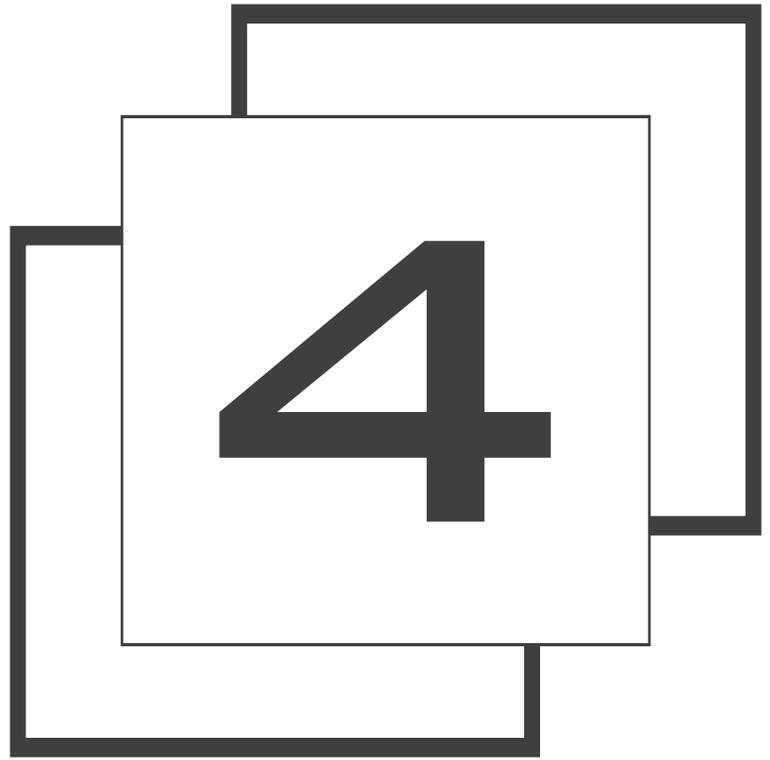
3) a) “bufando” e “irrompeu” – a utilização da animização (personificação ou prosopopeia) faz com que se intensifique a emoção do texto, já que transforma algo inanimado em algo vivo; b) antítese (oposição entre vocábulos de sentido contrário).

4) E

5) Os recursos são: repetição de sons (fonemas); de versos; medida dos versos (metrificação). Versos curtos e repetidos (Café com pão) mostram o movimento regular do trem que começa a se movimentar, imitando seu barulho. Um verso mais longo, com a repetição do fonema i, imita o som do apito do trem. Em seguida, uma sequência de versos curtos mostra o trem em movimento acelerado. A repetição do verso “Muita força” mostra um trecho de maior dificuldade, em que o trem vai mais lentamente.

Comentário – A explicação acima revela a presença de três figuras de linguagem: aliteração, assonância e anáfora.

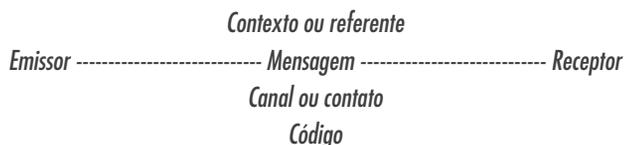
6) B



FUNÇÕES DA LINGUAGEM

1. ESQUEMA DA COMUNICAÇÃO E FUNÇÕES DA LINGUAGEM

A palavra linguagem é aqui empregada como o conjunto de características comuns às diversas línguas. Tomaremos, aqui, para estudar suas funções, a análise tradicional e estabelecida de Jakobson, que se fundamenta no esquema da comunicação, explicitado no esquema a seguir:



A cada um desses elementos presente no esquema da comunicação se relaciona uma função específica da linguagem:

a) A FUNÇÃO EMOTIVA OU EXPRESSIVA, centralizada no emissor, numa expressão pessoal sobre o que é enunciado. Suas marcas típicas no discurso são a presença da primeira pessoa (pronomes pessoais, verbos e pronomes possessivos), exclamações, interjeições e modalizações;

b) A FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA, centralizada no receptor, com a finalidade de obter da pessoa a quem se dirige o texto um comportamento adequado ao que lhe é dito. Suas marcas linguísticas são a presença da segunda pessoa (pronomes pessoais, possessivos e verbos), o imperativo e o vocativo;

c) A FUNÇÃO REFERENCIAL, centralizada no contexto ou referente, que permite falar-se dos objetos do mundo, dos objetos perceptíveis ou imaginários. Suas marcas são a terceira pessoa e os dados relacionados ao mundo real;

d) A FUNÇÃO POÉTICA, centralizada na mensagem, referindo-se a um mundo novo, criado pela linguagem: é a função predominante nas obras literárias, ainda que não seja exclusivo delas;

e) A FUNÇÃO FÁTICA, centralizada no canal ou no contato entre o emissor e o receptor, cuja finalidade é verificar a eficiência do canal de comunicação. Suas marcas são os sinais de interrupção do contato como Não é? Entendeu? Alô? Também são exemplos de função fática as falas da exigência social, em que de fato nada se comunica, além de estabelecer-se uma relação social transitória entre falantes;

f) A FUNÇÃO METALINGUÍSTICA, centralizada no código, que permite esclarecer significados do código utilizado e, além disso, também caracteriza os textos que falam de si mesmos, o que nos permite falar de metatexto, metateatro etc.

Difícilmente, porém, um texto se utiliza de uma só função e, frequentemente, um texto mostra várias dela simultaneamente. Assim, por exemplo, no slogan eleitoral *É Lula de novo!* Podemos encontrar uma função referencial (o elemento *Lula* é do mundo real), uma função emotiva, o que é expressado pela exclamação ao final da frase, e uma função conativa, já que seu interesse é convencer o eleitor a repetir o voto em Lula.

Além dessas funções, poderíamos falar de outras, tais com a função lúdica, que se relaciona às brincadeiras com palavras, tomadas como significantes (repetições, refrãos etc.) ou como signos (trocadilhos, ambiguidades propositais etc.), mas, pela presença marcante da classificação de Jakobson, é nela que nos apoiaremos nos exercícios a seguir.

EXERCÍCIOS

GRUPO 1 – Identificar a função da linguagem predominante

Questão comentada (UFAC/2003) Leia com atenção o texto abaixo e assinale, a seguir, a alternativa que identifica corretamente a função da linguagem que nele predomina.

Vexames

Muita gente não sabe usar um celular. Veja o que você não deve fazer com ele.

• *Não ande com o celular pendurado na calça. Fica feio. Guarde-o na mochila.*

Dá para escutá-lo do mesmo jeito.

• *Desligue o celular durante as aulas – ou em lugares públicos, como o cinema. Depois você acessa a caixa postal e pega a mensagem.*

• *Nunca telefone durante a aula. Não adianta se abaixar, nem cobrir o celular com o cabelo. As pessoas vão perceber que você está no telefone.*

• *Quando estiver com apenas uma amiga, não fique horas falando no celular.*

• *Não fique oferecendo o seu telefone só para ser simpática. Lembre-se da conta que vai chegar.*

Capricho, 21 nov. 1999.

- (A) referencial
- (B) poética
- (C) fática
- (D) metalinguística
- (E) conativa

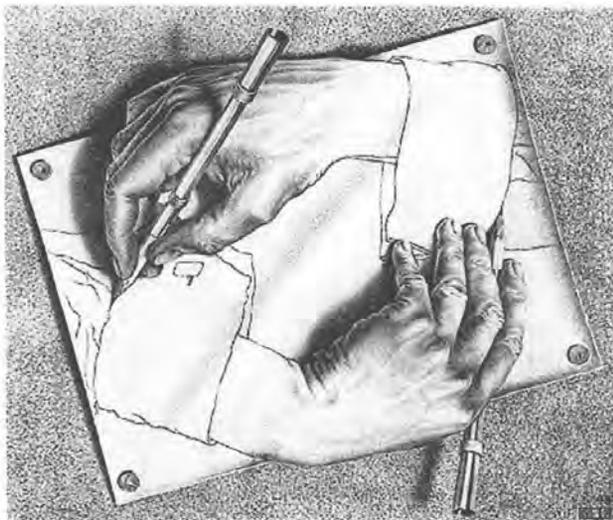
Resposta: E

Comentário: A função conativa, ou apelativa, é aquela em que se pretende induzir o leitor ou ouvinte a realizar alguma ação. Por isso mesmo, costuma-se dizer que é a função típica dos textos publicitários — já que esses textos procuram induzir o cliente-leitor (ou ouvinte) a adquirir um produto ou serviço.

O texto em questão, embora não seja publicitário, também procura induzir o leitor a praticar determinadas ações (ou a não praticá-las, na maioria dos casos). Para citar apenas dois exemplos: desligar o celular durante a aula e não oferecer o celular emprestado.

A principal manifestação gramatical da função conativa, nesse texto, são os verbos conjugados no modo imperativo (“*ande*”, “*Desligue*”, “*telefone*” etc.). Como você sabe, o imperativo é o modo verbal usado para dar ordens ou recomendações, o que o torna apropriado para a função apelativa. Afinal, quem dá ordens ou recomendações tem o objetivo de levar seu interlocutor a executar essas ordens ou seguir as recomendações.

1) (FUVEST/2004)



Observe, acima, esta gravura de Escher.

Na linguagem verbal, exemplos de aproveitamento de recursos equivalentes aos da gravura de Escher encontram-se, com frequência,

(A) nos jornais, quando o repórter registra uma ocorrência que lhe parece extremamente intrigante.

(B) nos textos publicitários, quando se comparam dois produtos que têm a mesma utilidade.

(C) na prosa científica, quando o autor descreve com isenção e distanciamento a experiência de que trata.

(D) na literatura, quando o escritor se vale das palavras para expor procedimentos construtivos do discurso.

(E) nos manuais de instrução, quando se organiza com clareza uma determinada sequência de operações.

2) (UFPB/2001) *“Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas;...”*

O trecho sublinhado é um exemplo de função:

- (A) fática
- (B) referencial
- (C) metalinguística
- (D) conativa
- (E) emotiva

Texto para a questão 3

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

DUARTE, M. *O guia dos curiosos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

3) (Enem/2010) Predomina no texto a função da linguagem

- (A) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia.
- (B) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação.
- (C) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem.
- (D) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor.
- (E) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

Texto para a questão 4

Canção do vento e da minha vida

*O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.
[...]*

*O vento varria os sonhos
E varria as amizades...
O vento varria as mulheres...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De afetos e de mulheres.*

*O vento varria os meses
E varria os teus sorrisos...
O vento varria tudo!
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De tudo.*

BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

4) (Enem/2009) Predomina no texto a função da linguagem

- (A) fática, porque o autor procura testar o canal de comunicação.
- (B) metalinguística, porque há explicação do significado das expressões.
- (C) conativa, uma vez que o leitor é provocado a participar de uma ação.
- (D) referencial, já que são apresentadas informações sobre acontecimentos e fatos reais.
- (E) poética, pois chama-se a atenção para a elaboração especial e artística da estrutura do texto.

Texto para a questão 5

Cidade de Deus

Os abismos têm várias faces e encantam, atraem para o seu seio como as histórias em quadrinhos que chegavam ao morro compradas nas feiras da Maia Lacerda e do Rio Comprido, baratas como a tripa de porco que sobrava na casa do compadre maneiro que nem sempre era compadre de batismo. Era apenas o adjetivo, usado como substantivo, sinônimo de uma boa amizade, de um relacionamento que era tecido por favores, empréstimos impagáveis e consideração até na hora da morte.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

5) (Uerj/2004 – Exame Final) No texto Cidade de Deus, há um comentário sobre os sentidos e as possíveis classificações gramaticais da palavra compadre.

Nesse trecho, o narrador recorreu à função da linguagem denominada:

- (A) poética (B) conativa
(C) referencial (D) metalinguística

Texto para a questão 6

Brincar com palavras – nos jogos verbais, exercícios de literatura

Você sabe o que é um palíndromo? É uma palavra ou mesmo uma frase que pode ser lida de frente pra trás e de trás pra frente mantendo o mesmo sentido. Por exemplo, em português: “amor” e “Roma”; em espanhol: “Anita lava la tina.” Ou, então, a frase latina: “Sator arepo tenet opera rotas”, que não só pode ser lida de trás pra frente, mas pode ser lida na vertical, na horizontal, de baixo pra cima, de cima pra baixo, girando os olhos em redor deste quadrado:

S A T O R
A R E P O
T E N E T
O P E R A
R O T A S

Essa frase latina polivalente foi criada pelo escravo romano Loreius 200 anos antes de Cristo, e tem dois significados: “O lavrador mantém cuidadosamente a charrua nos sulcos” e/ou “o lavrador sustém cuidadosamente o mundo em sua órbita.” Osman Lins construiu o romance “Avalovara” (1973) em torno desse palíndromo.

Muita gente sabe o que é um caligrama — aqueles textos que existiam desde a Grécia em que as letras e frases iam desenhando o objeto a que se referiam — um vaso, um ovo, ou então, como num autor moderno tipo Apollinaire, as frases do poema se inscrevendo em forma de cavalo ou na perpendicular imitando o feitiço da chuva.

Mas pouca gente sabe o que é um lipograma. Lipo significa tirar, aspirar, esconder. Portanto, um lipograma é um texto que sofreu a lipoaspiração de uma letra. O autor resolve esconder essa letra por razões lúdicas. Já o grego Píndaro havia escrito uma ode, sem a letra “s”. Os autores barrocos no século XVII também usavam este tipo de ocultação, porque estavam envolvidos com o ocultismo, com a cabala e com a numerologia.

Por que estou dizendo essas coisas?

ROMANO, Affonso de Sant’Anna. *O Globo*, 15/09/1999.

6) (Uerj/2002 – LPLB)

Você sabe o que é um palíndromo?

Por que estou dizendo essas coisas?

Observando os parágrafos compreendidos entre as perguntas acima, identifique a função da linguagem predominante nesses parágrafos e justifique sua resposta.

7) (Uerj/2005 – LPLB)

O GERENTE (Aos criados) — Vamos! Vamos! Aviem-se! Tomem as malas e encaminhem estes senhores! Mexam-se! Mexam-se!... (Vozerio. Os hóspedes pedem quarto, banhos, etc... Os criados respondem. Tomam as malas, saem todos, uns pela escadaria, outros pela direita.)

AZEVEDO, Arthur. *A Capital federal*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1972.

Identifique o modo verbal e a função da linguagem predominantes na fala do gerente dirigida aos criados.

GRUPO 2 – Identificar ou justificar a existência de uma função da linguagem previamente mencionada



1) (Uerj/2012 – Exame de Qualificação) Pode-se definir “metalinguagem” como a linguagem que comenta a própria linguagem, fenômeno presente na literatura e nas artes em geral. O quadro A perspicácia, do belga René Magritte, é um exemplo de metalinguagem porque:

- (A) destaca a qualidade do traço artístico
(B) mostra o pintor no momento da criação
(C) implica a valorização da arte tradicional
(D) indica a necessidade de inspiração concreta

Texto para a questão 2

Esau de Jacó

Já então os dois gêmeos cursavam, um a Faculdade de Direito, em S. Paulo; outro a Escola de Medicina, no Rio. Não tardaria muito que saíssem formados e prontos, um para defender o direito e o torto da gente, outro para ajudá-la a viver e a morrer. Todos os contrastes estão no homem.

Não era tanta a política que os fizesse esquecer Flora, nem tanta Flora que os fizesse esquecer a política. Também não eram tais as duas que prejudicassem estudos e recreios. Estavam na idade em que tudo se combina sem quebra de essência de cada coisa. Lá que viessem a amar a pequena com igual força é o que se podia admitir desde já, sem ser preciso que ela os atraísse de vontade. Ao contrário, Flora ria com ambos, sem rejeitar nem aceitar especialmente nenhum; pode ser até que nem percebesse nada. Paulo vivia mais tempo ausente. Quando tornava pelas férias, como que a achava mais cheia de graça. Era então que Pedro multiplicava as suas finezas para se não deixar vencer do irmão, que vinha pródigo delas. E Flora recebia-as todas com o mesmo rosto amigo.

Note-se — e este ponto deve ser tirado à luz, — note-se que os dois gêmeos continuavam a ser parecidos e eram cada vez mais esbeltos. Talvez perdessem estando juntos, porque a semelhança diminuía em cada um deles a feição pessoal. Demais, Flora simulava às vezes confundí-los, para rir com ambos. E dizia a Pedro:

— Dr. Paulo!

E dizia a Paulo:

— Dr. Pedro!

Em vão eles mudavam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Flora mudava os nomes também, e os três acabavam rindo. A familiaridade desculpava a ação e crescia com ela. Paulo gostava mais de conversa que de piano; Flora conversava. Pedro ia mais com o piano que com a conversa; Flora tocava. Ou então fazia ambas as coisas, e tocava falando, soltava a rédea aos dedos e à língua. Tais artes, postas ao serviço de tais graças, eram realmente de acender os gêmeos, e foi o que sucedeu pouco a pouco.

ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.

2) (Uerj/2012 — Exame de Qualificação) No romance *Esaú e Jacó*, o narrador põe em evidência seus pensamentos e suas percepções, conduzindo a reação dos leitores durante toda a narrativa.

O fragmento que melhor exemplifica esse direcionamento da reação dos leitores é:

(A) “Já então os dois gêmeos cursavam, um a Faculdade de Direito, em S. Paulo; outro a Escola de Medicina, no Rio.”

(B) “Note-se — e este ponto deve ser tirado à luz, — note-se que os dois gêmeos continuavam a ser parecidos e eram cada vez mais esbeltos.”

(C) “Flora mudava os nomes também, e os três acabavam rindo.”

(D) “Ou então fazia ambas as coisas, e tocava falando, soltava a rédea aos dedos e à língua.”

Texto para a questão 3

Olho as minhas mãos

*Olho as minhas mãos: elas só não são estranhas
Porque são minhas. Mas é tão esquisito distendê-las
Assim, lentamente, como essas anêmonas do
fundo do mar...*

*Fechá-las, de repente,
Os dedos como pétalas carnívoras!
Só apanho, porém, com elas, esse alimento
impalpável do tempo,
Que me sustenta, e mata, e que vai secretando
o pensamento*

Como tecem as teias as aranhas.

*A que mundo
Pertencço?*

*No mundo há pedras, baobábs¹, panteras,
Águas cantarolantes, o vento ventando*

*E no alto as nuvens improvisando sem cessar.
Mas nada, disso tudo, diz: “existo”.*

Porque apenas existem...

Enquanto isto,

O tempo engendra a morte, e a morte gera os deuses

E, cheios de esperança e medo,

Oficiamos rituais, inventamos

Palavras mágicas,

Fazemos

Poemas, pobres poemas

Que o vento

Mistura, confunde e dispersa no ar...

Nem na estrela do céu nem na estrela do mar

Foi este o fim da Criação!

Mas, então,

Quem urde eternamente a trama de tão velhos

sonhos?

Quem faz — em mim — esta interrogação?

QUINTANA, Mário. *Apontamentos de história sobrenatural*. Porto Alegre: Globo, 1984.

3) (Uerj/2007 — Exame de Qualificação) A metalinguagem pode ser percebida quando, em uma mensagem, a linguagem passa a ser o próprio objeto do discurso.

A metalinguagem não está presente na seguinte alternativa:

(A) “A que mundo / Pertencço?”

(B) “Fazemos / Poemas, pobres poemas”

(C) “Foi este o fim da Criação!”

(D) “Quem faz — em mim — esta interrogação?”

4) (Enem/2011)

Pequeno concerto que virou canção

*Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor*

VANDRÉ, G. Disponível em: <http://www.lettras.terra.com.br> (Acesso em: 29 jun. 2011)

Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor

(A) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos.

(B) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção.

- (C) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento.
 (D) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção.
 (E) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

5) (Enem/2011)

É água que não acaba mais

Dados preliminares divulgados por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) apontaram o Aquífero Alter do Chão como o maior depósito de água potável do planeta. Com volume estimado em 86 000 quilômetros cúbicos de água doce, a reserva subterrânea está localizada sob os estados do Amazonas, Pará e Amapá. “Essa quantidade de água seria suficiente para abastecer a população mundial durante 500 anos”, diz Milton Matta, geólogo da UFPA. Em termos comparativos, Alter do Chão tem quase o dobro do volume de água do Aquífero Guarani (com 45 000 quilômetros cúbicos). Até então, Guarani era a maior reserva subterrânea do mundo, distribuída por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Época. N.º 623, 26 abr. 2010.

Essa notícia, publicada em uma revista de grande circulação, apresenta resultados de uma pesquisa científica realizada por uma universidade brasileira. Nessa situação específica de comunicação, a função referencial da linguagem predomina, porque o autor do texto prioriza

- (A) as suas opiniões, baseadas em fatos.
 (B) os aspectos objetivos e precisos.
 (C) os elementos de persuasão do leitor.
 (D) os elementos estéticos na construção do texto.
 (E) os aspectos subjetivos da mencionada pesquisa

GABARITO

Grupo 1

1) D

2) C

3) E

4) E

5) D

6) Função metalinguística. Uma dentre as justificativas:

– Os parágrafos explicam os significados de palavras.

– Os parágrafos contêm definições de palavras por outras palavras.

7) Modo imperativo e função conativa (apelativa)

Grupo 2

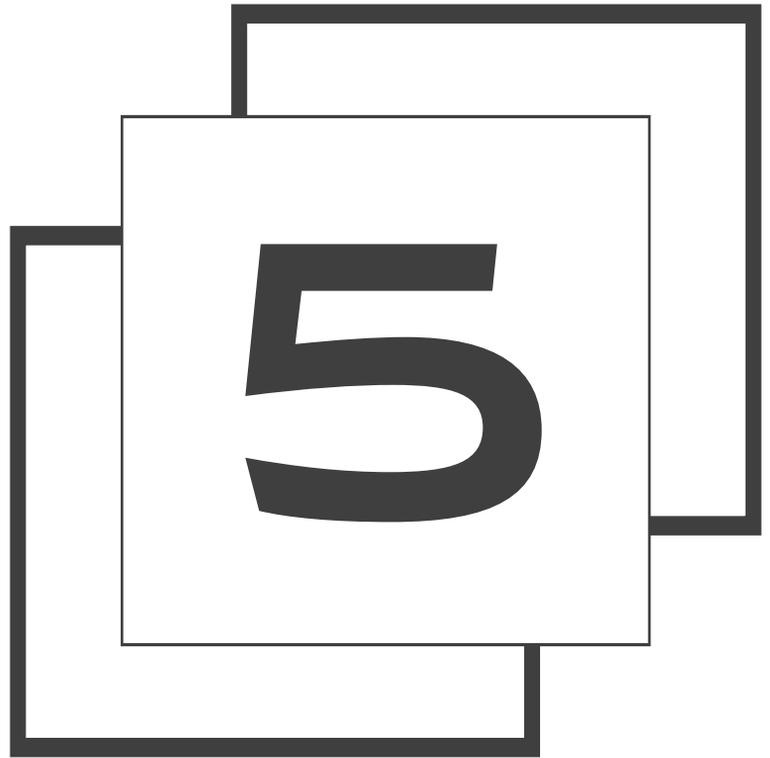
1) B

2) B

3) A

4) A

5) B



COESÃO TEXTUAL

1. O QUE É COESÃO TEXTUAL

O objetivo desta seção é explicar o que é coesão textual. Para chegar ao conceito de coesão, vamos partir dos três exemplos abaixo. No primeiro, temos uma série de palavras soltas à qual não conseguimos atribuir nenhum significado. No segundo, temos uma série de palavras soltas (assim como no primeiro) à qual conseguimos atribuir um significado global (diferente do primeiro). No terceiro, temos palavras explicitamente encadeadas, conectadas (diferente do segundo) e conseguimos atribuir um significado global ao texto (assim como no segundo).

Exemplo 1

Copo. Desesperados. Flor. Sobrancelha. Santidade.

Exemplo 2

Circuito fechado

Ricardo Ramos

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, telefone, agenda, copo com lápis, caneta, blocos de notas, espátula, pastas, caixa de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

Disponível em: <http://www.pucrs.br/gpt/substantivos.php>. Acesso em: 15/09/2011

Exemplo 3

Primeiro, calçou os chinelos; em seguida, dirigiu-se ao vaso. Ao terminar, deu descarga. Foi até a pia, lavou o rosto e escovou os dentes. Além disso, fez a barba e tomou banho. Logo depois, escolheu a roupa, vestiu-a e foi para o trabalho.

No primeiro caso, temos apenas uma fileira de palavras que, juntas, não significam nada. Se não conseguimos enxergar essa sequência como um todo coerente, em que as palavras estabelecem algum tipo de vínculo, então não

podemos dizer que se trata de um texto verdadeiro. O exemplo 1, portanto, é apenas uma sequência aleatória de vocábulos; por não ter um sentido global apreensível, não chega a ser um texto.

O exemplo 2 é semelhante em um aspecto: também ele é composto por vocábulos superficialmente “soltos”, ou seja, sem encadeamento explícito. Mas há uma diferença crucial: nesse caso, é possível identificar um sentido global. Na prática, nós conseguimos perceber as relações entre as palavras, ainda que elas não estejam marcadas explicitamente. Por isso, podemos dizer que, ao contrário do que ocorre no exemplo 1, neste caso temos verdadeiramente um texto.

O exemplo 3 é uma adaptação da parte inicial do miniconto “Circuito fechado”. Nessa versão, os vocábulos, originalmente soltos, foram “costurados” ou conectados por meio de palavras e expressões como “em seguida”, “e”, “Além disso”, e todos os demais termos sublinhados. A “costura” ou conexão entre os vocábulos pode ser constatada também no uso do pronome “a” (em “vestiu-a”). Afinal, para entender o significado desse “a”, precisamos remeter para um termo anterior (“a roupa”). Nesse sentido, é como se construíssemos uma linha invisível ligando o pronome “a” ao substantivo “roupa”. Aqui, portanto, temos palavras explicitamente encadeadas (diferente dos exemplos 1 e 2) e conseguimos atribuir um significado global (assim como no exemplo 2, e diferentemente do exemplo 1).

Agora que você já entendeu a análise dos três exemplos, podemos começar a usar os nomes técnicos. Quando conseguimos atribuir um sentido a uma série de palavras, transformando-a de fato num texto (em vez de uma sucessão aleatória de vocábulos), dizemos que essa sequência linguística é coerente ou apresenta coerência. Além disso, se as palavras são explicitamente conectadas, encadeadas (como no exemplo 3), dizemos que a sequência apresenta coesão. Conclusão: o exemplo 1 não tem nem coerência nem coesão; o exemplo 2 tem coerência, mas não coesão; o exemplo 3 tem coerência e coesão. A tabela abaixo resume essa conclusão.

	Tem coerência?	Tem coesão?
Exemplo 1	NÃO	NÃO
Exemplo 2	SIM	NÃO
Exemplo 3	SIM	SIM

Finalmente, podemos formular o conceito de coesão textual. Resumidamente, diremos que a coesão textual diz respeito aos processos que evidenciam, na superfície textual, a ligação ou conexão entre duas partes de um texto.

Agora, você vai estudar os dois grandes tipos de coesão: a referencial e a sequencial.

2. COESÃO REFERENCIAL

Algumas palavras ou expressões podem remeter a outras palavras e expressões citadas no texto. Quando isso acontece, dizemos que ocorre coesão referencial.

O João disse que dormiu bem, mas ele parece cansado.



No exemplo acima, o pronome “ele” retoma “O João”. Diremos, então, que “ele” é uma forma remissiva (porque remete para outro ponto do texto) e que “O João” é um referente textual (porque é a ele que o pronome se refere). Ao processo de remissão representado acima, em que um elemento do texto aponta ou remete para outro, chamamos de coesão referencial.

A coesão referencial pode se dar em dois sentidos. Quando a forma remissiva aponta para trás, temos uma anáfora ou coesão anafórica. É o que acontece no exemplo acima: o pronome “ele” remete para um elemento que havia sido mencionado antes. Quando a forma remissiva aponta para frente, temos uma catáfora ou coesão catafórica. É o que ocorre no exemplo abaixo:

Naquele momento, ele entendeu tudo: as cabeças baixas, os olhares apreensivos, os sorrisos amarelos.

Nesse exemplo, note que o pronome “tudo”, atuando como forma remissiva, aponta para frente, ou seja, faz referência a um elemento que será mencionado mais adiante: o referente textual “as cabeças baixas, os olhares apreensivos, os sorrisos amarelos”.



3. COESÃO SEQUENCIAL

Existem diversos tipos de coesão sequencial. No nosso curso, vamos estudar especificamente o processo conhecido como encadeamento, no qual operadores linguísticos são utilizados para relacionar diferentes sequências textuais e promover a progressão temática. O encadeamento pode ser realizado com conectivos, que estabelecem relações lógico-semânticas, ou com sinais de articulação, que ajudam a organizar e estruturar o conteúdo do texto. O primeiro caso será estudado no capítulo 9, intitulado “Semântica dos conectivos”. Por isso, neste momento, vamos nos restringir aos sinais de articulação.

(A) Sinais que delimitam partes do próprio texto (uso meta-comunicativo)

Em virtude do exposto acima, podemos afirmar que...

Para concluir, convém lembrar que...

Inicialmente, mostramos neste texto os efeitos nocivos do aquecimento global. Em seguida, apresentamos algumas propostas que podem ajudar a minimizar o problema.

(B) Sinais que demarcam e encadeiam episódios narrativos (ordenadores temporais) ou elementos de uma descrição (ordenadores espaciais)

Ordenadores temporais

Primeiro, ele vai discursar para o povo. Em seguida, fará um breve juramento. Por último, receberá a homenagem.

Eles se beijaram uma única vez e nunca mais se viram. Muitos anos depois, reencontraram-se por acaso.

Ordenadores espaciais

Bem em frente, há um supermercado. Um pouco mais para a direita, uma grande banca de jornal. E, entre os dois, quem olhar bem verá um pequeno banco abandonado.

(C) Sinais que funcionam com marcadores conversacionais, indicando introdução ou mudança de tópico

Ainda bem que o fim de semana está chegando. Por falar nisso / Falando nisso / A propósito / Aliás, vamos ou não ao jogo, afinal?

É, pode ser uma boa ideia, sim. Mas, mudando de assunto, você já pensou na minha proposta?

Ok, essa parte está resolvida. Quanto à viagem, ainda preciso pensar melhor.

EXERCÍCIOS

Grupo 1 – Coesão referencial

1) (Uerj/2011 – Exame de Qualificação) “Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter as soluços que rompiam-lhes o seio.”

O vocábulo sublinhado faz referência a uma palavra já enunciada no texto.

Essa palavra a que se refere o vocábulo “lhes” é:

- (A) soluços (B) páginas
(C) senhoras (D) momentos

Texto para a questão 2

Competição e individualismo excessivos ameaçam saúde dos trabalhadores

Ideologia do individualismo

O novo cenário mundial do trabalho apresenta facetas como a da competição globalizada e a da ideologia do individualismo. A afirmação foi feita pelo professor da Universidade de Brasília (UnB) Mário César Ferreira, ao participar do seminário Trabalho em Debate: Crise e Oportunidades.

Segundo ele, pela primeira vez, há uma ligação direta entre trabalho e índices de suicídio, sobretudo na França, em função das mudanças focadas na ideia de excelência.

Fim da especialização

“A configuração do mundo do trabalho é cada vez mais volátil”, disse o professor. Ele destacou ainda a crescente expansão do terceiro setor, do trabalho em domicílio e do trabalho feminino, bem como a exclusão de perfis como o de trabalhadores jovens e dos fortemente especializados. “As organizações preferem perfis polivalentes e multifuncionais.” Desta forma, a escolarização clássica do

trabalhador amplia-se para a qualificação contínua, enquanto a ultraespecialização evolui para a multiespecialização.

Metamorfoses do trabalho

Ele ressaltou que as “metamorfoses” no cenário do trabalho não são “indolores” para os que trabalham e provocam erros frequentes, retrabalho, danificação de máquinas e queda de produtividade.

Outra grande consequência, de acordo com o professor, diz respeito à saúde dos trabalhadores, que leva à alta rotatividade nos postos de trabalho e aos casos de suicídio. “Trata-se de um cenário em que todos perdem, a sociedade, os governantes e, em particular, os trabalhadores”, avaliou.

Articulação entre econômico e social

Para a coordenadora da Diretoria de Cooperação e Desenvolvimento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Christiane Girard, a problemática das relações de trabalho envolve também uma questão: qual o tipo de desenvolvimento que nós, como cidadãos, queremos ter?

Segundo Christiane, é preciso “articular” o econômico e o social, como acontece na economia solidária. “Ela é uma das alternativas que aparecem e precisa ser discutida. A resposta do trabalhador se manifesta por meio do estresse, de doenças diversas e do suicídio. A gente não se pergunta o suficiente sobre o peso da gestão do trabalho”, disse a representante do Ipea.

Adaptado de www.diariodasoude.com.br

2) (Uerj/2011 — Exame de Qualificação) Na coesão textual, os pronomes podem ser empregados para fazer a ligação entre o que está sendo dito e o que foi enunciado anteriormente.

O pronome sublinhado que estabelece ligação com uma parte anterior do texto está na seguinte passagem:

(A) “A configuração do mundo do trabalho é cada vez mais volátil”

(B) Outra grande consequência, de acordo com o professor, diz respeito à saúde dos trabalhadores,

(C) “Trata-se de um cenário em que todos perdem,”

(D) qual o tipo de desenvolvimento que nós, como cidadãos, queremos ter?

Texto para a questão 3

Sobre a origem da poesia

A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem.

Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não poético, já que, restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas.

Como se ela restituísse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa — que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história.

A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos flashbacks de uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades — significante e significado.

Houve esse tempo? Quando não havia poesia porque a poesia estava em tudo o que se dizia?

Quando o nome da coisa era algo que fazia parte dela, assim como sua cor, seu tamanho, seu peso? Quando os laços entre os sentidos ainda não se haviam desteito, então música, poesia, pensamento, dança, imagem, cheiro, sabor, consistência se conjugavam em experiências integrais, associadas a utilidades práticas, mágicas, curativas, religiosas, sexuais, guerreiras?

Pode ser que essas suposições tenham algo de utópico, projetado sobre um passado pré-babélico, tribal, primitivo. Ao mesmo tempo, cada novo poema do futuro que o presente alcança cria, com sua ocorrência, um pouco desse passado.

Lembro-me de ter lido, certa vez, um comentário de Décio Pignatari, em que ele chamava a atenção para o fato de, tanto em chinês como em tupi, não existir o verbo ser, enquanto verbo de ligação. Assim, o ser das coisas ditas se manifestaria nelas próprias (substantivos), não numa partícula verbal externa a elas, o que faria delas línguas poéticas por natureza, mais propensas à composição analógica.

Mais perto do senso comum, podemos atentar para como colocam os índios americanos falando, na maioria dos filmes de cowboy — eles dizem “maçã vermelha”, “água boa”, “cavalo veloz”; em vez de “a maçã é vermelha”, “essa água é boa”, “aquele cavalo é veloz”. Essa forma mais sintética, telegráfica, aproxima os nomes da própria existência — como se a fala não estivesse se referindo àquelas coisas, e sim apresentando-as (ao mesmo tempo em que se apresenta).

No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermedeiam nossa relação com as coisas, impedindo nosso contato direto com elas. A linguagem poética inverte essa relação, pois, vindo a se tornar, ela em si, coisa, oferece uma via de acesso sensível mais direto entre nós e o mundo.

(...)

Já perdemos a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida. Mas temos esses pequenos oásis — os poemas — contaminando o deserto da referencialidade.

Arnaldo Antunes. Disponível em: www.arnaldoantunes.com.br

3) (Uerj/2012 — Exame de Qualificação) Na coesão textual, ocorre o que se chama catáfora quando um termo se refere a algo que ainda vai ser enunciado na frase.

Um exemplo em que o termo destacado constrói uma catáfora é:

(A) Como se ela restituísse,

(B) Pode ser que essas suposições tenham algo de utópico,

(C) não numa partícula verbal externa a elas,

(D) No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermedeiam

Texto para a questão 4**Juventude e participação**

Inicialmente, gostaria de destacar que toda avaliação é feita a partir de uma comparação. Neste caso, essa comparação poderia ser feita em duas direções. Uma delas em relação a outras faixas etárias e a outra em relação à juventude de épocas passadas. Em relação à primeira dimensão, me parece que o comportamento político da juventude não seja diferente do de outras faixas etárias. Os que avaliam como baixa a participação política da juventude atual não podem afirmar que seja diferente da participação política das outras faixas. Existem parcelas da população passivas (e entre elas há jovens e também adultos), assim como existem parcelas da população com alta taxa de participação política, e entre elas podemos igualmente identificar jovens e adultos.

Logo, uma comparação entre faixas etárias não nos leva a concluir que seja baixa a participação política da juventude. Agora, em relação à outra dimensão, a comparação entre juventudes de épocas diferentes, podemos constatar diferenças que aparentemente levam algumas pessoas a afirmações do tipo “a juventude atual não está com nada”, “antigamente os jovens tinham maior consciência e atuação política”. E aqui, novamente, devemos analisar a questão por partes. Jovens alienados e passivos sempre existiram ao lado de jovens conscientizados e ativos politicamente.

Deve-se reconhecer que a proporção entre essas duas categorias muda com o tempo, tem épocas em que a proporção de jovens ativos se amplia e em outras épocas diminui. Mas esse aumento ou diminuição é uma expressão da sociedade como um todo e não de uma determinada faixa etária. Se numa época a parcela de jovens cresce e se torna mais intensa, é porque esse mesmo fenômeno se manifesta na sociedade como um todo. O comportamento juvenil expressa as tendências gerais da sociedade como um todo.

A grande diferença está nos meios de que dispõem os jovens para desenvolver sua consciência crítica ou para manifestar sua postura política. Aí, sim, registramos mudanças radicais em relação a outras épocas.

Atualmente, os jovens têm acesso aos meios de comunicação que permitem ampliar a velocidade e a abrangência da transmissão de ideias, o que oferece facilidades nunca antes disponíveis para a expressão política da juventude.

A minha resposta pode parecer otimista e tenho plena consciência de que ela é. Os jovens da atualidade não são diferentes dos jovens de outras épocas, aceitam ou rejeitam valores, assumem ou não atitudes políticas com a mesma postura dos jovens do passado, a diferença não está no grau e sim na forma. Não muda o caminho, muda a forma de caminhar.

Luis de la Mora. Adaptado de www.cipo.org.br

4) (Uerj/2009 – Exame de Qualificação) Nos processos de coesão textual, há vocábulos que substituem palavras, expressões ou ideias anteriormente expostas.

Um exemplo em que o vocábulo grifado retoma algo enunciado em parágrafo anterior é:

- (A) “a proporção entre essas duas categorias”
- (B) “é porque esse mesmo fenômeno”
- (C) “ou para manifestar sua postura política.”
- (D) “e tenho plena consciência de que ela é.”

Texto para a questão 5

A inteligência do herói estava muito perturbada. Acordou com os berros da bicharia lá em baixo nas ruas, disparando entre as malocas temíveis. E aquele diacho de sagui-açu (...) não era saguim não, chamava elevador e era uma máquina. De-manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquiadas sopros roncões esturros não eram nada disso não, eram mas cláxons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina. As onças pardas não eram onças pardas, se chamavam fordes hupmobiles chevolés dodges mármons e eram máquinas. Os tamanduás os boitatás as inajás de curuatás de fumo, em vez eram caminhões bondes autobondes anúncios-luminosos relógios faróis rádios motocicletas telefones gorjetas postes chaminés... Eram máquinas e tudo na cidade era só máquina! O herói aprendendo calado. De vez em quando estremezia. Voltava a ficar imóvel escutando assuntando maquinando numa cisma assombrada. Tomou-o um respeito cheio de inveja por essa deusa de deveras forçada, Tupã famanado que os filhos da mandioca chamavam de Máquina, mais cantadeira que a Mãe-d'água, em bulhas de sarapantar.

Então resolveu ir brincar com a Máquina pra ser também imperador dos filhos da mandioca. Mas as três cunhãs deram muitas risadas e falaram que isso de deuses era gorda mentira antiga, que não tinha deus não e que com a máquina ninguém não brinca porque ela mata. A máquina não era deus não, nem possuía os distintivos femininos de que o herói gostava tanto. Era feita pelos homens. Se mexia com eletricidade com fogo com água com vento com fumo, os homens aproveitando as forças da natureza. Porém jacaré acreditou? nem o herói!

(...)

Macunaíma passou então uma semana sem comer nem brincar só maquinando nas brigas sem vitória dos filhos da mandioca com a Máquina. A Máquina era que matava os homens porém os homens é que mandavam na Máquina... Constatou pasmo que os filhos da mandioca eram donos sem mistério e sem força da máquina sem mistério sem querer sem fastio, incapaz de explicar as infelicidades por si. Estava nostálgico assim. Até que uma noite, suspenso no terraço dum arranhacéu com os manos, Macunaíma concluiu:

— Os filhos da mandioca não ganham da máquina nem ela ganha deles nesta luta. Há empate.

(...)

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

5) (Uerj/2009 – Exame de Qualificação) Alguns vocábulos possuem a propriedade de retomar integralmente uma ideia já apresentada antes.

Essa propriedade é observada no vocábulo grifado em:

- (A) “Acordou com os berros da bicharia lá em baixo”
- (B) “Tomou-o um respeito cheio de inveja”
- (C) “Então resolveu ir brincar com a Máquina”
- (D) “Estava nostálgico assim.”

Texto para a questão 6**As palavras e as coisas**

Guimarães Rosa, possivelmente o maior escritor brasileiro depois de Machado de Assis, dizia que seu sonho era escrever um dicionário.

Ignoro se Rosa gostava de futebol (até onde eu sei, nunca escreveu nada a respeito), mas certamente ele se encantaria com a riqueza vocabular associada ao esporte mais popular do mundo.

Poliglota, cultor dos neologismos formados a partir de diversos idiomas, o autor de “Sagarana” devia se deliciar com as palavras de origem inglesa aclimatadas ao português do Brasil por obra e graça do jogo da bola.

É certo que alguns desses termos ingleses caíram em desuso. É o caso de “off-side” (substituído por “impedimento”), “hands” (“toque” ou “mão”), “centerforward” (“centroavante”) etc.

Outros, entretanto, foram devidamente abraçados e incorporados de tal maneira ao nosso idioma que raramente lembramos de sua origem: “chute” (versão de “shoot”), “beque” (de “back”), “pênalti” (de “penalty”) etc., sem falar no próprio “futebol” (“football”).

Há ainda as palavras inglesas que mantiveram uma vigência praticamente apenas regional, como “córner”, ainda muito usada no Rio de Janeiro, mas substituída no resto do país por “escanteio”, “tiro de canto” ou somente “canto”.

Rosa, se acompanhasse o futebol, se deliciaría com a variedade de metáforas produzidas para dar conta do que acontece dentro das quatro linhas.

Há, por exemplo, o recurso a uma infinidade de objetos cujo formato ou movimento lembra o de certas jogadas: carrinho, chapéu, bicicleta, janelinha (expressão gaúcha para bola entre as pernas), ponte. Mas o ramo mais bonito, do ponto de vista de um escritor, deve ser o das metáforas extraídas da natureza: meia-lua, frango, peixinho, folha seca.

Ao criar uma jogada dessas — como Didi, que “inventou” a folha seca —, ou executá-la com perfeição, um craque faz poesia pura, rivalizando com Deus e nomeando as coisas como se estivesse no primeiro dia da Criação.

Guimarães Rosa, infelizmente, não produziu seu sonhado dicionário.

Nunca saberemos, portanto, se o homem que criou a saga fantástica de Riobaldo e Diadorim sabia o significado, dentro do campo de futebol, de uma chaleira, um lençol, um chaveirinho ou um corta-luz. (...)

COUTO, José Geraldo, Folha de São Paulo, 17/07/02.

6) (Cederj/2007 — Questões objetivas) Um dos recursos de coesão textual é o uso de vocábulos sinônimos ou quase sinônimos, a fim de evitar a repetição literal de um termo. No texto, ao utilizar essa estratégia, o autor substituiu a palavra “futebol” por:

- (A) esporte;
- (B) jogo da bola;
- (C) quatro linhas;
- (D) campo de futebol;
- (E) jogada.

Texto para a questão 7

Qual será o futuro das cidades?

As megacidades vão mudar de endereço no próximo milênio.

Na periferia da globalização, as metrópoles subdesenvolvidas concentrarão não apenas população, mas também miséria. Crescendo num ritmo veloz, dificilmente conseguirão dar a tantas pessoas habitação, transportes e saneamento básico adequados. Mas não serão as únicas a enfrentar esses problemas. Mesmo metrópoles do topo da hierarquia global, como Nova York, já sofrem com congestionamentos, poluição e violência.

Independentemente de tamanho ou localização, as cidades vão enfrentar ao menos um desafio comum: o aumento da tensão urbana provocado pela crescente desigualdade entre seus moradores. Não há mágica tecnológica à vista capaz de resolver as dificuldades. Os urbanistas apontam o planejamento como antídoto para o caos. Os governos precisam apostar em parcerias com a iniciativa privada e a sociedade civil. Será necessário coordenar ações locais e iniciativas conjuntas entre cidades de uma mesma região.

Caderno Especial, Folha de São Paulo, p.1, 02/5/1999

7) (UFF/2000 — 2ª Etapa) A coesão referencial pode ser realizada por meio de formas cujo lexema (radical) forneça instrução de sentido que represente uma interpretação de partes antecedentes do texto.

Exemplo: Imagina-se que, no futuro, haverá aumento das tensões urbanas. Essa hipótese tem preocupado os cientistas sociais.

Transcreva, do texto acima, apenas a expressão que, na coesão referencial, exerce papel semelhante à do trecho sublinhado no exemplo acima.

Texto para a questão 8

Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo; Quaresma era antes de tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves — era tudo isso junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro.

Logo aos dezoito anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a “terra que o viu nascer.” Impedido de evoluir-se sob os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.

Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais, que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. Para isso ia até ao crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do “seu” rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. In: Três Romances. Rio de Janeiro: Garnier, 1990, p. 17-18

8) (UFF/1998) Há pronomes que possuem função anafórica, isto é, retomam elementos anteriormente expressos, construindo a coesão textual. Outros, no entanto, apenas apontam para os substantivos, sem retomá-los.

Assinale a alternativa em que o pronome sublinhado **não** possui função anafórica, na frase:

- (A) “procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.”
 (B) “quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo.”
 (C) “mas a junta de saúde julgou-o incapaz.”
 (D) “Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais que o Brasil continha”
 (E) “ia ao crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo”

9) (Cederj/2009 – 2º semestre) No período “Darwin é o único cujas ideias ainda servem de base sólida para avanços extraordinários do conhecimento”,

a) O vocábulo sublinhado refere-se a que substantivo antecedente?

b) Reescreva a expressão “cujas ideias” substituindo o pronome “cujas” pelo substantivo antecedente.

Texto para a questão 10

O império das lentes

Nas cerimônias de casamento, as retinas das testemunhas foram substituídas pela camcorder¹ do sujeito de terno gasto que grava o enlace andando de um lado para o outro (o distinto padre pode dar licença, por favor?). Cônica de sua relevância mística, a madrinha chora no exato instante em que os refletores lhe incandescem a maquiagem. Nas festas de escolas primárias, os alunos aprenderam a se apresentar para filmadoras e não mais para pais e mães. Sob o foco automático, a criança já não enxerga o sorriso de orgulho ou de apreensão na face do pai; vê apenas a handycam² que mascara o seu rosto. Se a televisão é a arena da história contemporânea, as câmaras de vídeo domésticas se tornaram o olhar autorizado da intimidade familiar (e de outras intimidades nem tão familiares assim). Nas férias, o estranho fenômeno se generaliza, escancarando em público o vazio em que existimos. O viajante já não é aquele que contempla o desconhecido, que se reserva a chance do inesperado, que vive, enfim Protegido por sua máscara eletrônica, que o poupa de estar exposto ao destino, ele apenas grava imagens, e normalmente muito rápido, como quem ainda tem uma longa lista a cumprir. O turista é um apressado. Depois, claro, jamais terá tempo de rever o que filmou. Continuará com pressa. De bom grado, ele substituiu a própria memória pela fita magnética, mas esta também logo se perderá numa estante empoeirada, guardando imagens sem nexos. São as imagens do espetáculo que não foi vivido, pois quem poderia vivê-lo se ocupou em gravá-lo (ou em posar para a gravação). Ali jaz a vida que poderia ter sido. Ali jaz o desejo que não se satisfaz, pois entre ele e o turista havia um muro transparente, um vidro, uma câmara, essa engenhoca que reina soberana no espaço exiguo que separa o homem de si mesmo.

BUCCI, Eugênio. *Veja*, 03/12/1996.

1 – camcorder – filmadora

2 – handycam – filmadora de mão

10) (Uerj/2000 – Língua Portuguesa Instrumental com Redação)

Nas férias, o estranho fenômeno se generaliza,

Demonstre de que modo a expressão sublinhada funciona como um mecanismo de coesão, ou ligação, entre as partes do texto.

Texto para a questão 11

I love my husband*

Ele diz que sou exigente, fico em casa lavando a louça, fazendo compras, e por cima reclamo da vida. Enquanto ele constrói o seu mundo com pequenos tijolos, e ainda que alguns destes muros venham ao chão, os amigos o cumprimentam pelo esforço de criar olarias de barro, todas sólidas e visíveis.

A mim também me saúdam por alimentar um homem que sonha com casas-grandes, senzalas e mocambos, e assim faz o país progredir. E é por isto que sou a sombra do homem que todos dizem eu amar. Deixo que o sol entre pela casa, para dourar os objetos comprados com esforço comum. Embora ele não me cumprimente pelos objetos fluorescentes. Ao contrário, através da certeza do meu amor, proclama que não faço outra coisa senão consumir o dinheiro que ele arrecada no verão. Eu peço então que compreenda minha nostalgia por uma terra antigamente trabalhada pela mulher, ele franze o rosto como se eu lhe estivesse propondo uma teoria que envergonha a família e a escritura definitiva do nosso apartamento.

* Eu amo meu marido

PIÑÓN, Nélida. *I love my husband*. In: MORICONI, Ítalo (sel.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

11) (Uerj/2002 – Língua Portuguesa Instrumental com Redação)

Na construção de um texto empregam-se diferentes elos coesivos. Além das conjunções e das formas pronominais, utilizam-se outros elementos para marcar a associação progressiva e coerente das ideias que compõem um texto.

Transcreva, do 2º parágrafo do texto acima, os dois primeiros exemplos desses outros elos coesivos.

Texto para a questão 12

A era do automóvel

E, subitamente, é a era do Automóvel. O monstro transformador irrompeu, bufando, por entre os descombros da cidade velha, e como nas mágicas e na natureza, aspérima educadora, tudo transformou com aparências novas e novas aspirações. Quando os meus olhos se abriram para as agruras e também para os prazeres da vida, a cidade, toda estreita e toda do mau piso, eriçava o pedregulho contra o animal de lenda, que acabava de ser inventado em França. Só pelas ruas esguias dois pequenos e lamentáveis corredores tinham tido a ousadia d'aparecer.
 (...)

Vivemos inteiramente presos ao Automóvel. O Automóvel ritmiza a vida vertiginosa, a ânsia das velocidades, o desvario de chegar ao fim, os nossos sentimentos de moral, de estética, de prazer, de economia, de amor.
 (...)

(...) *O automóvel é um instrumento de precisão fenomenal, o grande reformador das formas lentas.*

Sim, em tudo! A reforma começa, antes de andar, na linguagem e na ortografia. É a simplificação estupenda. Um simples mortal de há vinte anos passadas seria incapaz de compreender, apesar de ter todas as letras e as palavras por inteiro, este período: “O Automóvel Club Brasil sem negócios com a Sociedade de Automóveis de Reims, na garagem Excelsior”. Hoje, nós ouvimos diálogos bizarros:

– *Foste ao A.C.B.?*

– *Iéss.*

– *Marca da fábrica?*

– *F.I.A.T. 60 H.P. Tenho que escrever ao A.C.O.T.U.K.*

O que em palestra diz-se ligando as letras em palavras de aspecto volapukeano, mas que traduzido para o vulgar significa que o cavalheiro tem uma máquina da Fábrica Italiana de Automóveis de Turim, da força de 60 cavalos e que vão escrever para o Aéreo Club do Reino Unido.

É ou não é prodigioso? É a língua do futuro, a língua das iniciais (...).

Um artigo de duzentas linhas escreve-se em vinte quase estenografiado. Assim como encurta tempo e distâncias no espaço, o Automóvel encurta tempo e papel na escrita. Encurta mesmo as palavras inúteis e a tagarelice. O monossílabo na carreira é a opinião do homem novo. A literatura é ócio, o discurso é o impossível.

João do Rio. In: GOMES, R. C. *João do Rio, 1881-1921*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

12) (Uerj/2006 – LPLB)

A progressão temática de A era do automóvel se dá em duas etapas, cada qual caracterizada por um tópico textual predominante. Identifique:

a) o tópico predominante em cada uma das etapas;

b) dois substantivos que explicitam lexicalmente a coesão entre essas duas etapas.

GABARITO

Grupo 1

1) C 2) B 3) D 4) A 5) D 6) B

7) “... esses problemas...” 8) E

9) a) “Darwin” OU “único”

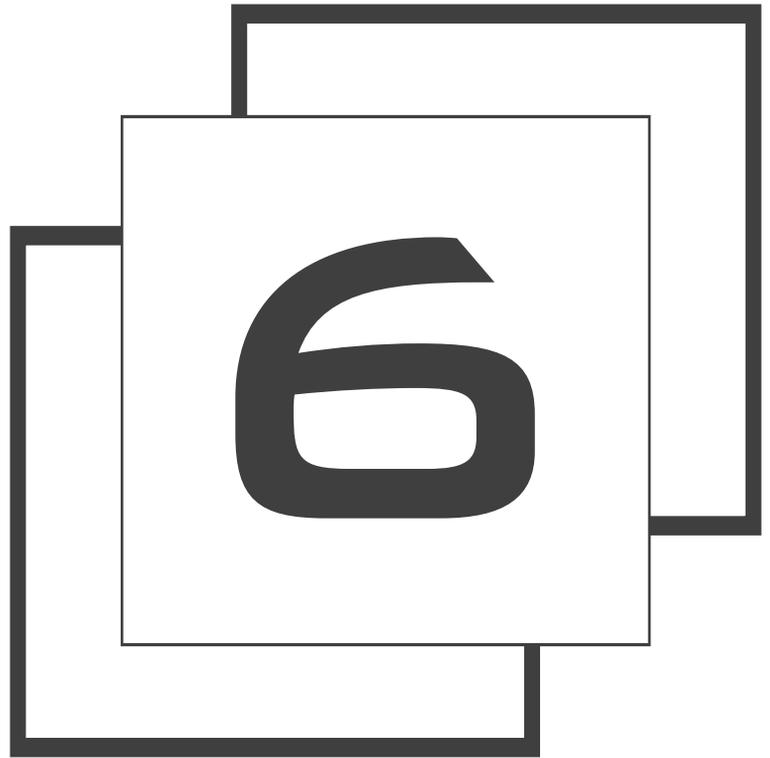
b) “ideias de/do Darwin” OU “ideias do único”

10) Trata-se de uma expressão genérica que resume o conjunto de situações descritas anteriormente, unificando-as.

11) “Também” e “assim”.

12) a) Primeira etapa: automóvel. Segunda etapa: transformação da linguagem.

b) Reformador e reforma



CLASSES DE PALAVRAS (1): O PRONOME

1. AS CLASSES DE PALAVRAS

Neste e nos próximos 3 capítulos, estudaremos as classes de palavras (ou classes gramaticais). No português, as palavras podem ser enquadradas nas seguintes classes:

- 1 – Substantivo
- 2 – Adjetivo
- 3 – Verbo
- 4 – Advérbio
- 5 – Pronome
- 6 – Artigo
- 7 – Numeral
- 8 – Conjunção
- 9 – Preposição
- 10 – Interjeição

Neste capítulo, estudaremos o pronome. A partir daí, a ordem será a seguinte: no capítulo 7, o verbo; no capítulo 8, os adjetivos e advérbios (que podem ser reunidos sob o rótulo de modificadores); finalmente, no capítulo 9, a preposição e a conjunção (que podem ser reunidas sob o rótulo de conectivos).

2. OS TIPOS DE PRONOMES

Existem seis grandes grupos de pronomes:

- Pronomes pessoais
- Pronomes demonstrativos
- Pronomes possessivos
- Pronomes relativos
- Pronomes indefinidos
- Pronomes interrogativos

Aqui, estudaremos os três primeiros tipos. São eles os mais cobrados no vestibular, por estarem ligados às pessoas do discurso. Você entenderá isso melhor no decorrer do capítulo.

3. PRONOMES PESSOAIS

Os pronomes pessoais são aqueles que se referem diretamente às pessoas do discurso.

Pense numa situação de conversa. Digamos que João está relatando para Joana algo sobre a vida de Pedro. Nesse diálogo, portanto, há três pessoas diretas ou indiretamente envolvidas — são elas as tais pessoas do discurso. João, aquele que está falando, é a primeira pessoa. Joana, aquela que está ouvindo, a interlocutora de João, é a segunda pessoa. Por fim, Pedro, que é o assunto da conversa, será a terceira pessoa.

É claro que a terceira pessoa do discurso não precisa ser, necessariamente, um ser humano. Se eu estiver falando sobre o livro que acabei de comprar, a

terceira pessoa será esse livro (portanto, um objeto); se eu estiver falando sobre o último jogo do Flamengo, a terceira pessoa será esse jogo (portanto, um evento, um acontecimento).

Em resumo

São três as pessoas do discurso:

1ª pessoa: aquele(a) que fala/escreve (falante ou autor)

2ª pessoa: aquele(a) que ouve/lê (ouvinte ou leitor)

3ª pessoa: aquele(a) ou aquilo de que se fala/escreve (assunto)

Os pronomes pessoais se dividem em três tipos: pronomes pessoais retos, pronomes pessoais oblíquos e pronomes pessoais de tratamento. Por sua vez, os pronomes oblíquos se dividem em pronomes oblíquos átonos e pronomes oblíquos tônicos. Vamos começar pela distinção entre retos e oblíquos (átonos e tônicos); em seguida, passaremos aos pronomes de tratamento.

3.1. Pronomes pessoais retos e oblíquos

Observe, na tabela abaixo, os pronomes retos e oblíquos.

Pessoa do discurso	Pronome reto	Pronome oblíquo átono (Sem preposição)	Pronome oblíquo tônico (Com preposição)
Singular	1ª	eu	me, mim, comigo
	2ª	tu	te, ti, contigo
	3ª	ele	se, o/a, lhe, si, consigo, ele/ela
Plural	1ª	nós	nós, conosco
	2ª	vós	vós, convosco
	3ª	eles	se, os/as, lhes, si, consigo, eles/elas

Observe, no exemplo abaixo, de que maneira os pronomes pessoais retos e oblíquos (átonos e tônicos) fazem referência às pessoas do discurso.

Tu não confias no Bruno; por isso, não lhe empresta o carro. Mas sei que poderias emprestá-lo para mim.

Estão presentes nessa situação comunicativa os três elementos que vimos acima: alguém que fala essa frase (1ª pessoa), alguém que ouve (2ª pessoa) e assuntos sobre os quais se fala (o Bruno, o carro).

O pronome reto “tu” refere-se ao ouvinte, ao interlocutor; por isso, dizemos que é um pronome de 2ª pessoa. O pronome oblíquo átono “lhe” faz referência ao Bruno, que não está presente da cena — é apenas o assunto da conversa. Por isso, dizemos que se trata de um pronome de 3ª pessoa. O mesmo ocorre com o pronome oblíquo átono “lo”, que se refere ao carro. Por fim, o pronome oblíquo tônico “mim” faz referência à própria pessoa que está proferindo o enunciado. Por isso, dizemos que é um pronome de 1ª pessoa.

- As três pessoas do discurso aparecem tanto no singular quanto no plural. Assim, por exemplo, as formas “eu” e “nós” correspondem ambas à primeira pessoa do discurso, ou seja, à pessoa que fala. A diferença é que, ao usar “eu”, estou falando apenas em meu nome; ao usar “nós”, estou falando em nome de pelo menos mais uma pessoa (ou nós dois estamos falando em coro).
- Ao lado do “nós”, apontado pela gramática como o pronome reto de 1ª pessoa do plural, temos usado cada vez mais a forma “a gente” (*Nós vamos à festa X A gente vai à festa*). De um modo geral, o “nós” corresponde a um uso mais formal, ao passo que o “a gente” é percebido como mais informal. No entanto, com o pronome seguido de um quantificador, não há opção: só podemos usar o “nós”. Por exemplo: *Nós três precisamos trabalhar juntos*.
- Na prática, você sabe bem, quase não usamos os pronomes “tu” e “vós”. No lugar deles, usamos, respectivamente, “você” e “vocês”. Estes, contudo, são classificados tradicionalmente como pronomes de tratamento, e não como pronomes retos. Falamos dos pronomes de tratamento logo abaixo.

Pronome oblíquo com valor possessivo

Observe a diferença de uso dos pronomes oblíquos átonos nos exemplos abaixo:

<i>A namorada <u>lhe</u> deu um presente.</i>	X	<i>Vou quebrar-<u>lhe</u> a cara.</i>
↓		↓
= para ele		= a cara dele; sua cara
<i>Minha namorada <u>me</u> deu um presente.</i>	X	<i>Ele <u>me</u> quebrou a cara.</i>
↓		↓
= para mim		= a minha cara

Nos exemplos à esquerda, os pronomes oblíquos átonos “lhe” e “me” estão empregados em seu uso mais comum (com sentido, respectivamente, de “para ele” e “para mim”). Já nos exemplos à direita, há um caso especial, em que o oblíquo átono assume valor possessivo.

3.2. Pronomes pessoais de tratamento

Os pronomes pessoais de tratamento sempre fazem referência à segunda pessoa do discurso, ou seja, ao interlocutor, aquele que ouve.

Mas, afinal, por que é necessário ter vários pronomes diferentes para nos dirigirmos a um interlocutor? Simples: porque às vezes precisamos mudar o nosso tratamento em relação a alguém a depender do cargo que essa pessoa ocupa, do respeito que devemos a ela ou, mais genericamente, da nossa posição social em relação a ela.

Veja alguns dos pronomes de tratamento e seus usos.

Pronome	Emprego
Vossa Alteza	Príncipes, princesas, duques
Vossa Eminência	Cardeais
Vossa Majestade	Reis, imperadores
Vossa Meritíssima	Juizes de direito

Pronomes pessoais com referência indeterminada

É interessante notar que pronomes como “você”, “eu” ou “a gente” nem sempre são usados para fazer referência a uma ou mais pessoas específicas. Veja o exemplo abaixo:

MARIA: O que você acha da reação do Pedro?

JOÃO: Olha, eu acho que, quando você se vê diante de uma situação de perigo, você tem duas opções: enfrentar ou fugir.

A referência do pronome de tratamento “você” é diferente na fala de Maria e na fala de João. No primeiro caso, o “você” se refere a João, ou seja, a um indivíduo específico, que é o interlocutor de Maria. Mas, na fala de João, esse mesmo pronome assume uma referência genérica, indeterminada. Em vez de referir-se a algum indivíduo particular, pode aplicar-se a qualquer pessoa. É como se João dissesse: “quando qualquer pessoa se vê diante de uma situação de perigo, essa pessoa indeterminada tem...”

Assim como o “você”, também pronomes retos como “eu” ou “a gente” podem apresentar referência indeterminada. Veja:

MARIA: O que você acha da reação do Pedro?

JOÃO: Olha, eu acho que, quando a gente se vê diante de uma situação de perigo, a gente tem duas opções: enfrentar ou fugir.

4. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Os pronomes demonstrativos também fazem referência às pessoas do discurso. Sua função é, basicamente, a de apontar e localizar entidades, seja (a) no espaço; (b) no tempo ou (c) no interior do próprio texto. Observe:

Aquela caneta lá é minha. → NO ESPAÇO

Aquela época era muito boa. → NO TEMPO

Os EUA têm estreitado as relações com o Brasil e o Chile, mas aquela país ainda sofre fortemente os impactos da última crise econômica. → NO TEXTO

Na primeira sentença, o enunciador se considera espacialmente distante da caneta; por essa razão, ele usa o pronome “aquela”. Na segunda sentença, o enunciador se considera temporalmente distante da época a que se refere; por isso, usa o mesmo pronome “aquela”. Na terceira sentença, esse pronome é usado para retomar anaforicamente (ver capítulo 5) um elemento textualmente distante (“os EUA”).

4.1. Localização no texto

Para o vestibular, a função mais relevante dos pronomes demonstrativos é a de apontar para outros elementos no interior do próprio texto. Veja:

Células tronco vão criar vidas

por Stevens Rehen

A busca pela imortalidade, ou, em outras palavras, a possibilidade de reparo infinito de órgãos e tecidos, é parte antiga do imaginário coletivo. Foi no século 18 que o suíço Abraham Trembley percebeu que a pequena hidra, com seus tentáculos ao redor da boca, era capaz de se regenerar completamente mesmo que picada em vários pedaços. Trembley influenciou gerações de cientistas que buscavam compreender como alguns organismos — mais do que outros — conseguem reconstituir partes do corpo.

O que todos esses cientistas descobriram é que a capacidade de regeneração do corpo humano é limitada. Transplantar seria uma solução — mas que não resolve a enorme demanda por órgãos de reposição e o desgaste do organismo causado pelo envelhecimento. Então surgiram as células-tronco, e com elas a esperança de chegar mais perto da eternidade. Aqui um parêntese: “célula-tronco” é a tradução do inglês stem cell, o nome dado às células de plantas que têm a capacidade de se regenerar. Hoje, esse termo é usado para identificar qualquer célula que, ao se dividir, é capaz de se autorrenovar ou formar novos tecidos e órgãos. [...]

Revista Superinteressante, agosto de 2009.

Observe as duas expressões sublinhadas, ambas formadas por um pronome demonstrativo seguido de um substantivo (“esses cientistas”, “esse termo”). Essas expressões retomam elementos referidos anteriormente no próprio texto. No primeiro caso, “esses cientistas” refere-se tanto a Abraham Trembley quanto às “gerações de cientistas” que ele influenciou. No segundo caso, “esse termo” refere-se à expressão “célula-tronco”. Neste caso, temos uma **anáfora**, ou seja, a retomada de termos mencionados anteriormente por meio de um elemento de coesão.

Pode acontecer, no entanto, de o elemento de coesão apontar não para trás, mas para frente, antecipando algum segmento que ainda irá aparecer no texto. Nesse caso, falaremos em **catáfora**. Veja:

O problema era este: ele estava no lugar errado.

Na sentença acima, o pronome demonstrativo “este” refere-se à oração que vem logo depois.

Revisão: referência extra e intratextual

Vamos sistematizar três conceitos ligados aos usos dos pronomes: anáfora, catáfora e dêixis.

Nos exemplos abaixo, compare os dois usos do pronome “esse”.

Deixa esse casaco em cima da minha cama, por favor.

As crianças são vítimas mais atraentes para os piolhos porque têm um contato físico muito maior entre si, principalmente em creches e escolas. [...]
Como entre os adultos esse contato entre várias pessoas é menor, os insetos não se propagam com tanta facilidade. (Revista Superinteressante)

No primeiro caso, é preciso que imaginemos uma situação real, na qual uma pessoa está (por exemplo) segurando um casaco e a outra pede que o casaco seja deixado sobre a cama. Aqui, o pronome “esse” faz referência ao casaco, um objeto que está fisicamente presente na situação comunicativa.

É diferente o caso do segundo exemplo. Nele, o pronome “esse” (na expressão “esse contato”) não aponta para qualquer elemento concretamente presente no espaço ao redor. Em vez disso, retoma um termo expresso anteriormente no interior do próprio texto: “contato físico”.

Moral da história: o pronome demonstrativo pode fazer referência tanto a um elemento externo ao texto (primeiro exemplo) quanto a um elemento interno ao texto (segundo exemplo). No primeiro caso, falaremos em referência exofórica ou dêixis. No segundo caso, falaremos em referência endofórica. Além disso, como você já aprendeu no capítulo 5, a referência endofórica divide-se em dois tipos: anáfora e catáfora.

5. PRONOMES POSSESSIVOS

Assim como os pronomes pessoais e os demonstrativos, também os pronomes possessivos fazem referência às pessoas do discurso. Do ponto de vista semântico, eles acrescentam ideia de posse.

Pessoa/Número	Pronome Possessivo
1ª pessoa do singular	Meu(s), minha(s)
2ª pessoa do singular	Teu(s), tua(s)
3ª pessoa do singular	Seu(s), sua(s)
1ª pessoa do plural	Nosso(s), nossa(s)
2ª pessoa do plural	Vosso(s), vossa(s)
3ª pessoa do plural	Seu(s), sua(s)

Observe o funcionamento dos possessivos no exemplo abaixo:

Meu livro não está comigo; por acaso tu trouxeste o teu?

Note que o possessivo “meu” faz referência à pessoa que está falando — portanto, à primeira pessoa do discurso. Já o pronome “teu” refere-se ao ouvinte — portanto, à segunda pessoa do discurso.

EXERCÍCIOS

GRUPO 1 – Os pronomes e as pessoas do discurso

Texto para questão comentada

Science Fiction

*O marciano encontrou-me na rua
e teve medo de minha impossibilidade humana.
Como pode existir, pensou consigo, um ser*

que no existir põe tamanha anulação de existência?
 Afastou-se o marciano, e perseguiu-o.
 Precisava dele como de um testemunho.
 Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se
 no ar constelado de problemas.
 E fiquei só em mim, de mim ausente.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião*. São Paulo: José Olympio, 1983.

Questão comentada (Uerj/2010 – Exame de Qualificação) Na primeira estrofe, é possível observar a ocorrência de um recurso discursivo indicado pelos vocábulos “me” e “consigo”.

Esse recurso pode ser definido como:

- (A) emprego de duas figuras de estilo
- (B) presença de mais de um enunciador
- (C) reiteração da ótica do sujeito poético
- (D) alusão à diversidade de personagens

Resposta: B

Comentário: O poema nos apresenta uma breve narrativa com dois personagens: o eu-lírico e um marciano. Os dois personagens aparecem como enunciadores, já que é possível “ouvir a voz” de ambos ao longo do texto. Na maior parte do poema, quem fala é o eu-lírico. Três pronomes fazem referência a ele: o oblíquo átono “me” (no primeiro verso), o possessivo “minha” (no segundo) e o oblíquo tônico “mim” (duas ocorrências no último verso). Isso sem falar no pronome reto “eu”, que permanece oculto: “(eu) perseguiu-o”, “(Eu) Precisava dele”, “E (eu) fiquei só em mim”.

Por sua vez, o segundo enunciador, o marciano, cuja voz aparece nos versos 3 e 4, é referido pelos seguintes pronomes: o oblíquo tônico “consigo” (verso 3), o oblíquo tônico ele, contraído como “dele” (verso 6). É referido também pelo pronome reto oculto, como em “(ele) pensou consigo”. De todos esses casos, observe que apenas o “consigo” aparece na sequência em que se ouve a voz do marciano, caracterizando-o de fato como um enunciador.

Texto para a questão 1

Ética para meu filho

(...) *Veja: alguém pode lamentar ter procedido mal mesmo estando razoavelmente certo de que não sofrerá represálias por parte de nada nem de ninguém. É que, ao agirmos mal e nos darmos conta disso, compreendemos que já estamos sendo castigados, que lesamos a nós mesmos — pouco ou muito — voluntariamente. Não há pior castigo do que perceber que por nossos atos estamos boicotando o que na verdade queremos ser...*

De onde vêm os remorsos? Para mim está muito claro: de nossa liberdade. Se não fôssemos livres, não nos poderíamos sentir culpados (nem orgulhosos, é claro) de nada e evitaríamos os remorsos. Por isso, quando sabemos que fizemos algo vergonhoso procuramos afirmar que não tivemos outro remédio senão agir assim, que não pudemos escolher: “cumprir ordens de meus superiores”, “vi que todo o mundo fazia a mesma coisa”, “perdi a cabeça”, “é mais forte do que eu”, “não percebi o que estava fazendo” etc. Do mesmo modo, quando o pote de geleia que

estava em cima do armário cai e quebra, a criança pequena grita chorosa: “Não fui eu!” Grita exatamente porque sabe que foi ela; se não fosse assim, nem se daria ao trabalho de dizer nada, ou talvez até risse e pronto. Em compensação, ao fazer um desenho muito bonito essa mesma criança irá proclamar: “Fiz sozinho, ninguém me ajudou!” Do mesmo modo, ao crescermos, queremos sempre ser livres para nos atribuir o mérito do que realizamos, mas preferimos confessar-nos “escravos das circunstâncias” quando nossos atos não são exatamente gloriosos.

SAVATER, Fernando. *Ética para meu filho*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Tradução de: Ética para Amador.

1) (Uerj/2001 – 1º Exame de Qualificação) O leitor do texto acima é construído por meio de um jogo com os pronomes.

Esse jogo é reconhecido pelo emprego de:

- (A) “eu”, em diferentes momentos do texto, que identifica ora o leitor, ora o autor, ora a ambos
- (B) “nós”, que inclui o autor e outras pessoas, combinado a um “eu” que torna o leitor responsável pelo enunciado
- (C) “eu” e “você”, alternadamente, como numa conversa, combinado à presença de “ele”, que é o próprio leitor
- (D) “você”, a quem o autor se dirige em especial, e de “nós”, que inclui o autor, o leitor e outros seres humanos.

2) (Uerj/2002)

“Por exemplo, a frase:

Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre seus exames.

tem um enunciado equívoco; os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia, ou sobre os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos.”

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

O fragmento acima aponta o problema da ambiguidade resultante do emprego do termo “seus”. A ocorrência da ambiguidade, no caso, pode ser explicada por uma característica relativa à significação geral da palavra em questão.

Essa característica do vocábulo “seus” é a de:

- (A) indicar a pessoa gramatical, sem flexionar-se ou remeter a termos antecedentes
- (B) referir-se à pessoa gramatical, sem nomeá-la ou indicar-lhe característica própria
- (C) substituir o nome próprio, sem individualizá-lo ou permitir a devida concordância
- (D) qualificar os nomes presentes, sem hierarquizá-los ou revelar sua verdadeira significação

Texto para a questão 3

A lagartixa

A lagartixa ao sol ardente vive

E fazendo verão o corpo espicha:

O clarão de teus olhos me dá vida,

Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

*Amo-te como o vinho e como o sono,
Tu és meu copo e amoroso leite...
Mas teu néctar de amor jamais se esgota,
Travesseiro não há como teu peito.*

*Posso agora viver: para coroas
Não preciso no prado colher flores;
Engrinaldo melhor a minha frente
Nas rosas mais gentis de teus amores.*

*Vale todo um harém a minha bela,
Em fazer-me ditoso ela capricha...
Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.*

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas* (ed. crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos/ org. Iumna Maria Simon). Campinas/SP: UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

3) (UFRJ /2007) Verifica-se, no poema, a alternância entre a 2ª e a 3ª pessoas do discurso. Explique essa alternância na construção do poema.

Textos para a questão 4

Texto I

Agoniza mas não morre

*Samba,
Agoniza mas não morre
Alguém sempre te socorre
Antes do suspiro derradeiro
Samba,
Negro forte, destemido,
Foi duramente perseguido
Na esquina, no botequim, no terreiro.
Samba,
Inocente pé no chão
A fidalguia do salão
Te abraçou, te envolveu
Mudaram toda tua estrutura,
Te impuseram outra cultura
E você nem percebeu.*

Nelson Sargento. *Sonho de um sambista*. Eldorado, 1979

Texto II

“Minha impressão é que a cultura popular já ganhou a parada... Há 30 ou 40 anos, quando a gente discutia sobre música popular brasileira, sobre os novos baianos velhos, sobre a questão da técnica, a bossa nova, dizia-se que a cultura de massa ia invadir e tomar conta de tudo. Agora, não apenas os baianos, mas outros, inclusive os “rapistas”, se impuseram, independentemente da cultura de massas, e estão tendo a revanche, num momento de baixo para cima...”

SANTOS, Milton. *Território e sociedade*: entrevista. 2. Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

4) (UFRJ/2004) Examine as seguintes passagens:

“te impuseram outra cultura” (Texto I)

“não apenas os baianos, mas outros, inclusive os “rapistas”, se impuseram”

(Texto II)

Explique como as diferentes formas pronominais pessoais refletem as concepções distintas acerca das transformações ocorridas na música popular brasileira.

Texto para a questão 5

A caverna

Enfim, a cidade ficou para trás, os bairros da periferia já lá vão, daqui a pouco aparecerão as barracas, em três semanas terão chegado à estrada, não, ainda lhes faltam uns trinta metros, e logo está a Cintura Industrial, quase tudo parado, só umas poucas fábricas que parecem fazer da laboração contínua a sua religião, e agora a triste Cintura Verde, as estufas pardas, cinzentas, lívidas, por isso é que os morangos devem ter perdido a cor, não falta muito para que sejam brancos por fora como já o vão sendo por dentro e tenham o sabor de qualquer coisa que não saiba a nada. Viremos agora à esquerda, lá ao longe, onde se veem aquelas árvores, sim, aquelas que estão juntas como se fossem um ramalhete, há uma importante estação arqueológica ainda por explorar, sei-o de fonte limpa, não é todos os dias que se tem a sorte de receber directamente¹ uma informação destas da boca do próprio fabricante. Cipriano Algor já perguntou a si mesmo como foi possível que se tivesse deixado encerrar durante três semanas sem ver o sol e as estrelas, a não ser, torcendo o pescoço, de um trigésimo quarto andar com janelas que não se podiam abrir, quando tinha aqui este rio, é certo que malcheiroso e minguado, esta ponte, é certo que velha e mal amanhada², e estas ruínas que foram casas de gente, e a aldeia onde tinha nascido, crescido e trabalhado, com a sua estrada ao meio e a praça à desbanda³ (...). A praça ficou para trás, de repente, sem avisar, apertou-se-lhe o coração a Cipriano Algor, ele sabe da vida, ambos o sabem, que nenhuma doçura de hoje será capaz de minorar o amargor de amanhã, que a água desta fonte não poderá matar-te a sede naquele deserto, Não tenho trabalho, não tenho trabalho, murmurou, e essa era a resposta que deveria ter dado, sem mais adornos nem subterfúgios, quando Marta lhe perguntou de que iria viver, Não tenho trabalho. Nesta mesma estrada, neste mesmo lugar, como no dia em que vinha do Centro com a notícia de que não lhe comprariam mais louça (...). O motor da furgoneta⁴ cantou a canção do regresso ao lar, o condutor já via as frondes⁵ mais altas da amoreira, e de repente, como um relâmpago negro, o Achado veio lá de cima, a ladrar, a correr pela ladeira abaixo como se estivesse enlouquecido (...). Abriu a porta da furgoneta, de um salto o cão subia-lhe aos braços, sempre era certo que seria ele o primeiro, e lambia-lhe a cara e não o deixava ver o caminho (...).

SARAMAGO, J. *A caverna*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

Vocabulário:

1 — directamente: grafia portuguesa para “diretamente”

2 — amanhada: arranjada, adornada

3 — à desbanda: ao lado

4 — furgoneta: veículo de passageiros e pequena carga

5 — frondes: copas das árvores

5) (Uerj/2007 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação) Além de possuir conhecimento total da narrativa, das ações, dos sentimentos e dos pensamentos dos personagens, o narrador do texto influencia os leitores, na medida em que os convida a participar dessa onisciência, tratando-os como reais interlocutores.

Transcreva os dois trechos da narrativa em que se verifica essa interlocução.

Texto para a questão 6

De manhã

*O hábito de estar aqui agora
aos poucos substitui a compulsão
de ser o tempo todo alguém ou algo.
Um belo dia — por algum motivo
é sempre dia claro nesses casos —
você abre a janela, ou abre um pote*

*de pêssegos em calda, ou mesmo um livro
que nunca há de ser lido até o fim
e então a ideia irrompe, clara e nítida:*

*É necessário? Não. Será possível?
De modo algum. Ao menos dá prazer?
Será prazer essa exigência cega*

*a latejar na mente o tempo todo?
Então por quê?
E neste exato instante
você por fim entende, e refestela-se
a valer nessa poltrona, a mais cômoda
da casa, e pensa sem rancor:
Perdi o dia, mas ganhei o mundo.*

(Mesmo que seja por trinta segundos.)

BRITO, Paulo Henriques. As três epifanias: III. In: BRITO, P. H. Macau.
São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 72-73

6) (UFRI/2006) Um pronome, para assumir valor indeterminado, não deve estar associado apenas a um interlocutor específico, mas também a outros interlocutores, depreensíveis do contexto.

Considerando a afirmativa acima, explique o valor indeterminado da forma você no texto acima e justifique seu emprego para a construção do sentido do texto.

Texto para a questão 7

Passou pela sala, sem parar avisou ao marido: vamos sair! e bateu a porta do apartamento.

Antônio mal teve tempo de levantar os olhos do livro — e com surpresa espiava a sala já vazia. Catarina! Chamou, mas já se ouvia o ruído do elevador

descendo. Aonde foram? perguntou-se inquieto, tossindo e assoando o nariz. Porque sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado. Catarina! chamou aborrecido embora soubesse que ela não poderia mais ouvi-lo. Levantou-se, foi à janela e um segundo depois enxergou sua mulher e seu filho na calçada.

LISPECTOR, Clarice. Laços de Família. In: — *Laços de Família*, 1960

7) (UFRJ/2003) Do texto acima, descreva dois mecanismos linguísticos que sirvam para caracterizar o comportamento do marido.

Textos para as questões 8

Texto I

Nenhum cartão de Natal é mais bonito que o som da sua voz.

“Eu te amo, te adoro, morro de saudade.”

“Este ano a gente não vai poder ir, mas no ano que vem é certeza.”

“A coisa que eu mais queria era estar perto de você.”

“Seria tão bom que você estivesse aqui.”

Frases como estas, é sempre melhor ouvir do que ler.

Nenhum cartão de Natal, por mais bonito que seja, vai conseguir comunicar o carinho, o amor, a saudade que a voz da gente transmite.

Este ano, passe a mão no telefone e use o DDD como extensão do seu afeto, do seu abraço, do seu calor humano, do seu beijo.

Telefone existe pra isso mesmo.

TELAMAZON

Clube de Criação de São Paulo (Adaptação)

Texto II

*Pra ti, formosa, o meu sonhar de louco
E o dom fatal, que desde o berço é meu;
Mas se os cantos da lira achares pouco,
Pede-me a vida, porque tudo é teu.*

*Se queres culto — como um crente adoro,
Se preito queres — eu te caio aos pés,
Se rires — rio, se chorares — choro,
E bebo o pranto que banhar-te a tez.*

*Vem reclinar-te, como a flor pendida,
Sobre este peito cuja voz calei;
Pede-me um beijo... e tu terás, querida,
Toda a paixão que para ti guardei.*

*Do morto peito vem turbar a calma,
Virgem, terás o que ninguém te dá;
Em delírios d’amor dou-te a minha alma,
Na terra, a vida, a eternidade — lá!*

Casimiro de Abreu. *Obras de Casimiro de Abreu*

8) (UFF/2006) Nos textos I e II, os autores se dirigem a um leitor virtual. Aponte, em cada texto, pelo menos uma comprovação de que isto efetivamente ocorre. Justifique sua resposta em pelo menos duas frases completas.

Texto par a questão 9

Menino de engenho

A estrada de ferro passava no outro lado do rio. Do engenho nós ouvíamos o trem apitar, e fazia-se de sua passagem uma espécie de relógio de todas as atividades: antes do trem das dez, depois do trem das duas. Costumávamos ir para a beira da linha ver de perto os trens de passageiros. E ficávamos de cima dos cortes olhando como se fossem uma coisa nunca vista os horários que vinham de Recife e voltavam da Paraíba. Mas nos proibiam esse espetáculo com medo das nossas traquinagens pelo leito da estrada. E tinha razão de ser tanta cautela: um dos lances mais agoniados da minha infância eu passei numa dessas esperas de trem. O meu primo Silvino combinara em fazer virar a máquina na rampa do Caboclo. Já outra vez, com um pano vermelho que um moleque pregara num pau, um maquinista parara o horário da dez. Agora o que meu primo queria era um desastre. E botou uma pedra bem na curva da rampa. Nós ficamos de espreita, esperando a hora. Quando vi o trem se aproximar como um bicho comprido que viesse para uma armadilha, deu-me uma agonia dentro de mim que eu não soube explicar. Parecia que eu ia ver ali perto de mim pedaços de gente morta, cabeças rolando pelo chão, sangue correndo no meio de ferros desmantelados. E num ímpeto, com o trem que vinha roncando pertinho, corri para a pedra e com toda a minha força empurrei-a pra fora. Um instante mais ouvi o ruído da máquina que passava. Fiquei sozinho, ali no ermo da estrada de ferro. Os meus primos e os moleques tinham corrido. Meu coração batia apressado. Parecia que eu era o único culpado daquela desgraça que não acontecera. Comecei a chorar com medo do silêncio. Muito de longe o trem apitava. E banhado pelas lágrimas andei para casa. Nunca mais em minha vida o heroísmo me tentaria por essa forma.

REGO, José Lins do. Menino de engenho. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2009. p. 4

9) (Cederj/2011–2) No trecho: "... deu-me uma agonia dentro de mim que eu não soube explicar", os pronomes assinalados concentram a força da ação no personagem-narrador

Que sentimentos do menino a repetição dos pronomes de 1ª pessoa reforça?

GRUPO 2 – Os pronomes como elementos de coesão

Questão Comentada (Unicamp/2003) O Partido X dedica-se a essa atividade mais do que nunca. Ocorre que ainda está longe do desejado, seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade do partido. Entre outras razões, é por esse motivo que o dólar sobe.

RODRIGUES, Fernando. *Folha de S. Paulo*, 25/09/2002

Na primeira oração ocorre uma palavra (um pronome) que permite concluir que o trecho acima não é o início do texto de Fernando Rodrigues. Qual é a palavra e por que sua ocorrência permite tal conclusão?

Resposta: A palavra é o pronome essa, pois tem emprego anafórico, ou seja, refere-se a algo expresso anteriormente.

Comentário: Você já aprendeu que os pronomes demonstrativos têm frequentemente valor anafórico, ou seja, fazem referência a termos mencionados anteriormente no texto. Por exemplo:

Defendo a proibição da venda de armas de fogo, pois acredito que essa medida levaria à diminuição do número de homicídios.

A expressão "essa medida", introduzida pelo pronome demonstrativo "essa", tem papel anafórico, ou seja, retoma um referente anteriormente mencionado no texto. Neste caso, o referente é "a proibição da venda de armas de fogo".

Da mesma maneira, no texto da questão, a expressão "essa atividade" deve, necessariamente, referir-se a alguma atividade mencionada previamente. Isso se deve, claro, ao valor anafórico do pronome demonstrativo "essa".

Texto para a questão 1

(...)

*Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.*

(...)

*LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus — pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).*

*Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
— e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras.
"Que estão fazendo, tão tarde?
Que escrevem, conversam, pensam?
Mostram livros proibidos?
Leem notícias nas Gazetas?
Terão recebido cartas
de potências estrangeiras?"*

(...)

*Ó vitórias, festas, flores
das lutas da Independência!*

*Liberdade — essa palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!*

(...)

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

1) (Uerj/2006 — Exame de Qualificação) Existem, no poema, diferentes mecanismos de coesão que retomam termos anteriormente citados.

No fragmento “Liberdade — essa palavra” (v. 25), a expressão sublinhada corresponde a um desses mecanismos, que é caracterizado como:

- (A) elipse (B) repetição
(C) substituição (D) pronominalização

Texto para a questão 2

Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiríssimo lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de Casagrande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter — como queria o próprio Mário de Andrade.

Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas. Retomando a imagem literária, citemos a Capitu menina — e teremos como sempre a intervenção soberana de Machado de Assis.

Um rapaz da plateia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa — outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refugo consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar.

É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói — ou heroína — sem nenhum caráter.

Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora — e acho que fui entendido.

CONY, Carlos Heitor. *Folha Ilustrada*, 5ª Caderno, São Paulo, 21/04/2000, p.12.

2) (UFF/2001) Assinale a opção em que o pronome sublinhado estabelece uma referência a elemento anteriormente expresso no texto:

- (A) “mas foi a que me veio na hora — e acho que fui entendido.”
(B) “De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de casa-grande e senzala,”

(C) “De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter”

(D) “Um rapaz da plateia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa — outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro.”

(E) “Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro.”

Texto para a questão 3

Bicicletas de Paris

Engraçada a foto do governador do Rio andando de braços abertos numa bicicleta. Se fosse aqui no Rio, provavelmente acharíamos que ele estava sendo assaltado. Os cariocas não andam mais de braços abertos, mas de braços para o alto, pedindo a Deus que nos proteja. Será que o ilustre governante e sua comitiva aceitariam fazer um passeio ciclístico por algumas ruas de São Cristóvão, Tijuca e Centro? Acredito que ele chegaria ao fim do percurso sem o terno, o relógio e, principalmente, sem a bicicleta. Será que o Rio merece isso? Antes das bicicletas, queremos ter mais segurança.

Liane Gouvea (por e-mail, 20/05, Rio)

3) (UFF-2009) Justifique o emprego do pronome demonstrativo na frase “Será que o Rio merece isso?”, levando-se em conta a coesão textual.

4) (Uerj/2008—LPLB) Observe as formas sublinhadas em:

“Morava então (1893) em uma casa de pensão no Catete. Já por esse tempo este gênero de residência florescia no Rio de Janeiro. Aquela era pequena e tranquila.”

(Machado de Assis. *Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1990.)

Esse, este e aquela são formas empregadas como recursos de coesão textual. Indique a classe gramatical a que pertencem essas palavras e justifique a escolha de cada uma no trecho de acordo com a respectiva função textual.

Texto para a questão 5

A corrida do ouro

Duzentos anos de buscas foram necessários para que os portugueses chegassem ao ouro de sua América. Aos espanhóis não se apresentou o problema da procura e pesquisa dos metais preciosos. Assim que desembarcaram no México, na Colômbia ou no Peru, seus olhos mercantis foram ofuscados pelo ouro e prata que os homens da terra ostentavam nas suas armas, adornos e utensílios. Junto às suas civilizações, o gentio havia desenvolvido a exploração e o trabalho dos metais, para eles mais preciosos pelas suas serventias que pelo poder e valor que agregavam ao homem da Europa cristã, de alma lapidada pela cultura ocidental. O primeiro trabalho que tiveram os castelhanos foi o de imediatamente afirmarem a inferioridade daquele homem que se recusava a total subserviência à majestade de Deus e d’el Rei, através de concepções bastante convenientes a seus propósitos.

O brilho do metal, como o canto da sereia, tornou-os surdos a qualquer apelo contrário que não fosse o da ambição pelo ouro e pela prata, tornando-os insensíveis a qualquer consideração humana no “trabalho” de submetimento do indígena, até o seu extermínio ou à redução, dos que sobreviveram, à condição de servos ou escravos nas fainas da mineração.

Os sucessos castelhanos atíçaram os colonos portugueses a iniciarem suas buscas, seja pelo encanto daquelas descobertas, seja pelas fantasias que se criaram a partir delas: de tesouros fabulosos perdidos nas entranhas generosas das Américas; de relatos imprecisos de indígenas vindos do interior; de noções equivocadas da geografia do continente como a da proximidade do Peru; ou mesmo de alguns possíveis indícios concretos, surgiram lendas como as de Sabarabuçu e as de Parapava, que avivavam os colonos na procura de pedras e metais preciosos.

MENDES Jr., A., RONCARI, L. e MARANHÃO, R. *Brasil história: texto e consulta*. São Paulo. Brasiliense, 1979.

5) (Uerj/2005 – LPLB) Na construção do texto acima, empregam-se pronomes pessoais e possessivos que ora estabelecem relações indispensáveis à compreensão do sentido, ora se tornam redundantes nesta função textual.

a) Observe atentamente o trecho destacado e indique os termos antecedentes de eles e do sujeito oculto de “agregavam”.

b) Transcreva dois trechos em que o possessivo possa ser suprimido sem qualquer prejuízo para a compreensão do texto.

Texto para a questão 6

Nenhum cartão de Natal é mais bonito que o som da sua voz.

“Eu te amo, te adoro, morro de saudade.”

“Este ano a gente não vai poder ir, mas no ano que vem é certeza.”

“A coisa que eu mais queria era estar perto de você.”

“Seria tão bom que você estivesse aqui.”

Frases como estas, é sempre melhor ouvir do que ler.

Nenhum cartão de Natal, por mais bonito que seja, vai conseguir comunicar o carinho, o amor, a saudade que a voz da gente transmite.

Este ano, passe a mão no telefone e use o DDD como extensão do seu afeto, do seu abraço, do seu calor humano, do seu beijo.

Telefone existe pra isso mesmo

TELAMAZON.

Clube de criação de São Paulo (Adaptação).

6) (UFF/2006)

a) No texto I, identifique a passagem em que a progressão textual se dá pela repetição e pela retomada de significados que resumem, enfaticamente, a mensagem expressa pela patrocinadora “TELAMAZON”.

b) Do texto I, transcreva a frase completa que exemplifica o uso de um pronome que apresenta, sob o aspecto sintático-semântico, um reforço e uma retomada de frases anteriormente citadas.

Texto para a questão 7

Senhora Dona Bahia,
nobre e opulenta cidade,
madrasta dos naturais,
e dos estrangeiros madre:

Dizei-me por vida vossa
em que fundais o ditame
de exaltar os que aqui vêm,
e abater os que aqui nascem?

Se o fazeis pelo interesse
de que os estranhos vos gabem,
isso os paisanos fariam
com conhecidas vantagens.

E suposto que os louvores
em boca própria não valem,
se tem força esta sentença,
mor força terá a verdade.

O certo é, pátria minha,
que fostes terra de alarves¹,
e inda os ressábios² vos duram
desse tempo e dessa idade.

Haverá duzentos anos,
nem tantos podem contar-se,
que éreis uma aldeia pobre
e hoje sois rica cidade.

Então vos pisavam índios,
e vos habitavam cafres³,
hoje chispais fidalguias,
arrojando personagens

Gregório de Matos

Vocabulário

1 – alarves: que ou quem é rústico, abrutado, grosseiro, ignorante; que ou o que é tolo, parvo, estúpido.

2 – ressábios: sabor; gosto que se tem depois.

3 – cafres: indivíduo de raça negra.

7) (UFF/2011 – 1ª etapa) Identifique a alternativa em que o pronome sublinhado retoma e sintetiza, na progressão textual, um enunciado anteriormente expresso.

- (A) Dizei-me por vida vossa em que fundais o ditame (versos 5,6)
 (B) de exaltar os que aqui vêm, e abater os que aqui nascem? (versos 7,8)
 (C) Se o fazeis pelo interesse de que os estranhos vos gabem, (versos 9,10)
 (D) isso os paisanos fariam com conhecidas vantagens. (versos 11,12)
 (E) O certo é, pátria minha, que fostes terra de alarves, (versos 17,18)

GRUPO 3 – Usos do pronome oblíquo lhe

Texto para a questão comentada

Fragmento de texto: Sermão do Mandato, Antônio Vieira

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. São as feições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menina; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o amou a natureza o desama o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e bastam que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

Questão comentada (UFF/2009) Reescreva o trecho: “Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere;” substituindo o pronome pessoal por outra palavra de valor sintático e semântico equivalente.

Resposta: Afrouxa seu arco, com que já não atira; embota suas setas com que já não fere.

Comentário: Lembre-se de que pronomes oblíquos como “lhe” podem ter dois usos:

Uso 1: Equivalente a “para ele(a)” – Exemplo: Eu lhe dei um presente (= dei para ela)

Uso 2: Equivalente a “seu, sua” – Exemplo: Eu lhe quebro a cara (= quebro a sua cara)

Sabendo disso, basta perceber que, nesta questão, o emprego do pronome lhe corresponde ao uso 2; em outras palavras, o lhe tem valor possessivo. É isso que justifica a resposta da questão, com os pronomes seu e suas no lugar do lhe.

Texto para a questão 1

A caverna

Enfim, a cidade ficou para trás, os bairros da periferia já lá vão, daqui a pouco aparecerão as barracas, em três semanas terão chegado à estrada, não, ainda lhes faltam uns trinta metros, e logo está a Cintura Industrial, quase tudo parado, só umas poucas fábricas que parecem fazer da laboração contínua a sua religião, e agora a triste Cintura Verde, as estufas pardas, cinzentas, lívidas, por isso é que os morangos devem ter perdido a cor, não falta muito para que sejam brancos por fora como já o vão sendo por dentro e tenham o sabor de qualquer coisa que não saiba a nada. Viremos agora à esquerda, lá ao longe, onde se veem aquelas árvores, sim, aquelas que estão juntas como se fossem um ramalhete, há uma importante estação arqueológica ainda por explorar, sei-o de fonte limpa, não é todos os dias que se tem a sorte de receber directamente¹ uma informação destas da boca do próprio fabricante. Cipriano Algor já perguntou a si mesmo como foi possível que se tivesse deixado encerrar durante três semanas sem ver o sol e as estrelas, a não ser, torcendo o pescoço, de um trigésimo quarto andar com janelas que não se podiam abrir, quando tinha aqui este rio, é certo que malcheiroso e minguado, esta ponte, é certo que velha e mal amanhada², e estas ruínas que foram casas de gente, e a aldeia onde tinha nascido, crescido e trabalhado, com a sua estrada ao meio e a praça à desbanda³ (...) A praça ficou para trás, de repente, sem avisar, apertou-se-lhe o coração a Cipriano Algor, ele sabe da vida, ambos o sabem, que nenhuma doçura de hoje será capaz de minorar o amargor de amanhã, que a água desta fonte não poderá matar-te a sede naquele deserto, Não tenho trabalho, não tenho trabalho, murmurou, e essa era a resposta que deveria ter dado, sem mais adornos nem subterfúgios, quando Marta lhe perguntou de que iria viver, Não tenho trabalho. Nesta mesma estrada, neste mesmo lugar, como no dia em que vinha do Centro com a notícia de que não lhe comprariam mais louça (...). O motor da furgoneta⁴ cantou a canção do regresso ao lar, o condutor já via as frondes⁵ mais altas da amoreira, e de repente, como um relâmpago negro, o Achado veio lá de cima, a ladrar, a correr pela ladeira abaixo como se estivesse enlouquecido (...). Abriu a porta da furgoneta, de um salto o cão subia-lhe aos braços, sempre era certo que seria ele o primeiro, e lambia-lhe a cara e não o deixava ver o caminho (...).

SARAMAGO, J. *A caverna*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

Vocabulário:

- 1 – directamente: grafia portuguesa para “diretamente”
 2 – amanhada: arranjada, adornada
 3 – à desbanda: ao lado
 4 – furgoneta: veículo de passageiros e pequena carga
 5 – frondes: copas das árvores

1) (Uerj/2007 – Língua Portuguesa Instrumental com Redação)

“(…) de que não lhe comprariam mais a louça”

No fragmento acima, o pronome sublinhado refere-se ao personagem principal da narrativa. Além disso, estabelece, em relação ao substantivo louça, uma determinada relação de sentido.

Indique essa relação de sentido e retire do texto outro fragmento em que se utilize esse mesmo tipo de estrutura.

2) (Uerj/2010 – LPLB – adaptada) *Desta vez, compro-lhe a fazenda.*

Reescreva a oração, substituindo-o por outra palavra de igual valor, mantendo o sentido original.

3) (Uerj/1998 – LPLB – adaptada) *“Quando tua alma ardente abria seus voos para pairar sobre a vida cheia de amor, que vento de morte murchou-te na frente a coroa das ilusões, apagou-te no coração o fanal do sentimento, e despiu-te das asas da poesia?”*

a) Transcreva da frase acima o termo que o pronome possessivo “seus” retoma.

b) Reescreva integralmente apenas a quarta oração, colocando-a na ordem direta e substituindo o pronome oblíquo por um pronome possessivo. Faça somente as alterações necessárias

GABARITO

Grupo 1

1) D 2) B

3) Na construção do sentido do texto, o uso dos pronomes de segunda (“teus”, “tu”, “te”, “teu”) e de terceira pessoa (“ela”, “seus”) dá conta dos momentos em que o eu-lírico fala com a amada (1ª à 3ª estrofe) e sobre a amada (última estrofe).

4) No primeiro exemplo, “te impuseram”, o te (pronome de 2ª. pessoa) funciona como objeto do verbo impor (sobrepôr) . No segundo exemplo, “se impuseram”, o se (pronome de 3ª. pessoa) integra o verbo pronominal impor-se, na acepção de fazer-se aceitar. Essa diferença expressa concepções distintas acerca da cultura popular: no texto 4, a submissão à cultura dominante; no texto 5, a afirmação da autonomia da cultura popular.

5) Viremos agora à esquerda, lá ao longe, onde se veem aquelas árvores, sim, aquelas que estão juntas como se fossem um ramalhete, que a água desta fonte não poderá matar-te a sede naquele deserto,

6) A forma você assume valor genérico. Pode fazer referência à pluralidade de interlocutores: o próprio eu-poético, o leitor, todo ou qualquer homem que se identifique com a experiência representada no poema.

7) A recorrência do uso de possessivos: o Sábado era seu (“seu Sábado”), sua mulher, seu filho. A evocação da mulher, sob a forma do vocativo: “Catarina!” (...) “Catarina!”.

8) No texto I, em citações de falas possíveis, também há o uso do pronome de tratamento “você” que, embora leve o verbo para a terceira pessoa, também se refere à pessoa com quem se fala. Neste quadro, o “som da sua voz” refere-se ao leitor virtual, assim como o pronome seu (“seu afeto, do seu abraço, do seu beijo”).

No texto II, o uso da segunda pessoa do singular e de pronomes de segunda pessoa (ti, teu, te) apontam explicitamente para a pessoa com quem se fala, a qual também é qualificada nos vocativos “formosa” e “querida”.

9) O uso de pronomes de 1ª pessoa reforça a agonia do menino, a aflição que sentia pelo que a acontecer, diante da proximidade do trem. O uso dos pronomes aumenta a emoção da narrativa, mostrando o que acontecia no interior do personagem.

Grupo 2

1) C 2) A

3) O pronome “isso” aponta e resume a crítica que o locutor faz à atitude do governador em sugerir o uso de bicicletas no Rio, ignorando a situação de intranquilidade provocada pela violência.

4) Pronomes demonstrativos.

Esse: refere-se ao ano de 1893, mencionado no início do trecho.

Este: refere-se a uma casa de pensão, mencionada em seguida.

Aquela: retoma uma informação: uma casa de pensão no Catete.

5) a) *Eles:* gentio.

agregavam: os metais.

b) Dois dentre os trechos:

- *que os homens da terra ostentavam nas suas armas, adornos e utensílios.*
- *mais preciosos pelas suas serventias*
- *Os sucessos castelhanos aticaram os colonos portugueses a iniciarem suas buscas,*

6) a) Este ano, passe a mão no telefone e use o DDD como extensão do seu afeto, do seu abraço, do seu calor humano, do seu beijo.

Telefone existe pra isso mesmo.

b) “Frases como estas, é sempre melhor ouvir do que ler”.

“Telefone existe pra isso mesmo”.

7) D

Grupo 3

1) O pronome *lhe* indica que o personagem principal é o possuidor da louça ou indica posse. Um dentre os fragmentos:

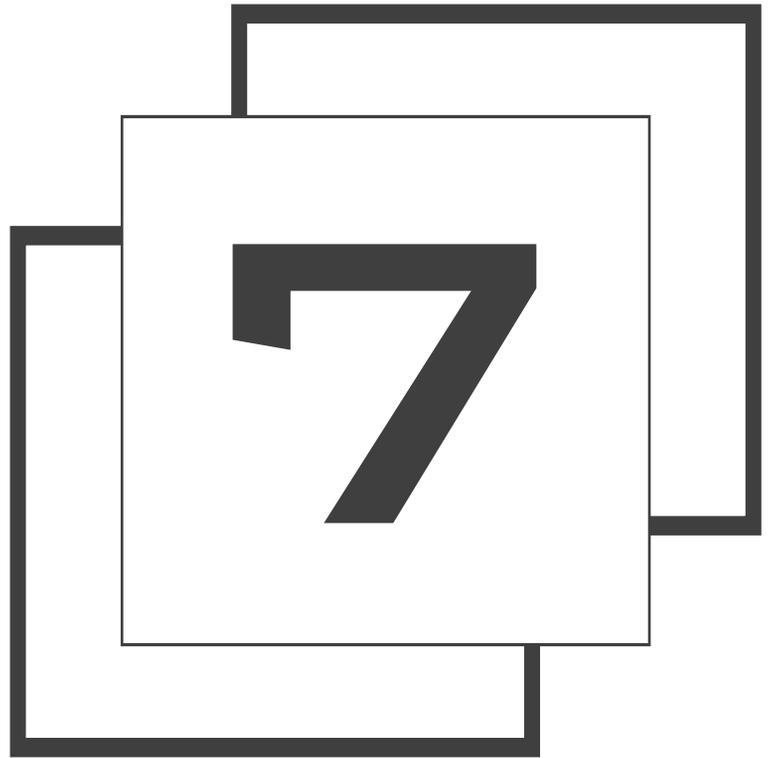
- *de repente, sem avisar, apertou-se-lhe o coração a Cipriano Algor,*
- *o cão subia-lhe aos braços,*
- *e lambia-lhe a cara*

2) *Desta vez, compro a sua fazenda.*

Desta vez, compro a fazenda dele.

3) a) “alma ardente”

b) apagou o fanal do sentimento no teu coração



CLASSES DE PALAVRAS (2): O VERBO

1. MODOS E TEMPOS VERBAIS

1.1. Os modos verbais

São três os modos em que um verbo pode aparecer: indicativo, subjuntivo e imperativo. Observe, na tabela a seguir, os valores semânticos associados a cada modo:

Modo	Valor semântico	Exemplos
Indicativo	Fato certo, real	<i>Eu vou à reunião.</i>
Subjuntivo	Fato incerto, irreal, duvidoso, hipotético	<i>Quero que você vá à reunião. Se você for, ficarei feliz.</i>
Imperativo	Ordem, pedido, conselho, súplica etc.	<i>Vá à reunião!</i>

1.2. Os tempos verbais

Dos três modos verbais, dois deles — o indicativo e o subjuntivo — abrangem diferentes tempos verbais. Observe:

Modo Indicativo	Pretérito	Perfeito
		Imperfeito
		Mais-Que-Perfeito
	Presente	
	Futuro	Do Presente
		Do Pretérito

Modo Subjuntivo	Pretérito Imperfeito
	Presente
	Futuro

De um modo geral, é possível reconhecer o tempo e o modo em que um verbo se encontra apenas olhando para ele, quer dizer, verificando a sua forma. Por exemplo, quando vemos uma forma verbal como *cantava*, sabemos que está no pretérito imperfeito (tempo) do indicativo (modo) graças à presença do segmento -va. O mesmo se pode dizer de *olhávamos*, *procuravam*, *amavas*...

Em outras palavras, podemos dizer que o pretérito imperfeito do indicativo tem uma marca que o identifica: o segmento -va. Da mesma forma, a maior parte dos tempos verbais tem sua própria marca. Conhecendo essas marcas, você se torna capaz de olhar para um verbo e dizer em que tempo/modo ele está.

A) Modo Indicativo

Tempo	Marca	Conjugação
Presente	Não há	<i>Eu canto Tu cantas Ele canta Nós cantamos Vós cantais Eles cantam</i>
Pretérito perfeito	Não há	<i>Eu cantei Tu cantaste Ele cantou Nós cantamos Vós cantastes Eles cantaram</i>
Pretérito imperfeito	1ª conjugação: -VA (ou -VE) 2ª e 3ª conjugações: -IA (ou -IE)	<i>Eu cantava Eu bebia Tu cantavas Tu bebias Ele cantava Ele bebia Nós cantávamos Nós bebíamos Vós cantáveis Vós bebíeis Eles cantavam Eles bebiam</i>
Pretérito mais-que-perfeito	-RA (ou -RE) Obs .: átonos	<i>Eu cantara Tu cantaras Ele cantara Nós cantáramos Vós cantáreis Eles cantaram</i>
Futuro do presente	-RÁ (ou -RE) Obs .: tônicos	<i>Eu cantarei Tu cantarás Ele cantará Nós cantaremos Vós cantareis Eles cantarão</i>
Futuro do pretérito	-RIA (ou -RIE)	<i>Eu cantaria Tu cantarías Ele cantaria Nós cantaríamos Vós cantaríeis Eles cantariam</i>

B) Modo Subjuntivo

Tempo	Marca	Conjugação
Presente	1ª conjugação: –E 2ª e 3ª conjugações: –A	(Que) <i>Eu cante Eu beba</i> (Que) <i>Tu cantes Tu bebas</i> (Que) <i>Ele cante Ele beba</i> (Que) <i>Nós cantemos Nós bebamos</i> (Que) <i>Vós canteis Vós bebais</i> (Que) <i>Eles cantem Eles bebam</i>
Pretérito Imperfeito	–SSE	(Se) <i>Eu cantasse</i> (Se) <i>Tu cantasses</i> (Se) <i>Ele cantasse</i> (Se) <i>Nós cantássemos</i> (Se) <i>Vós cantásseis</i> (Se) <i>Eles cantassem</i>
Futuro	–R	(Quando / Se) <i>Eu cantar</i> (Quando / Se) <i>Tu cantares</i> (Quando / Se) <i>Ele cantar</i> (Quando / Se) <i>Nós cantarmos</i> (Quando / Se) <i>Vós cantardes</i> (Quando / Se) <i>Eles cantarem</i>

Agora que você já sabe como reconhecer cada tempo/modo verbal, poderá verificar que cada tempo apresenta mais de um valor semântico. Por exemplo, o presente do indicativo pode ser usado para indicar tanto uma rotina (“Todos os dias, eu acordo às 6 da manhã”) quanto um fato futuro (“Qualquer dia eu apareço na sua casa”). Nas tabelas a seguir, mostramos os principais valores semânticos dos nove tempos verbais (6 do modo indicativo e 3 do modo subjuntivo).

A) Modo Indicativo

Tempo	Valores Semânticos	Exemplos
Presente	Ação rotineira, habitual Fato futuro Fato passado Verdade absoluta Fato que ocorre durante o momento da fala	<i>Todo dia, ela <u>faz</u> tudo sempre igual.</i> <i>Amanhã <u>apareço</u> na sua casa.</i> <i>Em 58 a.C., César <u>invade</u> a Gália.</i> <i>A Terra <u>gira</u> em torno do sol.</i> <i>Adriano <u>chuta</u> a bola... gol!</i>
Pretérito perfeito	Fato pontual no passado	<i>Ontem, eu <u>joguei</u> futebol.</i>
Pretérito imperfeito	Fato que se repete ou se prolonga no passado Em registro informal, é usado no lugar do futuro do pretérito	<i>Todos os dias, eu <u>jogava</u> futebol.</i> <i>Se eu <u>pudesse</u>, <u>comprava</u> um presente melhor.</i>
Pretérito mais-que-perfeito	Fato passado anterior a outro fato também passado. Desejo	<i>O pai <u>chegou</u> ao local onde o acidente <u>aconteceu</u>.</i> <i>Quem me <u>dera</u>! <u>Quisera</u> eu poder viajar com vocês!</i>

Futuro do presente	Fato futuro em relação ao momento da fala. Dúvida, questionamento. No lugar do imperativo.	<i>Eu <u>vencerei</u>.</i> <i>Será ele a pessoa certa?</i> <i>Não <u>cobiciará</u> a mulher do próximo.</i>
Futuro do pretérito	Fato futuro em relação a um fato passado Fato dependente de uma condição Incerteza; ausência de comprometimento com a informação ou opinião expressas. Dúvida, questionamento. Polidez	<i>Ela <u>acreditou</u> que <u>chegaria</u> a tempo.</i> <i>Se eu <u>ganhasse</u> na loteria, <u>viaria</u> sem mala.</i> <i>Segundo alguns, o <u>aquecimento</u> global <u>resultaria</u> de causas naturais.</i> <i>Seria ele a pessoa certa?</i> <i>Você <u>me emprestaria</u> sua caneta?</i>

B) Modo Subjuntivo

Tempo	Valores Semânticos	Exemplos
Presente	Fato incerto	Espero que você <u>volte</u> logo.
Pretérito imperfeito	Condição improvável	Se eu <u>ganhasse</u> na loteria, daria a volta ao mundo sem mala.
Futuro	Condição com maior grau de probabilidade	Se eu <u>ganhar</u> na loteria, darei a volta ao mundo sem mala.

Fique atento!

Muitos textos dão a impressão de que o enunciador está se dirigindo diretamente a alguém (seja ao próprio leitor, seja a algum outro destinatário do texto). Esse efeito de diálogo é provocado pela presença, no texto, de determinados elementos gramaticais. Vejamos quais são esses elementos a partir de uma breve análise do poema abaixo, que apareceu na prova de 1999 da UFRJ:

O impossível carinho :: Manuel Bandeira

*Escuta, eu não quero contar-te o meu desejo
Quero apenas contar-te a minha ternura
Ah se em troca de tanta felicidade que me dá
Eu te pudesse repor
— Eu soubesse repor —
No coração despedaçado
As mais puras alegrias da tua infância!*

Para verificar o efeito de diálogo, devemos nos concentrar nos verbos e pronomes, já que eles estão ligados às pessoas do discurso (como você já estudou). Com relação a essas duas classes gramaticais, os seguintes mecanismos sugerem que o texto consiste em um diálogo, com eu-lírico se dirigindo diretamente a alguém:

- Verbo no modo imperativo: “Escuta”. Esse imperativo exprime um pedido, e todo pedido, claro, deve ser endereçado a alguém, a um interlocutor.
- Verbo na segunda pessoa: “Escuta”, “dá”. Como a segunda pessoa do discurso corresponde ao interlocutor, a existência de verbos na 2ª pessoa sugere a presença de um ouvinte ou leitor.
- Pronomes de segunda pessoa: “te” (pronome oblíquo átono) e “tua” (pronome possessivo). A justificativa é idêntica à do item anterior.

EXERCÍCIOS

GRUPO 1 – O verbo e as pessoas do discurso

1) (Uerj/2007 — Língua Portuguesa e Literatura Brasileira) Se o romance *Lucíola* fosse narrado de uma perspectiva externa, tanto Lúcia quanto Paulo seriam identificados por pronomes de terceira pessoa. Considere o seguinte trecho:

De bem longe avistei Lúcia que me esperava e me fez um aceno de impaciência; apressei o passo para alcançar o portão do jardim. Ela estendeu-me as mãos ambas risonha e atraíndome, reclinou-se sobre o meu peito com um gracioso abandono. Sentamo-nos nos degraus da pequena escada de pedra.

Reescreva-o do ponto de vista externo, com especial atenção para as adaptações que deverão ser feitas nas formas pronominais e verbais.

Texto para a questão 2**A era do automóvel**

E, subitamente, é a era do Automóvel. O monstro transformador irrompeu, bufando, por entre os descombros da cidade velha, e como nas mágicas e na natureza, aspérrima educadora, tudo transformou com aparências novas e novas aspirações. Quando os meus olhos se abriam para as agruras e também para os prazeres da vida, a cidade, toda estreita e toda do mau piso, eriçava o pedregulho contra o animal de lenda, que acabava de ser inventado em França. Só pelas ruas esguias dois pequenos e lamentáveis corredores tinham tido a ousadia d'aparecer.
(...)

Vivemos inteiramente presos ao Automóvel. O Automóvel ritmiza a vida vertiginosa, a ânsia das velocidades, o desvario de chegar ao fim, os nossos sentimentos de moral, de estética, de prazer, de economia, de amor.
(...)

(...) O automóvel é um instrumento de precisão fenomenal, o grande reformador das formas lentas.

Sim, em tudo! A reforma começa, antes de andar, na linguagem e na ortografia. É a simplificação estupenda. Um simples mortal de há vinte anos passados seria incapaz de compreender, apesar de ter todas as letras e as palavras por inteiro, este período: “O Automóvel Club Brasil sem negócios com a Sociedade de Automóveis de Reims, na garagem Excelsior”. Hoje, nós ouvimos diálogos bizarros:

— Foste ao A.C.B.?

— Léss.

— Marca da fábrica?

— F.I.A.T. 60 H.P. Tenho que escrever ao A.C.O.T.U.K.

O que em palestra diz-se ligando as letras em palavras de aspecto volapuqueano, mas que traduzido para o vulgar significa que o cavaleiro tem uma máquina da Fábrica Italiana de Automóveis de Turim, da força de 60 cavalos e que vão escrever para o Aéreo Club do Reino Unido.

É ou não é prodigioso? É a língua do futuro, a língua das iniciais (...).

Um artigo de duzentas linhas escreve-se em vinte quase estenografiado. Assim como encurta tempo e distâncias no espaço, o Automóvel encurta tempo e pa-

pel na escrita. Encurta mesmo as palavras inúteis e a tagarelice. O monossílabo na carreira é a opinião do homem novo. A literatura é ócio, o discurso é o impossível.
(...)

João do Rio. In: GOMES, R. C. *João do Rio, 1881-1921*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

2) (Uerj/2006 — Língua Portuguesa e Literatura Brasileira) Predominam no texto dois modos de organização do discurso: um caracteriza o primeiro parágrafo, e outro, o restante do texto. Como consequência, particularidades semânticas e gramaticais distinguem esses dois segmentos.

a) Nomeie esses modos de organização do discurso.

b) Identifique as características semânticas e gramaticais das formas verbais presentes em cada um desses segmentos.

3) (Cederj/2011 — 1) Identifique a opção em que a expressão do sujeito gramatical evidencia que o eu-lírico evoca a participação dos interlocutores:

(A) Voa tão leve / Mas tem a vida breve / Precisa que haja vento sem parar

(B) Brilha tranquila / Depois de leve oscila / E cai como uma lágrima de amor

(C) Tudo de bom ela tem / E é por ela ser assim tão delicada / Que eu trato dela sempre muito bem

(D) Falem baixo, por favor / Pra que ela acorde alegre com o dia / Oferecendo beijos de amor

Texto para a questão 4**Quem ainda liga para eles?**

Guilherme Gomes — 12 anos, aluno do Colégio Marília Mattoso

Nesta época de videogames e computador, será que alguém ainda liga para brinquedos antigos? Gostaria de ler, no Dia da Criança, uma notícia sobre isso. Por isso, resolvi escrever o texto que você lê abaixo.

“É... Hoje em dia, todo mundo conhece o Playstation, o Game Boy, o Nitendo DS. Mas será que alguém ainda usa um daqueles brinquedos velhos (ou não tão velhos)? Quais? Ah, a pipa, a boneca, o ioiô... Em alguns colégios, para quem não sabe, está voltando a moda do ioiô! Eu até vi um anúncio na minha escola sobre um campeonato.

Eu mesmo comecei a praticar. Tente também usar um desses brinquedos antigos, eles são legais e não deveriam ser deixados de lado.

Os jogos eletrônicos são muito divertidos, mas eles não são as únicas coisas que são assim, não é?

Ah, se você não conseguir sozinho, peça ajuda aos seus pais. Com certeza, eles vão saber muitas coisas sobre esses tipos de brinquedos, como dicas e onde conseguir hoje em dia. Experimente você também.”

4) (Cederj/2010 — 1) Transcreva do texto acima uma frase que caracteriza a interlocução entre o locutor e o leitor.

GRUPO 2 – Semântica dos modos verbais

Texto para a questão comentada**Balada do Rei das Sereias**

*O rei atirou
Seu anel ao mar
E disse às sereias:
– Ide-o lá buscar,
Que se o não trouxerdes,
Virareis espuma
Das ondas do mar!
Foram as sereias,
Não tardou, voltaram
Com o perdido anel.
Maldito o capricho
De rei tão cruel!*

*O rei atirou
Grãos de arroz ao mar
E disse às sereias:
– Ide-os lá buscar,
Que se os não trouxerdes,
Virareis espuma
Das ondas do mar!*

*Foram as sereias
Não tardou, voltaram,
Não faltava um grão.
Maldito o capricho
Do mau coração!*

*O rei atirou
Sua filha ao mar
E disse às sereias:
– Ide-a lá buscar,
Que se a não trouxerdes,
Virareis espuma
Das ondas do mar!*

*Foram as sereias...
Quem as viu voltar?...
Não voltaram nunca!
Viraram espuma
Das ondas do mar.*

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.

Questão comentada (Uerj/2006 – Exame de Qualificação) Notam-se, no texto, escolhas linguísticas que visam à caracterização do autoritarismo do rei.

A construção linguística que não visa a essa caracterização e o fragmento no qual é utilizada estão apresentados na seguinte alternativa:

- (A) verbo “atirar”, que acentua a violência da ação – “O rei atirou” (v. 1)
(B) pronome “seu”, que expressa sentido de posse – “Seu anel ao mar” (v. 2)
(C) adjetivo “maldito”, que revela a crueldade do comando – “Maldito o capricho” (v. 23)
(D) imperativo “ide”, que indica a prescrição de ordem – “– Ide-a lá buscar,” (v. 28)

Resposta: B

Comentário: Em primeiro lugar, vamos analisar a alternativa correta, a letra B. Observe o seguinte: o fato de o anel pertencer ao próprio rei – fato indicado pelo pronome possessivo “seu” – não ajuda a ressaltar seu autoritarismo. Pelo contrário: se o rei arremessasse ao mar os objetos de outras pessoas, aí sim o caráter autoritário das suas ações ficaria ainda mais evidente. Em resumo: não há dúvidas de que se pretende construir, no poema, a imagem de um rei autoritário – mas o emprego do pronome possessivo “seu”, indicando que o anel arremessado é de propriedade do rei, não é um dos elementos que contribui para evidenciar esse autoritarismo.

Por outro lado, observe as demais alternativas. A letra A chama a atenção para o verbo empregado pelo eu-lírico: “atirar” (“O rei atirou”). O verbo “atirar” denota uma ação realizada com força, a fim de fazer o anel cair o mais longe possível. Certamente, quem atira, lança ou arremessa um anel para longe parece bem mais autoritário do que alguém que apenas pousasse o anel sobre a água do mar.

Na letra C, mostra-se que a ordem do rei é caracterizada como maldita: “Maldito o capricho”. A palavra escolhida diz tudo. “Maldito” é um adjetivo de valor profundamente negativo. Neste caso, serve para mostrar que a ordem do rei não tem razão de ser: é apenas a expressão de sua maldade, de sua crueldade. Observe que o substantivo “capricho”, embora não mencionado diretamente na questão, também contribui para provocar esse efeito. Afinal, não se trata de uma “ordem” ou de uma “decisão”, mas de um mero capricho, uma espécie de brincadeira de mau gosto. O termo “capricho” reforça, assim, a ideia de que a ordem do rei foi despropositada e injustificável – já que servia apenas para alimentar a crueldade do rei por meio do exercício arbitrário do poder.

Finalmente, a letra D focaliza o assunto deste capítulo – os verbos. “Ide” é forma de imperativo do verbo “ir”. Como você já aprendeu, um dos valores semânticos expressos pelo modo imperativo está ligado à ideia de ordem. Assim, ao marcar a fala do rei como uma ordem, o modo imperativo ajuda a marcar seu autoritarismo.

Texto para a questão 1**Procura da poesia**

Não faça versos sobre acontecimentos.

Não há criação nem morte perante a poesia.

(...)

*Não faças poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.*

(...)

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.

(...)

*Não dramatizes, não invoques,
não indagues. Não percas tempo em mentir.*

(...)

*Não recomponhas
tua sepultada e merencória infância.*

(...)

*Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.*

(...)

*Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consuma
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.*

(...)

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião*: 19 livros de poesia.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

1) (Uerj/2006 — adaptada) O poema de Carlos Drummond de Andrade apresenta um conjunto de instruções para o fazer poético que podem ser distribuídas em duas partes, conforme a mudança de atitude enunciativa do eu lírico.

a) Explique em que consiste essa mudança e indique o recurso gramatical que a explicita.

b) Uma dessas instruções refere-se ao corpo, tão inverso à efusão lírica (v. 4). Reescreva este verso, substituindo por sinônimos as palavras sublinhadas e procedendo às alterações necessárias.

Textos para a questão 2

Texto I

Mãos Dadas

*Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.*

*Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.*

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.68.

Texto II

*Toda noite — tem auroras,
Raios — toda a escuridão.
Moças, creiamos, não tarda
A aurora da redenção.*

Castro Alves. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. p. 212.

2) (UFF/2001) O fragmento de Castro Alves e o poema de Carlos Drummond de Andrade apresentam verbos no modo imperativo:

“Moças, creiamos, não tarda” (v.3)

“Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.” (v.7)

Justifique o emprego do imperativo, correlacionando as semelhanças temáticas entre os versos destacados.

Texto para a questão 3

Onde estás?

*É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo de desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento, que passa
Por meus cabelos fugaz:
“Vento frio do deserto,*

Onde ela está? Longe ou perto?"
 Mas, como um hálito incerto,
 Responde-me o eco ao longe:
 "Oh! minh'amante, onde estás?..."

Vem! É tarde! Por que tardas?
 São horas de brando sono,
 Vem reclinar-te em meu peito
 Com teu lânguido abandono!...
 'Stá vazio nosso leito...
 'Stá vazio o mundo inteiro;

E tu não queres qu'eu fique
 Solitário nesta vida...
 Mas por que tardas, querida? ...
 Já tenho esperado assaz...
 Vem depressa, que eu deliro
 Oh! minh'amante, onde estás?...

Estrela — na tempestade,
 Rosa — nos ermos da vida;
 Íris¹ — do náufrago errante,
 Ilusão — d'alma descrida²!
 Tu foste, mulher formosa!
 Tu foste, ó filha do céu!...
 ... E hoje que o meu passado
 Para sempre morto jaz...
 Vendo finda a minha sorte,
 Pergunto aos ventos do Norte...
 "Oh! minh'amante, onde estás?..."

ALVES, Castro. *Espumas flutuantes e outros poemas*. São Paulo: Ática, 1998.

Vocabulário:

1 — íris: paz, bonança

2 — descrida: que não crê

3) (Uerj/2010 — LPLB) No texto, há uma forma verbal que expressa uma súplica feita pelo eu lírico à mulher amada. Identifique essa forma verbal e as respectivas flexões de pessoa e modo.

Textos para a questão 4

Texto I

O defeito

Nota algo muito curioso. É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis têm motores. O que não é problemático não é pensado. Você nem sabe que tem fígado até o momento em que ele funciona mal. Você nem sabe que tem coração até que ele dá umas batidas diferentes. Você nem

toma consciência do sapato, até que uma pedrinha entre lá dentro. Quando está escrevendo, você se esquece da ponta do lápis até que ela quebra. Você não sabe que tem olhos — o que significa que eles vão muito bem. Você toma consciência dos olhos quando eles começam a funcionar mal. Da mesma forma que você não toma consciência do ar que respira, até que ele começa a feder... Fernando Pessoa diz que "pensamento é doença dos olhos". É verdade, mas nem toda. O mais certo seria "pensamento é doença do corpo".

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência. Não é curioso que nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? Você já viu alguma prova ou exame em que o professor pedisse que o aluno formulasse o problema? (...) Frequentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno."

ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Texto II

Skepsis

"Dois e dois são três" disse o louco.

"Não são não!" berrou o tolo.

"Talvez sejam" resmungou o sábio.

PAES, José Paulo. *Socráticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

4) (Uerj/2003 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação) O texto I sugere um método de investigação científica, sintetizado, por exemplo, em: "Todo pensamento começa com um problema". No texto II, os vocábulos escolhidos para a frase do sábio parecem demonstrar a adoção desse método. Descreva o método de investigação científica proposto pelo texto I e explique como os dois termos escolhidos pelo sábio poderiam indicar a adoção do referido método.

Texto para a questão 5

Múltiplo sorriso

Pendurou a última bola na árvore de Natal e deu alguns passos atrás. Estava bonita. Era um pinheiro artificial, mas parecia de verdade. Só bolas vermelhas. Nunca deixava de armar sua árvore, embora as amigas dissessem que era bobagem fazer isso quando se mora sozinha. Olhou com mais vagar. Na luz do fim da tarde, notou que sua imagem se espelhava nas bolas. Em todas elas, lá estava seu rosto, um pouco distorcido, é verdade — mas sorrindo. "Estão vendo?", diria às amigas, se estivessem por perto. "Eu não estou só."

SEIXAS, Heloisa. *Cantos mais que mínimos*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

5) (Uerj/2011 — Exame de Qualificação)

"Estão vendo?", diria às amigas, se estivessem por perto.

O trecho acima revela o choque entre o mundo imaginário da personagem e a realidade de sua solidão. Esse choque entre imaginação e realidade é enfatizado pela utilização do seguinte recurso de linguagem:

(A) o uso das aspas duplas

- (B) o emprego dos modos verbais
 (C) a presença da forma interrogativa
 (D) a referência à proximidade espacial

Texto para questão 6

O silêncio expectante e a voz inesperada

*Na penumbra da sala do laboratório, uniforme e absolutamente fechada,
 Isolada do som e da luz, isolada do tempo e do espaço,
 Procedia-se à investigação memorável.*

*Procurava-se descobrir o espaço completo e geral
 Onde se pudesse definir a pulsação originária;
 Pulsação que seria a substância de todas as vibrações,
 Desde as que iluminam as estrelas Cefeides
 Até as que comovem o coração humano,
 As que marcam, domesticamente, o tempo civil nos relógios
 E as que passam ondulando nas cordas dos violoncelos;
 Pulsação que fosse o sangue de futuros nascimentos e de novas cosmogonias
 Dela viria a angústia da matéria dispersa em meio às nebulosas
 E que ainda não pôde se converter em estrelas,
 Viria a angústia das almas inascidas que, com o frio, e o medo de não nascer,
 Se abrigam no ventre das mulheres.
 Naquele ambiente inerte e indeterminado
 Reinava um silêncio liso e sinistro:
 Um silêncio que fora a consequência de rumores especiais e preciosos,
 Um silêncio-fronteira de ruídos apagados em macios de paina e de veludo.*

*Temia-se, porém, a inversão do tempo ou o pânico da luz,
 Temia-se, sim, temia-se alcançar a essência do milagre...*

*Foi então que uma onda ligeira, perdida e vagabunda,
 Uma onda que rondava, que rondava na sombra do jardim,
 Entrou sorrateira, inesperadamente,
 Por uma fresta imperceptível no rádio:*

Era uma voz de mulher cantando nas Antilhas.

CARDOZO, Joaquim. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

6) (Uerj/2011 – LPLB) O verbo em português varia em tempo, modo, número e pessoa. Observe o trecho abaixo:

*Procurava-se descobrir o espaço completo e geral
 Onde se pudesse definir a pulsação originária;*

Nele, duas formas verbais expressam a diferença entre fato e hipótese.

Identifique esse par de formas e a variação gramatical responsável por essa diferença.

GRUPO 3 – Semântica dos tempos verbais

Texto para a questão comentada

Recordações do escrivão Isaías Caminha

A minha situação no Rio estava garantida. Obteria um emprego. Um dia pelos outros iria às aulas, e todo o fim de ano, durante seis, faria os exames, ao fim dos quais seria doutor!

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciana o suplício premente, cruciante e anímodo¹ de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam² no meu cérebro.

O flanco, que a minha pessoa, na batalha da vida, oferecia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado...

Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários polifórmicos... Era um pallium³, era alguma cousa como clâmide⁴ sagrada, tecida com um fio tênue e quase imponderável, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos se quebravam. De posse dela, as gotas da chuva afastar-se-iam transidas⁵ do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer. O invisível distribuidor de raios solares escolheria os mais meigos para me aquecer, e gastaria os fortes, os inexoráveis⁶, com o comum dos homens que não é doutor. Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado⁷ e grosso, como um sapo-entanha antes de ferir a martelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou? Como está, doutor? Era sobre-humano!...

BARRETO, Lima. In: VASCONCELOS, Eliane (org.). *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

1 – de todos os modos, irrestrito

2 – agitavam

3 – manto, capa

4 – manto

5 – assustadas

6 – inflexíveis

7 – vaidoso

Questão comentada (Uerj/2004 – Exame de Qualificação) A matéria narrada neste texto não é representada como um fato, mas como um projeto.

O recurso linguístico que caracteriza essa representação é o emprego de:

- (A) vocábulos cultos e raros
 (B) reticências na maioria dos parágrafos
 (C) formas verbais no futuro do pretérito
 (D) metáforas relativas ao objeto de desejo

Resposta: C

Comentário: Você já sabe que o futuro do pretérito é o tempo verbal caracterizado pela terminação *–ria*, como, por exemplo, em *“faria”*, *“cantaríamos”*, *“poderiam”* (caso não se lembre, reveja o quadro de terminações do Modo In-

dicativo). No texto a que se refere a questão, esse tempo verbal é usado com frequência: “obteria”, “seria”, “resgataria” etc.

Veja também que todo o texto corresponde ao pensamento do narrador, que se põe a fazer planos sobre seu futuro. No primeiro parágrafo, fica claro que seu projeto é obter um emprego, frequentar aulas, fazer os exames finais e se tornar “doutor”. Deste ponto em diante, ele começa a “sonhar acordado”, pensando como seria sua vida a partir do momento em que se formasse. Ele imagina que teria respeito e prestígio, tornando-se alvo da admiração de “toda a gente”.

Nada disso, porém, acontece em seu momento presente. Tudo isso não passa de planos, de projetos — de um desejo do narrador, em suma. E é precisamente o emprego do futuro do pretérito que indica isso. Ele não afirma, por exemplo, que resgatou o pecado original do seu nascimento humilde; diz apenas que “resgataria” esse pecado no futuro, depois que concluiu os estudos — indicando que se trata de um desejo, de um projeto pessoal, e não de um fato concreto já realizado.

Texto para a questão 1

Função

Me deixaram sozinho no meio do circo

Ou era apenas um pátio uma janela uma rua uma esquina

Pequenino mundo sem rumo

Até que descobri que todos os meus gestos

Pendiam cada um das estrelas por longos fios invisíveis

E havia súbitas e lindas aparições como aquela das longas tranças

E todas imitavam tão bem a vida

Que por um momento se chegava a esquecer a sua cruel inocência de bonecas

E eu dizia depois coisas tão lindas

E tristes

Que não sabia como tinham ido parar na minha boca

E o mais triste não era que aquilo fosse apenas um jogo cambiante de reflexos

Porque afinal um belo pião dançante

Ou zunindo imóvel

Vive uma vida mais intensa do que a mão ignorada que o arremessou

E eu danço tu danças nós dançamos

Sempre dentro de um círculo implacável de luz

Sem saber quem nos olha atenta ou distraidamente do escuro...

QUINTANA, Mário. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

1) (Uerj/2004 — Exame Final) Do início ao verso 12, o poema apresenta exclusivamente formas verbais no tempo passado. No verso 15, porém, o poeta introduz o tempo presente.

O valor estilístico desta modificação do tempo do verbo é:

- (A) retratar o movimento rotativo do pião
- (B) fazer uma reflexão de validade permanente
- (C) produzir um contraste irônico entre o circo e a vida
- (D) registrar um fato ocorrido no momento da narração

Texto para a questão 2

O circo o menino a vida

A moça do arame

equilibrando a sombrinha

era de uma beleza instantânea e fulgurante!

A moça do arame ia deslizando e despindo-se.

Lentamente.

Só para judiar.

E eu com os olhos cada vez mais arregalados

até parecerem dois pires.

Meu tio dizia:

“Bobo!

Não sabes

que elas sempre trazem uma roupa de malha por baixo?”

(Naqueles voluptuosos tempos não havia maiôs nem biquínis...)

Sim! Mas toda a deliciante angústia dos meus olhos virgens

segredava-me

sempre:

“Quem sabe?...”

Eu tinha oito anos e sabia esperar.

Agora não sei esperar mais nada

Desta nem da outra vida,

No entanto

o menino

(que não sei como insiste em não morrer em mim)

ainda e sempre

apesar de tudo

apesar de todas as desesperanças,

o menino

às vezes

segreda-me baixinho

“Titio, quem sabe?...”

Ah, meu Deus, essas crianças!

QUINTANA, Mário. *Nova antologia poética*. 6ª ed.. São Paulo: Globo, 1997. p. 86/87.

2) (UFRJ/1999)

... “Mas toda a deliciante angústia dos meus olhos virgens
segredava-me
sempre:
“Quem sabe?...” (versos 14 a 17)

“o menino
às vezes
segredava-me baixinho
“Titio, quem sabe?...” (versos 27 a 30)

Observando o emprego dos tempos verbais nos vocábulos sublinhados acima, explique o que é a infância na concepção do poema.

Texto para a questão 3**O adeus**

No oitavo dia sentimos que tudo conspirava contra nós. Que importa a uma grande cidade que haja um apartamento fechado em alguns de seus milhares de edifícios; que importa que lá dentro não haja ninguém, ou que um homem e uma mulher ali estejam, pálidos, se movendo na penumbra como dentro de um sonho?

Entretanto a cidade, que durante uns dois ou três dias parecia nos haver esquecido, voltava subitamente a atacar. O telefone tocava, batia dez, quinze vezes, calava-se alguns minutos, voltava a chamar; e assim três, quatro vezes sucessivas.

Alguém vinha e apertava a campainha; esperava; apertava outra vez; experimentava a maçaneta da porta; batia com os nós dos dedos, cada vez mais forte, como se tivesse certeza de que havia alguém lá dentro. Ficávamos quietos, abraçados, até que o desconhecido se afastasse, voltasse para a rua, para a sua vida, nos deixasse em nossa felicidade que fluía num encantamento constante.

Eu sentia dentro de mim, doce, essa espécie de saturação boa, como um veneno que tonteia, como se meus cabelos já tivessem o cheiro de seus cabelos, se o cheiro de sua pele tivesse entrado na minha. Nossos corpos tinham chegado a um entendimento que era além do amor, eles tendiam a se parecer no mesmo repetido jogo lânguido, e uma vez que, sentado, de frente para a janela por onde se filtrava um eco pálido de luz, eu a contemplava tão pura e nua, ela disse: “Meu Deus, seus olhos estão esverdeando.”

Nossas palavras baixas eram murmuradas pela mesma voz, nossos gestos eram parecidos e integrados, como se o amor fosse um longo ensaio para que um movimento chamasse outro: inconscientemente compúnhamos esse jogo de um ritmo imperceptível, como um lento bailado.

Mas naquela manhã ela se sentiu tonta, e senti também minha fraqueza; resolvi sair, era preciso dar uma escapada para obter viveres; vesti-me lentamente, calcei os sapatos como quem faz algo de estranho; que horas seriam?

Quando cheguei à rua e olhei, com um vago temor, um sol extraordinariamente claro me bateu nos olhos, na cara, desceu pela minha roupa, senti vagamente que aquecia meus sapatos. Fiquei um instante parado, encostado à parede, olhando aquele movimento sem sentido, aquelas pessoas e veículos irrealis que se cruzavam; tive uma tonteira, e uma sensação dolorosa no estômago.

Havia um grande caminhão vendendo uvas, pequenas uvas escuras; comprei cinco quilos. O homem fez um grande embrulho de jornal; voltei, carregando aquele embrulho de encontro ao peito, como se fosse a minha salvação.

E levei dois, três minutos, na sala de janelas absurdamente abertas, diante de um desconhecido, para compreender que o milagre acabara; alguém viera e batera à porta, e ela abria pensando que fosse eu, e então já havia também o carteiro querendo o recibo de uma carta registrada, e quando o telefone bateu foi preciso atender, e nosso mundo foi invadido, atravessado, desfeito, perdido para sempre — senti que ela me disse isso num instante, num olhar entretanto lento (achei seus olhos muito claros, há muito tempo não os via assim, em plena luz), um olhar de apelo e de tristeza onde entretanto ainda havia uma inútil, resignada esperança.

Rubem Braga. www.releituras.com.br

3) (Uerj/2008 — Exame de Qualificação) Os tempos pretéritos utilizados no texto desempenham diferentes funções na construção do discurso narrativo.

A função do tempo pretérito sublinhado nos fragmentos abaixo encontra-se corretamente definida em:

- (A) “Alguém vinha e apertava a campainha;” — expressar indeterminação do agente
(B) “que horas seriam?” — mostrar simultaneidade de fatos
(C) “O homem fez um grande embrulho de jornal;” — indicar ação finalizada
(D) “alguém viera e batera à porta,” — caracterizar ausência de dúvida

Texto para a questão 4**Infância**

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.

Minha mãe ficava sentada cosendo.

Meu irmão pequeno dormia.

Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóe,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu
chamava para o café.

Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:

— Psiu... Não acorde o menino.

Para o berço onde pousou um mosquito.

E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

*E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.*

(Carlos Drummond de Andrade)

4) (Uerj/2009 — LPLB) No poema, Drummond emprega o pretérito imperfeito para lembrar fatos de sua infância.

Aponte a característica semântica desse tempo verbal que o torna adequado para recordar fatos. Em seguida, explique o valor semântico do presente do indicativo no sexto verso.

Texto para a questão 5

Entre as folhas do verde O

(...) O príncipe acordou contente. Era dia de caçada. Os cachorros latiam no pátio do castelo. (...)

Lá embaixo parecia uma festa. (...) Brilhavam os dentes abertos em risadas, as armas, as trompas que deram o sinal de partida.

Na floresta também ouviram a trompa e o alarido. (...) E cada um se escondeu como pôde.

Só a moça não se escondeu. Acordou com o som da tropa, e estava debruçada no regato quando os caçadores chegaram.

Foi assim que o príncipe a viu. Metade mulher, metade corça, bebendo no regato. A mulher tão linda. A corça tão ágil. A mulher ele queria amar, a corça ele queria matar. Se chegasse perto será que ela fugia? Mexeu num galho, ela levantou a cabeça ouvindo. Então o príncipe botou a flecha no arco, retesou a corda, atirou bem na pata direita. E quando a corça-mulher dobrou os joelhos tentando arrancar a flecha, ele correu e a segurou, chamando homens e cães.

Levaram a corça para o castelo. Veio o médico, trataram do ferimento. Puseram a corça num quarto de porta trancada.

Todos os dias o príncipe ia visitá-la. Só ele tinha a chave. E cada vez se apaixonava mais. Mas corça-mulher só falava a língua da floresta e o príncipe só sabia ouvir a língua do palácio.

Então ficavam horas se olhando calados, com tanta coisa para dizer.

Ele queria dizer que a amava tanto, que queria casar com ela e tê-la para sempre no castelo, que a cobriria de roupas e jóias, que chamaria o melhor feiticeiro do reino para fazê-la virar toda mulher.

Ela queria dizer que o amava tanto, que queria casar com ele e levá-lo para a floresta, que lhe ensinaria a gostar dos pássaros e das flores e que pediria à Rainha das Corças para dar-lhe quatro patas ágeis e um belo pêlo castanho.

Mas o príncipe tinha a chave da porta. E ela não tinha o segredo da palavra.

(...) E no dia em que a primeira lágrima rolou dos olhos dela, o príncipe pensou ter entendido e mandou chamar o feiticeiro.

Quando a corça acordou, já não era mais corça. Duas pernas só e compridas, um corpo branco. Tentou levantar, não conseguiu. O príncipe lhe deu a mão. Vieram as costureiras e a cobriram de roupas. Vieram os joalheiros e a cobriram de jóias. (...) Só não tinha a palavra. E o desejo de ser mulher.

Sete dias ela levou para aprender sete passos. E na manhã do oitavo dia, quando acordou e viu a porta aberta, juntou sete passos e mais sete, atravessou

o corredor, desceu a escada, cruzou o pátio e correu para a floresta à procura da sua Rainha.

O sol ainda brilhava quando a corça saiu da floresta, só corça, não mais mulher. E se pôs a pastar sob as janelas do palácio.

COLASANTI, Marina. *Uma ideia toda azul*. São Paulo: Global, 1999.

5) (Uerj/2007— Exame de Qualificação) Uma característica do mundo narrado é a de ser indiferente ao tempo cronológico. Assim, mesmo os tempos pretéritos podem ser usados para indicar o momento presente da narrativa.

O verbo em destaque que representa esse momento presente é:

- (A) “Se chegasse perto será que ela fugia?”
- (B) “E cada vez se apaixonava mais.”
- (C) “que queria casar com ela”
- (D) “que pediria à Rainha das Corças”

Texto para a questão 6

Até que tudo se transformou em não. Tudo se transformou em não quando eles quiseram essa mesma alegria deles. Então a grande dança dos erros. O cerimonial das palavras desacertadas. Ele procurava e não via, ela não via que ele não via, ela que estava ali, no entanto. No entanto ele que estava ali. Tudo errou, e havia a grande poeira das ruas, e quanto mais erravam, mais com aspereza queriam, sem um sorriso.

LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. São Paulo: Siciliano, 1992.

6) (Uerj/2007 — Exame de Qualificação) No fragmento acima, as formas verbais sublinhadas estabelecem com o verbo que lhes é imediatamente anterior, respectivamente, relações de:

- (A) simultaneidade e anterioridade
- (B) anterioridade e posterioridade
- (C) anterioridade e simultaneidade
- (D) simultaneidade e posterioridade

Texto para a questão 7

Balada do amor através das idades

*Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.*

*Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena.*

*Sai do cavalo de pau
para matar seu irmão.*

Matei, brigamos, morremos.

(...)

*Hoje sou moço moderno,
remo, pulo, danço, boxo,
tenho dinheiro no banco.*

*Você é uma loura notável,
boxa, dança, pula, rema.*

*Seu pai é que não faz gosto.
Mas depois de mil peripécias,
eu, herói da Paramount,
te abraço, beijo e casamos.*

DRUMOND, Carlos. *Alguma poesia*, 1930.

7) (UFRJ/2003) Identifique e explicita, no poema, 2 (dois) usos linguísticos que caracterizem a evolução cronológica ocorrida da primeira para a última estrofe do poema.

Texto para a questão 8

Versos escritos nágua

*Os poucos versos que aí vão,
Em lugar de outros é que os ponho.
Tu que me lês, deixo ao teu sonho
Imaginar como serão.*

*Neles porás tua tristeza
Ou bem teu júbilo, e, talvez,
Lhes acharás, tu que me lês,
Alguma sombra de beleza...*

*Quem os ouviu não os amou.
Meus pobres versos comovidos!
Por isso fiquem esquecidos
Onde o mau vento os atirou.*

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

8) (Uerj/2004 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação) No poema, as etapas do processo de composição do texto são marcadas pelos tempos verbais — passado, presente e futuro.

Identifique essas etapas, relacionando-as aos tempos verbais empregados.

Texto para a questão 9

Sala de espera

*Ah, os rostos sentados
numa sala de espera.
Um Diário Oficial sobre a mesa.
Uma jarra com flores.
A xícara de café, que o contínuo
vem, amável, servir aos que esperam a audiência marcada.*

*Os retratos em cor, na parede,
dos homens ilustres
que exerceram, já em remotas épocas,*

*o manso ofício
de fazer esperar com esperança.
E uma resposta, que será sempre a mesma: só amanhã.
E os quase eternos amanhã daqueles rostos sempre adiados
e sentados
numa sala de espera.)*

*Mas eu prefiro é a rua.
A rua em seu sentido usual de “lá fora”.
Em seu oceano que é ter bocas e pés
para exigir e para caminhar.
A rua onde todos se reúnem num só ninguém coletivo.
Rua do homem como deve ser:
transeunte, republicano, universal.*

*Onde cada um de nós é um pouco mais dos outros
do que de si mesmo.
Rua da procissão, do comício,
do desastre, do enterro.
Rua da reivindicação social, onde mora
o Acontecimento.*

A rua! uma aula de esperança ao ar livre.

(RICARDO, Cassiano. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.)

9) (Uerj/2004 — Exame de Qualificação)

E uma resposta, que será sempre a mesma: só amanhã. (v. 12)

O emprego do futuro do presente — será — assume, nesse verso, um valor expressivo que se encontra devidamente explicado na seguinte alternativa:

- (A) garantir, com a ajuda do advérbio ‘amanhã’, a ocorrência futura da resposta.
- (B) enfatizar, articulado com o advérbio ‘sempre’, uma convicção do enunciador.
- (C) expressar, com o reforço do predicativo ‘a mesma’, uma experiência pessoal do poeta.
- (D) antecipar, coerentemente com o verso 11, a alusão ao substantivo ‘esperança’ no final do poema.

Texto para a questão 10

O texto a seguir está publicado em obra dedicada “aos milhares de famílias de brasileiros sem terra”.

Levantados do chão

*Como então? Desgarrados da terra?
Como assim? Levantados do chão?
Como embaixo dos pés uma terra
Como água escorrendo da mão?*

*Como em sonho correr numa estrada?
Deslizando no mesmo lugar?*

*Como em sonho perder a passada
E no oco da Terra tombar?*

*Como então? Desgarrados da terra?
Como assim? Levantados do chão?
Ou na planta dos pés uma terra
Como água na palma da mão?*

*Habitar uma lama sem fundo?
Como em cama de pó se deitar?
Num balanço de rede sem rede
Ver o mundo de pernas pro ar?*

*Como assim? Levitante colono?
Pasto aéreo? Celeste curral?
Um rebanho nas nuvens? Mas como?
Boi alado? Alazão sideral?*

*Que esquisita lavoura! Mas como?
Um arado no espaço? Será?
Choverá que laranja? Que pomo?
Gomo? Sumo? Granizo? Maná?*

(HOLLANDA, Chico Buarque de. In: SALGADO, Sebastião. *Terra*.
São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 111.)

10) (UFRJ/1998) No texto, o eu-lírico constrói progressivamente sua visão da realidade: nas estrofes 1, 2, 3, tenta decifrar o significado da imagem “levantados do chão”; nas estrofes 4, 5, 6, vai reforçando sua opinião crítica sobre a realidade. Releia:

“Um rebanho nas nuvens? Mas como?” (verso 19)

“Um arado no espaço? Será?” (verso 22)

Nos versos acima, a conjunção adversativa “mas” e o futuro do presente do indicativo são utilizados para enfatizar esse posicionamento crítico. Explique por quê.

Texto para a questão 11

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade — passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chega no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? — a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.

Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

(CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*.
Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p.113)

11) (UFRJ/2006) Ao longo do texto I, utilizam-se dois tempos verbais.

Identifique-os e justifique o emprego de cada um, considerando a experiência narrada no texto.

Texto para a questão 12

Ao estudar a língua dos Hopi, no que hoje é o Arizona, Whorf observou que ela era privada de estruturas temporais. Os verbos, por exemplo, não tinham formas para designar eventos no passado. Mesmo as metáforas linguísticas que criassem uma conexão entre espaço e tempo — como “a certo ponto” ou “um longo período de tempo” — inexistiam. Essa característica exercia efeitos decisivos sobre o pensamento dos índios: seria responsável por uma visão de mundo “atemporal”.

Essa tese da atemporalidade, porém, foi refutada. O linguista Ekkehart Malotki descreveu em Hopi time as nuances com que a língua consegue descrever o tempo. Há mais de 200 expressões hopi para o tempo — (...) como ontem, hoje, cedo ou tarde, passando por períodos do dia, meses e estações do ano até um diferenciado sistema de suplementos verbais que permitem a descrição precisa de um curso de eventos. Porém, com sua visão errônea da língua Hopi, Whorf ironicamente proveu a melhor prova para a hipótese da relatividade linguística. Provavelmente ele não descobriu as diversas definições de tempo porque procedeu sua análise a partir da visão de mundo e com as expectativas de um falante europeu.

JÄGER, Ludwig. A palavra cria o mundo. In: *Viver. Mente e Cérebro*,
Agosto, 2005, ano XIII, nº 151, p. 51.

12) (PUC-RIO/2006 — adaptada) Na língua portuguesa, as formas verbais expressam, entre outras coisas, o “curso de eventos” no tempo. No primeiro parágrafo do texto acima, o futuro do pretérito tem outro emprego. Transcreva essa forma verbal, indicando seu emprego.

Texto para a questão 13 (adaptado)

Astroteologia

[...]

Por mais de 40 anos, cientistas vasculham os céus com seus radiotelescópios tentando ouvir sinais de civilizações inteligentes. (...) Infelizmente, até agora nada foi encontrado. Muitos cientistas acham essa busca uma imensa perda de tempo e de dinheiro. As chances de que algo significativo venha a ser encontrado são extremamente remotas.

Em quais frequências os ETs estariam enviando os seus sinais? E como decifrá-los? Por outro lado, os que defendem a busca afirmam que um resultado positivo mudaria profundamente a nossa civilização. A confirmação da existência de outra forma de vida inteligente no universo provocaria uma revolução. Alguns até afirmam que seria a maior notícia já anunciada de todos os tempos. Eu concordo.

Não estaríamos mais sós. Se os ETs fossem mais avançados e pacíficos, poderiam nos ajudar a lidar com nossos problemas sociais, como a fome, o racismo e os

confrontos religiosos. Talvez nos ajudassem a resolver desafios científicos. Nesse caso, quão diferentes seriam dos deuses que tantos acreditam existir? Não é à toa que inúmeras seitas modernas dirigem suas preces às estrelas e não aos altares.

GLEISER, Marcelo. *Folha de São Paulo*, 01/03/2009

13) (Uerj/2010 — Exame de Qualificação)

“Não estaríamos mais sós.”

O uso do tempo verbal em que se encontra o vocábulo grifado se justifica porque se trata de:

- (A) processo habitual
- (B) conclusão pontual
- (C) situação hipotética
- (D) acontecimento passado

Texto para a questão 14 (adaptado)

Recônditos do mundo feminino

Baseado na crença de uma natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para desempenhar as funções da esfera da vida privada, o discurso é bastante conhecido: o lugar da mulher é o lar, e sua função consiste em casar, gerar filhos para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos de amanhã. Dentro dessa ótica, não existiria realização possível para as mulheres fora do lar; nem para os homens dentro de casa, já que a eles pertenceria a rua e o mundo do trabalho.

(MALUF, M. e MOTT, M. Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. In: SEVCENKO, N. (org.).

História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.)

14) (Uerj/2002 — LPLB) O texto apresenta, em seu início, um tipo de discurso bastante conhecido, do qual as autoras procuram, entretanto, se distanciar.

Aponte dois recursos diferentes de linguagem empregados pelas autoras para sugerir distanciamento em relação a esse discurso sobre a mulher.

Texto para a questão 15

Bem no fundo

no fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto
a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela — silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas

(LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.)

15) (UFRJ/2007) O poema de Paulo Leminski estrutura-se em três momentos de significação, que podem ser assim caracterizados: hipótese (1ª estrofe); decreto (2ª e 3ª estrofes); conclusão reflexiva (4ª estrofe). Nomeie o recurso formal que expressa a hipótese no primeiro momento do texto.

Texto para a questão 16

Ler e crescer

Com a inacreditável capacidade humana de ter ideias, sonhar, imaginar, observar, descobrir, constatar, enfim, refletir sobre o mundo e com isso ir crescendo, a produção textual vem se ampliando ao longo da história. As conquistas tecnológicas e a democratização da educação trazem a esse acervo uma multiplicação exponencial, que começa a afligir homens e mulheres de várias formas. Com a angústia do excesso. A inquietação com os limites da leitura. A sensação de hoje ser impossível abarcar a totalidade do conhecimento e da experiência (ingênuo sonho de outras épocas). A preocupação com a abundância da produção e a impossibilidade de seu consumo total por meio de um indivíduo. O medo da perda. A aflição de se querer hierarquizar ou organizar esse material. Enfim, constatamos que a leitura cresceu, e cresceu demais.

Ao mesmo tempo, ainda falta muito para quanto queremos e necessitamos que ela cresça. Precisa crescer muito mais. Assim, multiplicamos campanhas de leitura e projetos de fomento do livro. Mas sabemos que, com todo o crescimento, jamais a leitura conseguirá acompanhar a expansão incontrolável e necessariamente caótica da produção dos textos, que se multiplicam ainda mais, numa infinidade de meios novos. Muda-se então o foco dos estudiosos, abandona-se o exame dos textos e da literatura, criam-se os especialistas em leitura, multiplicam-se as reflexões sobre livros e leitura, numa tentativa de ao menos entendermos o que se passa, já que é um mecanismo que recusa qualquer forma de domínio e nos fogiu ao controle completamente.

Falar em domínio e controle a propósito da inquietação que assalta quem pensa nessas questões equivale a lembrar um aspecto indissociável da cultura escrita, e nem sempre trazido com clareza à consciência: o poder.

Ler e escrever é sempre deter alguma forma de poder. Mesmo que nem sempre ele se exerça sob a forma do poder de mandar nos outros ou de fazer melhor e ganhar mais dinheiro (por ter mais informação e conhecer mais), ou sob a forma de guardar como um tesouro a semente do futuro ou a palavra sagrada como nos mosteiros medievais ou em confrarias religiosas, seitas secretas, confrarias de todo tipo. De qualquer forma, é uma caixinha dentro da outra: o poder de compreender o texto suficientemente para perceber que nele há várias outras possibilidades de compreensão sempre significou poder — o tremendo poder de crescer e expandir os limites individuais do humano.

Constar que dominar a leitura é se apropriar de alguma forma de poder está na base de duas atitudes antagônicas dos tempos modernos. Uma, autoritária, tenta impedir que a leitura se espalhe por todos, para que não se tenha de compartilhar o poder. Outra, democrática, defende a expansão da leitura para que todos tenham acesso a essa parcela de poder.

Do jeito que a alfabetização está conseguindo aumentar o número de leitores, paralelamente à expansão da produção editorial que está oferecendo material escrito em quantidades jamais imaginadas antes, e ainda com o advento de meios tecnológicos que eliminam as barreiras entre produção e consumo do material escrito, tudo levaria a crer que essa questão está sendo resolvida. Será? Na verdade, creio que ela se abre sobre outras questões. Que tipo de alfabetização é esse, a que tipo de leitura tem levado, com que tipo de utilidade social?

MACHADO, Ana Maria. www.dubitoergosum.xpg.com.br

16) (Uerj/2011 – Exame de Qualificação)

tudo levaria a crer que essa questão está sendo resolvida. Será?

O emprego da forma verbal “levaria” e a forma interrogativa que se segue – “Será?” – sugerem um procedimento argumentativo, empregado no texto.

Esse procedimento está explicitado em:

- (A) a exposição de um problema que será detalhado
- (B) a incerteza diante de fatos que serão comprovados
- (C) a divergência em relação a uma ideia que será contestada
- (D) o questionamento sobre um tema que se mostrará limitado

Texto para a questão 17

Os moradores desta costa do Brasil todos têm terra de sesmarias dadas e repartidas pelos capitães da terra, e a primeira coisa que pretendem alcançar são escravos para lhe fazerem e granjearem suas roças e fazendas, porque sem eles não se podem sustentar na terra: e uma das coisas porque o Brasil não floresce muito mais, é pelos escravos que se alevantarão e fugirão para suas terras e fogem cada dia: e se esses índios não foram tão fugitivos e mutáveis, não tivera comparação a riqueza do Brasil.

(GANDAVO, Pero de Magalhães. 1576. Tratado das terras do Brasil. Lisboa.

In: AGUIAR, F. (org.). 1999. *Com palmas medida*. Terra, trabalho e conflito na literatura brasileira.

São Paulo, Fundação Perseu Abramo: p. 35)

17) (UFRJ/2002) Destaque do texto duas formas verbais que indicam fatos passados e estão grafadas de forma diversa à atual, apontando a ortografia agora vigente. Quais as formas verbais que poderiam substituir, sem prejuízo do sentido, foram e tivera, na última linha do texto acima?

Texto para a questão 18

Missão cumprida

Você talvez não tenha se dado conta, irmão. Em Edimburgo, onde fundiram a célula mamária de uma ovelha com o óvulo de outra e criaram uma terceira, ou repetiram a primeira, o homem começou a ficar obsoleto. Você eu não sei, mas

eu já estou me sentindo como um disco de vinil. A não ser pelos cientistas que, impensadamente, decretaram seu próprio fim fazendo a experiência, nenhum macho participou do processo de reprodução da nova ovelha. Teoricamente, o espermatozoide perdeu sua função no mundo.

Os produtores de espermatozoides somos nós. Temos o monopólio. Ao contrário dos fabricantes de lâmpões a gás, que rapidamente ajustaram-se à eletricidade, não podemos adaptar nossa produção mudando um detalhe. Não temos nem o recurso da fraude, de fazer espermatozoide passar por óvulo para não perder o mercado. Não cola. Em pouco tempo seremos o gênero supérfluo. Não dou até 2075, 76, por aí, para desaparecermos da face da Terra. Como o óvulo é imprescindível para o novo método de procriação, é óbvio que produzirão mais mulheres que homens. E cedo ou tarde elas farão a pergunta: para o que é mesmo que serve o homem? As profissões tradicionalmente masculinas – estivador, gigolô, chefe de cozinha, drag queen, zagueiro central etc. – estarão dominadas pela automação ou pelas próprias mulheres. Com nossa crescente desmoralização, perderemos até o valor como objetos sexuais, pois quem vai querer um acuado na cama? (Isso se ainda existir o sexo como o conhecemos. Prevejo que os homens que restarem tentarão escapar do aniquilamento reunindo-se em bandos renegados, nas florestas que sobram. Fugirão das mulheres e, com ironia histórica, só farão sexo com ovelhas).

Cedo ou tarde elas decidirão nos cancelar em definitivo. Estávamos no mundo para fazer espermatozoides. A Capela Sistina, a Nona Sinfonia, a Itaipu Binacional – foi tudo produção secundária, tudo bico. Nossa missão era fornecer espermatozoide. Nossa missão acabou.

VERISSIMO, L. F. In: *Jornal do Brasil*, 26 de fevereiro de 1997.

18) (Cederj/2009 – 2º semestre) O uso dos tempos verbais nas formas “estávamos”, “era” e “acabou”, no último parágrafo, ajuda a construir o seguinte significado:

- (A) As previsões de futuro tornaram-se fatos concluídos.
- (B) Os fatos do passado são tomados como processo em andamento.
- (C) Os fatos do passado ocorrem ao momento em que se fala.
- (D) As previsões ocorreram posteriormente ao tempo em que se fala.
- (E) A visão do futuro é tomada como hipótese irrealizável.

Texto para a questão 19

Poemas da negra (1929)

*Você é tão suave,
Vossos lábios suaves
Vagam no meu rosto,
Fecham meu olhar.*

Sol-posto.

*É a escuridão suave
Que vem de você,
Que se dissolve em mim.*

*Que sono...
Eu imaginava*

*Duros vossos lábios,
Mas você me ensina
A volta ao bem.*

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. São Paulo: Livraria Martins, 1980.

19) (Uerj/2004 – LPLB) A estrofe que vai de “Eu imaginava” até “A volta ao bem”, no “Poema da Negra” de Mário de Andrade, estabelece um contraste entre as expectativas do poeta sobre a amada e a vivência concreta do contato com ela. Explique como esse contraste se evidencia:

- no emprego dos tempos verbais;
- nas funções sintáticas dos pronomes pessoais.

GABARITO

Grupo 1

1) De bem longe Paulo avistou Lúcia que o esperava e lhe fez um aceno de impaciência; ele apressou o passo para alcançar o portão do jardim. Ela estendeu-lhe as mãos ambas risonha e atraindo-o, reclinou-se sobre o seu peito com um gracioso abandono. Sentaram-se nos degraus da pequena escada de pedra,

2) a) Modo narrativo no primeiro parágrafo e modo argumentativo (ou dissertativo) no restante do texto.

- 1º segmento: verbos de ação / tempo passado
- 2º segmento: verbos de estado / tempo presente

3) D

4) Por isso, resolvi escrever o texto que você lê abaixo. / Ah, se você não conseguir sozinho, peça ajuda aos seus pais. / Experimente você também.

Grupo 2

1) a) O eu-lírico passa da recusa/rejeição à proposta/recomendação. Emprego de formas imperativas, negativas e afirmativas.

- Uma dentre as alternativas:
avesso à emoção lírica
contrário ao arrebatamento lírico
incompatível com a veemência lírica

2) Nos verbos empregados no imperativo em ambos os poemas, depreende-se uma exortação, incitação, estímulo a não nos afastarmos e a irmos de mãos dadas (texto I) e a crermos (fragmento de Castro Alves) em mudanças possíveis.

3) A forma verbal “vem” encontra-se na 2ª pessoa do singular do imperativo.

4) O texto propõe um método que parta de uma dúvida acerca do já estabelecido, da realidade aceita, para formular novas hipóteses.

A frase do sábio se constrói por meio de um advérbio de dúvida e de um verbo flexionado no modo subjuntivo — o que caracteriza como hipotético o enunciado.

5) B

6) Procurava / pudesse.
Variação de modo.

Grupo 3

1) B

2) A partir do emprego dos tempos verbais, verifica-se que, na concepção do poema, a infância é um estado permanente no eu-lírico.

3) C

4) Repetição de fatos habituais.

A história de Robinson Crusoe não termina nunca.

5) B

6) A

7) tempos imemoriais / hoje

eu era grego / hoje sou moço moderno

tempos modernos / heróis da Paramount

pretérito / presente

8) A etapa em que os versos feitos pelo poeta não despertaram emoção é marcada por verbos no passado. O oferecimento de novos versos para o leitor é realizado no presente. A etapa em que o leitor se envolverá na própria construção do texto é marcada por verbos no futuro.

9) B

10) Tanto a conjunção adversativa “mas” quanto o futuro do presente do indicativo “Será” enfatizam a dúvida e o questionamento quanto àquilo que as imagens “rebanho nas nuvens” e “arado no espaço” expressam.

OU

A conjunção adversativa “mas” indica a oposição do eu-lírico à ideia expressa pela imagem formulada anteriormente, no verso 19. E o futuro do presente do indicativo “Será” é empregado para marcar a dúvida quanto àquilo que a imagem apresentada no verso 22 representa.

11) Os tempos verbais empregados são o presente e o futuro do pretérito. O primeiro expressa a experiência concretizada pelo eu-poético e o segundo expressa a experiência projetada, a hipótese, o desejo.

12) No último período, a forma verbal “seria” indica hipótese.

13) C

14) O uso da expressão “Dentro dessa ótica”.

O emprego do futuro do pretérito em “existiria” ou “pertenceria”.

15) O recurso formal que expressa a hipótese é o futuro do pretérito (“gostaria”).

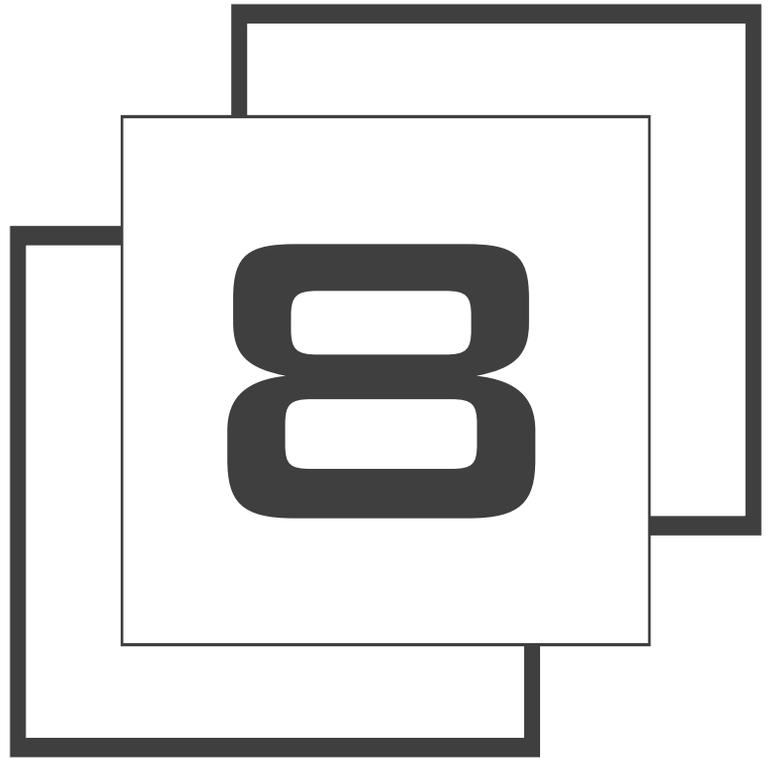
16) C

17) Fossem, no primeiro caso, e teria, haveria ou houvera, no segundo.

18) A

19) a) A forma verbal “imaginava”, no pretérito imperfeito do indicativo, associa-se à expectativa negativa em contraste com o contato com a amada expresso pela forma “ensina”, no presente do indicativo.

b) Os pronomes pessoais invertem as funções sintáticas: eu é sujeito de imaginar e me é objeto de ensinar.



**CLASSES DE PALAVRAS (3):
OS MODIFICADORES – ADJETIVOS E ADVÉRBIOS**

1. A CATEGORIA DOS MODIFICADORES

Usamos o rótulo “modificadores” para fazer referência a palavras pertencentes a duas classes gramaticais diferentes: a dos adjetivos e a dos advérbios. Em comum, adjetivos e advérbios têm o papel de modificar palavras de outra classe. Como você verá, adjetivos modificam substantivos e advérbios, na maioria das vezes, modificam verbos.

2. O ADJETIVO

O adjetivo está sempre vinculado a um substantivo (ou palavra substantivada), atribuindo a ele uma característica.

A relação sintática entre o adjetivo e o substantivo pode ser esquematizada assim:



Exemplo

A menina rica comprou um belo vestido e dois computadores modernos.

→ Aqui, temos três substantivos: menina, vestido e computadores. Para cada um deles, há um adjetivo que o caracteriza: respectivamente, rica, belo e modernos.

3. O ADVÉRBIO

Na maior parte dos casos, o advérbio modifica um verbo, atribuindo a ele uma circunstância (de tempo, lugar, modo, companhia, etc.)

A relação sintática entre o advérbio e o verbo pode ser esquematizada assim:



Exemplo

Durante a noite, ele trabalhou animadamente; pela manhã, dormiu profundamente.

→ Aqui, temos dois verbos: trabalhou e dormiu. O primeiro recebe uma circunstância de tempo (trabalhou quando?) e uma circunstância de modo (trabalhou como?). A circunstância de tempo é indicada por uma locução adverbial: trabalhou durante a noite. A circunstância de modo é indicada por um advérbio: trabalhou animadamente. Com o verbo “dormir” ocorre algo muito semelhante: uma locução adverbial (“pela manhã”) exprime circunstância de tempo, ao passo que um advérbio (“profundamente”) exprime as circunstâncias de modo e intensidade.

Diferença entre locução adjetiva e locução adverbial

A locução adjetiva e a locução adverbial têm a mesma estrutura mínima: preposição + substantivo

Por isso, a única maneira de diferenciá-las é verificar a que palavras elas se ligam. Veja:

Ela fez cara de medo. (de medo é locução adjetiva, pois está ligada ao substantivo *cara*)

Ela morreu de medo. (de medo é locução adverbial, pois está ligada à forma verbal *morreu*)

3.1 O advérbio de intensidade

Quase todos os advérbios modificam apenas o verbo. A exceção é o advérbio de intensidade, que também pode modificar adjetivos ou outros advérbios.

Essa relação sintática pode ser esquematizada assim:



Exemplos

1. Zé estudou demais.
2. Zé fez um plano de estudos árido demais.
3. Zé estudou arduamente demais.

3.2 O “advérbio de frase”

A tradição gramatical brasileira considera ainda a existência de um tipo especial de advérbio que não modifica nem o verbo, nem o adjetivo nem outro advérbio: em vez disso, ele modifica uma frase completa. Conhecido tradicionalmente como “advérbio de frase”, ele às vezes é chamado de modalizador.

O mais interessante em relação a esse tipo de advérbio é o aspecto semântico: ele serve para exprimir um ponto de vista pessoal do enunciador.

Exemplos

1. Maria morreu naturalmente
2. Maria morreu, naturalmente

→ No primeiro caso, “naturalmente” é um simples advérbio de modo, que modifica a forma verbal “morreu” e exprime a maneira como se deu a morte. No segundo caso, trata-se de um “advérbio de frase”, cuja função é sinalizar o ponto de vista do enunciador da sentença. O significado da sentença será algo como “obviamente/evidentemente, ela morreu”, o que mostra que, para o falante, a morte de Maria já era esperada, quer dizer, não foi surpreendente.

3. Obviamente, o Flamengo venceu.
4. Certamente, o Flamengo vencerá.
5. O Flamengo, surpreendentemente, não levou gols.
6. O Flamengo, óbvio, acabou levando muitos gols.

→ Nos quatro exemplos acima, as palavras sublinhadas são modalizadores, o que significa que seu papel é sinalizar uma opinião pessoal do falante.

EXERCÍCIOS

GRUPO 1 – Destacar substantivos, adjetivos ou advérbios e explicar seu papel na construção dos sentidos do texto

Texto para a questão comentada

Descobrimiento

*Abancado à escrivania em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De sopetão senti um fríume por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.*

*Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus! muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.*

Esse homem é brasileiro que nem eu...

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993, p.203.

Questão comentada (PUC-RIO/2005) No poema Descobrimiento, certos substantivos encontram-se qualificados por adjetivos inusitados. Retire do texto UMA dessas combinações incomuns, explicando por que tem um efeito especial.

Resposta: Uma combinação inusitada seria “livro palerma”. O efeito especial aqui decorre do fato de que o adjetivo palerma não é comumente utilizado para qualificar objetos inanimados.

Comentário: Normalmente, poderíamos falar em um “menino palerma”, “chefe palerma”, “irmão palerma”, etc. No entanto, como esse adjetivo é sinônimo de “abobalhado”, não faz sentido utilizá-lo para modificar substantivos que designem seres inanimados. No poema, porém, o adjetivo “palerma” é usado para modificar o núcleo substantivo “livro”. Essa incoerência produz um efeito de estranhamento.

Texto para a questão 1

Os diferentes

Descobriu-se na Oceania, mais precisamente na ilha de Ossevaolep, um povo primitivo, que anda de cabeça para baixo e tem vida organizada.

É aparentemente um povo feliz, de cabeça muito sólida e mãos reforçadas. Vendo tudo ao contrário, não perde tempo, entretanto, em refutar a visão normal do mundo. E o que eles dizem com os pés dá a impressão de serem coisas aladas, cheias de sabedoria.

Uma comissão de cientistas europeus e americanos estuda a linguagem desses homens e mulheres, não tendo chegado ainda a conclusões publicáveis. Alguns professores tentaram imitar esses nativos e foram recolhidos ao hospital da ilha. Os cabecencas-para-baixo, como foram denominados à falta de melhor classificação, têm vida longa e desconhecem a gripe e a depressão.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Prosa Seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p. 150

1) (UFRJ/2009) No texto, há diversos sintagmas nominais — construções com núcleo substantivo acompanhado ou não de termos com função adjetiva — que caracterizam o “povo primitivo”.

a) Retire do texto dois desses sintagmas.

b) A caracterização normalmente atribuída a um povo primitivo como não evoluído não se confirma no texto acima. Justifique essa afirmativa, utilizando os sintagmas que foram escolhidos no item a.

Texto para a questão 2

A Maria dos povos, sua futura esposa

*Discreta, e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos e boca o Sol, e o dia:*

*Enquanto com gentil descortesia
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:*

*Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trata a toda ligeireza,
E imprime em toda flor sua pisada.*

*Oh não aguardes, que a madura idade,
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.*

MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*: seleção de José Miguel Wisnik. 2. ed. São Paulo: Cultrix, [s.d.]

2) (UFRJ/2006) O poema se constrói por meio da oposição entre dois campos semânticos, especialmente no contraste entre a primeira e a última estrofes. Explícite essa oposição e retire, dessas estrofes, dois vocábulos com valor substantivo — um de cada campo semântico —, identificando a que campo cada vocábulo pertence.

Textos para a questão 3

Texto I

A produção cultural do corpo

Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela, sobretudo, que o corpo é histórico. Isto é, mais do que um dado natural cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicas, etc. Não é portanto algo dado a priori nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p.28-29

Texto II

A não aceitação

Desde que começou a envelhecer realmente começou a querer ficar em casa. Parece-me que achava feio passear quando não se era mais jovem: o ar tão limpo, o corpo sujo de gordura e rugas. Sobretudo a claridade do mar como desnuda. Não era para os outros que era feio ela passear, todos admitem que os outros sejam velhos. Mas para si mesma. Que ânsia, que cuidado com o corpo perdido, o espírito aflito nos olhos, ah, mas as pupilas essas límpidas.

Outra coisa: antigamente no seu rosto não se via o que ela pensava, era só aquela face destacada, em oferta. Agora, quando se vê sem querer ao espelho, quase grita horrorizada: mas eu não estava pensando nisso! Embora fosse impossível e inútil dizer em que rosto parecia pensar, e também impossível e inútil dizer no que ela mesma pensava.

Ao redor as coisas frescas, uma história para a frente, e o vento, o vento... Enquanto seu ventre crescia e as pernas engrossavam, e os cabelos se haviam acomodado num penteado natural e modesto que se formara sozinho.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 291

3) (UFRJ/2005)

a) Do primeiro parágrafo do texto I, retire os quatro adjetivos que melhor caracterizam a noção de corpo nele apresentada.

b) Estabeleça a relação entre esses adjetivos e a temática central do texto II.

Texto para a questão 4

Almeida e Costa comprão para remeterem para fora da Província, huma escrava que seja perfeita costureira, engomadeira, e que entenda igualmente de cozinha, sendo mossã, de boa figura, e afiançada conduta para o que não terão duvida pagala mais vantajosamente; quem a tiver e queira dispor, pode dirija-se ao escriptorio dos mesmos na rua da fonte dos Padres, N. 91.

Gazeta Commercial da Bahia, 19 de setembro de 1832

4) (UFRJ/2003) Do texto acima:

a) selecione 2 (dois) verbos e 2 (dois) substantivos que apresentem forma ou emprego diferentes da atual;

b) reescreva-os na forma vigente.

Texto para a questão 5

Longe de tudo

*É livres, livres desta vã matéria,
longe, nos claros astros peregrinos
que havemos de encontrar os dons divinos
e a grande paz, a grande paz sidérea.*

*Cá nesta humana e trágica miséria,
nestes surdos abismos assassinos
teremos de colher de atros destinos
a flor apodrecida e deletéria.*

*O baixo mundo que troveja e brama
só nos mostra a caveira e só a lama,
ah! só a lama e movimentos lassos...*

*Mas as almas imãs, almas perfeitas,
hão de trocar, nas Regiões eleitas,
largos, profundos, imortais abraços.*

SOUZA, Cruz e. *Poesias completas*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 158

5) (UFRJ/2005) O texto acima confronta dois espaços para marcar a oposição “corpo e alma”.

a) Retire do texto os dois advérbios que explicitam esses dois espaços.

b) Transcreva duas expressões formadas por adjetivo(s) e substantivo que caracterizem esses espaços, identificando a que espaço cada uma se refere.

Texto para a questão 6

Romance II ou do ouro incansável

Mil bateias vão rodando
sobre córregos escuros;
a terra vai sendo aberta
por intermináveis sulcos;
infinitas galerias
penetram morros profundos.

De seu calmo esconderijo,
o ouro vem, dócil e ingênuo;
toma-se pó, folha, barra,
prestígio, poder, engenho...
É tão claro! — e turva tudo:
honra, amor e pensamento.

[...]

MEIRELES, Cecília. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

6) (Uerj/2005 – LPLB) Quando lemos um texto, devemos estar atentos, entre outras coisas, à seleção dos substantivos, verbos, adjetivos e conectivos diversos utilizados na interligação das informações.

Nas duas primeiras estrofes do texto acima, a poetisa representa a extração do ouro mediante oito adjetivos, que formam dois grupos semanticamente contrastantes. Aponte os adjetivos componentes de cada um desses grupos.

GRUPO 2 – Reconhecer o papel de adjetivos ou advérbios na construção do sentido dos textos

Texto para a questão comentada

Olhos de ressaca

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas. As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as de

pressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Capítulo 123. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Questão comentada (Uerj/2005 – Exame de Qualificação) No texto, a descrição dos fatos não é objetiva, pois temos acesso aos traços e às ações dos demais personagens apenas por meio do olhar comprometido do personagem-narrador. A alternativa que indica uma estratégia utilizada pelo personagem-narrador para expressar um ponto de vista individual dos fatos e a passagem que a exemplifica é:

(A) enumeração de ações — “Consolava a outra, queria arrancá-la dali.”

(B) seleção de adjetivos e advérbios — “tão fixa, tão apaixonadamente fixa,”

(C) narração em 1ª pessoa — “As minhas cessaram logo.”

(D) imprecisão cronológica — “Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto,”

Resposta: B

Comentário: É comum que diferentes observadores façam descrições distintas de uma mesma cena. Quanto isso acontece, é porque foi feita uma descrição subjetiva, na qual o ponto de vista particular de um determinado observador influencia na descrição. Em outras palavras, trata-se de uma descrição que não é necessariamente fiel à situação retratada; antes, ela retrata a maneira como um indivíduo especificou enxergou e interpretou a situação.

É isso o que ocorre no texto em questão. A cena é descrita por um personagem-narrador tomado pelo ciúme. Em função desse sentimento, ele interpretará a cena de sua maneira peculiar. Nesse caso, especificamente, uma breve olhada de Capitu para o cadáver é interpretada do ponto de vista desse observador enciumado. O trecho destacado na alternativa B mostra que a descrição é subjetiva, pessoal, individual. Afinal, é difícil imaginar um tipo de olhar que seja objetivamente apaixonado; na verdade, foi o observador quem considerou que aquele era um olhar “apaixonadamente fixo”.

Nesse sentido, essa seleção de advérbio (apaixonadamente) e adjetivo (fixo) revela o ponto de vista pessoal do observador, ou seja, a maneira individual, particular, como ele interpretou a cena descrita.

1) (Uerj/2003 – 1º Exame de Qualificação) Os estudos gramaticais costumam apresentar a comparação como um processo ligado aos modificadores — adjetivos e advérbios.

Um exemplo de comparação construída por meio de adjetivo está em:

(A) “O desenvolvimento da ciência e da técnica pode percorrer caminhos diversos”

(B) “O controle não é técnico, nem científico; o controle é ético!”

(C) “Por isso que a ética prática adquire, cada dia mais, uma importância maior.”

(D) “dentro de uma escala hipotética de valores vitais para a humanidade,”

Texto para a questão 2**Tempo da camisolinha**

Toda a gente apreciava os meus cabelos cacheados, tão lentos! e eu me envaidecia deles, mais que isso, os adorava por causa dos elogios. Foi por uma tarde, me lembro bem, que meu pai suavemente murmurou uma daquelas suas decisões irrevogáveis: “É preciso cortar os cabelos desse menino.” Olhei de um lado, de outro, procurando um apoio, um jeito de fugir daquela ordem, muito aflito. Preferi o instinto e fixei os olhos já lacrimosos em mamãe. Ela quis me olhar compassiva, mas me lembro como si fosse hoje, não aguentou meus últimos olhos de inocência perfeita, baixou os dela, oscilando entre a piedade por mim e a razão possível que estivesse no mando do chefe. Hoje, imagino um egoísmo grande da parte dela, não reagindo. As camisolinhas, ela as conservaria ainda por mais de ano, até que se acabassem feitas trapos. Mas ninguém percebeu a delicadeza da minha vaidade infantil. Deixassem que eu sentisse por mim, me incutissem aos poucos a necessidade de cortar os cabelos, nada: uma decisão à antiga, brutal, impiedosa, castigo sem culpa, primeiro convite às revoltas íntimas: “é preciso cortar os cabelos desse menino”.

Tudo o mais são memórias confusas ritmadas por gritos horríveis, cabeça sacudida com violência, mãos enérgicas me agarrando, palavras aflitas me mandando com raiva entre piedades infecundas, dificuldades irritadas do cabeleireiro que se esforçava em ter paciência e me dava terror. E o pranto, afinal. E no último e prolongado fim, o chorinho doloridíssimo, convulsivo, cheio de visagens próximas atroz, um desespero desprendido de tudo, uma fixação emperrada em não querer aceitar o consumado.

Me davam presentes. Era razão pra mais choro. Caçoavam de mim: choro. Beijos de mamãe: choro. Recusava os espelhos em que me diziam bonito. Os cadáveres de meus cabelos guardados naquela caixa de sapatos: choro. Choro e recusa. Um não conformismo navalhante que de um momento pra outro me virava homem-feito, cheio de desilusões, de revoltas, fácil para todas as ruindades. De noite fiz questão de não rezar; e minha mãe, depois de várias tentativas, olhou o lindo quadro de Nossa Senhora do Carmo, com mais de século na família dela, gente empobrecida mas diz-que nobre, o olhou com olhos de imploração. Mas eu estava com raiva da minha madrinha do Carmo.

E o meu passado se acabou pela primeira vez. Só ficavam como demonstrações desagradáveis dele, as camisolinhas. Foi dentro delas, camisolas de fazendinha barata (a gloriosa, de veludo, era só para as grandes ocasiões), foi dentro ainda das camisolinhas que parti com os meus pra Santos, aproveitar as férias do Totó sempre fraquinho, um junho.

ANDRADE, Mário de. *Contos novos*. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

2) (Uerj/2010 Língua Portuguesa — Literatura Brasileira) Mário de Andrade é um escritor conhecido pela adjetivação expressiva e original que utiliza em seus textos, como nos exemplos sublinhados abaixo:

Toda a gente apreciava os meus cabelos cacheados, tão lentos! palavras aflitas me mandando com raiva entre piedades infecundas.

Descreva o valor expressivo dos dois adjetivos e explique por que o emprego de cada um deles é peculiar.

Texto para a questão 3

Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?

Infelizmente, devo dizer que sim. Não se trata de discriminação ou marginalização pelo fato de ser brasileiro, porém. Trata-se de uma dificuldade (talvez natural) que tem um “novo imigrante” em penetrar na “elite” da sociedade local, que controla as posições de poder. Essa elite é constituída por pessoas que estudaram juntas na escola, que fizeram o serviço militar juntas, que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apoiam mutuamente. Tive a oportunidade de sentir esse tipo de hostilidade quando fui eleito diretor da Faculdade de Ciências Humanas. Cheguei mesmo a ouvir expressões como “a máfia latino-americana em nossa faculdade”, quando somos nada mais que dois professores titulares de procedência latino-americana. Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade proveniente dos que estavam habituados ao poder e não se conformavam em perdê-lo. A maioria não só me elegeu, mas também me apoiou e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão.

DASCAL, Marcelo. Entrevista publicada no caderno *Mais / Folha de S. Paulo*, 18/05/2003.

3) (Uerj/2004 — 1º Exame de Qualificação)

Infelizmente, devo dizer que sim.

O advérbio *infelizmente*, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos relatados.

A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:

(A) “Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?”

(B) “que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apoiam mutuamente.”

(C) “Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade”

(D) “e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão.”

Texto para a questão 4**Astroteologia**

Aparentemente, foi o filósofo grego Epicuro que sugeriu, já em torno de 270 a.C., que existem inúmeros mundos espalhados pelo cosmo, alguns como o nosso e outros completamente diferentes, muitos deles com criaturas e plantas.

Desde então, ideias sobre a pluralidade dos mundos têm ocupado uma fração significativa do debate entre ciência e religião. Em um exemplo dramático, o monge Giordano Bruno foi queimado vivo pela Inquisição Romana em 1600 por pregar, dentre outras coisas, que cada estrela é um Sol e que cada Sol tem seus planetas.

Religiões mais conservadoras negam a possibilidade de vida extraterrestre, especialmente se for inteligente. No caso do cristianismo, Deus é o criador e a criação é descrita na Bíblia, e não vemos qualquer menção de outros mundos e gentes. Pelo contrário, os homens são as criaturas escolhidas e, portanto, privilegiadas. Todos os animais e plantas terrestres estão aqui para nos servir. Ser inteligente é uma dádiva que nos põe no topo da pirâmide da vida.

O que ocorreria se travássemos contato com outra civilização inteligente? Deixando de lado as inúmeras dificuldades de um contato dessa natureza — da raridade da vida aos desafios tecnológicos de viagens interestelares — tudo depende do nível de inteligência dos membros dessa civilização.

Se são eles que vêm até aqui, não há dúvida de que são muito mais desenvolvidos do que nós. Não necessariamente mais inteligentes, mas com mais tempo para desenvolver suas tecnologias. Afinal, estamos ainda na infância da era tecnológica: a primeira locomotiva a vapor foi inventada há menos de 200 anos (em 1814).

Tal qual a reação dos nativos das Américas quando viram as armas de fogo dos europeus, o que são capazes de fazer nos pareceria mágica.

Claro, ao abrimos a possibilidade de que vida extraterrestre inteligente exista, a probabilidade de que sejam mais inteligentes do que nós é alta. De qualquer forma, mais inteligentes ou mais avançados tecnologicamente, nossa reação ao travar contato com tais seres seria um misto de adoração e terror.

Se fossem muito mais avançados do que nós, a ponto de haverem desenvolvido tecnologias que os liberassem de seus corpos, esses seres teriam uma existência apenas espiritual. A essa altura, seria difícil distingui-los de deuses.

Por mais de 40 anos, cientistas vasculham os céus com seus radiotelescópios tentando ouvir sinais de civilizações inteligentes. (...) Infelizmente, até agora nada foi encontrado. Muitos cientistas acham essa busca uma imensa perda de tempo e de dinheiro. As chances de que algo significativo venha a ser encontrado são extremamente remotas.

Em quais frequências os ETs estariam enviando os seus sinais? E como decifrá-los? Por outro lado, os que defendem a busca afirmam que um resultado positivo mudaria profundamente a nossa civilização. A confirmação da existência de outra forma de vida inteligente no universo provocaria uma revolução. Alguns até afirmam que seria a maior notícia já anunciada de todos os tempos. Eu concordo.

Não estaríamos mais sós. Se os ETs fossem mais avançados e pacíficos, poderiam nos ajudar a lidar com nossos problemas sociais, como a fome, o racismo e os confrontos religiosos. Talvez nos ajudassem a resolver desafios científicos. Nesse caso, quão diferentes seriam dos deuses que tantos acreditam existir? Não é à toa que inúmeras seitas modernas dirigem suas preces às estrelas e não aos altares.

GLEISER, Marcelo. *Folha de São Paulo*, 01/03/2009

4) (Uerj/2010 — Exame de qualificação) Se são eles que vêm até aqui, não há dúvida de que são muito mais desenvolvidos do que nós.

O vocábulo que melhor representa o sentido da expressão sublinhada é:

- (A) certamente
- (B) provavelmente
- (C) prioritariamente
- (D) fundamentalmente

5) (Uerj/2010 — Exame de Qualificação)

Claro, ao abrimos a possibilidade que vida extraterrestre inteligente exista

No fragmento acima, o vocábulo “claro” projeta uma opinião do autor do texto sobre o que vai ser dito em seguida.

Outro exemplo em que a palavra ou expressão sublinhada cumpre função semelhante é:

- (A) Desde então, ideias sobre a pluralidade dos mundos têm ocupado
- (B) Por mais de 40 anos, cientistas vasculham os céus.
- (C) Infelizmente, até agora nada foi encontrado.
- (D) Nesse caso, quão diferentes seriam dos deuses

6) (Uerj/2012 — Exame de Qualificação)

As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo.

O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

- (A) utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?
- (B) Certamente me irão fazer falta,
- (C) Afirmarei que sejam absolutamente exatas?
- (D) desenterramos pacientemente as condições que a determinaram.

Texto para a questão 7

Poema matemático – Millor Fernandes

Às folhas tantas do livro de matemática,
um quociente apaixonou-se um dia doidamente por uma incógnita.
Olhou-a com seu olhar inumerável e viu-a, do ápice à base.
Uma figura ímpar olhos romboides, boca trapezoide,
corpo ortogonal, seios esféroides.
Fez da sua uma vida paralela à dela até que se encontraram no infinito.
“Quem és tu?” — indagou ele com ânsia radical.
“Eu sou a soma dos quadrados dos catetos,
mas pode me chamar de hipotenusa”.
E de falarem descobriram que eram o que, em aritmética,
corresponde a almas irmãs, primos entre-si.
E assim se amaram ao quadrado da velocidade da luz
numa sexta potenciação traçando ao sabor do momento e da paixão retas,
curvas, círculos e linhas senoidais.
Nos jardins da quarta dimensão,
escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidianas
e os exegetas do universo finito.
Romperam convenções Newtonianas e Pitagóricas e, enfim,
resolveram se casar, constituir um lar mais que um lar,
uma perpendicular.
Convidaram os padrinhos:
o poliedro e a bissetriz, e fizeram os planos, equações e diagramas para o futuro,
sonhando com uma felicidade integral e diferencial.
E se casaram e tiveram uma secante e três cones muito engraçadinhos
e foram felizes até aquele dia em que tudo, afinal, vira monotonia.
Foi então que surgiu o máximo divisor comum,
frequentador de círculos concêntricos viciosos,
ofereceu-lhe,
a ela, uma grandeza absoluta e reduziu-a a um denominador comum.
Ele, quociente percebeu que com ela não formava mais um todo, uma unidade.
Era o triângulo tanto chamado amoroso desse problema,
ele era a fração mais ordinária.
Mas foi então que Einstein descobriu a relatividade
e tudo que era espúrio passou a ser moralidade,
como, aliás, em qualquer Sociedade...

7) (Cederj/2006 – 2º semestre) Adjetivo é a palavra que restringe a significação do substantivo. Identifique nos pares abaixo o caso em que isso **NÃO** ocorre:

- (A) figura ímpar
- (B) olhos romboides
- (C) boca trapezoide
- (D) corpo ortogonal
- (E) três cones

8) (Cederj/2010 – 1º semestre) “A finalidade da descrição (estamos nos referindo à descrição literária) é transmitir a impressão que a coisa vista desperta em nossa mente através dos sentidos.”

Othon M. Garcia, Comunicação em prosa moderna, p.246.

Assinale a correspondência entre os adjetivos ou locuções adjetivas grifados e as duas experiências sensoriais que eles despertam — visão e tato, respectivamente:

(A) Apesar da fresquidão, as mocinhas trazem nos pés sandálias douradas, enquanto agasalham a cabeça em echarpes de muitas voltas.

(B) Em alguma ruazinha simpática, com árvores e sossego, ainda há crianças deslumbradas a comerem aquele algodão de açúcar que de repente coloca na paisagem carioca uma pintelada oriental.

(C) E há os avós de olhos filosóficos, a conduzirem pela mão a netinha que ensaia os primeiros passeios, como uma bailarina principlante a equilibrar-se nas pontas dos sapatinhos brancos.

(D) Depois aparecem muitas pessoas bem vestidas, cavalheiros com sapatos reluzentes, senhoras com roupas de renda e chapéus imensos que a brisa da tarde procura docemente arrebatá-las.

(E) Ela é a misteriosa dona dessa tardezinha de sábado, que parecia simples, apenas um pouco cinzenta, um pouco fria.

GABARITO

Grupo 1

1) Os seguintes sintagmas nominais caracterizam o “povo primitivo”: vida organizada povo feliz; (povo) de cabeça muito sólida e mãos reforçadas; cabeça muito sólida; mãos reforçadas; coisas aladas; (coisas) cheias de sabedoria; vida longa; os cabecentes-para-baixo.

Os sintagmas em (a) recebem, no texto II, conotação positiva — vinculada a felicidade, sabedoria, organização, longevidade —, o que contrasta com a caracterização normalmente atribuída a “povo primitivo”.

2) Os dois campos semânticos presentes na construção do poema contrastam aspectos positivos e negativos: juventude versus maturidade; beleza versus decrepitude; nascimento versus morte; luminosidade versus sombra. Os vocábulos representativos desses campos semânticos são aurora, sol, dia, flor, beleza versus terra, cinza, pó, sombra, nada.

(Obs.: O candidato deverá apontar apenas uma oposição.)

3) a) Os quatro adjetivos que melhor caracterizam a noção de corpo apresentada no primeiro parágrafo do texto I são os seguintes: histórico, provisório, mutável e mutante.

b) O texto II aborda a transformação do corpo, que muda e envelhece com o passar do tempo, assim como revelam os adjetivos do texto I: o corpo é “histórico, provisório, mutável e mutante”.

4) a) comprão / pagala / dirija-se
mossa / escriptorio / duvida

b) compram / pagá-la / dirigir-se
moça / escritório / dúvida

5) a) Os dois vocábulos que explicitam os espaços para marcar a oposição “corpo e alma” apresentada no texto são “cá” e “longe”.

b) As expressões formadas por adjetivo(s) e substantivo que caracterizam esses espaços são as seguintes:

- Espaço do corpo (“cá”): vã matéria; humana e trágica miséria; surdos abismos assassinos; atos destinos; flor apodrecida e deletéria; baixo mundo; movimentos lassos. (OBS.: Apresentar apenas uma expressão.)

- Espaço da alma (“longe”): claros astros peregrinos; dons divinos; grande paz; grande paz sidérea; almas irmãs; almas perfeitas; regiões eleitas; largos, profundos, imortais abraços.

(OBS.: Apresentar apenas uma expressão.)

6) 1º grupo: escuros, intermináveis, infinitos e profundos.

2º grupo: calmo, dócil, ingênuo e claro.

Grupo 2

1) C

2) Lentos: dá destaque ao movimento dos cabelos. Porque normalmente é empregado para qualificar a duração de algo, que não é o caso dos cabelos.

Infecundas: enfatiza a ideia de que as piedades foram inúteis, não tiveram efeito. Porque não costuma ser empregado para caracterizar um sentimento, mas a terra, os animais, os homens.

3) C

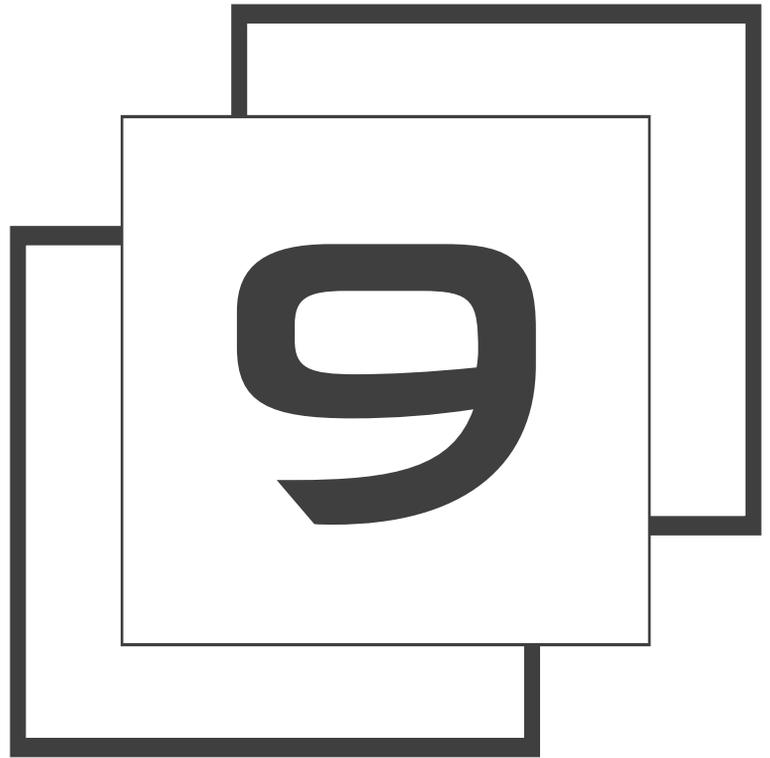
4) A

5) C

6) A

7) E

8) E



**CLASSES DE PALAVRAS (4):
SEMÂNTICA DOS CONECTIVOS**

1. INTRODUÇÃO

As provas de vestibular costumam pedir que o candidato reconheça o valor semântico de determinadas palavras ou expressões. Se você já sabe que a semântica é a área que estuda o significado, é fácil entender o que isso quer dizer: indicar o valor semântico é o mesmo que apontar o significado.

Aqui, vamos nos concentrar em um tópico muito cobrado nos vestibulares: o valor semântico dos conectivos (ou conectores). O grupo dos conectivos abrange duas classes gramaticais: a preposição e a conjunção. Em comum, elas têm fato de serem usadas para relacionar (ou, como o nome indica, para conectar) palavras e orações. Veja:

Mesa de madeira

Gosto de sorvete

Eu terminei o trabalho, mas João está atrasado.

Ele só virá se você permitir.

No primeiro par, a preposição “de” está relacionando duas palavras: respectivamente, “mesa” com “madeira” e “gosto” com “sorvete”.

No segundo par, as conjunções “mas” e “se” estão relacionando duas orações: respectivamente, “Eu terminei o trabalho” com “João está atrasado” e “Ele só virá” com “você permitir”.

A distinção entre preposição e conjunção é complexa, e não é relevante abordá-la aqui. O fundamental é compreendermos os valores semânticos desses conectivos.

2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES

Dissemos acima que toda preposição é um conectivo, ou seja, uma palavra que serve para ligar palavras ou orações.

Isso é verdade, mas aqui é preciso fazer uma distinção. Existem aquelas preposições que são apenas conectivas, na medida em que são vazias de significado; mas há também aquelas que, além de funcionarem como conectivos, também contribuem com alguma nuance semântica. Ao primeiro grupo, chamamos preposições relacionais; ao segundo, chamamos preposições nocionais (da palavra *noção*, sinônimo de ideia, significado, sentido).

Em resumo

Preposições relacionais → esvaziadas de significado, servem apenas para ligar dois termos.

Preposições nocionais → veiculam significado, exprimem uma relação semântica.

Vejamos a seguir algumas preposições e seus possíveis empregos relacionais e nocionais. Lembramos que o foco aqui são os usos nocionais, já que estamos interessados no valor semântico das preposições.

Preposição DE

Uso relacional: <i>Gosto <u>de</u> sorvete</i>	Usos nocionais: <i>Mesa <u>de</u> madeira. (matéria)</i> <i>Escreveu <u>de</u> lápis. (instrumento)</i> <i>Gravata <u>do</u> chefe. (posse)</i> <i>Vim <u>de</u> São Paulo. (origem / afastamento)</i> <i>Morreu <u>de</u> susto. (causa)</i> <i>Falou <u>de</u> futebol. (assunto)</i>
--	--

Preposição COM

Uso relacional: <i>Conto <u>com</u> a sua compreensão.</i>	Usos nocionais: <i>Um copo <u>com</u> água. (conteúdo)</i> <i>Saírei <u>com</u> a minha irmã. (companhia)</i> <i>Abriu a porta <u>com</u> a chave. (instrumento)</i> <i>Com a inflação, o poder de compra do trabalhador <u>despenca</u>. (causa)</i>
--	--

Preposição POR

Uso relacional: <i>Interesso-me <u>por</u> novidades.</i>	Usos nocionais: <i>A medalha foi conquistada <u>por</u> todos. (agente)</i> <i>O ônibus não passa <u>por</u> Botafogo. (lugar)</i> <i>Recebeu a notícia <u>por</u> telefone. (meio)</i> <i>Morreu <u>por</u> não querer lutar. (causa)</i>
---	---

Preposição A

Uso relacional: <i>Obedeci <u>a</u> meu pai.</i>	Usos nocionais: <i>Não fui <u>a</u> Pequim. (aproximação, destino)</i> <i>Emprestarei o livro <u>a</u> você. (beneficiário)</i>
--	--

Preposição PARA

Usos nocionais: <i>Não fui <u>para</u> Pequim. (aproximação, destino)</i> <i>Emprestarei o livro <u>para</u> você. (beneficiário)</i> <i>Estudou <u>para</u> passar no concurso. (finalidade)</i> <i>Basta chover <u>para</u> ficar tudo alagado. (consequência)</i>

Preposição SEM

Usos nocionais: <i>Um copo <u>sem</u> água. (ausência)</i> <i>Não vou <u>à</u> casa do João <u>sem</u> antes falar com ele. (condição)</i>

3. VALORES SEMÂNTICOS DAS CONJUNÇÕES

Apresentamos aqui alguns dos valores semânticos das conjunções e locuções conjuntivas (sequências de duas ou mais palavras com valor de conjunção).

Ao estudar as preposições, nós partimos de cada palavra e verificamos seus diferentes valores semânticos. Agora, recorreremos à estratégia contrária: vamos partir do valor semântico para então verificar algumas conjunções que poderão exprimi-lo.

Contraste, oposição

Eu terminei o trabalho, mas o João está atrasado.

Eu terminei o trabalho; o João, porém, está atrasado.

Os obstáculos são muitos; contudo, nenhum deles me deterá.

As conjunções que exprimem contraste são chamadas de conjunções adversativas.

A palavra “agora”: de advérbio a conjunção

A palavra “agora” é classificada normalmente como advérbio de tempo.

Por exemplo:

Vou sair agora.

No entanto, repare que, em alguns casos, ela já vem sendo usada com características de conjunção adversativa.

Você até pode me ajudar. Agora, se começar a falar muito, vou dispensá-lo imediatamente.

O objetivo desta observação não é levá-lo a memorizar o “agora” como uma conjunção adversativa. O que nós queremos é que você perceba o seguinte: como a língua está sempre mudando, novas conjunções podem surgir a qualquer momento. Por essa razão, é comum que as listas de conjunções das gramáticas estejam desatualizadas — o “agora”, por exemplo, ainda não figura nos manuais escolares como conjunção.

Por isso mesmo, você não deve se preocupar em meramente decorar listas de conjunções. Deve, em vez disso, aprender a observar o comportamento das palavras e seu valor semântico em cada texto. Desenvolvendo esse tipo de habilidade, você não terá dificuldades para reconhecer uma conjunção ou perceber seu significado — mesmo que seja, como o “agora”, uma conjunção nova, que você não tenha aprendido na escola.

Conclusão

Ele é um ser humano; logo, está sujeito a falhas.

Você estudou muito; por isso, não tem razão para ficar nervoso.

Você não fez nada de errado; não deve, portanto, ficar receoso.

As conjunções que exprimem conclusão são chamadas de conjunções conclusivas.

Adição

Ele lavou e passou a roupa.

Não lavou nem passou a roupa.

Ele não só lavou a roupa, como também passou.

As conjunções que exprimem adição são chamadas de conjunções aditivas.

Alternância

Orá ele está eufórico, ora está cabisbaixo.

Você pode viajar ou investir o dinheiro.

Alternância e condição

Em alguns casos, o sentido de condição pode se somar à ideia básica de alternância:

Ou você me ajuda com esse plano, ou eu conto tudo o que sei sobre você.

As conjunções que exprimem alternância são chamadas de conjunções alternativas.

Explicação

Entre já em casa, porque está chovendo.

Entre já em casa, que está chovendo.

Entre já em casa, pois está chovendo.

As conjunções que exprimem explicação são chamadas de conjunções explicativas.

Causa

O projeto foi um sucesso porque todos cooperaram.

Como todos cooperaram, o projeto foi um sucesso.

Visto que todos cooperaram, o projeto foi um sucesso.

As conjunções que exprimem causa são chamadas de conjunções causais.

Causa ou explicação?

A causa é um fato que gera ou produz outro; já a explicação é uma justificativa dada por alguém a fim de legitimar um comentário anterior. Nem sempre é possível distinguir esses dois valores, mas algumas situações são bem claras.

Por exemplo: quando o verbo da primeira oração está no imperativo, temos sempre uma explicação. Isso acontece porque, nesses casos, o imperativo será seguido de uma justificativa que procura legitimar a ordem, pedido ou conselho expressos anteriormente. Por exemplo:

Venha agora, que preciso lhe contar algo urgente.

Além disso, é interessante comparar exemplos como estes dois:

Ele chorou porque apanhou do irmão.

Ele chorou, porque seus olhos estão vermelhos.

No primeiro, apanhar do irmão é a causa do choro; no segundo, o enunciado “porque seus olhos estão vermelhos” é a explicação (ou justificativa) apresentada pelo enunciador para legitimar a afirmação feita anteriormente (“Ele chorou”).

Consequência

Correu tanto que desmaiou.

A porta estava fechada, de maneira que ele teve que entrar pela janela.

As conjunções que exprimem consequência são chamadas de conjunções consecutivas.

Condição

Se eu ganhar na loteria, darei a volta ao mundo sem mala.

Caso eu ganhe na loteria, darei a volta ao mundo sem mala.

Você pode sair hoje, desde que trabalhe amanhã.

Você pode sair hoje, contanto que trabalhe amanhã.

As conjunções que exprimem condição são chamadas de conjunções condicionais.

Concessão

Embora tenha estudado, ele não passou.

Ainda que a situação seja preocupante, ela não é desesperadora.

Mesmo que as promessas sejam cumpridas, a temperatura do planeta seguirá aumentando.

As conjunções que exprimem concessão são chamadas de conjunções concessivas.

Por que “conjunção concessiva”?

De onde vem o nome conjunção concessiva? O que significa dizer que o “embora”, o “ainda que” e o “mesmo que” exprimem concessão?

Imagine que duas pessoas estão debatendo sobre a legalização do aborto. Então, uma delas, aquela que defende a legalização, afirma:

[Embora o aborto possa ser visto como uma espécie de assassinato], ele é a melhor opção em muitas situações.

Por meio da oração entre colchetes, o falante parece conceder a razão ao seu ouvinte. Por isso, a conjunção que introduz esse tipo de oração ganha o nome de conjunção concessiva. É como se alguém dissesse: você está certo ao afirmar que o aborto pode ser considerado uma espécie de assassinato. No entanto, essa concessão não é forte o suficiente para mudar a opinião do falante, que logo depois afirma: “ele [o aborto] é a melhor opção em muitas situações.”

Isso ajuda a entender também a diferença entre as conjunções concessivas e as adversativas. Compare.

Quero correr, mas meus pés estão doendo.

Quero correr, embora meus pés estejam doendo.

No primeiro caso, entendemos que a pessoa não pretende correr. Ou seja, a dor nos pés predomina sobre a vontade de correr. No segundo, entendemos que ela correrá de qualquer maneira. Ou seja, a vontade é mais forte que a dor nos pés. Por isso, podemos dizer que as conjunções adversativas introduzem o enunciado mais forte, ao passo que as conjunções concessivas introduzem o enunciado mais fraco.

Finalidade

Falei alto para que todos me ouvissem.

O site Consultor Jurídico informou que o desembargador Roberto Wider pediu licença de 30 dias ao Órgão Especial do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, a fim de que as investigações sobre as recentes denúncias feitas pelo jornal O GLOBO possam ocorrer livres de qualquer ordem de dificuldade. (www.oglobo.com.br)

As conjunções que exprimem finalidade são chamadas de conjunções finais.

Comparação

Eu escrevo melhor do que desenho.

Você está falando como seu pai falaria.

As conjunções que exprimem comparação são chamadas de conjunções comparativas.

Conformidade

Conforme havia sido anunciado, haverá demissões este mês.

Fez tudo como o chefe mandou.

As conjunções que exprimem conformidade são chamadas de conjunções conformativas.

Proporção

À medida que cresce a terceirização dos processos de negócios (TPN), cresce também a preocupação com a métrica e com a medição. (www.wharton.universia.net)

Quanto mais cresce a terceirização dos processos de negócios (TPN), mais cresce a preocupação com a métrica e com a medição.

As conjunções que exprimem proporção são chamadas de conjunções proporcionais.

Tempo

Quando cheguei, todos pararam de falar.

Assim que cheguei, todos pararam de falar.

Mal cheguei, todos pararam de falar.

Enquanto ela arrumava a casa, eu adiantava o almoço.

A conjunção “enquanto”

A depender do contexto, a conjunção “enquanto” pode assumir ideia de contraste, que se soma ao seu sentido temporal básico. Veja:

Enquanto vocês ficam aí parados sem fazer nada, eu fico aqui me matando sozinho.

As conjunções que exprimem tempo são chamadas de conjunções temporais.

Tempo ou condição?

Cuidado: embora a conjunção “quando” tenha tipicamente valor temporal, ela pode aparecer, em alguns casos, com semântica condicional. Veja esta questão da PUC-2007:

SUPER — Por que ele tem esse poder?

NEEDLEMAN — O dinheiro foi inventado para facilitar trocas entre as pessoas. O detalhe é que muitas coisas que não podiam ser medidas em termos monetários hoje têm preço. É o caso do cuidado com os filhos. As pessoas saem pra trabalhar e deixam os filhos com profissionais. Outros não têm tempo nem para a amizade e, quando querem falar dos problemas, têm de pagar um terapeuta. O dinheiro virou instrumento para aferir até nosso amor-próprio. Aqui nos Estados Unidos dizemos: “Quanto vale essa pessoa?” Há algum tempo, isso seria loucura. O dinheiro por si mesmo não proporciona felicidade. Ele dá prazer, alguma sensação de segurança. Mas, com o passar do tempo, percebe-se que ele não alimenta nossa alma. Temos de tratá-lo como um meio, não como um fim. Mas, para isso, temos de ter um fim, um objetivo. Só somos felizes quando a vida tem um significado. Transformar o dinheiro em nosso único objetivo é como comer comida com gosto de plástico.

Revista Superinteressante. São Paulo: Editora Abril, julho de 2001.

(PUC-RIO/2007) Além das conjunções condicionais, existem na língua outros recursos para expressar o valor semântico de condição. Transcreva, na resposta do texto acima, o período em que essa noção seja estabelecida por um desses outros recursos.

Resposta: “Só somos felizes quando a vida tem um significado.”

Comentário: Em primeiro lugar, veja que o “quando” pode ser substituído por “se”, a típica conjunção condicional: “Só somos felizes se a vida tem um significado.” Além disso, nada garante que, necessariamente, nossa vida terá um significado. Por isso, essa informação deve ser interpretada como uma hipótese, reforçando assim a ideia de que se trata de um enunciado condicional.

EXERCÍCIOS**GRUPO 1 – Identificar o valor semântico de um conectivo indicado previamente****Texto para a questão comentada****Ser mulher...**

*Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
para os gozos da vida; a liberdade e o amor;
tentar da glória a etérea e altívola escalada,
na eterna aspiração de um sonho superior...*

*Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
para poder, com ela, o infinito transpor;
sentir a vida triste, insípida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um senhor...*

*Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...*

*Ser mulher, e, oh! atroz, tantálca tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!*

MACHADO, Gilka. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial: FUNARJ, 1991. p.106.

Questão comentada (UFRJ/2010) Em três versos do texto acima, encontra-se um conectivo normalmente descrito com o sentido de finalidade/movimento. Em um desses versos, o efeito de sentido extrapola essa descrição.

Identifique tal verso, destaque o conectivo e explique o referido efeito de sentido.

Resposta: O verso que contém o conectivo de que trata o enunciado da questão é o seguinte: “para a larga expansão do desejado surto,”. Nesse verso, o conectivo “para” extrapola o sentido de finalidade/movimento e alcança efeito de relação ou comparação ou proporcionalidade (o infinito é curto em relação / em comparação / em proporção à larga expansão do desejado surto).

Comentário: Veja a diferença:

Ele falou mais alto para ser ouvido. (FINALIDADE)

Ele viajou para a França. (MOVIMENTO)

O Maracanã ficou pequeno para o tamanho da torcida rubro-negra. (COMPARAÇÃO, RELAÇÃO: “O Maracanã ficou pequeno em relação ao / em comparação com o tamanho da torcida rubro-negra.”)

Texto para a questão 1**Qualquer canção :: Chico Buarque**

*Qualquer canção de amor
É uma canção de amor
Não faz brotar amor
E amantes
Porém, se essa canção
Nos toca o coração
O amor brota melhor
E antes*

*Qualquer canção de dor
Não basta a um sofredor
Nem cerze um coração
Rasgado
Porém, inda é melhor*

*Sofrer em dó menor
Do que você sofrer
Calado*

*Qualquer canção de bem
Algum mistério tem
É o grão, é o germe, é o gen
Da chama
E essa canção também
Corrói como convém
O coração de quem
Não ama*

In: CHEDIAK, Almir. *Chico Buarque song book 3*. Rio de Janeiro: Lumiar.

1) (Uerj/2008 — 1º Exame de Qualificação) Diferentes relações lógicas são estabelecidas entre as orações que compõem as estrofes do texto.

Na segunda estrofe, essas relações expressam as ideias de:

- (A) adição, contraposição e comparação
- (B) negação, anterioridade e adversidade
- (C) finalidade, contrariedade e consecução
- (D) proporcionalidade, intensidade e conclusão

2) (Uerj/2005 — 1º Exame de Qualificação)

Na velhice perde-se a nitidez da visão e se aguça a do espírito.

As duas ideias presentes nesse fragmento estabelecem relação semântica de:

- (A) alternância
- (B) implicação
- (C) explicação
- (D) oposição

Texto para a questão 3

O mundo é grande

*O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.*

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

3) (Enem/2001) Neste poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de

- (A) oposição.
- (B) comparação.
- (C) conclusão.
- (D) alternância.
- (E) finalidade.

Texto para a questão 4

Existe sempre um conceito por trás do que faço, só que nem sempre a montagem se completa. Os conceitos se escondem no subconsciente. Ziguezagues que atordoam.

Quando o xadrez funciona, o conceito é formado por encaixes eliminando a importância exagerada que poderia ser dada a certas fotos mais formais.

Não são acasos felizes, pois, desde o começo de um projeto, uma ideia já existe; apenas ela é flexível e se deixa impregnar pela existência das pessoas fotografadas. O interessante é fazer a matéria externa vibrar em toda sua força de maneira que seja espelho de minhas intenções, sem deixar de ser espelho da vida.
CORAÇÃO ESPELHO DA CARNE.

Edward Weston diz nos “Notebooks” que “a câmera deve ser usada para documentar a vida”. Documentar no sentido íntegro, não o bater chapa automático de algum acontecimento mais importante histórico ou socialmente, porém o documento de vida. Diria que revelar essa vida, essa força, é o essencial, pois de qualquer forma documento sempre será a foto tomada. Ele continua: “rendendo a verdadeira substância da coisa em si, seja ela aço polido ou carne palpitante.”

MIGUEL RIO BRANCO (fotógrafo). *Notes on the tides*. Rio de Janeiro: Sol Gráfica, 2006.

4) (Uerj/2010 — Exame de Qualificação)

“rendendo a verdadeira substância da coisa em si, seja ela aço polido ou carne palpitante”.

O emprego do conectivo grifado, no contexto, explica-se porque:

- (A) revela ideias excludentes entre si
- (B) expressa fatos em sequência cronológica
- (C) representa acontecimentos em simultaneidade
- (D) enfatiza a existência de mais de uma alternativa

5) (Uerj/2009 — Exame de Qualificação) Além de ligar palavras ou partes da frase, os conectivos podem apresentar sentido específico.

O conectivo grifado que contém traço de sentido negativo está exemplificado em:

- (A) “De-manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados”
- (B) “e que com a máquina ninguém não brinca porque ela mata.”
- (C) “eram donos sem mistério e sem força da máquina”
- (D) “Os filhos da mandioca não ganham da máquina nem ela ganha deles”

6) (Puc-Rio/2008 — Vestibular de Inverno) Explique a seguinte afirmação: nas frases abaixo, uma mesma preposição encabeça adjuntos adverbiais que indicam circunstâncias distintas.

Em casa, respirou.

Foi a arte que lhe deram em menino.

7) (Uerj/2004 – LPLB) Algumas preposições podem expressar sentidos variados e introduzir termos com funções sintáticas diversas.

No exemplo “Pequeno deu a quantia determinada pela esposa de Zé Gordo”, a preposição por tem características semânticas e sintáticas idênticas às da seguinte alternativa:

- (A) “caibros cobertos, em geral, por telhas de zinco”
- (B) “num desespero absoluto e que por ser absoluto é calado.”
- (C) “que se estendia por caminhos muitas vezes sem sentido algum”
- (D) “becos que, por terem só uma entrada, se tornam becos sem saídas,”

8) (Uerj/2005-LPLB – adaptada) Nos trechos transcritos a seguir, a conjunção enquanto expressa o mesmo valor semântico fundamental, mas, em um deles, em virtude do contexto, ela expressa também um valor de contraste:

1) não se poderia atravessar uma rua sem desviar-se de uma carroça que os cavalos vagarosos puxavam, enquanto um automóvel impaciente buzina atrás lançando fumaça.

2) Dos sobrados desciam mulheres despenteadas com panelas, os peixes eram pesados quase na mão, enquanto vendedores em manga de camisa gritavam os preços.

a) Indique o valor semântico fundamental expresso por essa conjunção nos dois trechos.

b) Identifique o trecho em que a conjunção expressa também o valor de contraste e justifique sua resposta.

Texto para a questão 9

O primeiro navio destacado da conserva para levar a Portugal a notícia do descobrimento do Brasil, e com instâncias ao rei de Portugal para que por amor da religião se apoderasse d’esta descoberta, cometera a violência de arrancar de suas terras, sem que a sua vontade fosse consultada, a dois índios, ato contra o qual se tinham pronunciado os capitães da frota de Pedro Álvares. Fizera-se o índice primeiro do que era a história da colônia: era a cobiça disfarçada com pretextos da religião, era o ataque aos senhores da terra, à liberdade dos índios; eram colonos degradados, condenados à morte, ou espíritos baixos e viciados que procuravam as florestas para darem largas às depravações do instinto bruto.”

DIAS, Gonçalves. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 4º trim. 1867, p. 274.

9) (UFF/2000) No fragmento “...cometera a violência de arrancar de suas terras, sem que a sua vontade fosse consultada,...”, o conectivo sublinhado estabelece a relação de:

- (A) causalidade
- (B) conclusão
- (C) condição
- (D) consequência
- (E) concessão

Texto para a questão 10 (adaptado)

A terceira margem do rio

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde moço e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. (...) Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. (...)

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. (...)

Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. (...)

E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. (...)

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo. (...) E ele? Por quê? Devia de padecer demais.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

10) (Uerj/2007 – 2º Exame de Qualificação)

De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-riório, o rio – pondo perpétuo.

Se o meu pai, sempre fazendo ausência apresenta o seguinte valor argumentativo em relação ao fragmento anterior:

- (A) causa
- (B) comparação
- (C) consequência
- (D) exemplificação

11) (Enem/2012) *Cultivar um estilo de vida saudável é extremamente importante para diminuir o risco de infarto, mas também de problemas como morte súbita e derrame. Significa que manter uma alimentação saudável e praticar atividade física regularmente já reduz, por si só, as chances de desenvolver vários problemas. Além disso, é importante para o controle da pressão arterial, dos níveis de colesterol e de glicose no sangue. Também ajuda a diminuir o estresse e aumentar a capacidade física, fatores que, somados, reduzem as chances de infarto. Exercitar-se, nesses casos, com acompanhamento médico e moderação, é altamente recomendável.*

ATALIA, M. Nossa vida. *Época*, 23 mar. 2009.

As ideias veiculadas no texto se organizam estabelecendo relações que atuam na construção do sentido. A esse respeito, identifica-se, no fragmento, que

- (A) a expressão “Além disso” marca uma sequenciação de ideias.
- (B) o conectivo “mas também” inicia oração que exprime ideia de contraste.
- (C) o termo “como”, em “como morte súbita e derrame”, introduz uma generalização.
- (D) o termo “Também” exprime uma justificativa.
- (E) o termo “fatores” retoma coesivamente “níveis de colesterol e de glicose no sangue”.

12) (Enem/2010) *Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enfiado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, nas outras, mas essas apenas.*

LISPECTOR, C. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

A autora emprega por duas vezes o conectivo mas no fragmento apresentado. Observando aspectos da organização, estruturação e funcionalidade dos elementos que articulam o texto, o conectivo mas

- (A) expressa o mesmo conteúdo nas duas situações em que aparece no texto.
- (B) quebra a fluidez do texto e prejudica a compreensão, se usado no início da frase
- (C) ocupa posição fixa, sendo inadequado seu uso na abertura da frase.
- (D) contém uma ideia de sequência temporal que direciona a conclusão do leitor
- (E) assume funções discursivas distintas nos dois contextos de uso.

13) (Enem/2010) *O Flamengo começou a partida no ataque, enquanto o Botafogo procurava fazer uma forte marcação no meio campo e tentar lançamentos para Victor Simões, isolado entre os zagueiros rubro-negros. Mesmo com mais posse de bola, o time dirigido por Cuca tinha grande dificuldade de chegar à área alvinegra por causa do bloqueio montado pelo Botafogo na frente da sua área.*

No entanto, na primeira chance rubro-negra, saiu o gol. Após cruzamento da direita de Ibson, a zaga alvinegra rebateu a bola de cabeça para o meio da área. Kléberson apareceu na jogada e cabeceou por cima do goleiro Renan. Ronaldo Angelim apareceu nas costas da defesa e empurrou para o fundo da rede quase que em cima da linha: Flamengo 1 a 0.

O texto, que narra uma parte do jogo final do Campeonato Carioca de futebol, realizado em 2009, contém vários conectivos, sendo que

- (A) após é conectivo de causa, já que apresenta o motivo de a zaga alvinegra ter rebatido a bola de cabeça.
- (B) enquanto tem um significado alternativa, porque conecta duas opções possíveis para serem aplicadas no jogo.
- (C) no entanto tem significado de tempo, porque ordena os fatos observados no jogo em ordem cronológica de ocorrência.
- (D) mesmo traz ideia de concessão, já que “com mais posse de bola”, ter dificuldade não é algo naturalmente esperado.
- (E) por causa de indica consequência, porque as tentativas de ataque do Flamengo motivaram o Botafogo a fazer um bloqueio.

14) (Cederj/2011 – 1) Os versos “E é por ela ser assim tão delicada / Que eu trato dela sempre muito bem” apresentam uma relação de:

- (A) consequência e proporção
- (B) causa e finalidade
- (C) causa e consequência
- (D) consequência e tempo

15) (Cederj/2010 – 1º semestre) *Apesar da fresquidão, as moinhas trazem nos pés sandálias douradas, / enquanto agasalham a cabeça em echarpes de muitas voltas.*

A relação sintático-semântica que se estabelece entre as duas orações acima grifadas é de:

- (A) causa
- (B) concessão
- (C) finalidade
- (D) tempo
- (E) comparação

GRUPO 2 – Reescrever o fragmento dado substituindo ou inserindo um conectivo

Questão comentada (UFF/2001) *“Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas.”*

Assinale a opção em que, ao reescrever-se o fragmento acima, substituiu-se o conectivo sublinhado por outro de valor condicional, fazendo-se alterações aceitáveis.

- (A) Fomos e seremos assim em nossa essência, porque as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
- (B) Fomos e seremos assim em nossa essência, enquanto as circunstâncias mudarem e nós mudarmos com elas.
- (C) Éramos e somos assim em nossa essência, à medida que as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
- (D) Teríamos sido e seríamos assim em nossa essência, se as circunstâncias mudassem e nós mudássemos com elas.
- (E) Temos sido e somos assim em nossa essência, conforme as circunstâncias têm mudado e nós temos mudado com elas.

Resposta: D

Comentário: É uma questão bastante simples. O “se” é a conjunção condicional típica, como se vê em frases como “Só viajaremos se fizer sol” (ou seja, fazer sol é uma condição para que a nossa viagem aconteça).

Como o enunciado da questão pede para substituir o conectivo sublinhado por outro de valor condicional, a resposta só pode ser a letra D. Comprove:

Teríamos sido e seríamos assim em nossa essência, se as circunstâncias mudassem e nós mudássemos com elas = *A mudança nas circunstâncias teria sido condição para que nós fôssemos assim em nossa essência.*

1) (Uerj/2009 – Língua Portuguesa Instrumental com Redação)

“Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade.”

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

2) (UFF/2003) Reescreva a frase — “Nós, os escritores nacionais, se quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua linguagem” —, substituindo o conectivo sublinhado por outro com valor de causalidade, fazendo os ajustes necessários.

3) (Puc/2006) Reescreva o período “*Todas as afirmações são verdadeiras, mas não seguem um caminho lógico para o silogismo*” usando um conectivo de subordinação que indique concessão.

4) (Uerj/2002 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação)
 “Entretanto à mulher incumbe sempre fazer do lar — modéstíssimo que seja ele — um templo em que se cultue a Felicidade;”

Reescreva a oração sublinhada, empregando uma conjunção, sem que se altere seu significado no contexto do período.

5) (Uerj/2010 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação — adaptada)
 “*Mascates no terreiro, em volta da igreja, vendiam miudezas. O movimento das ruas aumentava. Passantes dirigiam-se aos jogos, ao campo, para divertir-se ou murmurar contra o governo, criando suas próprias leis e arbítrios. E, mesmo sendo ainda de manhã, alguns vinham trôpegos.*”

MIRANDA, Ana. *Boca do inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Identifique a relação estabelecida no contexto pela oração sublinhada. Reescreva, também, toda a frase, substituindo o vocábulo mesmo por um conectivo, de modo a manter o sentido essencial, fazendo apenas as alterações necessárias.

6) (Uerj/2008 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação)
 “*Sem ferir a liberdade de expressão, essa medida pode ser um duríssimo golpe na diversidade cultural e política da internet.*”

A oração sublinhada estabelece uma dada relação de sentido com o restante do período. Reescreva essa oração de duas maneiras diferentes, substituindo sem por outro conectivo e mantendo a relação de sentido original. Faça apenas as alterações necessárias.

7) (Uerj/2005-LPLB) Quando lemos um texto, devemos estar atentos, entre outras coisas, à seleção dos substantivos, verbos, adjetivos e conectivos diversos utilizados na interligação das informações.

É tão claro! — e turva tudo: e já ninguém dorme tranquilo, / que a noite é um mundo de sustos.

Nos exemplos acima, as respectivas conjunções podem ser substituídas por outras sem que se altere o sentido original do enunciado.

Reescreva estes exemplos substituindo convenientemente cada conjunção.

8) (Uerj/2002 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação)
 “*Mulher desquitada era malvista, conzinha evitá-la.*”

Há, entre as orações que compõem o período acima, uma relação de sentido que poderia ser expressa por meio de conectivos.

Reescreva o período acima de duas formas diferentes, utilizando conectivos.

A relação de sentido entre as orações e a ordem em que elas aparecem devem ser mantidas. Em uma forma, o conectivo deverá introduzir o período; na outra, o conectivo deverá ocorrer entre as orações.

Texto para a questão 9

Quarto de badulaques (XIV)

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: “Mas há tantas músicas esperando ser escritas!” E acrescentei um comentário meu: “Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça...” (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)

Rubem Alves (www.rubemalves.com.br)

9) (Uerj/2007 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação)
A vela que ilumina é uma vela alegre.

O conectivo que, além de introduzir uma caracterização para o substantivo vela, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima. Reescreva esse período de duas maneiras diferentes — sempre substituindo o conectivo que —, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

10) (Uerj/2003 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação) As frases que formam um texto mantêm entre si relações semânticas que podem ser expressas por elementos linguísticos coesivos — conectivos — ou não.

Observe estas frases do texto:

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência.

Considerando o contexto no qual estão inseridas e a ordem em que se apresentam, identifique o tipo de relação estabelecida pelas frases entre si e cite duas conjunções que poderiam ser usadas para marcar essa relação.

Texto para a questão 11**O arquivo**

No fim de um ano de trabalho, João obteve uma redução de quinze por cento em seus vencimentos.

João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal, esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. Limitou-se a sorrir, a agradecer ao chefe.

No dia seguinte, mudou-se para um quarto mais distante do centro da cidade. Com o salário reduzido, podia pagar um aluguel menor.

Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. No entanto, estava satisfeito. Acordava mais cedo, e isto parecia aumentar-lhe a disposição.

Dois anos mais tarde, veio outra recompensa.

O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial.

Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento.

Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança.

Agora João acordava às cinco da manhã. Esperava três conduções. Em compensação, comia menos. Ficou mais esbelto. Sua pele tornou-se menos rosada. O contentamento aumentou.

Prosseguiu a luta.

Porém, nos quatro anos seguintes, nada de extraordinário aconteceu.

(...)

A vida foi passando, com novos prêmios.

Aos sessenta anos, o ordenado equivalia a dois por cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz das estradas. Dormia apenas quinze minutos. Não tinha mais problemas de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos, entre árvores refrescantes, cobria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo.

O corpo era um monte de rugas sorridentes.

Todos os dias, um caminhão anônimo transportava-o ao trabalho.

Quando completou quarenta anos de serviço, foi convocado pela chefia:

— Seu João. O senhor acaba de ter seu salário eliminado. Não haverá mais férias. E sua função, a partir de amanhã, será a de limpador de nossos sanitários.

O crânio seco comprimiu-se. Do olho amarelado, escorreu um líquido tênue. A boca tremeu, mas nada disse. Sentia-se cansado. Enfim, atingira todos os objetivos. Tentou sorrir:

— Agradeço tudo que fizeram em meu benefício. Mas desejo requerer minha aposentadoria.

O chefe não compreendeu:

— Mas seu João, logo agora que o senhor está desassalariado? Por quê? Dentro de alguns meses terá de pagar a taxa inicial para permanecer em nosso quadro. Desprezar tudo isto? Quarenta anos de convívio? O senhor ainda está forte. Que acha?

A emoção impediu qualquer resposta.

João afastou-se. O lábio murcho se estendeu. A pele enrijeceu, ficou lisa. A estatura regrediu. A cabeça se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, planas, compactas. Nos lados, havia duas arestas.

Tornou-se cinzento.

João transformou-se num arquivo de metal.

GIUDICE, V. In: MORICONI, I. (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*.

Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

11) (Uerj/2006 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação)

“O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial.

Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento.

Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança.”

a) Explique as ideias paradoxais presentes no fragmento citado.

b) Sem modificar a estrutura das orações sublinhadas, indique um conectivo que mantenha a ideia paradoxal presente entre elas e um outro que elimine esse valor paradoxal.

12) (Uerj/2005 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação — adaptada)

Os elefantes, por exemplo, envelhecem bem. E alha que é uma tarefa enorme.

Justifique o emprego da expressão sublinhada no fragmento citado. Substitua-a por um único conectivo que mantenha a mesma relação de sentido existente entre as duas frases e realize as alterações necessárias.

13) (Uerj/2004 — Língua Portuguesa Instrumental com Redação — adaptada)

Defendo a leitura da literatura, da poesia, de textos que têm dimensão artística, não por erudição.

Embora o trecho sublinhado não se inicie por conectivo, seria possível acrescentar-lhe conjunção, preservando a relação de sentido com o conjunto da frase.

Aponte duas conjunções diferentes que, no mesmo contexto, poderiam introduzir o trecho em destaque. Indique também o tipo de relação de sentido que estas conjunções estabelecem na frase.

14) (Cedej/2011-2) Com o auxílio de um conectivo, una os dois períodos destacados.

Meu coração batia apressado. Parecia que eu era o único culpado daquela desgraça que não acontecera.

Texto para a questão 15**Memórias nunca póstumas de um vampiro (fragmento)****Fernando Ceylão**

Eu me perco, não repare. É muita coisa na cabeça. São 200 anos de memórias. A princípio a vida eterna parece ótima mas depois entendemos como é sofrido não descansar jamais. Pergunta pra Hebe. A única coisa realmente clara no meu pensamento é a lista de mulheres que tiveram a vida destruída por mim. Catherine foi a primeira. Catherine Earnshaw. Inglesa danada. Depois fui pra França dar um tempo. Bovary Louca. Um grande amigo vivia me dizendo, “você tem que experimentar as russas”. Ele tinha razão. Anna Karenina, pra sempre “minha Aninha”, tá no topo de uma enorme lista.

Magazine, *O Globo*, 20/04/2010.

15) (UFF/2011 – LPLB)

Eu me perco, não repare. É muita coisa na cabeça.

Reescreva os dois períodos em um só, empregando dois conectivos e fazendo apenas os ajustes necessários para manter a semelhança de sentido.

GRUPO 3 – Apontar o conectivo apropriado para ligar duas orações

Questão comentada (UFF/2003-LPLB) A pontuação pode ser substituída, muitas vezes, por conectivos, para estabelecer variados tipos de relações sintático-semânticas.

Na frase “A noite é clara e quente; podia ser escura e fria, e o efeito seria o mesmo.”, o conectivo que pode ser usado em substituição ao ponto-e-vírgula tem valor:

- | | |
|------------------|----------------|
| (A) explicativo | (B) conclusivo |
| (C) proporcional | (D) final |
| (E) adversativo | |

Resposta: E

Comentário: Para acertar esta questão, basta saber que os conectivos adversativos apresentam valor semântico de contraste, oposição. São conjunções como mas, porém, no entanto, entretanto, contudo, todavia etc.

É simples verificar que existe um contraste entre os segmentos antes e depois do ponto-e-vírgula; afinal, “clara” e “quente” se opõem a “escura” e “fria”. Por isso, cabe aqui um conectivo de valor adversativo. Faça o teste: substitua o ponto-e-vírgula pelas conjunções acima, e você verá que elas se encaixam perfeitamente.

Texto para a questão 1

O sono do líder é agitado. A mulher sacode-o até acordá-lo do pesadelo. Estremunhado, ele se levanta, bebe um gole de água. Diante do espelho refaz uma expressão de homem de meia-idade, alisa os cabelos das têmporas, volta a se deitar. Adormece e a agitação recomeça. “Não, não!” debate-se ele com a garganta seca.

O líder se assusta enquanto dorme. O povo ameaça o líder? Não, pois se líder é aquele que guia o povo exatamente porque aderiu ao povo. O povo ameaça o líder? Não, pois se o povo escolheu o líder. O povo ameaça o líder? Não, pois o líder cuida do povo. O povo ameaça o líder?

Sim, o povo ameaça o líder do povo. O líder revolve-se na cama. De noite ele tem medo. Mas o pesadelo é um pesadelo sem história. De noite, de olhos fechados, vê caras quietas, uma cara atrás da outra. E nenhuma expressão nas caras. É só este o pesadelo, apenas isso. Mas cada noite, mal adormece, mais caras quietas vão se reunindo às outras, como na fotografia de uma multidão em silêncio. Por quem é este silêncio? Pelo líder. É uma sucessão de caras iguais como na repetição monótona de um rosto só. Nas caras não há senão a inexpressão. A inexpressão ampliada como em fotografia ampliada. Um painel e cada vez com maior número de caras iguais. É só isso. Mas o líder se cobre de suor diante da visão inócua de milhares de olhos vazios que não pestanejam. Durante o dia o dis-

curso do líder é cada vez mais longo, ele adia cada vez mais o instante da chave de ouro. Ultimamente ataca, denuncia, denuncia, esbraveja e quando, em apoteose, termina, vai para o banheiro, fecha a porta e, uma vez sozinho, encosta-se à porta fechada, enxuga a testa molhada com o lenço. Mas tem sido inútil. De noite é sempre maior o número silencioso. Cada noite as caras aproximam-se um pouco mais. Cada noite ainda um pouco mais. Até que ele já lhes sente o calor do hálito. As caras inexpressivas respiram — o líder acorda num grito. Tenta explicar à mulher: sonhei que... sonhei que... Mas não tem o que contar. Sonhou que era um líder de pessoas vivas.

LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. São Paulo: Siciliano, 1992.

1) (Uerj/2006 – 1º Exame de Qualificação)

É uma sucessão de caras iguais como na repetição monótona de um rosto só. Nas caras não há senão a inexpressão.

Embora não marcada linguisticamente, há uma relação semântica clara entre os dois períodos apontados acima.

Essa relação pode ser explicitada pelo emprego do conectivo indicado em:

- | | |
|------------|------------|
| (A) mas | (B) quando |
| (C) embora | (D) porque |

2) (Uerj/2009 – Exame de Qualificação)

Deve-se reconhecer que a proporção entre essas duas categorias muda com o tempo, tem épocas em que a proporção de jovens ativos se amplia e em outras épocas diminui.

A relação de sentido entre o fragmento grifado e o anterior, neste exemplo, poderia ser indicada pelo emprego do seguinte conectivo:

- (A) porque
(B) conforme
(C) no entanto
(D) não obstante

GRUPO 4 – Compreender a função do conectivo em um texto específico**Texto para a questão 1****Olho as minhas mãos**

*Olho as minhas mãos: elas só não são estranhas
Porque são minhas. Mas é tão esquisito distendê-las
Assim, lentamente, como essas anêmonas do fundo do mar...*

*Fechá-las, de repente,
Os dedos como pétalas carnívoras!
Só apanho, porém, com elas, esse alimento impalpável do tempo,
Que me sustenta, e mata, e que vai secretando o pensamento*

Como tecem as teias as aranhas.

A que mundo

Pertenço?

No mundo há pedras, baobás, panteras,

Águas cantarolantes, o vento ventando
 E no alto as nuvens improvisando sem cessar.
 Mas nada, disso tudo, diz: “existo”.
 Porque apenas existem...
 Enquanto isto,
 O tempo engendra a morte, e a morte gera os deuses
 E, cheios de esperança e medo,
 Oficiamos rituais, inventamos
 Palavras mágicas,
 Fazemos
 Poemas, pobres poemas
 Que o vento
 Mistura, confunde e dispersa no ar...
 Nem na estrela do céu nem na estrela do mar
 Foi este o fim da Criação!
 Mas, então,
 Quem urde eternamente a trama de tão velhos sonhos?
 Quem faz — em mim — esta interrogação?

QUINTANA, Mário. *Apontamentos de história sobrenatural*. Porto Alegre: Globo, 1984.

1) (Uerj/2007 — Exame de Qualificação) Além de funcionar como elemento de ligação entre termos de mesmo valor, o conectivo foi utilizado no texto, algumas vezes, para exprimir o efeito de aceleração contínua.

Esse conectivo foi empregado para produzir tal efeito em:

- (A) “Que me sustenta, e mata, e que vai secretando o pensamento” (v. 7)
 (B) “E no alto as nuvens improvisando sem cessar.” (v. 13)
 (C) “E, cheios de esperança e medo,” (v. 18)
 (D) “Mistura, confunde e dispersa no ar...” (v. 24)

Texto para a questão 2

De manhã

O hábito de estar aqui agora
 aos poucos substitui a compulsão
 de ser o tempo todo alguém ou algo.

Um belo dia — por algum motivo
 é sempre dia claro nesses casos —
 você abre a janela, ou abre um pote

de pêssegos em calda, ou mesmo um livro
 que nunca há de ser lido até o fim
 e então a ideia irrompe, clara e nítida:

É necessário? Não. Será possível?
 De modo algum. Ao menos dá prazer?
 Será prazer essa exigência cega

a latejar na mente o tempo todo?
 Então por quê?
 E neste exato instante
 você por fim entende, e refestela-se
 a valer nessa poltrona, a mais cômoda
 da casa, e pensa sem rancor:
 Perdi o dia, mas ganhei o mundo.

(Mesmo que seja por trinta segundos.)

BRITO, Paulo Henriques. As três epifanias — III. In: BRITO, P. H. *Macau*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 72-73

2) (UFRJ/2006) A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto 18, além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Texto para a questão 3

Valsinha — Chico Buarque de Holanda e Vinicius de Moraes

Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
 Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar
 E não maldisse a vida tanto quanto era seu jeito de sempre falar
 E nem deixou-a só num canto, pra seu grande espanto convidou-a pra rodar
 E então ela se fez bonita como há muito tempo não queria ousar
 Com seu vestido decotado cheirando a guardado de tanto esperar
 Depois os dois deram-se os braços como há muito tempo não se usava dar
 E cheios de ternura e graça foram para a praça e começaram a se abraçar
 E ali dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou
 E foi tanta felicidade que toda cidade se iluminou
 E foram tantos beijos loucos, tantos gritos roucos como não se ouvia mais
 Que o mundo compreendeu
 E o dia amanheceu
 Em paz

3) (UFF/2009 — 1ª etapa) Identifique o comentário adequado sobre aspectos sintáticos, semânticos e discursivos do texto Valsinha.

(A) Dentre as marcas verbais presentes na progressão do texto, há a predominância do pretérito perfeito para indicar fatos passados habituais.

(B) A progressão do texto se opera por modelo narrativo, em que o desenvolvimento dos acontecimentos se dá por meio da repetição do conectivo “e” e das expressões de tempo verbais e adverbiais.

(C) A presença frequente da ênclise no desenvolvimento do sentido de um encontro amoroso implica um registro informal da língua, próprio de uma canção.

(D) A gradação dos substantivos — praça, vizinhança, cidade, mundo — constrói um sentido de crítica incompatível com as atitudes dos personagens envolvidos na história narrada.

(E) As diferentes marcas da relação de causa-consequência (tanto que/e) ocorrem ao longo do texto, para explicitar a construção linguística do desencontro amoroso.

GABARITO

Grupo 1

1) A 2) D 3) A 4) D 5) D

6) Na primeira frase, a preposição em indica lugar; na segunda, indica tempo.

7) A

8) a) Subordinadas adverbiais temporais. Simultaneidade.

b) Trecho 1.

Há contraste entre a impaciência do automóvel e a lentidão dos cavalos.

9) E 10) A 11) A 12) E 13) D 14) C 15) D

Grupo 2

1) Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

— Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros visto que todos são portadores da mesma humanidade.

— Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros já que todos são portadores da mesma humanidade.

Como todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

— Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, pois todos são portadores da mesma humanidade.

2) Nós, os escritores nacionais, porque queremos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua linguagem.

Nós, os escritores nacionais, visto que queremos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua linguagem.

Nós, os escritores nacionais, já que queremos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua linguagem.

Nós, os escritores nacionais, porquanto queremos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua linguagem.

E outras possibilidades que a língua oferece para a expressão de causalidade.

3) Embora todas as afirmações sejam verdadeiras, elas não seguem um caminho lógico para o silogismo.

4) Uma dentre as possibilidades:

- por mais modesto que seja
- ainda que seja muito modesto
- mesmo que seja muito modesto

5) Uma das possibilidades:

- contraste
- concessão
- oposição

Uma das possibilidades:

- E, embora fosse ainda de manhã, alguns vinham trôpegos.
- E, apesar de ser ainda de manhã, alguns vinham trôpegos.

6) Duas das maneiras:

- Embora não fira a liberdade de expressão.
- Mesmo não ferindo a liberdade de expressão.
- Ainda que não fira a liberdade de expressão.

7) É tão claro! — mas turva tudo:

Já ninguém dorme tranquilo, / pois (porque) a noite é um mundo de sustos.

8) Como (uma vez que, já que, visto que) mulher desquitada era malvista, conzinha evitá-la.

Mulher desquitada era malvista, por isso (logo, portanto, então, por conseguinte), conzinha evitá-la.

9) Dois dentre os exemplos de reescritura:

Causa

- *A vela, porque ilumina, é uma vela alegre.*
- *A vela, visto que ilumina, é uma vela alegre.*
- *A vela, por iluminar, é uma vela alegre.*

Tempo

- *A vela, enquanto ilumina, é uma vela alegre.*
- *A vela, ao iluminar, é uma vela alegre.*
- *A vela, iluminando, é uma vela alegre.*

Condição

- *A vela, se ilumina, é uma vela alegre.*
- *A vela, caso ilumine, é uma vela alegre.*
- *A vela, desde que ilumine, é uma vela alegre.*

Proporção

- *A vela, à medida que ilumina, é uma vela alegre.*
- *A vela, à proporção que ilumina, é uma vela alegre.*

10) Tipo de relação: conclusão.

Duas dentre as conjunções:

- logo
- então
- portanto

11) a) Se a empresa passava por um período excelente, em consequência, deveria aumentar e não reduzir o salário do funcionário.

Se o funcionário sofreu um corte salarial, não deveria ter ficado satisfeito ou agradecido.

b) Um dentre os conectivos que mantenham o paradoxo: logo; assim; portanto.

Um dentre os conectivos que eliminem o paradoxo: mas; porém; todavia; contudo; entretanto

12) Uma dentre as justificativas:

- representa uma marca de oralidade.
- estabelece relação de concessão — ou contrajunção — entre os dois enunciados por ela ligados indica que, apesar de o tamanho dos elefantes ser muito grande, isso não impede que eles envelheçam bem.

Uma dentre as substituições:

- Embora seja uma tarefa enorme.
- Apesar de ser uma tarefa enorme.
- Ainda que seja uma tarefa enorme.

13) Duas dentre as conjunções abaixo (ou outras de sentido equivalente):

- mas
- porém
- contudo

Relação de oposição.

14) Meu coração batia apressado, porque/pois/dado que parecia que eu era o único culpado daquela desgraça que não acontecera.

15) Dentre outras possibilidades:

Eu me perco mas não repare porque é muita coisa na cabeça.

Eu me perco, no entanto, não repare porque é muita coisa na cabeça.

É tanta coisa na cabeça que eu me perco.

Grupo 3

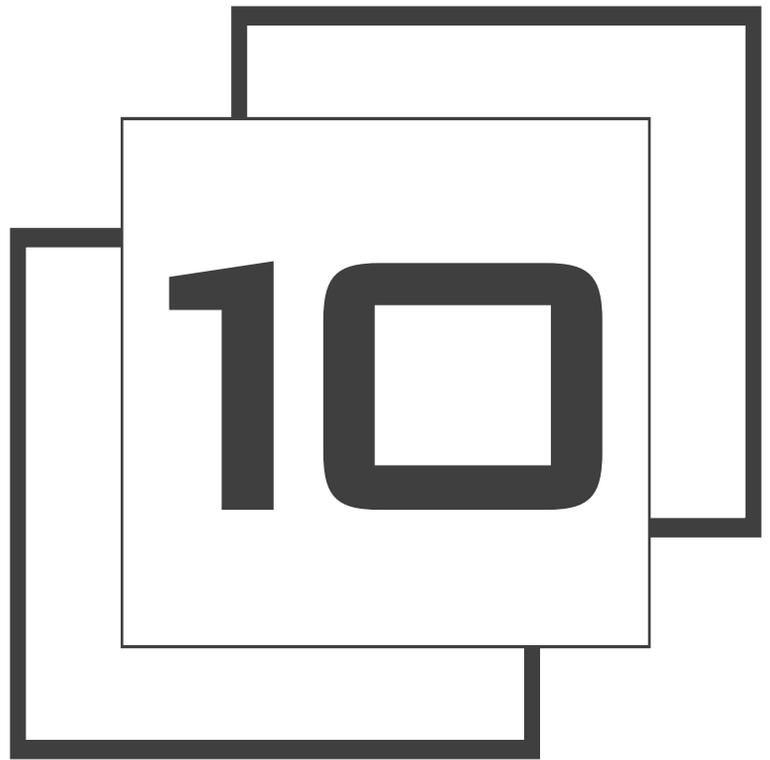
1) D **2)** A

Grupo 4

1) A

2) A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

3) B



**PRÁTICAS DE LEITURA:
DA ORGANIZAÇÃO FUNDAMENTAL
À SUPERFÍCIE DO TEXTO**

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, você irá praticar a competência de leitura. Para isso, são desenvolvidos estudos de três textos, retirados dos vestibulares Uerj e Cederj. Em cada caso, a estrutura é a mesma: na parte 1, é apresentado o texto a ser interpretado; na parte 2, desenvolvemos a leitura e análise do texto; finalmente, na parte 3 são apresentadas questões de vestibular referentes ao texto.

Além disso, em cada caso, a segunda parte, voltada para a análise, inclui as seguintes seções, sempre nesta ordem: *Entrando no texto: primeiras impressões*; *Organização fundamental e macroestrutura*; e *Recursos linguísticos*. Vamos entender qual é o propósito de cada uma delas.

Seção 1 – Entrando no texto: primeiras impressões

Nesta seção, é promovida uma primeira aproximação entre o leitor e o texto. Trata-se do momento inicial da atividade de leitura, quando são observados aspectos como tipo textual, gênero textual e tema central, dentre outros.

Seção 2 – Organização fundamental e macroestrutura

Nesta seção, identificamos os conceitos básicos que fundamentam o texto (organização fundamental) e observamos de que maneira eles se distribuem pela superfície textual. Em outras palavras, verificamos de que forma esses conceitos básicos se manifestam na divisão do texto em parágrafos (para textos em prosa) ou em estrofes (para poemas).

Seção 3 – Recursos linguísticos

Nesta seção, saindo do plano mais geral para o nível do detalhe, observamos os elementos gramaticais, estilísticos e textuais responsáveis por produzir os sentidos do texto.

ESTUDO DE CASO 1: MYSTERIUM (UERJ/2005 – 2º EXAME DE QUALIFICAÇÃO)

PARTE 1 – O TEXTO

Mysterium

“Eu vi ainda debaixo do sol que a corrida não é para os mais ligeiros, nem a batalha para os mais fortes, nem o pão para os mais sábios, nem as riquezas para os mais inteligentes, mas tudo depende do tempo e do acaso.”

Eclesiastes

Ao tempo e ao acaso eu acrescento o grão de imprevisto. E o grão da loucura, a razoável loucura que é infinita na nossa finitude. Vejo minha vida e obra seguindo assim por trilhos paralelos e tão próximos, trilhos que podem se juntar (ou não) lá adiante mas tudo sem explicação, não tem explicação.

Os leitores pedem explicações, são curiosos e fazem perguntas. Respondo. Mas se me estendo nas respostas, acabo por pular de um trilho para outro e começo a misturar a realidade com o imaginário, faço ficção em cima de ficção, ah! Tanta vontade (disfarçada) de seduzir o leitor, esse leitor que gosta do devaneio. Do sonho. Queria estimular sua fantasia mas agora ele está pedindo lucidez, quer a luz da razão.

Não gosto de teorizar porque na teoria acabo por me embulhar feito um caramelo em papel transparente, me dê um tempo! Eu peço. Quero ficar fria, espera. Espera que estou me aventurando na busca das descobertas, “Devagar já é pressa!”, disse Guimarães Rosa. Preciso agora atravessar o cipó dos detalhes e são tantos! E tamanha a minha perplexidade diante do processo criador, Deus! Os indevassáveis signos e símbolos. Ainda assim, avanço em meio da névoa, quero ser clara em meio desse claro que de repente ficou escuro, estou perdida?

Mais perguntas, como nasce um conto? E um romance? Recorro a uma certa aula distante (Antonio Candido) onde aprendi que num texto literário há sempre três elementos: a ideia, o enredo e a personagem. A personagem, que pode ser aparente ou inaparente, não importa. Que pode ser única ou se repetir, tive uma personagem que recorreu à máscara para não ser descoberta, quis voltar num outro texto e usou disfarce, assim como faz qualquer ser humano para mudar de identidade.

Na tentativa de reter o questionador, acabo por inventar uma figuração na qual a ideia é representada por uma aranha. A teia dessa aranha seria o enredo. A trama. E a personagem, o inseto que chega naquele voo livre e acaba por cair na teia da qual não consegue fugir, enleado pelos fios grudentos. Então desce (ou sobe) a aranha e nhac! Prende e suga o inseto até abandoná-lo vazio. Oco.

O questionador acha a imagem meio dramática mas divertida, consegui fazê-lo sorrir? Acho que sim. Contudo, há aquele leitor desconfiado, que não se deixou seduzir porque quer ver as personagens em plena liberdade e nessa representação elas estão como que sujeitas a uma destinação. A uma condenação. E cita Jean-Paul Sartre que pregava a liberdade também para as personagens, ah! Odiosa essa fatalidade dos seres humanos (inventados ou não) caminhando para o bem e para o mal. Sem mistura.

Começo a me sentir prisioneira dos próprios fios que fui inventar, melhor voltar às divagações iniciais onde vejo (como eu mesma) o meu próximo também embulhado. Ou embaçado. Desembulhando esse próximo, também vou me revelando e na revelação, me deslumbro para me obumbrar novamente nesta viragem-voragem do ofício.

TELLES, Lygia Fagundes. *Durante aquele estranho chá: perdidos e achados*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

PARTE 2 – PRÁTICA DE LEITURA

1. Entrando no texto: primeiras impressões

Mysterium é um texto dissertativo em prosa, dividido em 7 parágrafos e antecedido por uma pequena epígrafe — trecho do *Eclesiastes*, um dos livros do Antigo Testamento.

O texto é uma espécie de relato de uma situação anterior, na qual a enunciativa — que se apresenta como escritora — conversou com uma plateia formada por leitores. Ao longo dessa conversa, ela vai sendo provocada pelo público a explicar o funcionamento do seu processo criativo, e procura responder a essas provocações. O tema central de *Mysterium* é, portanto, o processo criativo do escritor. Nesse sentido, trata-se de um texto metalinguístico (para lembrar o que é metalinguagem, volte para o capítulo 4, *Funções da Linguagem*).

Embora o tema não seja informado de maneira direta, é possível identificá-lo no decorrer da leitura. A primeira pista aparece logo no 1º parágrafo, quando a

enunciadora faz uma comparação entre sua vida e sua obra. Na sequência, no 2º parágrafo, ela afirma que “os leitores pedem explicações.” Até este momento, ainda não sabemos exatamente sobre o quê. Sobre a vida da escritora? Sobre sua obra? Sobre a relação entre as duas coisas?

A dúvida se desfaz por completo no 3º parágrafo, com o seguinte fragmento: “É tamanha a minha perplexidade diante do processo criador.” Está explicado: a curiosidade dos leitores e as explicações que eles pedem dizem respeito ao “processo criador” da enunciadora. Isso fica evidente no início do 4º parágrafo, quando ela reproduz algumas das perguntas feitas pelos tais leitores curiosos: “Mais perguntas, como nasce um conto? E um romance?”

2. Organização fundamental e macroestrutura

Uma vez identificado o tema de *Mysterium*, podemos chegar à sua organização fundamental. O texto se estrutura a partir de uma oposição básica. Por um lado, a enunciadora considera que a criação literária é um mistério (ou *mysterium*, como diz o título), ou seja, algo que não podemos entender ou explicar. Por outro lado, seus leitores querem compreender com clareza como se dá o processo criativo. Com isso, configura-se a seguinte tensão: mistério da criação literária X possibilidade de compreender racionalmente a criação literária. Esta é a oposição fundamental do texto *Mysterium*.

A enunciadora, portanto, se vê no meio de um dilema: ela própria não acredita na possibilidade de explicar seu processo criativo (ou, pelo menos, não sabe fazê-lo), mas os leitores a pressionam, pedem análises, explicações e teorizações racionais. Na tabela abaixo, sintetizamos os dois polos que constituem a organização fundamental do texto, relacionando passagens que se referem a cada um deles.

Processo criativo como mistério (enunciadora)	Desejo de compreensão racional do processo criativo (interlocutores da enunciadora – leitores)
“Mysterium”	“Os leitores pedem explicações, são curiosos e fazem perguntas.”
“mas tudo sem explicação, não tem explicação.”	“mas agora ele está pedindo lucidez, quer a luz da razão.”
“E tamanha a minha perplexidade diante do processo criador, Deus! Os indevassáveis signos e símbolos.”	“Mais perguntas, como nasce um conto? E um romance?”

Temos, portanto, uma escritora que vê o processo criativo como algo misterioso, inexplicável, e leitores que anseiam por esclarecimentos e explicações racionais. Diante desses leitores impertinentes, a escritora poderia simplesmente responder que não sabe explicar, ou mesmo que não existe explicação — e ponto final. Mas não é isso que ela faz. Na tentativa de satisfazer seu público, ela faz um esforço para entender racionalmente seu próprio processo criativo, a fim de traduzi-lo e explicá-lo para o leitor.

É de disso, fundamentalmente, que trata o texto *Mysterium*. No fundo, o que ele nos mostra é a tentativa de uma escritora de compreender e explicar racionalmente o fenômeno da criação literária. Desde o início, a enunciadora admite que não tem essa compreensão. Mas se propõe a tentar alcançá-la.

Tendo em mente a organização fundamental do texto, podemos dividi-lo em três partes: primeiro, a autora reconhece a impossibilidade de explicar racionalmente a criação literária (parágrafos 1 a 3); em seguida, por pressão de seus interlocutores, ela passa a buscar essa explicação (parágrafos 4 a 6); finalmente, ela desiste, de modo que sua busca fracassa (parágrafo 7).

Vamos agora observar um pouco mais detidamente cada uma dessas partes. Nos parágrafos 1 a 3, vemos o reconhecimento da impossibilidade de explicar a criação literária. Nesse momento, a enunciadora apresenta sua visão sobre o processo de criação: para ela, trata-se de um mistério, ou seja, de algo sem explicação. Essas ideias dão a tônica dos três primeiros parágrafos. No primeiro: “mas tudo sem explicação, não tem explicação.” No segundo: “começo a misturar realidade com imaginário, faço ficção em cima de ficção”; “mas agora ele está pedindo lucidez.” E no terceiro: “E tamanha a minha perplexidade diante do processo criador, Deus! Os indevassáveis signos e símbolos.”

Nos parágrafos 4 a 6, a direção do texto muda, e passamos a observar tentativa de elucidar os mistérios da criação literária. É quando a enunciadora começa a tentar, ainda que de forma hesitante, saciar a curiosidade dos leitores. Para isso, ele recorre a uma “aula distante” (4º parágrafo), cita uma de suas obras já publicadas (ainda no 4º parágrafo: “tive uma personagem que recorreu à máscara para não ser descoberta, quis voltar num outro texto e usou disfarce”) e compara a criação literária a uma aranha que come insetos (5º parágrafo). O que nos leva à seguinte questão: será que, depois disso tudo, a enunciadora consegue alcançar seu objetivo e compreender racionalmente o fenômeno da criação literária?

A resposta é não. Para perceber isso, note, primeiramente, que duas das explicações apresentadas são contraditórias entre si. No quarto parágrafo, faz-se referência à personagem de uma obra que reapareceu disfarçada em outro texto. Com isso, ilumina-se um aspecto importante do processo de criação literária: a relativa autonomia dos personagens em relação à vontade do criador. Afinal, se uma personagem aparece numa história por conta própria e ainda se dá o luxo de usar uma máscara para enganar o autor, é porque, em alguma medida, ela tem “vida própria”. Note que a comparação com os seres humanos reforça essa ideia de autonomia: “assim como faz qualquer ser humano para mudar de identidade.” No entanto, logo no parágrafo seguinte, o personagem é comparado a um inseto que não tem possibilidade de decidir sobre seu próprio destino; pelo contrário, ele se submete passivamente à ideia que estrutura e move a narrativa (e que é representada pela aranha).

Ora, qualquer um que tivesse chegado a uma explicação clara e racional para o fenômeno da criação literária teria elaborado uma teoria consistente e livre de contradições. A presença de explicações contraditórias mostra que a enunciadora está ainda tateando o caminho, tentando compreender o fenômeno, mas ainda não obteve uma explicação sólida, completa e satisfatória. Isso fica claro quando, no 6º parágrafo, ela é contestada por um “leitor desconfiado”, que aponta um problema na sua explicação.

Essa contestação conduz ao desfecho, no 7º parágrafo, quando a enunciadora sente — para falar em português claro — que “se enrolou”. Nas suas próprias palavras: “Começo a me sentir prisioneira dos próprios fios que fui inventar.” E

resolve, então, “jogar a toalha”, ou seja, admite seu fracasso e desiste de encontrar uma explicação racional definitiva para a criação literária: “melhor voltar às divagações iniciais.”

Em suma, podemos dividir o texto, esquematicamente, em três partes estruturais. Essa divisão está sintetizada no quadro a seguir.

Parte estrutural	Parágrafo(s)	Síntese	Explicação
Parte 1	1 a 3	Criação literária como mistério	A enunciativa enxerga a criação literária como algo misterioso e reconhece não saber explicá-la ou teorizar sobre ela
Parte 2	4 a 6	Tentativa de compreensão racional e explicação	Apesar disso, pressionada pelos leitores, procura teorizar sobre seu próprio processo criativo, a fim de compreendê-lo racionalmente
Parte 3	7	Desistência	Por fim, admite seu fracasso e desiste da teorização

3. Recursos linguísticos

Como vimos, o texto *Mysterium* nos mostra uma escritora que não compreende seu processo criativo tentando racionalizá-lo e compreendê-lo. Trata-se, portanto, da tentativa de sair de um estado de perplexidade/ignorância e alcançar uma compreensão racional.

Para falar sobre essa tentativa, a enunciativa usa uma metáfora. Nela, tanto a ignorância quanto a compreensão racional são representados como lugares. Assim, na metáfora, abandonar a situação de desconhecimento e compreender como se dá a criação literária equivale a sair de um lugar para entrar em outro. Nesse sentido, o processo de descoberta (que, como vimos, acaba fracassando) é representado metaforicamente como uma travessia.

No 3º parágrafo, algumas palavras e expressões concretizam essa metáfora. Note, em primeiro lugar, os verbos “atravessar” e “avanço”, que sugerem precisamente uma travessia.

Para além deles, duas outras palavras desenvolvem a metáfora e sugerem que se trata de uma travessia especialmente difícil: “cipóal” e “névoa”. Ora, quando o caminho está aberto e a visibilidade é boa, as travessias são bem menos complicadas. Mas não é o caso aqui: para concluir a trajetória (metafórica), é preciso superar um amontoado de cipós e os problemas de visibilidade causados pela névoa.

Metáfora geral

Passar da ignorância para a compreensão (sobre o processo criativo) EQUILAVE A sair de um lugar e entrar em outro.

Palavras que concretizam a metáfora	
Verbos	Substantivos
“atravessar”	“cipóal”
“avanço”	“névoa”

Interessantemente, são criadas ainda outras analogias para expressar o estado de confusão e ignorância em relação à dinâmica da criação literária.

No início do 3º parágrafo, a enunciativa se compara a um caramelo embrulhado em papel transparente. A imagem traduz a ideia de que ela está confusa ou enredada em meio a tantos conceitos e explicações teóricas. Uma imagem muito semelhante, aliás, aparece no último parágrafo: “começo a me sentir prisioneira dos próprios fios que fui inventar”. Há, porém, uma pequena diferença entre os dois casos. No primeiro, como é usado o conectivo “feito”, tem-se a figura de linguagem conhecida como comparação. No segundo, como não aparece nenhum conectivo, tem-se propriamente uma metáfora.

Névoa, cipóal, caramelo embrulhado, prisioneira dos próprios fios. Todas essas analogias (três metáforas e uma comparação) mostram o estado de confusão mental da enunciativa, ou seja, sua dificuldade de compreender racionalmente o fenômeno da criação literária. Mas a analogia não é o único meio para isso. Pelo menos quatro outros recursos contribuem para reforçar o efeito de perplexidade e ignorância diante do “mysterium” da criação: a repetição, a apóstrofe, a pontuação e a antítese.

Observe o final do 1º parágrafo: “mas tudo sem explicação, não tem explicação”. Como as duas frases justapostas são sinônimas, apenas uma delas seria necessária para passar a mensagem. Se a intenção é meramente dar o recado, duplicar a informação é inteiramente desnecessário. Por que, então, a autora optou por essa redundância?

Resposta: porque, neste caso, repetir uma mesma ideia com outras palavras ajuda a passar a sensação de que a enunciativa está confusa, perdida, desorientada. Às vezes, quando estamos confusos, ficamos repetindo uma mesma coisa diversas vezes, sem conseguir articular um pensamento claro. No 1º parágrafo de *Mysterium*, é exatamente isso que acontece. Ao repetir uma mesma ideia em duas frases consecutivas, a enunciativa revela que não consegue formular uma explicação clara e coerente — o que denuncia seu estado de confusão mental (em outras palavras, mostra que ela ainda não conseguiu fazer a travessia metafórica da ignorância para a compreensão racional).

Essa desorientação também transparece no 3º parágrafo. Sentindo-se perdida e confusa em sua tentativa de elucidar o mistério da criação, a enunciativa lança um grito desesperado e evoca Deus. Como você já aprendeu, essa evocação corresponde à figura de linguagem conhecida como apóstrofe (para lembrar, volte ao capítulo 3). Junto com o chamado por Deus, o uso reiterado do ponto de exclamação (são três vezes ao longo do parágrafo, sem contar a citação do escritor Guimarães Rosa) acentua a intensidade do desespero. Um desespero que

resulta de uma sensação de perplexidade e ignorância, ou seja, da dificuldade de compreender seu próprio processo criativo.

Isso também fica evidente no último período do 3º parágrafo. Aqui, a antítese se manifesta pela aproximação das palavras “claro” e “escuro”. Ao exprimir a mudança brusca da clareza para a escuridão, a antítese reforça a ideia de que a enunciativa está mentalmente confusa, perdida, desorientada — ou seja, ainda não conseguiu passar da perplexidade/ignorância para uma situação de compreensão racional.

O quadro abaixo sintetiza alguns dos recursos linguísticos empregados para sinalizar a situação de confusão, ignorância ou perplexidade da enunciativa.

Recurso linguístico	Sequência textual
Apóstrofe	“E tamanha a minha perplexidade diante do processo criador, Deus!”
Pontuação (ponto de exclamação)	“me dê um tempo!”; “Preciso agora atravessar o cipóal dos detalhes e são tantos!”; “E tamanha a minha perplexidade diante do processo criador, Deus!”
Comparação	“Não gosto de teorizar porque na teoria acabo por me embulhar feito um caramelo em papel transparente”
Metáfora	“atravessar o cipóal”; “avanço em meio à névoa”; “Começo a me sentir prisioneira dos próprios fios que fui inventar”
Repetição	“mas tudo sem explicação, não tem explicação”
Antítese	“quero ser clara em meio desse claro que de repente ficou escuro, estou perdida?”

Como você já sabe, o 4º parágrafo inaugura a segunda parte estrutural do texto, quando a enunciativa passa a tentar elucidar os mistérios da criação, procurando compreender racionalmente seu processo criativo. Aqui, ela recorre a três recursos a fim de iluminar ou esclarecer o funcionamento desse processo.

Em primeiro lugar, ela tenta explicar a criação literária a partir dos ensinamentos de uma “aula distante”. Logo de saída, observe o seguinte: ao evocar em seu texto um texto anterior (no caso, um texto oral, proferido em uma aula), a enunciativa lança mão do recurso conhecido como intertextualidade. De acordo com a teoria que a enunciativa recorda, um texto literário apresenta sempre três elementos: ideia, enredo e personagem. Note que, para dar mais credibilidade à sua explicação, ela cita Antonio Candido, renomado estudioso da literatura brasileira. Ao fazer isso, recorre a um argumento de autoridade.

Logo depois, ainda no 4º parágrafo, ela busca esclarecer sua dinâmica criativa recorrendo à exemplificação: trata-se da referência à personagem que reaparece disfarçada em outra obra, já comentada na seção anterior.

Finalmente, a autora também emprega uma metáfora para tentar esclarecer o funcionamento do seu processo criativo. Estamos falando da metáfora da teia de aranha, que aparece no 5º parágrafo. Nessa metáfora, há três elementos (teia, aranha e inseto) correspondentes aos três elementos da “aula distante” de Antonio Candido (enredo, ideia e personagem, respectivamente).

São, portanto, três tentativas de completar a travessia metafórica de modo a compreender como se dá o fenômeno da criação literária. O quadro abaixo sintetiza os recursos empregados em cada tentativa.

Recurso linguístico	Sequência textual
Intertextualidade	“Recorro a uma certa aula distante (Antonio Candido)”
Argumento de autoridade	“Recorro a uma certa aula distante (Antonio Candido)”
Exemplificação	“tive uma personagem que recorreu à máscara para não ser descoberta, quis voltar num outro texto e usou disfarce”
Metáfora	“acabo por inventar uma figuração [...]. Oco”

PARTE 3 – QUESTÕES DE VESTIBULAR

1) O título do texto de Lygia Fagundes Telles relaciona-se com o processo de construção da narrativa literária.

Nesse sentido, a alternativa que melhor justifica o título *Mysterium* é:

- (A) surpresa da narradora diante do ato de criação
- (B) exploração de ideias contrárias ao longo da narração
- (C) combinação do texto ficcional com referências bíblicas
- (D) predominância de elementos da ficção sobre os da realidade

2) Todo texto pressupõe relações com outros textos, por isso nele estão presentes várias vozes, que podem ser reconhecidas com maior ou menor facilidade. A isso chamamos intertextualidade.

Um exemplo de intertextualidade cujo sentido está corretamente definido verifica-se em:

- (A) “mas tudo depende do tempo e do acaso.” (epígrafe — Eclesiastes) — afirmar a existência de um momento certo para escrever
- (B) “ ‘Devagar já é pressa!’, disse Guimarães Rosa.” — revelar o sentido da obra ao leitor pouco a pouco
- (C) “Recorro a uma certa aula distante (Antonio Candido)” — esclarecer o modo de construção do texto literário
- (D) “E cita Jean-Paul Sartre que pregava a liberdade também para as personagens,” — criticar o poder das personagens no processo de criação literária

3) As figuras de linguagem são recursos que afastam as construções linguísticas de seu valor literal, com o objetivo de tornar essas construções mais expressivas.

O emprego de uma figura de linguagem e sua correta nomeação estão presentes em:

- (A) “E o grão da loucura, a razoável loucura que é infinita na nossa finitude.” — alusão
- (B) “Ainda assim, avanço em meio da névoa,” — metáfora
- (C) “quero ser clara em meio desse claro que de repente ficou escuro,” — ironia
- (D) “O questionador acha a imagem meio dramática mas divertida,” — metonímia

4) (...) *tive uma personagem que recorreu à máscara para não ser descoberta, quis voltar num outro texto e usou disfarce, assim como faz qualquer ser humano para mudar de identidade.*

Esse fragmento revela um ponto de vista da autora acerca da autonomia das personagens de suas obras.

A passagem do texto que não confirma esse ponto de vista é:

(A) “e começo a misturar a realidade com o imaginário, faço ficção em cima de ficção,”

(B) “E tamanha a minha perplexidade diante do processo criador, Deus! Os indecifráveis signos e símbolos.”

(C) “A personagem, que pode ser aparente ou inaparente, não importa. Que pode ser única ou se repetir,”

(D) “nessa representação elas estão como que sujeitas a uma destinação. A uma condenação.”

ESTUDO DE CASO 2: BALADA DO AMOR ATRAVÉS DAS IDADES (CEDERJ/2010 – 2ª SEMESTRE E UFRJ/2003)

PARTE 1 – O TEXTO

Balada do amor através das idades

*Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena.
Saí do cavalo de pau
para matar seu irmão.
Matei, brigamos, morremos.*

*Virei soldado romano,
perseguidor de cristãos.
Na porta da catacumba
encontrei-te novamente.
Mas quando vi você nua
caída na areia do circo
e o leão que vinha vindo,
dei um pulo desesperado
e o leão comeu nós dois.*

*Depois fui pirata mouro,
flagelo da Tripolitânia.
Toquei fogo na fragata
onde você se escondia
da fúria de meu bergantim.
Mas quando ia te pegar
e te fazer minha escrava,
você fez o sinal-da-cruz
e rasgou o pito a punhal.
Me suicidei também.*

*Depois (tempos mais amenos)
fui cortesão de Versailles,
espirituoso e devasso.
Você cismou de ser freira.
Pulei o muro do convento
mas complicações políticas
nos levaram à guilhotina.*

*Hoje sou moço moderno,
remo, pulo, dança, boxa,
tenho dinheiro no banco.
Você é uma loura notável
boxa, dança, pula, rema.
Seu pai é que não faz gosto.
Mas depois de mil peripécias,
eu, herói da Paramount,
te abraço, beijo e casamos.*

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972

PARTE 2 – PRÁTICA DE LEITURA

1. Entrando no texto: primeiras impressões

Escrito por Carlos Drummond de Andrade, escritor modernista brasileiro, este é um poema (gênero textual) de caráter narrativo (tipo textual). Sabemos que é um poema porque se divide em estrofes e versos. E sabemos que é narrativo porque conta uma história de dois personagens, que se envolvem em um enredo com acontecimentos diversos e em diferentes tempos e espaços.

Observe ainda que o eu-poético é um narrador em 1ª pessoa, ou seja, um narrador que é também personagem da história narrada. Ao mesmo tempo, a narrativa é construída sob a forma de diálogo, como se o narrador conversasse diretamente com sua amada.

Quanto à estrutura formal, de imediato observamos que o poema se compõe de cinco estrofes de tamanhos bastante próximos: as duas menores têm sete versos e as duas maiores, dez.

O tema central está indicado no título: o poema trata de uma relação amorosa “através das idades”. Lendo o texto, vemos que a palavra “idades” não se refere aqui à passagem da vida do ser humano, e sim à progressão do tempo histórico. Assim, cada uma das “idades” que os personagens atravessam corresponde a um momento histórico distinto.

2. Organização fundamental e macroestrutura

Você já sabe que o poema narra uma relação amorosa “através das idades”. E é exatamente nesse percurso histórico que poderemos encontrar a oposição fundamental que o estrutura. Basicamente, o poema opõe dois tempos: o PAS-SADO e o PRESENTE.

O passado engloba diferentes épocas, referidas em ordem cronológica, bem como diferentes espaços: Grécia Antiga (“eu era grego, você troiana”); Império

Romano (“Virei soldado romano / Perseguidor de cristãos”); invasão árabe na Península Ibérica, que ocorre no século 8 (“Depois fui pirata mouro”); e monarquia absolutista na França, estendendo-se até o momento em que estoura a Revolução Francesa (“Depois (tempos mais amenos) / Fui cortesão de Versailles”). O presente, por sua vez, corresponde à última encarnação do eu-poético e ao momento de enunciação do texto. Podemos, com facilidade, situá-lo no século 20 (como mostra a referência à Paramount, estúdio norte-americano de cinema).

A essa oposição entre passado e presente, corresponde uma outra, que pode ser formulada assim: POSSIBILIDADE X IMPOSSIBILIDADE DE CONCRETIZAÇÃO DO AMOR. No passado, o amor jamais se concretiza. No primeiro caso (Grécia Antiga), ele, que é grego, morre em uma luta contra o irmão dela, que é de família troiana. No segundo caso (Império Romano), ele procura salvá-la, mas ambos são mortos por um leão (pode-se ver aqui uma retomada, pelo avesso, do episódio bíblico em que o profeta Daniel é salvo da cova dos leões). No terceiro caso (invasão árabe), ele, muçulmano, tenta capturá-la, mas ela, que é cristã, suicida-se antes. Finalmente, no último momento representativo do passado (absolutismo francês), o amor não se concretiza porque ela decide ser freira — e, depois, ambos são mortos na guilhotina em consequência da tomada do poder pelos revolucionários.

Em contraste, no presente, o amor se concretiza. É verdade que há um impedimento: o pai da moça é contrário à união (“Seu pai é que não faz gosto”). Isso, porém, não impede o final feliz (“Mas, depois de mil peripécias, / Eu, herói da Paramount, / Te abraço, beijo e casamos”).

Unindo as duas oposições mencionadas, podemos formular da seguinte maneira a oposição básica do poema: NÃO CONCRETIZAÇÃO DO AMOR NO PASSADO *versus* CONCRETIZAÇÃO DO AMOR NO PRESENTE.

A distribuição desses elementos conceituais ao longo do poema também é bastante clara. Podemos observar que ele se divide em duas partes estruturais: nas estrofes 1 a 4, estamos no passado e o relacionamento amoroso nunca chega a acontecer; na quinta e última estrofe, estamos no presente e a relação amorosa finalmente se concretiza.

É interessante notar ainda a influência do universo cinematográfico. A própria narrativa do poema reproduz o enredo típico das comédias românticas norte-americanas: um homem e uma mulher inicialmente não podem ou não querem ficar juntos enfrentam uma série de reviravoltas (a que o eu-poético se refere como “mil peripécias”) e, finalmente, são agraciados com o final feliz. Além disso, a representação dos personagens na modernidade replica os clichês dos galãs e musas do cinema: um “moço moderno”, rico e cheio de habilidades, e uma “loura notável” não menos talentosa. Finalmente, a inspiração no universo cinematográfico se torna explícita quando o eu-poético se intitula “herói da Paramount”.

Parte estrutural	Estrofe(s)	Síntese
Parte 1	1 a 4	Não concretização do amor no passado (peripécias)
Parte 2	5	Concretização do amor no presente (final feliz)

3. Recursos linguísticos

Em primeiro lugar, observe como a separação entre as duas partes estruturais (presente e passado) é marcada gramaticalmente. Isso ocorre por meio de dois elementos: tempos verbais e advérbios ou locuções adverbiais de tempo.

Assim, da primeira à quarta estrofe, o tempo verbal predominante é o pretérito — na maioria das vezes, o pretérito perfeito (“saí”, “virei”, “encontrei-te”, “fui”, “toquei”, “fui” etc.), mas em um caso também o pretérito imperfeito (“era”). Na última estrofe, diferentemente, todas as formas verbais estão no presente (“sou”, “remo”, “pulo”, “faz” etc.).

Da mesma forma, na primeira estrofe aparece a locução adverbial “desde tempos imemoriais”, ajudando a contextualizar a narrativa no passado. Por outro lado, a quinta estrofe começa com o advérbio “hoje”, marcando a passagem do passado para o presente.

Na seção 1, dissemos que o poema é construído como se fosse um diálogo, já que o eu-poético se dirige diretamente a sua amada, que atua, portanto, como interlocutora. Isso fica marcado pela presença reiterada de pronomes de tratamento (“você”) e de pronomes oblíquos de segunda pessoa (“te”).

PARTE 2 – QUESTÕES DE VESTIBULAR

1) (Cederj/2010 – 2º semestre) Assinale a alternativa que explicita o procedimento narrativo para a progressão do texto:

- (A) O poema apresenta, no final de cada estrofe, uma síntese da impossibilidade do amor.
- (B) O eu-lírico constrói relações de concessão que enfatizam a situação antagonista da relação amorosa.
- (C) O poema se organiza pelo predomínio do presente histórico na progressão textual.
- (D) O eu-lírico se utiliza de fatos históricos como cenário para retratar a relação amorosa.

2) (UFRJ/2003) Identifique e explicita, no texto, 2 (dois) usos linguísticos que caracterizem a evolução cronológica ocorrida da primeira para a última estrofe do poema.

ESTUDO DE CASO 3: RECADO AO SENHOR 903 (CEDERJ/2010 – 2ª SEMESTRE)

PARTE 1 – O TEXTO

Recado ao senhor 903

Vizinho —

Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho

em meu apartamento. Recebi depois a sua própria visita pessoal — devia ser meia-noite — e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor teria ainda ao seu lado a Lei e a Polícia. Quem trabalha o dia inteiro tem direito ao repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e músicas no 1003. Ou melhor: é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números, dois números empilhados entre dezenas de outros. Eu, 1003, me limito a Leste pelo 1005, a Oeste pelo 1001, ao Sul pelo Oceano Atlântico, ao Norte pelo 1004, ao alto pelo 1103 e embaixo pelo 903 — que é o senhor. Todos esses números são comportados e silenciosos; apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua. Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa (perdão, ao meu número) será convidado a se retirar às 21:45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às 7 pois às 8:15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada; e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus algarismos. Peço-lhe desculpas — e prometo silêncio.

...Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem batesse à porta do outro e dissesse: “Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou.” E o outro respondesse: “Entra, vizinho, e come do meu pão e bebe do meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e a cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela”.

E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz.

BRAGA, Rubem. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1991

PARTE 2 – PRÁTICA DE LEITURA

1. Entrando no texto: primeiras impressões

Este texto é uma crônica, gênero textual em prosa que se caracteriza por tomar como ponto de partida um fato cotidiano banal, para a partir dele desenvolver reflexões. Neste caso, o fato cotidiano é a reclamação que o “senhor 903” apresenta, inicialmente por carta, ao “homem do 1003”: “me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento”. A partir daí, a crônica se estrutura também sob a forma de carta (ou, segundo o título, um “Recado”) em resposta ao vizinho que havia se queixado.

2. Organização fundamental e macroestrutura

Você já sabe que a crônica *Recado ao senhor 903* reproduz o formato de uma carta, que teria sido enviada como uma resposta à reclamação do vizinho de baixo. Logo de início, ainda no 1º parágrafo, o enunciador declara que dá toda razão ao vizinho: “Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão.” A partir daí, segue afirmando que irá mudar seu comportamento, que

compreende a reclamação e que entende a necessidade de respeitar o regulamento: “O regulamento do prédio é explícito”; “Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul.”

No entanto, depois de dar razão ao vizinho e de prometer mudanças, ele deixa claro que não gostaria de ter que fazer isso. Na verdade, ele preferiria que tudo fosse diferente: que os vizinhos tivessem mais proximidade e intimidade (de modo que não precisassem se comunicar por carta enviada pelo zelador) e que pudessem celebrar, beber, comer e dançar juntos madrugada adentro, mesmo após o horário de silêncio.

É aqui que encontramos a oposição fundamental do texto. Vamos formulá-la assim: MUNDO REAL X MUNDO IMAGINADO. No mundo real, os vizinhos não têm qualquer intimidade: a distância é tanta que um não sabe sequer o nome do outro: “pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números.” Também no mundo real, as leis e regulamentos obrigam os moradores a manter o silêncio após um determinado horário (“O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor teria ainda ao seu lado a Lei e a Polícia”) e, quando isso não acontece, ocorrem queixas, conflitos, reclamações (“Recebi depois a sua própria visita pessoal — devia ser meia-noite — e a sua veemente reclamação verbal”). Ao mesmo tempo, o mundo real é caracterizado como um lugar chato, monótono, com muito controle e muita disciplina — e nenhuma poesia ou imaginação.

No mundo imaginado, é tudo ao contrário: os vizinhos seriam íntimos e solidários (“Entra, vizinho, e come de meu pão e bebe de meu vinho”), seria permitido festejar madrugada adentro (“Aqui estamos todos a bailar e a cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela”) e, em vez de brigas e conflitos, haveria comunhão, amizade e paz (“e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz”). Ao mesmo tempo, o mundo imaginado é caracterizado como um lugar cheio de poesia, lirismo e imaginação.

Do ponto de vista da macroestrutura textual, a crônica apresenta duas partes estruturais bem delimitadas. Nela, a oposição básica entre MUNDO REAL e MUNDO IMAGINADO se manifesta da seguinte forma: o primeiro parágrafo corresponde ao mundo real (primeira parte), ao passo que o segundo e o terceiro parágrafos se associam ao mundo imaginado (segunda parte).

3. Recursos linguísticos

De imediato, podemos observar a estratégias linguísticas que marcam a passagem da primeira para a segunda parte do texto (ou seja, do mundo real para o mundo imaginado): a pontuação e o emprego de conectivo. Observe, em primeiro lugar, que o segundo parágrafo começa com uso de reticências. Neste texto, elas criam um efeito de distanciamento entre as duas partes estruturais da crônica: é como se elas funcionassem com uma barreira ou limite separando os dois mundos. Esse contraste fica ainda mais marcado por causa do emprego de “Mas”, conjunção que, como você já estudou, tem valor semântico de oposição (caso não se lembre, volte ao capítulo 9).

Você já viu também que essa crônica reproduz o formato e a linguagem de uma carta endereçada a um interlocutor específico — simulando, portanto, um efeito de conversa com esse interlocutor. Esse efeito se manifesta gramaticalmente

por meio de pronome de tratamento (“senhor”) e de pronome possessivo de segunda pessoa (“sua própria visita pessoal”; “sua veemente reclamação verbal”).

O mais interessante, porém, é observar o contraste entre o mundo real e o mundo imaginado. Como você já viu, o mundo real é o mundo da disciplina, do rigor, da ordem, da Lei, da seriedade e da frieza nas relações. Já o mundo imaginado está associado ao lirismo, à imaginação, à falta de disciplina, à poesia e ao calor humano. Mas como essa oposição fica marcada textualmente?

O caráter de ordem e disciplina do mundo real é simbolizado pelos números. Intuitivamente, tendemos a associar os números — e a matemática de um modo geral — a frieza e objetividade (isso aparece em expressões como “ele é apenas um número”). Por isso, no primeiro parágrafo, os algarismos são usados para “pintar” o mundo real como o lugar da ordem, da disciplina, das regras e do distanciamento afetivo. Isso é produzido por meio de dois recursos linguísticos: a metonímia e a repetição.

De imediato, observe o título da crônica: nele, o vizinho do enunciador é referido como “senhor 903”. Trata-se, aqui, de uma metonímia: o nome do morador é substituído pelo número do seu apartamento (para lembrar a metonímia, volta ao capítulo 3). Esse procedimento, inclusive, é mencionado de forma explícita no 1º parágrafo: “Ou melhor: é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números”. Note que, nesse trecho, a metonímia dá origem a duas personificações (“903 dormir” e “1003 se agita”). Ao tratar o vizinho, metonimicamente, por um número, e não pelo seu nome (ou, melhor ainda, algum apelido), o enunciador deixa marcada a falta de proximidade entre os dois.

A partir daí, o enunciador passa a mencionar a uma série de números: 1003, 1005, 1001, 1004, 903. Logo adiante, a insistência nos algarismos se torna tão gritante que produz um efeito cômico: 22:45, 903, 22, 7, 8:15, 783, 109, 527, 305 — absolutamente tudo vira número. Evidentemente, isso não é apenas uma coincidência. Há uma razão para enfileirar tantos números. E a razão é a seguinte: a repetição de números ajuda a ênfatizar ou reforçar a ideia de uma vida excessivamente regrada, disciplinada, ordenada, monótona e afetivamente fria — que são exatamente os atributos que o enunciador quer associar ao mundo real.

Há ainda um outro recurso utilizado para caracterizar o mundo real como o lugar da disciplina e da monotonia: trata-se da metáfora. O enunciador usa duas metáforas para se referir a si mesmo. Ao caracterizar seu comportamento antes da reclamação do vizinho, quando ainda tinha vivia segundo a lógica do mundo imaginado, ele se compara ao oceano. Isso fica claro nas sentenças em que ele e o oceano são colocados em pé de igualdade (“apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua”). Por outro lado, depois de prometer se adaptar às regras do mundo real, ele compara seu comportamento futuro a um “manso lago azul”. São, portanto, duas imagens metafóricas — oceano e manso lago azul — que marcam bem o contraste entre o mundo imaginado lírico, rebelde e imprevisível, de um lado, e o mundo real disciplinado, ordeiro e monótono, de outro.

Vale a chamar a atenção ainda para outro elemento que marca a oposição entre as duas partes estruturais do texto: o modo verbal. Note que, no primeiro parágrafo, há uma grande predominância do modo indicativo (sobretudo, o tempo presente). Isso é coerente com a intenção de exprimir fatos reais, concretos

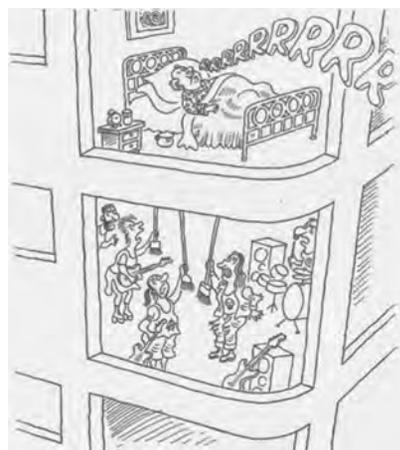
— afinal, trata-se aqui do mundo real. Por outro lado, o segundo e o terceiro parágrafos lançam mão do modo subjuntivo, com formas verbais no pretérito imperfeito (“batesse”, “respondesse”, “trouxesse”, “ficasse”). Isso não deve causar surpresa, já que a intenção, neste momento, é exprimir fatos hipotéticos ou imaginários — afinal de contas, trata-se, precisamente, do mundo imaginado.

Por fim, é importante atentar para o léxico ou vocabulário associado a cada mundo. Observe que o vocabulário vinculado ao mundo real evoca as ideias de ordem, disciplina, frieza e monotonia: reclamação, regulamento, Lei, Polícia, horários civis, manso, repousar, tolerável. Por outro lado, o vocabulário vinculado ao mundo imaginado evoca as ideias de rebeldia, poesia, afeto e alegria: Oceano Atlântico, maré, ventos, lua, música, bailar, cantar, estrelas, brisa, vida, amizade, amor, paz.

Em suma, vimos aqui uma série de recursos linguísticos que ajudam a marcar a forte oposição entre mundo real e mundo imaginado na crônica: pontuação (uso das reticências, sinalizando uma separação entre os dois mundos), emprego de conectivo com valor semântico de contraste (“Mas”), uso de metáfora contrastantes (manso lago azul X oceano), oposição entre modos verbais (indicativo X subjuntivo) e léxico fortemente contrastante.

Parte 3 – Questões de vestibular

Texto para a questão 1



1) (Cederj/2010 – 2º semestre) Transcreva uma passagem de *Recado ao senhor 903* em que o narrador propõe uma solução diferente da dos personagens da charge.

2) O texto *Recado ao senhor 903* pode ser dividido em, pelo menos, duas seqüências temáticas identificadas por soluções diferenciadas, propostas pelo “senhor do 1003”. Transcreva o conector que marca a transição de uma seqüência para outra.

3) O “senhor do 1003” é o emissor na fala da seguinte interlocução com o vizinho do 903.

Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento. Recebi depois a sua própria visita pessoal — devia ser meia-noite — e a sua veemente reclamação verbal.

Transcreva desse trecho dois pronomes possessivos que identificam, respectivamente, o homem do 1003 e o vizinho do 903.

4) Leia a seguinte passagem:

Prometo. Quem vier à minha casa (perdão, ao meu número) será convidado a se retirar às 21:45.

Reescreva o trecho acima, modificando a pontuação depois de “Prometo” sem alterar, essencialmente, o seu significado.

5) Explique a seguinte alternativa.

O texto *Recado ao senhor 903* é uma crônica e o texto de Santiago é uma charge. No entanto, ambos, em sua progressão, caracterizam uma narrativa.

GABARITO

Estudo de caso 1

1) A **2)** C **3)** B **4)** D

Estudo de caso 2

1) D

2) tempos imemoriais / hoje
eu era grego / hoje sou moço moderno
tempos modernos / heróis da Paramount
pretérito / presente

Estudo de caso 3

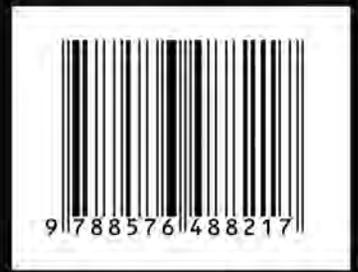
1) Qualquer frase e/ou período, marcados por pontuação, pertencente ao segundo ou ao terceiro parágrafo.

2) Mas

3) Meu apartamento — o homem do 1003
a sua própria visita / a sua veemente reclamação verbal — vizinho do 903

4) Prometo que quem vier à minha casa... / Prometo: quem vier à minha casa... / Prometo — quem vier à minha casa...

5) Trata-se de uma narrativa pois apresenta os seguintes elementos básicos: personagens e ações que se desenvolvem em um tempo e cenário delimitados.



Pré-Vestibular Social

Rua da Ajuda, nº 5, 16º andar – Centro – CEP: 20040-000 – Rio de Janeiro – RJ
Site: www.pvs.cederj.edu.br